Memórias

GUSTAVO BARROSO

CORAÇÃO DE MENINO



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

Coração de Menino

Memórias

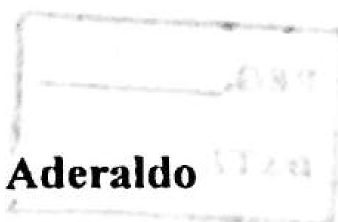
Gustavo Barroso

Coração de Menino

1º VOLUME

(3ª EDIÇÃO)

Com Notas de Mozart Soriano Aderaldo



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
2000



NOTA

A presente edição de *Coração de Menino*, de autoria do escritor Gustavo Barroso, constitui o 1º tomo das MEMÓRIAS do eminente escritor cearense.

O texto está enriquecido com Notas do escritor e historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, nome da mais alta expressão das letras cearenses, extraídas da copiosa bagagem literária divulgada em preciosos livros de sua autoria, como, por exemplo, *História Abreviada de Fortaleza* e *Crônicas Sobre a Cidade Amada*. Também nas revistas do Instituto do Ceará e Academia Cearense de Letras.

Referidas Notas enriquecem a 2ª edição do livro publicado, pelo governo do Estado do Ceará – MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO, contendo *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *O Consulado da China*, obra essa hoje completamente esgotada.

Importa ressaltar que, para maior enriquecimento dos volumes, terão de ser conservadas as Notas divulgadas na segunda edição do Governo Estadual, em consonância com os entendimentos mantidos com a família do saudoso escritor.

As três obras estão sendo divulgadas no momento em que é reinaugurada a Praça que traz o nome do consagrado escritor, membro ilustre da Academia Brasileira de Letras e patrimônio imprescindível para a cultura cearense.

Agosto de 2.000

Os Editores

À memória do professor Lino da Encarnação, meu mestre, que me ensinou a amar o meu país e a honrar o meu nome, que, depois de educar sem reclames nem mercantilismo várias gerações de meninos, no Ceará, morreu humilde, pobre e esquecido de todos. De mim, não.

GUSTAVO BARROSO

Copacabana, abril de 1939



Neste livro somente conto a verdade. Os arranjos e atavios literários envolvem-na só para diminuir-lhe a intensidade ou para torná-la mais acessível ao leitor atual. Como a distância azula as serranias e as uniformiza, fazendo desaparecer anfractos e despenhadeiros, é possível que a saudade também azuleça homens e cousas na distância do tempo. Mas a saudade é a maior testemunha da verdade.

G. B.

SUMÁRIO

JULHO

AGOSTO

SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

JANEIRO

O COLÉGIO PARTÉNON

Hoje, sábado, ao vir do seu cartório para o almoço, meu pai me diz:

– Depois do jantar, vou levar-te a uma visita. Veste a tua melhor roupa.

• Nossa casa era uma casa antiga no aspecto, nos moradores e nos usos. Velho sobradão colonial com paredes de fortaleza e soalhos de taboões.[1] Velhos armários e velhas cômodas com velhas louças da Índia, pratarias e castiçais de vidro. Minha avó, octogenária. Minhas tias, passando dos sessenta. Acordava-se às cinco e meia da manhã, tomava-se café às seis, almoçava-se às dez e jantava-se às quatro da tarde. Às nove da noite, todos dormiam. •

Até quatro horas da tarde vou ficar matutando no que meu pai me disse. Que visita importante será essa? Por que pôr a minha melhor roupa? Meu pai não costumava levar-me a visitas. Muito pouco anda comigo. A morte de minha mãe sete dias depois do meu nascimento dispersara a família que meu pai constituíra. Ele empilhara móveis, louças e todos os demais objetos de sua casa no andar térreo daquele sobradão antigo, onde morava sua mãe, reservando a parte da frente para seu cartório de tabelião, mandara minha irmã, que era dois anos mais velha do que eu, em companhia de meu irmão Valdemar, mais velho três, para a residência de seus avós maternos, em São Luiz do Maranhão, e me entregara aos cuidados de suas irmãs solteironas. Faz sua vida como bem o entende e pouco se dirige a mim. Apesar de pequenino, às vezes eu fico triste, quando vejo os outros meninos passeando e parolando em liberdade com seus pais. Quando pro-

---

[1] Local do prédio nº 170, atual, da Rua Major Facundo. Sobre ele falei em trabalho intitulado "Percorrendo a Rua da Palma", inserido no meu livrinho *História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada*. M.S.A.

nunciam as palavras – minha mãe ou mamãe, sempre baixo a cabeça. Baixo-a mais ainda, quando ouço alguém referir-se a mim com pena: – Coitadinho, não tem mãe!

Até quatro horas, pois, me afundo no desejo de saber que visita poderá ser aquela. Sinto que se trata de acontecimento de grave importância para a minha humilde vida. Ao vestir-me uma de minhas tias para o jantar, não me contendo e indago se sabe do que se trata. Ela senta-me ao colo e dá-me bondosamente esta explicação:

– Estás ficando crescido e teu pai acha que não tenho mais nada que te ensinar. Tens nove anos e já és quase um rapazinho. Precisas de um bom colégio. Ainda ontem teu pai discutiu isso comigo. Queria levar-te para o Anacleto, mas eu me opus, porque ele é muito rigoroso, dá pancada e a pancada não educa, avilta. Acabou resolvendo levar-te ao velho Lino da Encarnação, que parece ser boa pessoa e ensina muito bem. Não tenhas medo. É para teu benefício.

Estava mais ou menos revelado o mistério. Eu sabia que era para meu bem e não tinha medo. Tinha era muita curiosidade. Nunca vira um grande colégio. Como será?

Nunca vira? Ah! sim, lembrava-me que havia uns três anos entrara, ao voltar dum passeio com uma de minhas tias, no colégio do padre Salazar, nosso primo. Vira grandes salas com filas e filas de carteiras. Ao fundo, um pátio, onde mais de cem meninos brincavam em algazarra, jogando peteca, balançando-se em trapézios à sombra dos tamarineiros. Todo colégio devia certamente ser assim. Sinto-me contente, janto com apetite e saio lampeiro, com uma roupa de marinheiro, azul de gola branca, pela mão de meu pai.

Vamos até a Praça do Patrocínio,[2] onde entramos numa casa grande, de esquina.[3] Um corredor escuro entre salas com filas de carteiras envernizadas de vermelho. Mapas nas paredes. Quadros negros com restos de cálculos aritméticos a giz. Ao fundo do corredor, um gabinete, onde nos espera

[2] Hoje Praça José de Alencar, depois de se ter chamado Marquês de Herval. M.S.A.

[3] Prédio, desocupado e degradado pelo "progresso", ainda hoje (1987) existe, fadado a desaparecer com o plano (abandonado?) de junção das praças José de Alencar e Capistrano de Abreu, conhecida popularmente como "da Lagoinha" e ex-Comendador Teodorico. M.S.A.

um homenzinho moreno escuro, de olhos bondosos e bigodes brancos. Estende a mão a meu pai, que lhe diz:

– É este o meu filho. Faça o favor de ver em que ano o pode matricular.

O professor põe-me paternalmente a mão ao ombro e faz-me uma série de perguntas sobre História do Brasil, Geografia e Português. Manda-me realizar num quadro negro as quatro operações e passa-me um problema de regra de três, que resolvo. Deve ter ficado satisfeito, pois declara a meu pai:

– Seu menino está mais adiantado do que eu pensava. Vou incluí-lo no terceiro ano do curso primário. Para o ano, já poderá iniciar o curso secundário.

Assim me torno aluno do colégio "Parténon Cearense", do professor Lino da Encarnação, no ano da Graça de 1898.



Ana Dodt Barroso, minha mãe
(De uma fotografia de B. Scheidemantel, Blumenau)

UM AMIGO

Estamos na segunda-feira.

As aulas do meu colégio começam às oito horas da manhã e terminam a uma da tarde. Conflito com o regime antiquado de nossa casa, onde o almoço é e será sempre às dez. Minha avó resolve o caso em última instância, sem apelo nem agravo. Guardar-se-á o meu almoço, que comerei requentado ao voltar do colégio. Recebo a decisão como em certa idade se recebe tudo – como uma novidade. Aliás, para quem apelar? Que importa um almoço requentado e tardio no tempo feliz em que o encanto de viver está em ir descobrindo um a um os mistérios da vida!

Parto contentíssimo para a aula. Como será? Como será? Ao lado da curiosidade, certo receio do desconhecido. Que irá me acontecer em meio tão estranho? Até ali fora educado e instruído pela tia Iaiá, irmã mais velha de meu pai, que tinha bastante leitura e o espírito romântico da cultura de 1860. Falava muito em Lamartine, em Victor Hugo, na Revolução Francesa, em D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Maciel Monteiro.

Gostando de ensinar crianças, organizara na vasta sala de visitas do nosso sobrado uma escola dessas que vulgarmente se chamam de tico-tico. Tomava a terça parte da sala, junto à entrada. Duas filas de cadeiras paralelas e, ao fim, uma poltrona ao pé duma mesinha. As cadeiras eram todas diferentes, porque não pertenciam à escola e sim aos alunos. Cada qual trazia a sua. Havia-as baixas e altas, de vime e de lona, austríacas e francesas, de faia e de jacarandá, de pé de garra e de pé de cachimbo.

O menino ou menina que se matriculasse naquela escola, que se chamava para efeito externo Colégio São José, devia trazer, além da cadeira, um lápis Faber, um ponteiro, um caderno de escrita, uma lousa com o respectivo crayon, duas tabuadas e duas cartilhas. Tabuadas e cartilhas em duplicata, porque minha tia pregava as folhas impressas das mesmas em tampas de caixas de charutos. Era o melhor meio que achara para a meninada não estragar o material didáti-

co. As folhas assim pregadas ficavam com uma página inutilizada. Daí a necessidade de dois exemplares. Os ponteiros serviam para o aluno ir apontando as linhas que lia. Sua variedade era idêntica à das cadeiras. Havia-os de palito de coqueiro, de aspa de guarda-sol, de madeira torneada ou de qualquer objeto aproveitado para aquele fim – grampo de chapéu de senhora, caneta inutilizada, agulha de croché cuja ponta se quebrasse.

A aula principiava às dez e meia, depois do nosso almoço, e ia até duas da tarde. A casa toda se enchia com o rebuliço de mais ou menos uma dúzia de meninos e meninas. Sua cantoria monótona ecoava na rua erma:

Um B com A -BA
Um B com E – BE
Um B com I – BI
Um B com O – BO
Um B com U – BU
BA – BE – BI – BO – BU

Ou então:
Nove vezes três – vinte e sete – noves fora nove.
Nove vezes quatro – trinta e seis – noves fora nove.

Naquela cantilena e naquele meio, no entanto, desenvolvera eu a minha memória, aprendera a ler com três anos de idade, só de ouvir os outros, aprendera a escrever, a contar, a ter as primeiras noções do mundo, do passado, das cousas, de maneira singela e racional, fazendo da mão que traçava riscos retilíneos e curvilíneos instrumento de meu cérebro infantil e não fazendo, como modernamente se faz, do cérebro das crianças instrumento dos olhos e das mãos. Aquela simplicidade também modelara a minha alma para a luta da vida, dando-lhe um idealismo salutar que a preservou sempre da ânsia imoderada de enriquecer e gozar.

Vou pensando ainda na minha escola caseira inicial, quando chego ao colégio, na esquina da praça do Patrocínio. Um quarteirão antes, já venho encontrando meninos apressados, uns sozinhos, com livros debaixo do braço, outros sem livros acompanhados de pais, mães ou criados. Estes eram decerto os novatos.

Eu estou só e sem livros. Há duas portas. Uma dá para a praça. A outra, para a rua Municipal.[1] Os meninos entram indiferentemente por ambas. Hesito. Vou duma para a outra várias vezes sem me decidir até que um menino maior do que eu pergunta o que quero, olhando tanto lá para dentro. Respondo:

– Venho para o colégio.

– Então, seu bobo, por que não vai logo entrando? diz-me ele, e me empurra pelo corredor. Indaga que ano vou cursar.

– O terceiro do curso primário.

– O mesmo que eu, torna sorrindo com bonitos dentes, o rosto moreno a irradiar franqueza. Vamos nos sentar juntos? As carteiras são para dois.

E, estendendo-me a mão:

– Chamo-me Antônio Pompeu. Toque e fiquemos amigos.

Aquela amizade começada de improviso e selada com um aperto de mão entre dois meninos no corredor dum colégio duraria a vida inteira. Só a morte de Antônio Pompeu, casado e pai de filhos, no Rio de Janeiro, quando se desencadeou a epidemia da gripe espanhola, a cortaria.

– É aqui a sala do terceiro ano.

Entramos. Vasta quadra com três renques de carteiras e três amplas janelas deitando para a rua, cujas vidraças se ornam de tiras de vidro azul. Nas paredes, grandes painéis pendentes como mapas, representando as cinco partes do mundo. No da Europa, um tipo louro de homem civilizado, rodeado de espigas de trigo, de folhas de linho, de galhos de lúpulo e de cachos de uvas. Mais em baixo, cavalos, bois, carneiros de raça, cabritos dos Alpes, ursos dos Pirineus e lobos dos Urais. No da Ásia, uma figura mongólica emoldurada de arrozais e jângalas, de elefantes, camelos e tigres. No da África, um guerreiro sudanês, cercado de baobás, tamareiras, cinocéfalos, girafas, leões e dromedários. No da Oceania, um selvagem caledônio no meio de ramos de fruta-pão, de copas de cicáceas, de monos, cangurus, avestruzes e pangolins. No da América, o perfil aquilino dum pele-vermelha emplumado, sobressaindo duma cercadura de sequóias

---

[1] Hoje Rua Guilherme Rocha. – M.S.A.

e palmares, de cactos e héveas, de castores e esquilos, de jaguares e pumas, de tucanos e araras.

Com os olhos a errar por aquelas imagens que até certo ponto me deslumbram, procuro o painel do Brasil. Não há. Ponho-me a pensar que não via nunca o Brasil citado em livros ou pintado em quadros. Imagino, depois, como devia ser o seu painel, se ali estivesse representado: a cabeça dum tupi ou dum aimoré; em redor, suçuaranas e jacarés, papagaios e gaviões, açaís e ipês, buritis gigantes e jequitibás colossais.

Mas será possível que não haja mesmo o painel do Brasil? Não. Não há. Deve ser porque o Brasil não é uma das cinco partes do mundo e sim uma parte dessas cinco partes. Começo a pensar que, se um dia for alguma cousa na vida, mandarei fazer um lindo painel do Brasil e distribuí-lo por todas as escolas.

Aí o retinir duma sineta na sala interrompe o curso dos meus pensamentos. Todos os meninos se levantam. O Antônio Pompeu cutuca-me. Levanto-me também.

– É o professor Lino, diz ele.

Então, circunvago os olhos pela sala. Todos estão de pé, firmes. Só posso ver, do lugar onde estou, os rostos de alguns. Não os conheço. O professor faz um gesto e todos sentam-se. Muitos se viram de lado ou se voltam para trás. Então, entre todas aquelas caras vejo somente duas conhecidas, as do Alberto e do César Simões, filhos dum negociante português que recentemente fora morar perto de minha casa.

O professor Lino começa a falar:

– Meus filhos, vamos começar um novo ano, que espero ainda mais proveitoso do que o anterior. A todos os que vieram promovidos do segundo ano, peço que melhorem sempre suas notas. Os que tiveram simplesmente procurem tirar plenamente. Os que tiraram plenamente, procurem tirar distinção. Os que tiraram distinção, procurem obter um louvor. Beneficiarão á si próprios e darão grande prazer tanto a seus pais naturais como a seu pai espiritual, que sou eu.

A voz do velho mestre é bondosa. Dirige-se aos meninos com singeleza e afeto:

– Esforcem-se quanto puderem. Contarão sempre comigo para instruí-los e guiá-los com amizade. Só o mereci-

mento próprio tem valor real, embora às vezes a vida pareça desmentir isso, porque vale aos olhos dos homens e vale aos olhos de Deus.

Faz calor. As rótulas estão fechadas. Pelas vidraças entra a luz do sol que mancha o chão atijolado com os riscos dos vidros azuis. O professor conclui:

– Há três alunos vindos de outros colégios: os srs. Belarmino, Péricles e Jonas. Há outro que se matricula logo no terceiro ano, porque o examinei e achei preparado para isso, o sr. Barroso. Meu filho Artur, secretário do colégio, dará a todos a lista dos livros que precisam comprar. Amanhã começarão as aulas, às oito horas em ponto. O sr. Pimenta repete mais uma vez o terceiro ano. Podem se levantar e sair.

Quando disse meu nome, todos me fitaram e senti o sangue subir-me às faces. Agora, levantando-se em bulha, todos olham em certa direção, rindo maldosamente. Sigo os seus olhares e deparo um menino já grandote, banguela e escuro, magro e despenteado, que fita os que o fitam com um olhar parado e frio. O Antônio Pompeu segreda-me:

– É o Pimenta. Repete o ano pela terceira vez. Repetiu todos os anos três vezes. Uma vergonha. É burro como uma pedra!

Fico com pena do pobre Pimenta. Acho mesmo que o professor foi cruel, expondo-o, assim, sem comiseração, ao achincalhe dos outros.

Todos os veteranos do colégio ficam, divididos em duas filas, nas portas de saída, para darem trotes nos novatos, nos bichos. Obrigado a sair, caminho para uma das portas receoso, preparando-me para correr, quando o Antônio Pompeu me segura no braço e avança para os outros, dizendo:

– Este é protegido!

Dois ou três declaram:

– Mas tem que pagar a multa! Quanto é?

– Um cruzado.

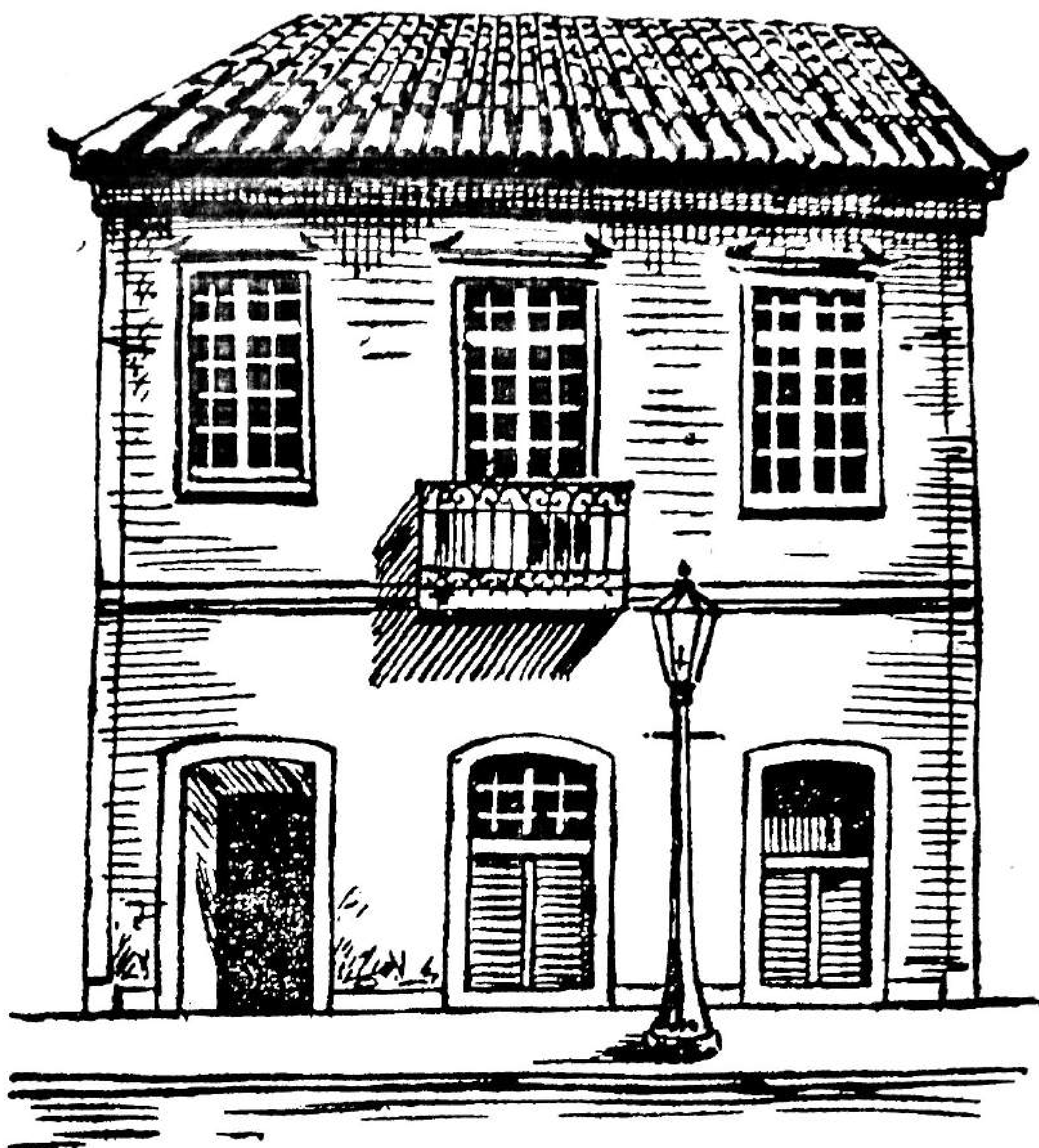
Eu só tinha um tostão que uma de minhas tias me tinha dado ao sair de casa. Tirei-o timidamente do bolso. O Antônio Pompeu deu os três tostões que faltavam.

– Você me pagará quando puder.

Passo incólume. À esquina, nos despedimos.

Enquanto os veteranos correm à venda fronteira do lopecínio[2] para comprar biscoitos-facão com os nossos níqueis, vôo para casa contar à minha avó e às minhas tias como é o colégio, onde achara um amigo.

[2] A venda ou bodega (como se dizia) do Lopecínio situava-se na esquina nordeste das ruas 24 de Maio e Guilherme Rocha. Na esquina noroeste levantava-se a residência do Comendador Nogueira Accioly, incendiada em 1912, e, posteriormente, o prédio (segundo) da Fênix Caixeiral. Hoje abriga um dos Armazéns do Sul (loja de tecidos). Na esquina sudoeste, o "Partênon Cearense", do professor Lino da Encarnação. Não havia esquina sudeste: era a praça. M.S.A.



O velho sobrado da rua Major Facundo nº 32, depois nº 70, onde fui criado. Nasci numa casa térrea da rua Formosa, hoje Barão do Rio Branco, pegada ao antigo Teatro São Luiz. É atualmente a terceira casa da rua, do lado direito de quem venha do Passeio Público. (De uma fotografia).

UMA HISTÓRIA PELO MEIO

Já vou para o colégio com uma porção de livros debaixo do braço, amarrados por um cordão para melhor comodidade. Ao passar por uma rua, alguém pilhéria:

– Um burrinho carregado de livros acaba feito doutor...

Baixo os olhos meio enfiado, mas no íntimo penso: pois hei de ser mesmo doutor um dia, senão puder ser oficial.

Lembro-me ainda desses livros que minha tia Iaiá encapava em chita de ramagens para se não estragarem com o manuseio diário: o quarto de leitura de Felisberto de Carvalho, a Seleta de Carlos de Laet, de quem teria a honra de ser, aos trinta e poucos anos, colega na Academia Brasileira e cujo elogio pronunciaria no seu octogésimo aniversário; a História do Brasil por perguntas e respostas; a Geografia de Lacerda com mapas e figuras, a Gramática portuguesa e as Lições de Cousas.

Meu pai comprou-os comigo ontem à tarde, na livraria do ministro protestante Lacy.[1] Meu pai até parecia contente em ver-me no colégio, iniciando os estudos. Deu-me de presente um lápis Faber com borracha e um caderninho de decalcomania, com soldados do tempo de Napoleão e camponeses do Tirol. E eu fiquei a pensar que seria tão bom haver decalcomanias do Brasil, com sertanejos de roupa de couro, gaúchos a cavalo, seringueiros e índios, soldados do tempo de Caxias. Por que tudo haveria de ser europeu? Até hoje, no entanto, ainda não vi decalcomanias brasileiras. Ninguém ainda se deu ao trabalho de refletir no veículo de propaganda e ensinamento que isso representa no seio da infância.

Ao sair da livraria, que ficava numa esquina, sob um dos mais antigos sobrados da cidade, meu Pai pára um instante, olha as ruas que ali se encontram e me diz:

– Esta é a rua das Trincheiras[2] e essa, que vem desde onde moramos e vai até além da parte calçada da cidade,

---

1 Esquina sudoeste das ruas Major Facundo (nesse trecho chamou-se primitivamente Rua do Fogo) e Liberato Barroso (antiga das Trincheiras). – M.S.A.

2 Atualmente, Rua Liberato Barroso. – M.S.A.



O coronel Antonio Felino Barroso. meu pai. aos 80 anos de idade.
(De um instantâneo tirado em Fortaleza)

onde começam as Areias, é a rua do Major Facundo. Quando eu era menino como você, o trecho da rua do Maior Facundo até a praça do Ferreira chamava-se rua da Palma e o outro, que começa aqui, rua do Fogo. Portanto, a rua do Fogo faz esquina com a das Trincheiras, o que dá naturalmente idéia duma revolução, dum combate, duma luta, enfim, que tenha havido outrora na nossa terra.

Faz uma pausa, cumprimenta alguém que passa e prossegue:

– Em 1841, foi assassinado à noite, com um tiro de bacamarte, ao se debruçar da janela de sua residência, que é aquela em que está a casa de ferragens Vilar,[3] rua da Palma,[4] esquina de Assembléia,[5] o major João Facundo de Castro Menezes, chefe do partido liberal. Esse come político, causou sensação. Deu-se por isso o nome de Major Facundo à rua da Palma, estendendo-se até à do Fogo, que a continua.

Meu pai começa a caminhar, levando-me pela mão para casa e concluindo: – Os nomes das ruas duma cidade, meu filho, refletem a sua vida e resumem a sua história. É um erro, senão mesmo um crime, mudá-los a cada passo, sobretudo para homenagear individualidades passageiras. Destrói-se a tradição que deve ser sagrada, porque é a alma duma Pátria. Não pode haver pátria sem tradição.

Eu já conhecia esse modo de pensar de meu pai, em cujo espírito a confusão do século XIX não conseguira apagar o amor ancestral da tradicionalidade. Sem religião, ele admirava a Igreja pela sua perenidade vitoriosa. Admirador da Revolução Francesa, detestava os espasmos da ralé. Desde o alvorecer de minha vida, ouvira-o falar sempre desta maneira das cousas antigas, como rebento de gente tradicional em nossa terra.

Segundo me conta minha avó, que nasceu em 1819, quando o Brasil ainda era reino-unido a Portugal, D. João Vi morava no Rio de Janeiro e Napoleão vivia em Santa Helena,

---

[3] O velho prédio foi demolido e no local levantado outro, que abriga a Livraria Paulina. Fica na esquina noroeste das ruas Major Facundo e São Paulo. – M.S.A.

[4] Atual Rua Maior Facundo. – M.S.A.

[5] Hoje, Rua São Paulo. – M.S.A.

o pai dela, meu bisavô, o velho João da Cunha Pereira, capitão-mor dos índios da Paupina, depois Mecejana, andava de chapéu de três bicos, usava espada e rabicho. Era pernambucano, nascido em Goiana, mas da grande e antiga família dos Cunha, povoadora do vale do Jaguaribe, onde ainda hoje se erguem no Boqueirão as ruínas de sua Casa de Pedra. A mãe dela, D. Rosa Marciane Perpétua da Cunha Lage, cujas iniciais em pregos dourados ainda enfeitavam as malas de couro de nossa família, descendia dos Lages, que também haviam sido dos povoadores iniciais do Ceará Grande, como então se dizia para diferençar do Ceará Mirim ou Ceará Pequeno, região do Rio Grande do Norte.

Do lado do meu avô paterno, a mesma tradição. Era o capitão José Maximiano Barroso, filho do velho José Fidelis Barroso, a que alude o viajante Koster,[6] que se hospedou em sua casa nobre, no Aracati, no começo do século, como sendo o homem de mais prestígio e fidalguia daquela cidade. Os nomes de Fidelis e Liberato Barroso projetavam-se no cenário provincial e no cenário nacional nas letras, na política e nas armas.

Eis por que em nossa casa tanto se falava em tradição. único menino no meio de gente velha e conservadora, eu tinha ainda a aumentar o amor ao passado e aos ideais de ordem e construção o sangue germânico de minha mãe, filha do engenheiro alemão Gustavo Dodt, que dera sua vida ao serviço do Brasil, explorando seus rios, estudando os costumes de seus indígenas o construindo suas linhas telegráficas. A sua estirpe era a dos Von Lanzehr de Dannenberg, no Hanôver, e a de sua mulher, minha avó materna, a dos Von Mohiieibroeck, de Dantzig.

Por isso tudo, o que meu pai me diz à porta da livraria do ministro Lacy sobre as ruas da cidade não é, de modo geral, novidade para mim. Sempre ouvi a todos de casa se expressarem da mesma maneira. Nunca, porém, escutara a menor referência àquela história da rua do Fogo com a rua das Trincheiras, que esporeia a minha curiosidade.

---

[6] Henry Koster, que de sua viagem nos deixou precioso relato, traduzido para o vernáculo o anotado pelo polígrafo Luís da Câmara Cascudo – *Viagens ao Nordeste do Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre, 1942 – M.S.A.

Todavia, não tenho ânimo de pedir-lhe que me conte essa história em que entrevejo uma batalha, como as que via nas gravuras dos livros sobre as barricadas européias. Não o tenho, porque meu pai raramente fala comigo e parece, ao meu ver, não me dar muita importância. Desde pequenino, por falta dum afeto maternal gerador de confiança ilimitada, eu me acostumara a viver muito comigo mesmo e a deixar-me solicitar sempre, em vez de solicitar. Calo-me, embora roído pelo desejo de saber tudo.

No colégio, quando fomos para o recreio, repito o que meu pai me disse ao Antônio Pompeu, dizendo-lhe:

– Pergunta a teu pai se ele sabe essa história e depois me conta tudo.

O pai de Antônio devia saber. Era o Dr. Hildebrando, filho do senador Pompeu, glória de nossa terra, irmão do doutor Tomás Pompeu, homem de alto saber, cunhado do Dr. Acioly, chefe político prestigioso, então presidente do Estado.

Conversamos encostados à parede do colégio, do lado da praça do Patrocínio, onde costumamos brincar sob as copadas mongubeiras. De súbito, alguém espirra por trás das venezianas. Nós dois fugimos.

Teria alguém ouvido nossa conversa?

Mas pensamos que, se tivesse, nenhum mal haveria. Estávamos conversando sobre um assunto sério e era natural a nossa curiosidade em saber uma história de cujo véu misterioso meu pai levantara uma ponta.

Vamos brincar de quatro-cantos com outros meninos à sombra das árvores até que toca a sineta de chamada para a aula. Em breve esquecemos a rua do Fogo e a rua das Trincheiras, curvados sobre os nossos livros, lousas e cadernos.



O capitão José Maximiano Barroso, meu avô paterno.
(De uma fotografia de Eugenio Maurício, Pernambuco, 1878)

OS VOLUNTÁRIOS

Hoje, quinta-feira, é dia de folga. Não há aula.

Minha tia Maria leva-me pela manhã ao Parque da Liberdade[1] para ver cisnes, gansos, marrecas, patos e paturis banhando-se nas águas do grande lago represado em margelas de cimento como um tanque, que foi a antiga lagoa do Garrote. A manhã está fresca e toda dourada de sol. O vento faz ondear o mata-pasto crescido nos terrenos ainda sem construção.

Do Parque vamos ao Reservatório do Pajeú,[2] construído na seca de 1845 pelo senador Alencar e melhorado na de 1877, pelo barão de Sobral, todo coberto de aguapés e pacaviras, menos nos lugares onde a meninada dos arredores costuma tomar banho. Caboclinhos e moleques das choupanas próximas ali se atiram à água com o sol a dourar-lhes os corpos escuros, acobreados, mergulhando aos pulos, nadando de braço ou de cachorro, jogando cambapé.

Como são felizes! Fico com tanta inveja deles que um instante desejo ser antes um moleque que um filho-família.

Voltamos pela praça dos Voluntários, onde há dezenas de meninos à sombra das altas castanholeiras, em frente de grande edifício pintado de verde. Pergunto se é um colégio e minha tia me responde:

– É o Liceu. Quando terminares o curso primário, virás fazer aqui o curso secundário. Depois, passarás ao superior e serás doutor.

Na minha casa há a mania, a superstição do doutor. Cousa herdada do tempo antigo como os móveis de jacarandá, os bules de prata do Porto e as terrinas de louça da Índia. Entre as várias espécies de doutor, dava-se preferência ao bacharel em direito. Era o *nec plus ultra*. O longo convívio em

---

[1] Designação oficial generalizadamente esquecida depois que nele foi instalada a "Cidade da Criança" pela Prefeitura Municipal, no final da década de 1930. – M.S.A.

[2] Conheci-o como aluno do Liceu do Ceará, instalado nas suas proximidades. Desapareceu na administração do Prefeito Lúcio Alcântara (1 979-1982), quando da urbanização de trecho do riacho Pajeú. – M.S.A.

Pernambuco, durante uma estada lá de minha família, com o barão de Catuama, nosso parente, diretor da Faculdade de Direito, fizera com que minhas tias olhassem o canudo de bacharel como o cetro da glória. Quando eu revelava minhas tendências para militar, era um Deus nos acuda de protestos. Desde a mais tenra idade o ambiente doméstico guerreava as minhas aspirações. A guerra foi tal que acabei bacharel contra a vontade. Sinto dentro em mim sempre uma revolta surda. Ela explode nessa manhã:

– Não quero ser doutor! Quero ser soldado ou moleque!...

Minha tia limita-se a sorrir. A minha aspiração não lhe parece no momento perigosa, por vir de cambulhada com de ser moleque. Além disso, na minha idade essas cousas são encaradas como tolice infantil pela gente grande, que pouco se inquieta em aprofundar a psicologia das crianças e não se dá conta de como as palmeiras impressões são profundas e duradouras.

Na verdade, a minha primeira aspiração fora ser bolieiro de bonde. Como admirava o negro Poeirão, de pé na bolé do carro, com o boné de oleado a três pancadas, incitando com gritos, pilhérias e estalos do longo chiqueirador de relho a parelha de mulas castanhas que puxavam o pesado veículo carregado de passageiros pelas linhas do Benfica ou Fernandes Vieira.[3] Então, os silvos e assobios que soltava, altos, esganiçados ou modulados, me deixavam em êxtase. Em êxtase, digo bem! Então, na subida da rua Sena Madureira,[4] quando juntavam uma sota à parelha comum ou duas sotas, se vinha muita gente pendurada aos estribos, no tempo das Pastorinhas do Floriano ou das novenas da Prainha, como ele me deslumbrava!

– Vamos, Corujinha, parece que não comeu hoje! Puxa, bichinha danisca! Puxa, minha negra!... Gavião, anda direi-

[3] Praça do bairro de Jacarecanga, atualmente denominada Gustavo Barroso, onde se acha a estátua do grande cearense. – M.S.A.

[4] Esse trecho passou a denominar-se Avenida Alberto Nepomuceno, após a morte do grande maestro e compositor fortalezense, nascido em prédio da Rua Senador Pompeu, hoje nº 1.030, bastante mutilado e sem a placa de bronze, antigamente existente em seu frontispício, que o identificava para a posteridade. Coisas do Ceará. – M.S.A.

to! A Coruja está mangando de você... Toca, Veludo! Toca, desgraçado! To- ca, diabo!... Êta, cambada!

Eu sabia de cor os nomes de todos os burros da Companhia de Carris. Gostava de uns. Antipatizava com outros. Para mim, o Poeirão era o mais sublime de seus bolieiros. Parecia-me mais belo do que um cocheiro de quadriga romana. Tinha mais imponência do que Faetonte guiando o carro do sol, que eu vira numa gravura colorida dum livro de Mitologia de minha tia Iaiá. Lembrava-me o Pedro Malasartes, quando passava na boléia da sege tangendo os cavalos que lhe haviam emprestado e gritando:

– Para diante, meus quatro cavalos!

Quando eu passava dias no sítio dum primo que possuía muitos cavalos e burros, ia com os caboclos dar-lhes banho no rio. Montado num deles em pêlo, empunhava os cabrestos de outros três e punha-os todos a galopar, gritando no meio da poeirada como um maluco:

– Eu sou o Malasartes! Para diante, meus quatro cavalos!

Se eu não podia ser bolieiro, ao menos me deixassem ser soldado. Um dia, quis unir as duas cousas. Levei várias semanas fazendo com pedaços de pau e de correia, meia dúzia de chicotes. Depois, convidei os meninos da vizinhança para organizarmos um batalhão. Apresentei-lhes os meus chicotes e propus-lhes a formação do Batalhão do Chiqueirador. Eles deram-me uma vaia e foram embora. A história espalhou-se e um dia, ao passar pela travessa do Mercado,[5] ouvi uma voz gritar:

– Olha o comandante do Batalhão do Chiqueirador!

Virei-me. Era o Alberto Simões, meu vizinho. Atracamo-nos..

O que pretendera fora unir pela imaginação as duas aspirações que me enchiam a alma. Não compreenderam. Quantas vezes na minha vida não tenho querido unir, sem que me compreendam, outras aspirações mais sérias?

Essas aspirações infantis parecem às vezes inteiramente loucas e são simplesmente naturais. As crianças vêem a vida por um prisma muito diferente da gente grande, o prisma da

[5] Ligava a Rua General Bizerril à Rua Floriano Peixoto, saindo da Praça da Sé, a poucos metros da esquina da Rua Castro e Silva. Mais ou menos no local em que se levantou o prédio do Hotel Bitu, hoje (1987) derribado e no terreno funcionando um estacionamento de automóveis. – M.S.A.

imaginação. Vivem num mundo ideal. Acostumam-se, desde a mais tenra idade, com os brinquedos, a dar vida ao inanimado e dar alma às cousas. A imaginação das crianças é maior do que a imaginação dos poetas. Uma é natural, a outra é de arranjo. Os poetas fazem das folhas esmeraldas, das gotas de orvalho diamantes, dos dentes de suas amadas pérolas. Os meninos vestem o mais humilde cocheiro com uma refulgência de sonho e bordam na farda do mais simples soldado o louro dos heróis, porque arrastam um caixãozinho de rodas como uma locomotiva, silvando e apitando por ela, porque alinham dez soldados de chumbo como se fora um exército, porque entram com todo o seu eu no processo imaginativo e multiplicam tudo como verdadeiros criadores espirituais.

Eu adorava os heróis. Um de meus primos, Francisco Seifert, filho de uma irmã de minha avó e dum engenheiro austríaco, seguira para a guerra do Paraguai como Voluntário da Pátria.. Aprisionado no combate do Estero Bellaco, passara por todos os sofrimentos imagináveis e somente fora libertado no último ano da campanha. Regressara à casa em petição de miséria, verdadeiro cadáver ambulante. Antes de morrer, escrevera a narrativa de seus padecimentos que me liam de vez em quando. Meu padrinho, o capitão Antônio Leal de Miranda, também Voluntário da Pátria, ferido em Itororó, contava histórias da guerra que me deliciavam pelo seu pinturesco e usava sempre na botoeira do casaco a fita vermelha da Ordem de Cristo. O padre Guerra, que freqüentava assiduamente a roda do padre Salazar, meu primo e meu vizinho paredes-meias,[6] ostentava na manga da batina as cinco estrelas de tenente-coronel e repetia amiúde, na minha presença, episódios da batalha de 24 de maio, a que assistira como capelão do Exército Imperial. Lembro-me perfeitamente dele com seu nariz adunco, os olhos encovados, a voz forte e incisiva, dizendo:

– Uma vez, depois que o Exército chegou a Tuiú Cué, celebrei missa às cinco e meia da manhã para o velho Caxias!

A praça dos Voluntários, por onde passo com minha tia, lembra-me a guerra do Paraguai, de que me falavam des-

[6] Depois de receber várias numerações, era o nº 160 da Rua Major Facundo quando foi demolido, juntamente com o sobrado vizinho (nº 170), já referido, para no terreno de ambos ser levantado outro edifício. – M.S.A.

de que abrira os olhos para o mundo, imensa tragédia cujos personagens ainda se moviam na minha presença, personagens humildes, letras miúdas dos gloriosos capitulos, cujas maiúsculas haviam sido Caxias e Osório, Tamandaré e Porto Alegre, Barroso e Inhaúma, Sampaio e Tibúrcio.

Este fora amigo íntimo de meu pai. Dele se fala todo o dia, sobretudo à mesa: – "Um dia, eu estava com o general Tibúrcio... O general Tibúrcio veio me buscar uma vez... Bem que o general Tibúrcio me dizia. . . "E o óculo de campanha do herói lá estava em nossa sala de visitas, como lembrança dum amigo morto, mas sempre vivo na recordação de todos.

Apesar desse culto dos heróis, a história do tempo da guerra que mais agradava a minha infância era a do regresso dos Voluntários ao Ceará, contada por meu pai, quando estava de bom humor.

Desembarcara em Fortaleza o 26° de Voluntários da Pátria, coberto de glória. Toda a população o esperava ansiosa sob o esvoaçar das bandeiras e o estourar dos foguetes. Ruas juncadas de flores. Sinos repicando festivamente. As bandas militares tocando. O batalhão estendeu em linha na praia com seus uniformes azuis de golas e vivos amarelos. O comandante, a cavalo, de chapelão desabado e barba negra varrendo o peito, mandou apresentar armas à bandeira imperial esfiapada pela metralha inimiga, que devia ser recolhida à catedral. Subindo a uma tribuna, D. Maria Tomásia, figura proeminente do feminismo naquele tempo,[7] saudou os heróis da memorável campanha. Muito emocionada, querendo aludir ao dia da terminação da guerra pela morte de Solano Lopez no Aquidabã, 12 de março de 1870, perorou com este brado que despertou uma gargalhada geral:

– Viva o dia 1º de abril! ...

[7] D. Maria Tomásia, filha de José de Xerez Ferreira Uchoa e D. Ana Francisca Figueira de Meio, casou-se com Rufino Furtado de Mendonça. Residia no prédio sito na esquina sudoeste das ruas Barão do Rio Branco e Castro e Silva, onde depois se abrigou, por muitos anos, a Padaria Duas Nações. Foi personagem importante no movimento em prol da libertação dos escravos no Ceará. Hoje é nome de rua no bairro da Aldeota, com muita justiça. – M.S.A.

FEVEREIRO

A HISTÓRIA DAS RUAS

Hoje, sábado, é dia de ditado.

O professor Lino aparece sorridente, cumprimenta-nos com a cabeça e, depois de pigarrear um pouco, começa a falar:

– Meus filhos, vamos fazer hoje o nosso ditado, que corrigirei amanhã, domingo, e cujas notas darei segunda-feira. Um destes dias, ouvi por acaso dois de vocês conversando a respeito da história das ruas de nossa cidade. . .

Olho de esguelha para Antônio Pompeu. Está vermelho como lacre. Eu também devo estar assim, porque sinto muito calor nas faces. O professor continua com seu tom suave:

– Pois bem, nosso ditado versará a respeito desse assunto. Os dois meninos a quem me refiro estavam cheios de curiosidade em saber a origem dos nomes de certas ruas da nossa Fortaleza. Vou satisfazê-los, porque, quando a curiosidade é de saber, de aprender, de conhecer, é digna e deve ser estimulada. Mas, se se trata de curiosidade de cousas más, é um vício que deve ser combatido. E, se se trata de curiosidade de cousas íntimas, chama-se indiscrição. Um menino bom e bem educado pode ser curioso, é natural, porém não deve nunca ser indiscreto e muito menos viciado... Bem, vamos ao nosso ditado.

Todos os alunos põem seus cadernos sobre as carteiras e empunham seus lápis. Um ou outro cicia:

– Passa-me teu canivete para fazer depressa a ponta do meu lápis!

– Empresta-me um lápis, sim?

– Só tenho de cor.

– Que remédio? Esqueci o meu.

O professor começa a ditar vagarosamente, articulando bem as sílabas. Quando pára, na sala silenciosa somente se ouvem o zumbir das moscas e o leve ranger dos lápis sobre o papel.

O CAJUEIRO DO FAGUNDES

"Nos tempos em que o Brasil era colônia de Portugal, sob o reinado de D. Maria I, foi governador do Ceará o oficial da Marinha portuguesa Luiz da Mota Féo e Torres, homem impulsivo e brigão.

Nesse tempo, Fortaleza era antes uma aldeia do que uma cidade. Pequenina e pobre, não tinha calçamento nem iluminação. Onde hoje se acha a praça do Ferreira, aberta pelo farmacêutico desse nome, que foi o reformador da cidade, quando intendente municipal, no meado do século XIX, existia uma linha de casas com o nome de beco do Cotovelo, em cuja extremidade se encontravam três ruas.

A que levava para o lado do Garrote, ainda hoje denominada rua do Cajueiro,[1] era, em certo ponto, ensombrada por um grande e belo cajueiro, que, todos os anos, já no mês de setembro, se cobria de flores e de maturis. Ao pé do cajueiro, ficava a casa do Fagundes, que fornecia carne à população. Matava as rezes, esfolava-as e esquartejava-as à sombra do cajueiro, considerado por toda a gente o seu açougue.

Ora, certo dia, ao passar o sr. Governador Luiz da Mota Féo e Torres por ali, galopando no seu cavalo, um galho baixo da árvore arrancou-lhe o chapéu de três bicos agaloado e com tope, atirando-o ao chão. O Fagundes, em mangas de camisa, tomava fresco à porta de casa. Luiz da Mota Féo e Torres gritou-lhe:

– Apanhe este chapéu!

O Fagundes nem se moveu. Era um homem do povo, inculto e rude, mas digno e altivo. Não tinha alma de escravo e não servia de lacaio a ninguém, por mais poderoso que fosse. Se lhe pedisse o favor de apanhar o chapéu, fá-lo-ia risonho, com prazer; porém mandado, nunca! O Governador insistiu na ordem e ele manteve-se impassível. Então, o outro esporeou o cavalo até junto dele e disse-lhe em tom ameaçador:

– Não me apanhas o chapéu, vilão duma figa, pois eu, que ia somente mandar cortar o galho baixo do cajueiro, agora vou pô-lo no chão e adeus açougue!

---

[1] Atualmente, Rua Pedro Borges, que começa na Rua Sena Madureira e termina, quatro quarteirões depois, na Rua Major Fecundo, em plena Praça do Ferreira. – M.S.A.

Tocou-se para o palácio, que era então aquela casa muito velha e suja, baixinha e metida dentro duma muralha com enormes portões, na rua de Baixo, junto ao Mercado da Farinha.[2]

No dia seguinte, vieram os homens do Governador com seus machados, deitar abaixo o cajueiro. O Fagundes protestou. Bota! Não bota! À frente de seus magarefes armados de facas, o Fagundes expulsou-os.

Voltaram acompanhados de soldados. Já o Fagundes lançara pela pacata vila o brado de revolta. Acudiram em seu auxílio os açougueiros do Garrote,[3] os flandeiros da rua da Boa-Vista,[4] os merceeiros da rua Formosa,[5] os carapinas da rua de Baixo, os ferreiros da rua do Quartel,[6] até os pescadores da Prainha, todos os que tinham uma profissão no lugar. Traziam pistolas e bacamartes. A tropa carregou-os. Então, levantaram trincheiras na encruzilhada das três ruas e abriram fogo contra ela, que recuou. Daí os nomes das três ruas perpetuando o episódio: rua do Cajueiro, rua das Trincheiras,[7] e rua do Fogo".[8]

O professor termina o ditado. Armo-me de coragem e levanto o dedo, fazendo sinal que quero dizer alguma cousa.

– Que é? indaga o professor.

Sinto o rosto arder em febre. Todos os olhares convergem para mim. Faço grande esforço e falo:

---

[2] A extensa e larga rua teve várias e sucessivas denominações. Depois, dividiram-na em três. Avenida Alberto Nepomuceno (da praia até a praça da Sé), Conde d'Eu, da praça da Sé à rua Pedro Borges (lado oeste da cidade) e ao Beco do Pocinho (lado leste da cidade); e Sena Madureira, desse último cruzamento ao cruzamento das ruas Pedro Pereira e Pinto Madeira. O chamado "Palácio" era uma casa velha existente, até a década de 1 920, no local preciso em que se acha o Mercado Central, com frente para o pátio que se debruçava sobre a "Rua de Baixo" e fundos para o "Mercado da Farinha", sito na Praça Carolina (depois José de Alencar e em seguida Capistrano de Abreu), hoje praticamente desaparecida com a construção criminosa dos prédios dos Correios, do Banco do Brasil e da Federação das Associações de Comércio e da Indústria do Ceará. -M.S.A.

[3] Zona em torno da lagoa do Garrote, depois Parque da Liberdade e hoje conhecida como Cidade da Criança. – M.S.A.

[4] Rua Floriano Peixoto. – M.S.A.

[5] Rua Barão do Rio Branco. M.S.A.

[6] Rua General Bizerril. – M.S.A.

[7] Rua Liberato Barroso. – M.S.A.

[8] Parte sul da Rua Major Facundo. – M.S.A.

– É que eu ... É que nós desejamos saber o resto da história...

O professor sorri com indulgência e responde:

– Muito bem, meu filho, é tão natural ... Vamos, continuem:

"O governador desistiu de pôr abaixo o cajueiro, à cuja sombra o Fagundes continuou a vender carne à cidade. A vontade dum só homem não conseguiu vencer a duma população inteira. O capricho dum tirano não se conseguiu impor a uma gente que ainda tinha vergonha e brio. Defendendo sua liberdade contra a tirania, os antigos habitantes da humilde vila do Forte,[9] como era então chamada a nossa Fortaleza, deixaram escrito nas tabuletas de suas ruas um belo exemplo às gerações vindouras".

[9] Ainda ouvi de meu avô paterno a expressão – "Vou ou vim ao Forte" ou "ao Ceará". Ele morava no interior, em Mombaça. – M. S. A.

JOÃO PACHECO

Domingo é o dia mais feliz de minha vida, porque vou sempre passá-lo em casa de meus primos Floriano e Benvinda, que moram na rua do Chafariz,[1] no bairro da Praia.[2] Saio de casa às seis e meia da manhã, sigo a pé pela antiga rua da Ponte, beirando o alto muro do parque do Palácio Episcopal,[3] até encontrar a rua do Seminário.[4] Dali avisto os coqueirais, as dunas brancas, o mar muito verde sob o sol. Como se alegra o meu coração! Como vou brincar hoje!

Ouço missa na igreja da Conceição, pegada ao Seminário. Depois, desço a ladeira em cujo fim se ergue o templo[5] e estou em casa de meus primos,[6] os quais não têm filhos e me querem muito

Eles criam um caboclinho amazonense chamado João Pacheco, filho dum sujeito que andava pelas feiras com um gramofone, que o tivera duma índia no Amazonas e o abandonara no Ceará.

O gramofone do velho Pacheco, como todos os gramofones daquele tempo, era uma cousa engraçadíssima. Funcionava dentro duma grande caixa envidraçada. As peças musicais ou faladas eram gravadas em cilindros de cera que giravam enfiados num eixo, feridos pela agulha. Não tinha trompa ou porta-voz. Da caixa saiam uns dez canudos de borracha em forma de Y, brancos com uma bolinha de celulóide em cada extremidade, que se introduzia nos ouvidos. Assim se ouviam os sons fanhosos do instrumento. Custava cem réis cada audição.

---

[1] Atualmente Rua José Avelino. – M.S.A.

[2] Na realidade, Prainha. A seu respeito escrevi crônica inserta na Revista do Instituto do Ceará, tomo de 1986. – M.S.A.

[3] Aqui, o talentoso memorialista equivocou-se. Se ele beirava o muro do Palácio Episcopal, ia pela atual Rua Rufino de Alencar, antigamente Corredor do Bispo, e não pela Rua da Ponte, hoje Avenida Alberto Nepomuceno. – M.S.A.

[4] Atual Avenida Monsenhor Tabosa. – M.S.A.

[5] Atualmente, Rua Almirante Jaceguai. – M.S.A.

[6] Esquina sudeste das ruas Almirante Jaceguai, onde recebe o n" 114, e José Avelino, na qual tem o n" 480. – M.S.A.

O pai do João Pacheco colocava sempre o seu gramofone no Mercado, ao pé do engenho de garapa ou caldo de cana do Bembém.[7] A meninada corria para ali e a caixa do fonógrafo ficava rodeada de ouvintes presos pelos canudos nas orelhas.

João Pacheco era meu companheiro de brincadeiras na praia, onde passávamos o dia inteiro, somente voltando à casa para as refeições: almoço às dez; jantar às quatro. Às sete e meia, eu regressava de bonde para a cidade com minha tia Maria, a tia Nenen, muito amiga da prima Benvinda. Voltava triste, expulso do Paraíso Terreal.

Que havíamos feito durante o dia todo?

Dava balanço na memória, gozando uma a uma as recordações.

De manhã, banho no Poço da Draga,[8] apostando quem o atravessava a nado mais depressa. Subíamos pelo costado das alvarengas carregadas de mercadorias, alcançávamos a coberta e pulávamos lá de cima, mergulhando por baixo do casco. Eu e o João Pacheco fazíamos parte duma malta de meninos terríveis, nadadores e mergulhadores, mestres em soltar papagaios e atirar pedras: o Gidinho, filho dum guarda da Alfândega chamado Egídio; um moleque alto, meio desengonçado, cujo pai pedia esmolas e morava na antiga fábrica de cimento das obras do porto, já meio devorada pela duna,[9] apelidado Joaquim do Morro; o Olavo Pontes, filho dum português que lavrava pequeno sítio ao fim da rua do Chafariz;[10] dois portuguesinhos de fala travada, filhos do bodegueiro Cruz, o Zé e o Quincas; enfim, o negro Abel, cria de D. Mariana, viúva do major Demétrio e irmã do sr. Telésfoto, o homem mais tradicional do bairro,[11] que fora muito rico e ainda impunha respeito com seus cabelos brancos como neve.

Depois do almoço, a malta percorria os coqueirais a beber água de coco e a comer coco verde. Uma verdadeira

---

[7] Ficava na Praça do Mercado de Cereais, oficialmente Praça Carolina, depois José de Alencar e Capistrano de Abreu. Hoje praticamente desaparecida com a construção dos prédios dos Correios, do Banco do Brasil e da FACIC. – M.S.A.

[8] Lagamar conseqüente da obstrução da foz do riacho Pajeú pelo quebra-mar construído na Praia Formosa. – M.S.A.

[9] Na Praia do Peixe, depois Praia de Iracema. – M.S.A.

[10] Atualmente Rua José Avelino. – M.S.A.

[11] Sua residência situava-se perto da Casa Boris, na rua do mesmo nome. – M.S.A.

delícia subir pelos troncos linheiros e oscilantes, passar a perna por cima das capembas, como um marujo no cesto de gávea, empoleirando-se no olho das palmas! O vento do oceano açoitava o coqueiral rumorejante. A esmeralda do mar rebrilhava aos raios dum sol de fogo. A alva areia dos morros encandeava a vista. Que cousa maravilhosa! Ainda me lembro de tudo isso com arrepios de prazer.

Lá de baixo, os companheiros que não haviam subido gritavam que atirássemos os cocos. Só a sua insistência vencia o nosso desejo de ficar contemplando aquele cenário de colorido oriental.

Os coqueiros em que comumente trepávamos eram os dum antigo sítio que a duna invadira. Naquele tempo, antes dos processos de fixação que, afinal, lhes impuseram, as dunas eram errantes e livres como os meninos. Locomoviam-se. Mudavam-se constantemente. Tomavam propriedades. Afogavam coqueiros. Às vezes, retirando-se dum lugar para outro, descobriam casas e objetos que tinham estado anos e anos soterrados.

Existia uma duna altíssima e muito íngreme do lado batido pelo vento, por trás da casa do prático Nascimento,[12] na qual brincávamos horas seguidas de trenó. Montados numa capemba de coqueiro, deslizávamos do cocuruto até embaixo, numa velocidade deliciosa. Apostávamos corridas e levávamos tombos formidáveis, sem o menor perigo, tanto a areia era macia e frouxa.

Quando a ardência do sol diminuía, íamos pescar camarões de água doce num riacho que corria ao pé da duna. Nas suas margens úmidas, nasciam mangeriobas e fedegosos no meio das enrediças das salsas, cujos festões floridos de roxo pendiam para a água. Debaixo deles, juntavam-se os pitus e os canelas.

Após o jantar, o bando reunia-se no sítio do pai do Olavo para brincar de batalhão, com velhos bibicos do Exército à

---

[12] Esquina noroeste das ruas Dragão do Mar (antiga da Praia e da Alfândega) e Senador Almino (antiga do Arrecife). Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde, de relevante papel no movimento em prol da libertação dos escravos no Ceará, receberia o cognome de "Dragão do Mar. Ele era chefe da capitania e impediu o embarque ou desembarque de escravos por nosso porto. – M.S.A.

cabeça, espingardas de pau e baionetas cortantes, tiradas das chapas de cobre das embarcações miúdas abandonadas nos maceiós do porto. Como comandante do batalhão, eu usava seis galões dourados duma antiga farda de meu pai, que fora comandante da Polícia, presos com alfinetes nas mangas de minha blusa de brim.

O João Pacheco era sargento e os outros meninos não gostavam muito dele. Diziam que era traiçoeiro. Eu não sabia por que pensavam assim. Somente notava nele a mesma cousa que fazia o Tomás, caboclinho dos tabuleiros da Mecejana, criado por minha avó. Como o pai do João Pacheco, a mãe o abandonara num sítio de minha família, o Muritiapuá, cuja rendeira, a velha Aninha Guimarães, o trouxera para nossa casa. Quando brincávamos juntos, o Tomás dava-me encontrões, pancadas e beliscões a valer. Como era brinquedo, eu agüentava firme. Mas, se eu lhe tocava de leve, ele gemia logo, como se estivesse apanhando. As pessoas grandes que ouviam somente os gemidos e não se davam ao trabalho de inquirir o que se passava, diziam a cada passo:

– Este menino só gosta de machucar os outros. Que cousa feia! Deixe-se disso! Pobre do caboclo!

Meus protestos pouco influíam sobre esse juízo, porque eu continuava em silêncio e ele a gemer. Conhecia muito melhor do que eu os efeitos maravilhosos da propaganda. A observação desse fato ensinou-me que, na vida, nem sempre quem reclama ou se lamenta é que tem razão. A razão, na maioria dos casos, está com quem fica calado por desdém ou dignidade.

O João Pacheco fazia a mesma cousa que o Tomás. No decorrer da minha existência, tenho encontrado a cada passo Tomáses e Joães Pachecos de todas as cores, feitios e sexos.

Eu não via o João Pacheco somente aos domingos. Via-o todos os dias, porque ele freqüentava a escola de minha tia, onde aprendia a ler. Parece-me ainda o estar vendo hoje com as calcinhas muito sungadas, o paletozinho muito curto, de mangas quase nos cotovelos, todo entanguido. Quando passava pela rua, os outros meninos gritavam:

– O defunto era menor!

Respondia com desaforos e pedradas. Uma feita, dois ou três meninos correram atrás dele para sová-lo. Abriu o

arco. Na esquina do quarteirão onde eu morava, ficava o Hotel de França, do Isidoro Brun e do velho Dragaud.[13] O esgoto da cozinha saía para a rua por uma coxia aberta, de maneira que a água suja dos pratos e panelas se empoçava no passeio de tijolos vermelhos, baixo e esburacado.

Haviam posto umas pedras no meio das poças, para se poder atravessar o tremedal sem encliarear os pés. Na carreira em que ia, o João Pacheco pisou de mau jeito numa daquelas alpondras, perdeu o equilíbrio e estatelou-se de borco no charco fétido, espadanando água imunda para todos os lados.

Eu nunca me ri tanto na minha vida! Foi, contido, a derradeira vez que vi o João Pacheco. Alguns dias mais tarde, o primo Floriano veio nos dizer em casa que ele havia fugido. Nunca mais se souberam notícias dele. O caboclo Tomás também sumiu-se imprevistamente. Recordo-me ouvir meu pai comentar a propósito:

– O instinto da fuga está nessa gente na massa do sangue. O índio nunca se habituou com a prisão. Era impossível mantê-lo em cativeiro. Ou morria ou desaparecia. Por isso, os primeiros colonizadores de nosso país recorreram ao escravo negro, trabalhador e dócil, capaz de disciplina e de fidelidade.

O Amazonas, onde a borracha valia ouro, engolia esses caboclos todos, atraindo-os com a miragem das fortunas fáceis e dos ganhos aviltados. O Amazonas era o Moloc devorador de cearenses.

[13] Esquina sudoeste das ruas Major Facundo, onde tem o nº 126, e Castro e Silva. – M.S.A.

O TROTE

Vou para o colégio, de manhã, pela rua General Sampaio. Ao chegar à esquina da praça do Patrocínio,[1] ouço uma algazarra terrível. Enchem o meio da praça as ruínas dum teatro que não acabara de ser construído.[2] Começado pelo presidente Bezerril Fontenele, deixaram-no ao meio por falta de dinheiro. Paredões de tijolo branco cobertos de limo e de festões de melão de São Caetano. A barulheira vem de lá. Alguns meninos correm naquela direção. Também corro.

Chegando ali, encontro todos os meus colegas de ano dando trotes nos novatos, nos bichos. Ah! se soubesse! Agarram-me. O amigo Antônio Pompeu não está presente para defender-me. Viram-me o paletó ao avesso e obrigam-me a andar de gatinhas sobre um muro, miando como um bichano ao luar. Atiram-me pedras e areia. Não adianta resistir. O grupo de veteranos, capitaneado pelo Paulo Martins, menino forte e disposto, é grande. Conformo-me e obedeço de bom humor, o que faz com que em pouco me larguem de mão.

O Jonas quer reagir. Pintam o diabo com ele. O pai do Jonas, se não era, parecia rico, pelo luxo que o filho ostentava. Enquanto a maioria dos meninos, filhos de gente modesta como eu e mais pobres ainda, anda com roupinhas de algodão feitas em casa, ele ostenta ternos de alfaiate e até uma roupa inglesa. A cada passo, fala dos tios do Pará que vivem a viajar pela Europa. Traz merendas ótimas, biscoitos estrangeiros, sanduíches, coxinhas de galinha, que contrastam com as nossas bananas e reles fatias de pão, às mais das vezes sem manteiga. Os sapatos amarelos vêm diretamente de Londres. O chapéu de palhinha, de Paris. Conduz os livros numa maleta de couro presa às costas por duas correias, como mochila de soldado, enquanto nós os levamos em porta-livros comuns ou amarrados com um barbante. E diz, fazendo beicinho:

– É assim que os meninos da Suíça vão para a escola.

---

[1] Já vimos que se trata da atual Praça José de Alencar – M.S.A.

[2] Essas ruínas desapareceram definitivamente quando a praça foi ajardinada pelo Prefeito Guilherme Rocha, no começo do século. – M.S.A.

Nesta manhã, a maleta é a sua desgraça. Enchem-na de pedras, põem-na as suas costas e obrigam-no a dar duas voltas pela praça, chouteando. Do outro lado da praça, ficam o Quartel de Polícia[3] e a Escola Normal.[4] Os soldados riem. As meninas riem. E o pobre Jonas vai trotando como um burro, enquanto o Paulo faz estalar um chicote improvisado com um cordão, gritando como um comboieiro:

– Êta, burra Mimosa! Êta, burra Mimosa!

Desde esse dia, a meninada passa a chamar o Jonas de Burra Mimosa.

Ao entrarmos na aula, o professor nos recebe carrancudo. Diz-nos com sua voz suave um tanto rouca:

– "Meus filhos, presenciei da janela o que estavam fazendo e confesso-lhes que não gostei. Não sou diretamente responsável pelo que vocês possam fazer fora daqui; mas sou indiretamente, por que devo inculcar-lhes princípios de boa moral e sempre se dirá que isto ou aquilo foi feito pelos alunos do "Colégio Parténon". Não desejo que o meu colégio tenha mau nome. Cumpre-me, pois, como vosso pai espiritual, aconselhar-vos e dirigir vossos primeiros passos na vida pública. Não se enganem: a vida pública dum homem começa no seu colégio, primeiro contacto dele com seus iguais sem a fiscalização direta dos pais. Prestem, portanto, a máxima atenção ao que vou dizer-vos.

Não conheço a origem daquilo que os estudantes chamam trote. É uma iniciação e talvez por isso o inveterado costume, em toda a parte, de pregar partidos aos novatos de qualquer espécie. É como que o pagamento dum tributo. Talvez sirva para habituar às rudezas da vida os que saem da paz familiar. A bordo dos navios, com um cerimonial tradicional, batizam os que nunca tenham atravessado o Equa-

---

3 Velho prédio, demolido no meio da década de 1930, sito na esquina sudoeste das ruas Liberato Barroso e General Sampaio. Foi sucedido por outro, que abrigou até o governo do Cel. César Cals Filho, o Departamento de Saúde Pública, quando foi por sua vez demolido para ampliação dos jardins do Teatro José de Alencar. – M.S.A.

4 Quando Diretor da instrução o grande pedagogo Lourenço Filho, foi construído o novo prédio da Escola Normal, na praça Figueira de Meto, onde hoje se acha o Colégio Justiniano de Serpa. O velho prédio da Escola Normal, sito na esquina sudeste das ruas Liberato Barroso e 24 de Maio, passou a abrigar o Grupo Escolar Norte da cidade, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Odontologia sucessivamente. – M.S.A.

dor. Uso, praxe, cousa natural. Daí, porém, não se infere que se permitam abusos, maldades e humilhações. Quando existiu aqui no Ceará uma Escola Militar, os trotes tiveram fama de selvagem brutalidade. Houve rapazes que caíram gravemente doentes. Isso não se justifica.

Pior do que os maus tratos físicos são os maus tratos morais. Ferem mais fundo, porque vão, além do corpo, ferir a nossa alma, que é a sua essência. O homem, criatura de Deus, tem uma dignidade própria que ninguém deve desrespeitar, porque, senão, desrespeitará a sua própria dignidade. O que vocês estavam fazendo com seu colega Jonas diante de tanta gente, passando pela frente dos soldados e das mocinhas da Escola Normal, foi para ele uma grande humilhação. Vocês não tinham o direito de, abusando da força, feri-lo desta maneira. Como sei que o não fizeram de caso pensado, espero que dêem uma satisfação ao seu companheiro, indo um por um abraçá-lo e pedir-lhe desculpas".

Estamos todos de cabeça baixa, sem coragem para um gesto ou uma palavra. O Jonas está vermelho como um camarão cozido. Todavia, eu não posso me eximir de refletir que o nosso mestre diz hoje aquelas palavras tão belas e justas, mas humilhou o Pimenta, que não tem pais ricos nem tios no Pará e é filho duma costureira, na abertura das aulas. Olho para o Pimenta. Está cabisbaixo como os outros, os lábios vincados ironicamente. O meu espírito flutua instantes num mar de dúvidas: teria o professor querido humilhar o Pimenta ou dar-lhe somente uma lição, a fim de que se emendasse e não repetisse mais o ano? Seria verdadeiro o ditado: "Fazes o que te digo e não o que faço?" A diferença de tratamento viria de ser um rico e o outro pobre?

A hesitação dos meninos em ir abraçar o Jonas, de quem não gostam muito, dura segundos. Como ninguém se anima a ser o primeiro, o professor nos incita:

– Vamos! Vamos! Então, mais resoluto e generoso do que os outros o Paulo Martins avança e diz: – Professor, vou abraçar o Jonas e pedir-lhe desculpas em nome de todos.

– Muito bem! declara o professor. Seu procedimento é digno de louvor. Muito bem! Começa a bater palmas. Todos o acompanhamos. Os dois meninos abraçam-se, o Jonas um tanto ou quanto esquerdo e encabulado, o Paulo com efusão e um brilho de lágrimas nos olhos escuros.

O TEMPO DOS PAPANGUS

Chega o Carnaval. O batecum do Zé Pereira estruge por todas as ruas. O povo chama aos três dias de folia – o Tempo dos Papangus. Os Papangus são os mascarados que enchem as ruas principais, embrulhados em lençóis, cobertos de dominós ou disfarçados de todas as maneiras. Alguns já são tradicionais. O Zé Viana, por exemplo. Todos os anos enfia umas calças brancas nas longas pernas, mete-se numa sobrecasaca, põe à cabeça um capacete colonial de cortiça, prega na cara umas suíças louras, agarra um nível de engenheiro e anda pelas calçadas a fingir que está tomando medidas para o encanamento do gás, soltando pilhérias apimentadas.

O que eu gosto no Carnaval é não ir ao colégio e ficar o dia inteiro brincando na calçada do nosso sobrado a ver passar os mascarados. Às vezes, dou um pulo ao Passeio Público e apanho na Avenida Caio Prado[1] um bocado dos *confetti* jogados na batalha da véspera, com o qual faço outras batalhas em casa. Deram-me uma máscara de palhaço que ponho à cara e falo fanhoso, fazendo medo aos meninos menores do que eu.

É uma forma de vingar-me do pavor que me fazem os maracatus do Outeiro[2] ou do morro do Moinho,[3] quando descem para a cidade. São duas filas de negros cobertos de cocares escuros, com saiotes de penas pretas, dançando e cantando soturnamente ao som dos batuques e maracás, uma melopéia de macumba:

Teia, teia de engomá!

---

[1] O Passeio Público possui três alamedas no sentido leste-oeste, chamadas "avenidas": a Caio Prado, no norte; a Carapinima, ao meio; e a Mororó, ao Sul. – M.S.A.

[2] Bairro praticamente desaparecido com a expansão da cidade e que compreendia a zona entre praça Cristo Redentor – e o fim do **boulevard** da Conceição (atual Avenida Dom Manuel), no sentido norte-sul, e Praça do Colégio (atual Figueira de Melo) e a do Asilo (atual Benjamim Constant mais conhecida como de Cristo Rei ou Colégio Militar), no sentido oeste-leste – M.S.A.

[3] Zona de gente pobre situada entre a Estação Central da estrada de ferro e a praia – M.S.A.

Nossa rainha mode coroá! Vira de banda! Torna a revirá!

Corro e vou esconder-me até não ouvir mais o som do ganzá e do batuque do maracatu. São as duas cousas que mais me apavoram: o maracatu e o corredor de entrada do nosso sobrado, à noite. Corredor **lavado**, de casa colonial, isto é, corredor de ponta a ponta, começando na porta da rua e terminando na que dá para o quintal, a fim de permitir a saída dos animais de sela e das cargas ou liteiras. Todas as portas do andar térreo abrem para ele, inclusive a da escada que leva ao primeiro andar. À noite, não acendem ali uma lamparina. Quem vem da rua penetra num antro escuro como breu. Tem de apalpar a parede até dar com a porta da escada.

Eu fico brincando na calçada com os meninos dos vizinhos até sete horas. Então me chamam e tenho de subir para estudar até oito e meia, hora de dormir. A noite já caiu. É para mim uma tortura diária. Ao pôr o pé no limiar da entrada, fecho os olhos para não ver a escuridão do imenso corredor, em cujo fundo devem estar à espreita duendes e mistérios. Fecho os olhos, tremendo. Começo a rezar baixinho o Credo e sigo a toda a pressa, com a mão a tocar a parede até a porta da escada. Subo-a em três arrancos e só respiro ao ver-me na sala de visitas iluminada, com seus grandes espelhos, suas mesas de pés de garra, seu velho piano Gaveau, as cadeiras de balanço de pau preto e a mobília de vinhático dos pés de cachimbo: doze cadeiras, quatro poltronas e um canapé.

Na tarde do domingo de Carnaval, vou sempre ao Clube Cearense, na esquina da rua Major Facundo com a praça dos Mártires,[4] onde fica o Passeio Público. Meu pai é dos mais antigos sócios do Clube e já foi seu presidente. Faz sempre parte da diretoria e freqüenta diariamente a sala de jogo.

Reuno-me ali a outros filhos de sócios, o Mozart e o Renato Barroso, o Heitor e o Edgard Borges, correndo pelos salões, atirando *confetti* das janelas e tomando sorvetes no bar. Uma verdadeira festa.

Toda a gente, no entanto, diz que outrora o Carnaval foi muito mais animado no Ceará. Em nossa casa contam-se

---

[4] Foi, depois, sede do Palace Hotel e hoje abriga a Associação Comercial. – M.S.A.

muitas histórias engraçadas do tempo do entrudo, quando o Ferreira Boticário,[5] reformador da cidade, botava uma tina de água na praça que tem agora seu nome, para nela mergulhar quem quer que passasse por ali, banqueteando-o regiamente depois do banho. Ainda há no nosso sótão umas pequenas máquinas que serviam nos tempos antigos para fabricar e encher as famosas laranjinhas de cera contendo água perfumada, que se atirava nas pessoas.

Eu próprio guardo uma lembrança muito grata dum carnaval, o de 1896, que fora o mais famoso do Ceará, onde, nesse tempo, graças a uma organização de contrabando entre negociantes, despachantes e conferentes da Alfândega, que redundou posteriormente em grande escândalo, o dinheiro andava a rodo. Os dois clubes da alta roda fortalezense, o Cearense e o Iracema, desafiaram-se para ver quem apresentava o melhor préstito carnavalesco. O carro do estandarte do Clube Cearense, chamado o Carro do Sol, por causa dum sol de ouro que brilhava girando na sua cumeada, por trás da cadeira em que ia assentado, vestido de Apolo, o Mário Borges, filho do Dr. Pedro Borges, médico e político de grande importância, tivera uma guarda de honra composta dos filhos de todos os sócios.

Lembro-me que meu pai me levou uma tarde ao bairro de Jacarecanga, à casa da família do Dr. Severino Duarte, onde umas senhoras me experimentaram uma fantasia de cetim vermelho e branco, cores do clube. Passou comigo em outro dia pela casa do seleiro Parrião, que preparava uma sela de cetim branco e umas rédeas cobertas de cetim vermelho. No dia da saída do préstito, seu Cândido, feitor do sítio de meu pai no Benfica,[6] trouxe o Jacobino, todo ajaezado de cetim vermelho e branco. Vestiram-me a tal fantasia, montaram-me e lá fui acompanhando o grande carro, cujo sol de ouro me deslumbrava. Eu tinha sete anos e nunca vira cousa mais linda na minha vida.

O Jacobino é um jumentinho cinzento que meu pai comprou para trazer frutas e lenha do sítio. Às vezes, eu monto

[5] Antônio Rodrigues Ferreira, estabelecido no prédio que hoje, reformado, tem o nº 566 da Rua Major Facundo e onde funcionaria, depois, a Farmácia Galeno e hoje se acha a loja Riachuelo. – M.S.A.

[6] No local foi construído, muito depois, o Colégio Capistrano de Abreu. – M.S.A.

nele, mas é meio bravo e quer morder quando lhe tocam nas orelhas. Como meu pai lhe dá sempre um pedaço de pão ou uma casca de banana, anda atrás dele como um cachorrinho pelo sítio todo e zurra contente, mal o avista' Não gosta muito de mim, porque o ponho a galopar, o que ele detesta. A alcunha lhe foi posta por minha tia Maria, que a tirou dum romance de Alexandre Dumas, *A San Felice*, onde um frade assim chama o asno com que recolhe as esmolas do seu convento. A pilhéria foi repetida literariamente por Jean Lombard, no seu livro *Byzance*, quando deu ao burro dum sacristão de Constantinopla o apelido do imperador Constantino V. Excrementício...

Eu tinha sete anos e, montado no meu jumentinho, perdido no anonimato dos filhos dos sócios que davam guarda de honra ao filho do Dr. Pedro Borges, segui o préstito carnavalesco ruas afora. Quem diria que, anos depois, eu estaria na política e nas letras a par, não dos meninos que iam ali comigo, montados nos seus jumentos, próprios ou de aluguel, mas dos seus pais que eram notáveis e poderosos, quando eu tinha sete anos de idade.

Na terça-feira, à tarde, cai de repente uma grande chuva que põe a correr todos os papangus que foliam pelas ruas. Subo para a sala de nossa casa meio triste e encontro todos alegres. Minha avó tinha ido logo acender uma vela junto à imagem de São José, no oratório. É que o ano começara seco e aquela chuva trazia uma esperança de inverno. Nasci e criei-me dentro da preocupação das secas. Minha família vivia na cidade, mas resultava de incontáveis gerações de agricultores e criadores. Meu bisavô e meu avô tinham sempre estado à testa de engenhos, sítios e fazendas.

Meu tio-avô Antônio Alexandrino da Cunha, que nos visita a miúde, e de quem ainda me lembro como se o estivesse vendo, baixo, magro, com uma longa barba negra, de voz mansa, porém valente como as armas, vivia no sítio Curió, perto de Mecejana, que fora como que o solar de meu bisavô. Meu primo Licínio Nunes, filho de minha tia-avó, Maria, toma conta de dois sítios que haviam pertencido à sua mãe e ao seu avô, sendo então seus, o Sabiaguaba, na barra do rio Pacoti, e a Jurucutuoca, na estrada de Mecejana ao Cascavel, perto da lagoa da Precabura. Minha avó herdara um dos

sítios de meu bisavô, o Muritiapuá, que fora antes de meu tio Francisco e estava arrendado à velha Ana Guimarães. Arrendava à negra Chica e ao negro Gonçalo, antigos escravos de meu tio Antônio, o sítio de meu avô Barroso, o Itambé, que o povo chamava Taimbé e ficava vizinho do Curió.

Eu não alcançara mais o sítio de café da serra da Aratanha, vendido por meu avô ao barão do Aquirás, nem a fazenda de criar, nem outros estabelecimentos feitos pelo gênio inventivo, inquieto e incansável de meu avô paterno. O materno, alemão, quis radicar-se à terra cearense e adquiriu um sítio nos arredores de Fortaleza, no Benfica, onde levantou casa de grandes acomodações. Mais tarde, retirando-se para Blumenau, onde morreu, vendeu-o a meu pai. Tinha as melhores mangueiras e os melhores cajueiros do mundo. Como ficasse em frente dum alagadiço, deram-lhe o nome deste: Baixa-Preta.

Nada mais natural, pois, numa região como o Ceará do que a preocupação dos de minha casa pela chuva. Eu ouço contar com arrepios de horror as misérias e desgraças da terrível seca de 1877- 1879. Meu avô retirara-se com toda a família para Pernambuco e somente regressara passada a tormenta. Nunca eu vira uma seca e, às vezes, como menino, tinha até certa curiosidade em saber como seria.

Em dezembro, todos os anos, minha avó fazia a experiência chamada de Santa Luzia, pondo uma pedra de sal sobre o nome de cada mês escrito num papelão e expondo-o ao sereno da noite. Pela manhã, as pedras de sal que estivessem mais ou menos derretidas indicariam maiores ou menores chuvas no mês sobre que se achassem. No dia 13, data da santa, do ano anterior, a experiência de minha avó fora um desastre: tudo seco. Esperava-se um ano terrível. A chuva de terça-feira gorda como que desmentia os tristes anúncios. Até então não caíra um pingo de água do céu azul e limpo. As notícias do sertão em fogo eram alarmantes. Mas possivelmente tudo ia mudar e ter-se-ia talvez até um bom inverno. Daí a alegria de todos, em contraste com o meu aborrecimento por ter a chuva espalhado todos os papangus.



O Coronel Antonio Felino Barroso, meu pai.
(De uma fotografia de Modesto Ribeiro, Rio de Janeiro, 1880)

MARÇO

A INTRIGA

No recreio de hoje, o Paulo Martins vem conversar comigo sobre o que se passou no dia do trote. Sentamo-nos à sombra duma grande mongubeira, sobre as grossas e nodosas raízes salientes. No meio da palestra, o Paulo pergunta-me:

– O professor disse que já houve Escola Militar no Ceará. É verdade?

– É, respondi. Lembro-me perfeitamente. Você não se lembra?

O Paulo não se recordava. Ele quase não guardava reminiscências da primeira meninice. Eu não a tinha toda na lembrança, porém conservava nitidamente quadros, cenas, episódios isolados. Aliás, é toda assim fragmentária a nossa memória da vida. Ninguém é capaz de desenrolar de ponta a ponta o filme de sua existência. Rememora trechos com maior ou menor intensidade.

A mais longínqua recordação que tenho dos meus primeiros dias de vida é a cara marcada de bexigas da minha ama-de-leite, Laurinda, depois mudada em ama-seca. A recordação imediata, a dum choro intenso por não querer mais vestir um vestidinho de babados e rendas, exigindo calcinhas, que me foram solenemente prometidas, se consentisse em enfiar mais uma vez a roupinha de menina que sentia me desonrar. Recordo-me em seguida duma passeata com luminárias, *marche aux fiambeaux*, a qual me deixou profunda impressão. Fora justamente a Escola Militar que a fizera para comemorar a posse do marechal Floriano Peixoto na presidência da República. Parece-me ainda estar vendo o longo préstito de cadetes com suas gandolas de brim pardo enfeitadas de azul, desfilando pela rua das Flores,[1] aos vivas, cada qual com um balão veneziano ou uma lanterna chinesa à ponta duma varinha.

[1] Atual Rua Castro e Silva. – M.S.A.

Eu era tão pequenino que ia ao colo de uma de minhas tias. Quando a passeata se dissolveu à entrada do edifício da Escola, junto ao Passeio Público,[2] um dos cadetes, nosso amigo ou parente, atravessou a rua, veio falar com minha tia e me deu a varinha com o balãozinho de papel.

– Ainda tenho esse balãozinho, digo ao Paulo, quando uma castanhola madura veio bater-lhe na face, manchando-a de roxo e respingando com o seu sumo fortemente colorido a ombreira do casaco.

Desde que nos sentamos ali, alguém nos vinha atirando castanholas, escondido por trás dum tronco ou dos grupos de meninos em recreio. Várias tinham caído perto de nós e uma me acertara no sapato. Agora, aquela pega em cheio na cara do Paulo, que se levanta furioso e grita:

– Quem foi o covarde? A meninada volta-se sem saber do que se trata. Alguns nem prestam atenção ao incidente. O Paulo repete:

– Quem foi o covarde? A pouco passos de distância, olha-nos com sua cara de fuinha um dos alunos mais bem procedidos e estudiosos da aula, o Samuel Cardoso, filho dum sujeito esquisito, que tem loja de ourives e relojoeiro na rua da Assembléia, por baixo do sobradão do velho Justa.[3] Cabelo arruivado, orelhas cabanas, lábios úmidos, e grossos, nariz apapagaiado e olhos muito unidos, parece mais guaxinim do que gente. Mas, que aplicação, que assiduidade e que obediência servil ao mestre! Todos têm certeza de que tirará todos os prêmios do ano.

– Foi você? interpela o Paulo.

– Eu? Eu, não! eu seria capaz de fazer isso?... Deve ter sido o Jonas...

E pisca os olhinhos de rato.

– Quem? O Jonas?

– Ora, quem havia de ser?...

O Paulo dirige-se ao Jonas, que nos dá as costas. Vai com firme intenção de bater-lhe, pois não pode tolerar que se

---

[2] Esquina nordeste das ruas João Moreira e Floriano Peixoto, junto à Fortaleza de N. S. da Assunção. – M.S.A.

[3] O sobradão do velho Justa situava-se na esquina sudoeste das ruas Guilherme Rocha (então Municipal) e Barão do Rio Branco (então Formosa) e não na Rua da Assembléia (atual São Paulo). – M.S.A.

atreva a tirar tão mesquinha vingança depois que lhe pediu publicamente desculpas do trote. Range os dentes:

– Ah! Burra Mimosa, vou quebrar-te a cara!

O Samuel Cardoso esfrega as mãos. Nisto, o Antônio Pompeu salta dum galho de castanholeira, onde se empoleirara e brada:

– Paulo!

O Paulo pára.

– Paulo, não foi o Jonas quem atirou a castanhola. Fui eu. Queria mexer com o Barroso. A pontaria infelizmente foi má. Perdoas-me?

Ria francamente. A lealdade brilhava-lhe nos olhos. Estendia a mão generosa. O Paulo apertou-a.

Bate a sineta da aula. Correm todos para as suas carteiras. O professor manda o César Simões ler um trecho da "Seleta" para análise gramatical. A leitura começa pelo titulo, que copiamos: "A Intriga e os Intrigantes".

Eu, o Paulo e o Antônio Pompeu nos procuramos com os olhos. O Samuel copia o que o César lê sem se preocupar com outra cousa.

O SAMEDI

Estamos na quaresma. Isso não traz a menor modificação ao regime de nossa casa, onde a religião não preocupa muito os espíritos. Embora admire a Igreja e seja amigo pessoal de muitos padres, meu pai é livre-pensador e acha que quem afirma a existência de Deus cai no mesmo erro de quem a nega. Minha tia Ana, que chamamos Iaiá, segue-lhe os passos e cita continuamente os "Conflitos da Ciência com a Religião" de Draper. Minha tia Isabel uma vez por outra vai à missa. Minha tia Maria, cujo apelido caseiro é Nenen, reza uma vez por outra e, antes de ir à casa dos primos Floriano e Benvinda, onde passa os domingos, entra na Matriz[1] ou na Igreja da Conceição[2] e ouve missa. Minha avó é a única que conserva uma fé robusta e simples, a fé dos antigos tempos. Ora de manhã e à noite. Diz o seu terço ao toque de Trindades, quando o lento badalar do velho sino da Sé ecoa no espaço, tão melancólico como o próprio crepúsculo.

Não tenho formação religiosa. Fui batizado na Igreja do Patrocínio pelo meu primo Padre Vicente Salazar da Cunha como se é em geral batizado num país de catolicismo superficial como o Brasil, por ser, porque toda a gente é. Não freqüento a Igreja. Não tenho obrigação de ir a missa. Vou às vezes por curiosidade, outras para acompanhar minha tia Nenen. Nunca fiz a primeira comunhão. O meu colégio é um colégio absolutamente leigo, ao gosto do século XIX. Não tem ensino religioso e nem se fala nisso. Os meninos caçoam a valer dos alunos do colégio do Padre Barbosa de Jesus, que fica próximo, à rua General Sampaio, quase ao chegar a praça do Patrocínio, porque vão formados à missa, todos vestidos de branco, com fitas azuis e medalhas religiosas ao pescoço. Dão-lhes o nome de Papa-missas.

Por causa disso, os dois colégios se detestam. Os meninos de um não podem ver os do outro. Brigam. Na sexta-feira

---

[1] Assim chamada antes da criação da diocese do Ceará, quando passou a ser a velha Sé, derribada em 1938 para a construção da Catedral. – M.S.A.

[2] Anexa ao Seminário da Prainha. – M.S.A.

de Passos, ao chegarmos à aula, o professor Lino manda-nos embora. A pedido de diversas famílias, resolvera feriar aquele dia, porque à tarde haveria procissão e sermão do encontro no largo do Rosário,[3] quando se defrontassem os andores de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, finda a Via Sacra. Muitas mães queriam preparar seus filhos para essa bela cerimônia religiosa. A medida era justa, sobretudo em relação aos alunos menores do 1º e 2º anos. Os maiores, do 3º?, já eram muito levados da breca para essas festividades.

Ao invés de ir para casa, quase todo o 3º ano se aglomera num terreno baldio da sociedade Fênix Caixeiral,[4] à espera da saída do pessoal do colégio do Padre Barbosa de Jesus, que, constava, também seria dispensado das aulas.

Mal aparecem os primeiros grupos de meninos, estruge uma vaia. Assobios esfuziantes. Gritos. Injúrias. Os outros reagem logo a pedrada. Trava-se verdadeira batalha, servindo de projéteis tudo o que se encontrava à mão nos monturos empilhados no terreno baldio: cacos de telha, pedaços de tijolo, seixos, fragmentos de louça, velhas cousas abandonadas. Alguns desses projéteis quebram as vidraças da residência do velho Belarmino Acioly, cujas filhas se põem a gritar por socorro. O vendeiro da esquina começa a apitar. Um charivari de todos os diabos! Avistam-se dois soldados de Polícia, que vêm correndo do lado do Quartel. A meninada, gregos e troianos, debanda como um revôo de pássaros.

Sou o único que não pode fugir. Na última fase do combate um dos Papa-missa atirara como um disco velha tampa esbeiçada de escarradeira, a qual, rodopiando no ar, vem bater-me sobre a arcada superciliar esquerda. O ferro esmaltado corta-me a carne até o osso. O sangue corre, cobrindo-me o olho, dando a impressão de que foi vazado. Nada enxergo e caminho às tontas. Ouço uma voz de mulher dizer:

– Furaram o olho do pobrezinho!

---

3 Praça General Tibúrcio, oficialmente, ou Largo dos Leões, como o povo prefere dizer. – M.S.A.

4 Canto noroeste das ruas Guilherme Rocha e General Sampaio. Nele se constituía a primeira sede da Fênix Caixeiral, onde funcionou, na década de 1940, como suplente de Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho em Fortaleza. Foi depois derrubado para no local levantar-se um alto edifício da Previdência Social. – M.S.A.

A família do velho Belarmino recolhe-me e trata-me. Uma das filhas lava o ferimento com água de sal; põem-lhe arnica e dão-m'a também a beber. E tudo se faz no meio de exclamações:

– Deus nos acuda! Virgem Maria!

– Minha Nossa Senhora!

– Que é que o coronel Felintro vai dizer?!

Meu pai chama-se Antônio Filino Barroso, mas todo o Ceará lhe assassina o nome. Em geral, dizem Filinto. Alguns, com pruridos eruditos, escrevem Phylino. Para aquela boa gente era Felintro!

O coronel não disse nada. Tudo passou como conseqüência dum escorregão numa casca de banana e duma queda.

No dia seguinte, sábado, a turma fica toda presa no colégio, copiando capítulos e mais capítulos da Seleta. O professor Lino vai pessoalmente dar satisfação ao Padre Barbosa de Jesus, homem de gênio irascível e que escreve nos jornais. Trocam-se avenças de paz entre os dois diretores e combinam medidas tendentes a não permitir mais uma vergonha daquelas em plena via pública, como consideram o combate. Sabemos de tudo isso pelo sermão que nos prega o professor e que nos surpreende e decepciona. Pensávamos ter conquistado louros, defendendo o nosso colégio e derrotando o contrário.

Na outra semana, Semana Santa, tudo já está esquecido. O derradeiro vestígio do combate é um ponto rubro no meio dos cabelos pretos da minha sobrancelha. Por causa dele, recebo a alcunha de Mucuim. Os meninos acham que a marca se parece com esse pequeno inseto. O ponto rubro apaga-se em pouco tempo. O apelido desaparece com ele. No entanto, a cicatriz do profundo corte permanece até hoje.

Aliás, esta é a segunda vez que escapo de perder esse mesmo olho esquerdo. Na primeira, devia ter de sete para oito anos. Meu pai encontrara no caminho do sítio do Benfica, ao anoitecer, perdido e piando, um pintainho amarelo. Trouxe-o para casa, onde minhas tias e primas o criaram com todo o mimo. Como fora achado num sábado, lembrando-se do famoso Sexta-Feira de Robinson Crusoé, deram-lhe o nome de Samedi. Cresceu ao colo das meninas e se tornou um galo grande, vermelho e ouro, de longos esporões.

Ora, num dia em que eu estava abaixado no meio do quintal amarrando um cordão na perna duma galinha, o diabo do galo atirou-se furiosamente às minhas costas e vibrou-me uma bicada por cima da cabeça, que me acertou em cheio entre a sobrancelha e a pálpebra. Levantei-me aos gritos, lavado em sangue. Um reboliço infernal em casa! Meu pai, de Flobert em punho, querendo matar o galo; minhas primas a gritar: Não faça isso com o bichinho, pelo amor de Deus! Minhas tias corriam ora para mim, ora para salvar o galo, numa dobadoura. Somente minha avó conservou a calma e tratou o fermento, verificando ser cousa sem importância. Todavia, mais meio centímetro abaixo e me teria vazado o olho!

O Samedi morreu alguns meses depois, de morte natural. Nesse tempo, nossa casa era freqüentada por alguns cadetes da Escola Militar, que arrastavam a asa às minhas primas, levavam-me a passeios e davam-me presentinhos: o Pedro Dantas, o Quintino Cunha, o Guilherme Bezerril. O galo foi muito chorado, mas, na noite do dia em que faleceu, os cadetes apareceram e o bicho foi momentaneamente esquecido. Minha tia Isabel pôs-se a tocar no velho Gaveau a valsa "Sobre as ondas". Os rapazes começaram a dançar com as moças. Nisto, minha tia Nenen, às vezes um tanto levada e irônica, exclama:

– Que falta de coração; vocês dançando e rindo aqui em cima com o pobre Samedi morto lá em baixo, na lata do fixo!

As meninas desataram em pranto. Acabou-se a festa. Os cadetes foram-se, amaldiçoando o galo.

O FARRICOCO

Da conversa entre o professor Lino e o Padre Barbosa de Jesus resulta que o colégio "Parténon Cearense" dá uma demonstração pública de religiosidade. Vamos com nossas melhores roupas assistir na Matriz[1] ao ofício de Trevas. Alinham-nos nas cadeiras das tribunas, um pouco abaixo do coro, onde se ergue um órgão de imensos canudos de metal, imobilizado pela velhice. Má idéia a de trazer à igreja em dia tão solene meninos sem o menor preparo religioso como a maioria dos do 3º ano.

A velha catedral resplandece cheia de círios acesos. Um padre todo paramentado no altar-mor. Dois outros nos púlpitos que se debruçam sobre a nave apinhada de gente. Cantam alternadamente em latim. Nada sabíamos da significação daquela liturgia. Ninguém se dera ao trabalho de nos explicar que rememorava o iníquo julgamento de Nosso Senhor, falando ao mesmo tempo ao nosso juizo e ao nosso coração. Vimos os padres e ouvimos o seu latinório sem compreendermos cousa alguma e sem sentirmos cousa alguma. Pior do que como jumentos na presença de Deus, segundo a linguagem do velho salmo de David.

O padre do altar, representando o Cristo, é o então cônego Liberato, sacerdote virtuoso e criatura boníssima, educador respeitável, mas cuja voz é fina, fanhosa e estridente, de **gasguita**, como diz o povo. Fazem de Pilatos e Caifaz os Padres João Paulo e Urbano Monte. O primeiro, alto e magro. O segundo, baixo e gordo. Ambos com vozes cavernosas e retumbantes de baixos profundos. Quando acabam de cantar e o trovão de suas notas reboa sob as arcadas da velha Sé, o Padre Liberato responde-lhes com aquela voz de taboca rachada que fere os ouvidos! O contraste é tão chocante e, ao mesmo tempo, tão engraçado que a meninada não resiste, dispara a rir como maluca.

– Psiu! Psiu! Psiu! esfalfa-se o professor Lino, entanguido numa antiga sobrecasaca preta. E todas as pessoas que en-

[1] Era assim que ainda chamavam a velha e derribada Sé. - M.S.A.

chem a igreja voltam-se para as tribunas com olhares de franca reprovação.

Mas não há remédio, não há força que contenha os meninos. Todas as vezes em que a voz fina responde às duas vozes grossas, a gargalhada esfuzia. O Professor Lino somente vê uma salvação na retirada. Manda-nos sair e, ao pé do grande cruzeiro do adro, nos debanda.

Nem todos vão para suas casas. O Pimenta, o repetidor de ano, convida-nos a um banho no açude do Padre Pedro. Temos alguns níqueis e tomamos o bonde para lá, na praça do Ferreira, cheios de curiosidade. Somos um bando: Paulo Martins, Antônio Pompeu, Chico Vieira, Sedrim, Belarmino e eu. O açude se estende por trás da casa onde morou, quando vivia, o Padre Pedro, na praça de São Sebastião, quase ao chegar ao Curral do Açougue,[2] esquina da chamada Estrada do Gado,[3] por onde este vem da feira de Porangaba[4] ao Matadouro.[5]

A mãe do Pimenta está tomando conta da casa, cujos donos se acham em viagem. Transpomos a cancela e nos espalhamos pelo sítio a devorar goiabas e pitangas. Atiramo-nos depois alegremente à água límpida do açude, espelho de prata que refulge à luz do sol matutino na sua verde moldura de frondosos cajueiros.

A meninada do meu tempo é louca por água. Todos nadamos e mergulhamos como piabas. Nunca ouvimos falar em clubes esportivos. Esporte é nesse tempo cousa que nem se sabe o que é. É praticado assim, dentro da vida comum e dentro da natureza. No tempo do inverno, temos ótimas piscinas em volta da cidade: a lagoa do Tauape,[6] no Benfica; os açudes do João Lopes, entre a Jacarecanga e o Alagadiço, e o do Padre Pedro, ali ao lado do Matadouro.[7] Por ser o mais

---

[2] Local em que se acha, hoje, a igreja de N.S. das Dores, no bairro de Farias Brito, ou Otávio Bonfim, como o povo o chama em conseqüência da estação ferroviária que tem esse nome ali situar-se. – M.S.A.

[3] Atual Rua Juvenal Galeno. – M.S.A.

[4] Voltou a denominar-se Parangaba, a partir da reforma administrativa de 1943. A poética adulteração de José de Alencar foi corrigida por Tomás Pompeu Sobrinho, Presidente da Comissão encarregada da referida reforma. Escrevi sobre o assunto na Revista do Instituto do Ceará, tomo de 1951. – M.S.A.

[5] O Matadouro, obviamente, situava-se ao lado do curral do Açougue. – M.S.A.

[6] Hoje, infelizmente, aterrada. – M.S.A.

[7] Também aterrado, pela ganância imobiliária. – M.S.A.

próximo, este é o preferido desde o dia em que o Pimenta no-lo revelou.

Em troca da revelação, como é natural, o Pimenta passa a freqüentar nosso grupo. Fala e brinca. Não é tão burro como se pensa. A nova convivência traz-lhe uma certa felicidade. Todos os dias, no recreio, um de nós lhe explica as lições. Suas notas melhoram com grande espanto do professor. Sua mãe, grata a esse auxílio, nos dá bolos de carimã e pedaços de beiju ou tapioca, quando, nas nossas folgas e fugidas, vamos ao delicioso banho de açude.

A praça de São Sebastião, para onde dá a casa do Padre Pedro é um areal vasto e desolado.[8] A espaços, uma mancha esverdinhada e rala de matapasto ou salsa, um pé de pinhão bravo acinzentado, um cajueiro raquítico e bracejante. No meio, desaprumado diante duns restos de paredes, um grande cruzeiro de madeira enfiado num esbeiçado pedestal de alvenaria. É tudo o que resta da antiga igrejinha de São Sebastião.[9] Após a morte do Padre Pedro, que por ela zelava, foi caindo aos pedaços pelo abandono em que a deixaram. Violaram-na uma noite os ladrões e roubaram o que podia ter algum valor lá dentro. O povo foi lentamente carregando as portas, as telhas, os caibros e os tijolos. À esquina do Curral do Açougue, há uma venda de sotéia, que corre ter sido construída inteiramente com o material da arruinada igrejinha e exibe em letras rubras na fachada este pomposo título, que revela um momento de entusiasmo p olítico local: "Viva o resplendor do Partido Liberal!"

Ano a ano, o cruzeiro pende cada vez mais, tristemente, olhando o areal onde o abandonaram e que vai ser o seu túmulo. O seu derradeiro vestígio já de há muito desapareceu e hoje pouca gente em Fortaleza se lembra de sua existência. Não o esqueço, porque as paisagens de minha terra natal profundamente se gravaram no meu coração. Para sempre!

---

[8] Já não é assim, depois que para lá levaram a metade do mercado da carne da Praça Carolina, depois transferida para o atual bairro de Aerolândia, caminho de Messejana. A outra metade se acha no início da Aldeota e passou a ser conhecida como Mercado dos Pinhões. – M.S.A.

[9] Tudo isto cedeu lugar a uma praça que, se não apresenta melhor aspecto, deve-se isto à proximidade do mercado e da feira que se forma naturalmente ao seu redor. – M.S.A.

Quinta-Feira Santa há aula. No meu tempo de colégio não se usavam todos os pretextos de hoje para não se estudar, dias imprensados, semana inglesa e o mais. Até cinco horas da tarde copiamos capítulos e mais capítulos da Seleta, tudo por causa das risadas na igreja.

Estamos todos ansiosos que passe bem depressa a Sexta-Feira da Paixão. É o dia mais triste da cidade. Toda ela se fecha, põe luto e emudece. O silêncio das ruas vazias espanta. Não se tem onde comprar um maço de cigarros ou tomar um café. À noite, sai a soturna Procissão do Enterro. É a única vez no ano em que minha pobre avó põe os pés fora de casa. Vai devagarinho, tropegamente arrastando os pés muito inchados, apalpando as paredes, quase cega, até a esquina da rua das Flores.[10] Acompanho-a, carregando uma cadeira, em que ela se senta, esperando a procissão e correndo os dedos pelas contas do rosário. Ao passar o esquife do Senhor Morto, ajoelha-se com grande sacrifício. Parece-me vê-la ainda nessa postura, a pobre e santa velhinha que se extinguiu como se apaga uma lâmpada por falta de óleo, quase centenária, de cabeça curvada humildemente, enrolada no seu chale de Tonquim contemporâneo do apogeu imperial.

Nossa casa na rua Major Facundo fica entre as ruas ou travessas Senador Alencar e das Flores. A Senador Alencar leva do Mercado de Frutas e Verduras ao Trilho de Ferro,[11] isto é, a linha da Estrada de Ferro de Baturité, na rua da Lagoinha. A das Flores corre do adro da Matriz ao portão do cemitério de São João Batista. É a rua dos enterros e procissões.

Como que ainda estou vendo os enterros. Todos a pé. Muito solenes. Na minha meninice, os mortos não usavam automóvel para a derradeira viagem. Nem se sabia o que era automóvel. Os vivos parece que não tinham pressa em se verem livres dos mortos, nem estes pressa em se verem livres dos vivos. À frente dos enterros, uma cruz alçada, de saiote preto, o padre paramentado e dois coroinhas. O caixão levado a mão pelos parentes e amigos ou por quatro gatos-pingados de andar ritmado e lento, de sobrecasacas negras e

[10] Atual Rua Castro e Silva. – M.S.A.

[11] Deslocados os trilhos da ferrovia para início da atual Avenida José Bastos, essa artéria da cidade passou a ser a Avenida Tristão Gonçalves. – M.S.A.

cartolas de oleado. No acompanhamento, somente homens, todos de luto, silenciosos e compungidos. Fechando a marcha, se o defunto era pessoa importante pela sua posição ou riqueza, uma banda militar tocando o que se chama **funeral.**

Lembro-me vagamente de ter visto, quando muito pequenino, um dos últimos enterros à noite, à luz de tochas e de archotes, costume antigo e lúgubre. Se não vi, ouvi descrevê-los tantas vezes em casa que a descrição se mistura lá nos recessos do meu cérebro às cousas reais e acaba feita realidade pelo contato.

As procissões, em geral, se limitavam a duas por ano: a de Passos e a do Enterro ou do Senhor Morto. Organizavam-se ambas na Sé sob a direção do meu primo Licinio Nunes, administrador da Confraria de São José. A primeira, realizava-se à tarde; a segunda, à noite.

A de Passos desenrola-se pela rua das Flores até a esquina da rua Formosa, crismada posteriormente em Barão do Rio Branco, que sobe, indo sair na praça do Ferreira, coração da cidade, pela rua Municipal.[12] Daí passa para a praça General Tibúrcio, antigo largo do Rosário, em frente à igreja desse nome e ao Palácio do Governo.[13] Nesse trajeto, em várias casas, armam-se os chamados Passos, estações da Via Sacra, com a representação duma das cenas do Caminho do Calvário, onde a procissão pára e se dizem as preces.

As ruas cobrem-se de palmas, de ramos e de flores. Das sacadas dos sobrados pendem velhos tapizes bordados a ouro ou antigas colchas de damasco que se desencafuam das arcas e dos armários. Em nossa casa há duas que somente aparecem nessas solenidades.

Rompe a marcha um grupo de figurantes cobertos de opas roxas que carregam enorme vexilo de seda violeta com as iniciais S.P.Q.R. em ouro, – **Senatus Populus Quae Romanus**, o Senado e o Povo Romano. Os meninos do colégio traduzem-nas picarescamente: Salvador Papudo Quer Rapadura. Por isso, o poviléu chama aquele estandarte que relembra o poder de Roma nas mãos de Pilatos o Salvador

---

12 Atualmente Rua Guilherme Rocha. – M.S.A.

13 Depois crismado de Palácio da Luz, sede do Governo Estadual até a década de 1960, quando este se passou para o Palácio da Abolição, na Aldeota. – M.S.A.

Papudo. Seguem-se-lhes os anjinhos, meninos e meninas de cabelos cacheados e louros, com túnicas azuis, rosas ou brancas, um par de asas às costas, uma coroa de açucenas à cabeça, empunhando a palma dos martírios, a espada dos combates, o cálice das amarguras e a trombeta dos anúncios. Os pais levam os pobres anjinhos pela mão. Sente-se que seus pés calçados de sapatinhos de cetim branco doem nas pontudas pedras do calçamento antigo.

Após os anjos, os Formigões, o Seminário, dois renques de roquetes de cambraia e rendas, salmodiando em latim. Continuando-os, em filas paralelas, todas as irmandades de cruzes alçadas, lanternas de prata, círios acesos, opas coloridas: as da Santa Casa, de seda preta achalamotada; as do Santíssimo Sacramento, vermelhas; as de Nossa Senhora do Rosário, brancas filetadas de azul; as das Almas, verdes; as de Nossa Senhora das Dores, roxas de golas brancas; as do Carmo, brancas de golas roxas. Nelas se percebem as diferenças sociais. A gente graúda forma na da Santa Casa; a gente branca, nas do Santíssimo e do Carmo; os pardos, na das Almas e de Nossa Senhora das Dores; os negros, na do Rosário. Nada impõe essa seleção, nem regulamentos, nem mesmo os hábitos. Ela é que se impõe por si própria, como no Passeio Público, quando há retreta, o pessoal fino vai para a Avenida (alameda) Caio Prado e o pessoal miúdo fica na Mororó, respeitando religiosamente uma demarcação simplesmente ideal.

Ao fim das irmandades, o andor florido com a dolorosa imagem de Jesus Cristo carregando às costas o pesado Lenho. Padres em derredor. Turíbulos fumegentes que se agitam. Sob o pálio, o bispo D. Joaquim, um santo velhinho, e o Governador do Estado, cujos ajudantes de ordens entrançados de atamares pegam nas varas polidas. A banda de música do batalhão de Polícia em grande uniforme. A beataria rezando. O povo comprimido. No meio do povo, os batedores de carteiras e relógios, a garotada pintando o sete.

Quando a Procissão de Passos deixa a Sé, outra procissão menor sai da igreja do Rosário, levando entre fileiras de órfãs do Colégio das Irmãs de Caridade[14] e de Filhas de Ma-

[14] Colégio Imaculada Conceição. – M.S.A.

ria, um andor leve e coberto de lírios, em que se alteia a imagem de Nossa Senhora com seu pobre coração materno transpassado de espadas. Vai até a praça dos Voluntários e volta, vindo encontrar-se com a outra, a grande, defronte da igreja. Então, as duas procissões se detêm e os andores descansam em altos forcados de madeira e ferro. A Mãe Dolorosa está frente à frente ao Filho Inocente que carrega os pecados do Mundo. Subindo a um púlpito de madeira, com a balaustrada forrada de rendas, Monsenhor Bruno Figueiredo, o Cônego Liberato Dionisio da Costa ou o Padre Valdevino, Nogueira pregam o Sermão do Encontro. O mulheril reza e chora. Quando o sol se põe e o primeiro véu da noite se estende sobre a cidade, a cerimônia está finda.

Na sexta-feira seguinte à de Passos, Sexta-Feira da Paixão, ao anoitecer, a Procissão do Enterro sai da Matriz também pela rua das Flores e entra na rua Formosa, mas do lado direito, dirigindo-se à capela da Santa Casa da Misericórdia, junto ao Passeio Público. À frente, uma alta cruz de madeira preta, muito singela, de que pende um sudário. Fileiras de seminaristas e irmãos de opa. O esquife onde jaz o Senhor Morto carregado pelos irmãos da Santa Casa envoltos nos seus gorgurões pretos. Círios estrelejando a noite. O pálio. O Bispo. O Governador. Os ajudantes de ordens e seus alamares. A música tocando uma marcha fúnebre. As beatas. O povaréu.

Fico encostado à minha avó, que reza de joelhos. Bem encostadinho. Bem agarradinho. Entre a grande cruz negra que se perde na noite e os primeiros seminaristas, caminha um ente sinistro, que não sei bem se me apavora ou se somente acicateia a minha sensibilidade e a minha curiosidade. Parece-me na semi-obscuridade em que dançam as chamas dos círios mais alta do que deve realmente ser. Cobre-o todo um balandrau de pano escuro. Traz a cabeça escondida num capuz ou cagoulo afunilado, com dois buracos onde alumiam seus olhos. É o derradeiro vestígio dos antigos penitentes e flagelantes. Sei-o eu hoje. Não sei o que é, quando criança. De espaço a espaço, agita uma matraca crepitante, cujo som não me sai dos ouvidos.

É o Farricoco, dizem-me quando peço uma explicação do mistério. E esse nome nada me explica.

Observo que é como que o guia da procissão. Se pára, ela pára. Se agita a matraca, ela torna a caminhar. Se os meninos pudessem dizer o que pensam e o que sentem em certas ocasiões, a gente grande com certeza não os compreenderia. É por isso que Deus fez com que eles não se possam exprimir de acordo com o que lhes vai nalma e que os grandes nem se preocupem com isso. As almas infantis desabrocham ao seu lado e eles não sentem ao menos o seu perfume.

Se fosse possível ressuscitar o passado, gostaria de reviver a passagem da Procissão do Enterro pela rua das Flores, gostaria de rever o misterioso Farricoco tocando a sua matraca, cujo crepitar dominava o cicio das preces e o rumor dos passos.



D. Isabel Alexandrina da Cunha Barroso, minha avó paterna.
(De uma fotografia de Mena da Costa, Recife, 1878)

O JUDAS DO TEODURETO

Mal amanhece o sábado de Aleluia, estou na rua para ver os Judas dependurados ao sol. De todos os feitios e de todos os tamanhos. Judas ricos e Judas pobres, Judas de luxo e Judas da miséria. uns são de tamanho natural, vestidos com antigos fraques e rabonas, coifados de cartolas leprentas, enluvados de branco e até com uma flor ao peito, pendurados das forcas no meio dos seus **sítios,** pequeno espaço plantado de catolezeiros e bananeiras. Outros balançam dos postes da iluminação ou do telégrafo. Muitos caem das escadas à ponta dum arame. Junto às palhoças e mocambos dos arredores, alguns não passam de simples bonecos de pano do tamanho dum palmo. Mas não há casa que não possua o seu Judas. Quase mil e novecentos anos ainda não bastaram para apagar a memória da maior das infâmias.

A molecada corre pela praça do Ferreira, apregoando:

– O testamento do Judas do Outeiro[1] a cem réis!

– O testamento do Judas do Benfica a duzentos réis!

– O testamento do Iscariotes de Porangaba![2]

Toda a gente compra os papeluchos com uma versalhada impressa, em que, depois de lamentar-se de sua sorte, o Judas faz legados a todas as pessoas importantes da cidade, com alusões mordazes, satíricas ou simplesmente irônicas. Há cousas engraçadíssimas. Até *A República*, o sisudo órgão oficial do Estado e do único partido nele existente, que é o do Poder, publica todos os sábados de aleluia um soneto-cromo do poeta X. de Castro, que eu já sei de cor, mas sempre releio com prazer, no qual ele pinta a cena da queima e malhação

---

[1] Bairro que, como já ficou esclarecido, situava-se entre as praças do Colégio da Imaculada Conceição e do Colégio Militar e entre a Praça Cristo Redentor e a futura Avenida Heráclito Graça – M.S.A.

[2] A designação correta, de origem tupi, é Parangaba (ajuntamento de lagoas) e não Porangaba (beleza) como preferiu José de Alencar. Por isso foi feita a restauração na reforma administrativa de 1943, cuja Comissão encarregada deste trabalho tinha como presidente o Dr. Tomas Pompeu Sobrinho, enquanto eu a secretariava. M.S.A.

do Judas. No fim, quando os meninos se encarniçam sobre o calunga de pano, uma mocinha da casa intervém aos gritos:

"Essa casaca do Judas
Papai diz que ainda precisa!"

Na noite de sexta-feira santa para sábado de aleluia, sempre há o diabo pelas Areias, parte ainda não calçada da cidade, área extensíssima, onde começam a se alinhar novas ruas. Na Cachorra Magra,[3] em Pelotas,[4] na rua da Cruz,[5] muita gente faz da queima do Judas pretexto de festas, de comezainas e de bebedeiras. Outros aproveitam a ocasião para seus bons negócios. O bodegueiro Teodureto, do Calçamento da Mecejana,[6] por exemplo. Fazem um Judas de luxo, todo pimpão, com sítio e júri para julgá-lo, foguetes e música. Tudo isso atrai muita gente e a venda de fumo e cachaça, sobretudo, decuplica. Os rivais, a fim de evitar isso, procuram furtar o Judas durante a noite; porém todo Judas célebre tem sentinela. Se esta não pegou no sono ou se os cães latem, o alarme desperta os **cabras** da guarda ao Judas e, no caso de finca-pé dos raptores, o pau come, segundo eles dizem. É cacete e faca à vontade. Sai gente em redes ensangüentadas para a Santa Casa e para o que o povo denomina – a Cidade dos Pés Juntos.

O bodegueiro Teodureto era um tipo original. Quadrado. Absolutamente quadrado. Não na inteligência. Sim no corpo. A largura de seus ombros era igual à sua altura. Um Hércules. Um Milo de Crótona. Em toda a Fortaleza era o único homem que o Bicho do Muque respeitava. Esse Bicho do Muque, o Maciste do Ceará, fora aluno da Escola Militar e acabara sendo capitão da Polícia. Chamava-se, se me não falha a memória, Eduardo Medeiros.

Com toda aquela massa muscular, o Teodureto era um espírito ágil e irônico, com uma resposta sempre pronta, sem-

[3] Zona que ficava nas proximidade do Benfica e que tinha por espinha dorsal a atual Rua Marechal Deodoro. M.S.A.

[4] Atual praça Clóvis Beviláqua e que então compreendia dois quarteirões quadrados, sem o prédio da Faculdade de Direito e as caixas-d'água. M.S.A.

[5] Atual Rua Barão de Aratanha. M.S.A.

[6] Atual Avenida Visconde do Rio Branco. M.S.A.

pre engatilhada e um sorriso sempre desabrochando por entre o sarçal duma bigodeira que mais parecia uma escova. Naquele tempo, manteiga era cousa rara, vinha, em latas, da Dinamarca, marca Três Vacas, ou da França, marcas Lepelletier, Bretei Fréres e Demagny, latas amarelas, verdes, pretas e vermelhas. Pura margarina refinada. Em barriletes, as vendas exibiam uma manteiga grossa, salgadíssima, amarela escura, que se vendia a retalho, margarina mal purificada, que se chamava manteiga inglesa. A de lata era cara, só a gente rica a comia à farta. A de barril era a manteiga dos pobres. Os ricos somente a usavam para fins culinários. Na minha casa, às vezes entrava da palmeira; outras vezes, quando o orçamento não o permitia, comia-se o pão sem manteiga ou coberto de coco ralado.

Uma feita, um menino da casa do desembargador Praxedes, que era tido como muito agarrado ao dinheiro, entra na bodega do Teodureto e pede, apressado:

– Dois tostões de manteiga inglesa.

O Teodureto serve-o com esta resposta e pergunta ao mesmo tempo: – Tem visita lá?

Só mesmo tendo visita o desembargador comprava duzentos réis da manteiga ordinária.

Outra feita, chega à bodega o Sr. Carlos Miranda, que era homem de vida luxuosa e não tinha fama de bom pagador, montado num dos seus ótimos cavalos de sela. O Teodureto grita lá para dentro da sua moradia, aos fundos:

– Maricota, coe uma chicarinha de café aqui para seu Carlos, menina.

Bem industriada, a rapariga responde:

– Não tem **pé** não, **seu** Teodureto.

E ele, bodegueiro, tendo à mão o café moído ou **pé**, em sacos:

– Não faz mal não, menina. É para **seu** Carlos. Coe assim mesmo.

O Judas do Teodureto era o mais bem feito e o mais famoso da cidade. Passava a noite descansando no seu sítio quase sem guardas e ninguém se atrevia a ir furtá-lo, desde o que acontecera aos alunos da Escola Militar. Estes, que não respeitavam ninguém, meteram-se a querer levar o Judas o apanharam uma surra do Teodureto, que foi comentada

durante longos anos por toda a cidade. O bodegueiro costumava dizer que só uma cousa ele, que calculava muito bem de memória, não sabia contar. Que é? Indagavam. E replicava

– Costela quebrada de cadete...

Caminho quilômetros a pé para ver de tarde a queima do Judas do Teodureto. Quase todos os outros Judas são queimados ao romper da aleluia, geralmente às nove horas da manhã. A bela cerimônia litúrgica é anunciada aos quatro ventos pelo alegre badalar dos sinos na amplidão ensolada do céu. Começam a falar os bronzes velhos da Sé. Respondem-lhe, depois, os sinos do Patrocínio, do Rosário, do Coração de Jesus, do Livramento[7] e da Conceição.[8] Estrondeiam foguetes. Como que uma alegria se derrama pela cidade inteira e, na sua ebriez, a meninada toca fogo nos Judas. É uma gritaria de ensurdecer por todas as ruas.

Este ano também tenho um Judas, que queimo e malho com o caboclo Tomás, debaixo das goiabeiras do nosso quintal. Tem o sabor das cousas proibidas. Foi furtado habilmente à velha Aninha Gato. Esta velha tem uma vendinha mambembe na rua das Flores,[9] entre as ruas Major Facundo, onde moro, e Boa Vista; agora Floriano Peixoto. Quem quiser fazê-la irritar-se é só miar como gato. Vira uma fera. Os meninos entram diariamente na sua vendinha e pedem:

– Sinh'Aninha, dois vinténs de rolete! Mal ela entrega os dois maços de rolinhos de cana caiana ou da terra, com casca ou sem casca, o freguês solta um miado. Deus nos acuda! A velha fica uma fera. Agarra uma quicé ou um pedaço de pau e corre atrás do garoto, dizendo os maiores impropérios deste mundo. Às vezes, a polícia tem de intervir.

A Aninha Gato costuma fazer um Judas de uns dois palmos de tamanho, que pendura todos os anos na ponta duma vara de coaçu à porta da sua humilde bodega. Este ano, eu e o caboclo Tomás resolvemos furtá-lo, mas de modo que ela não possa saber quem é, senão vem reclamar com escândalo em nossa casa e está o caldo entornado. Traçado o

---

[7] A atual matriz de N.S. de Carmo chamou-se, antes, igreja de N.S. do Livramento. M.S.A.

[8] Igreja do Seminário ou da Prainha. M.S.A.

[9] Como já ficou dito, atual Rua Castro o Silva. M.S.A.

plano estratégico, damos-lhe a execução tática. Entro na venda e o caboclo fica do lado de fora.

– Sinh'Aninha, um vintém de cana caiana! Ela serve e recebe o cobrezinho com a cara de D. Pedro II. E logo:

– Miau! Miau! Miau!

A velha agarra um cabo de vassoura e sai aos gritos atrás de mim, vociferando as piores injúrias. Finjo que me deixo pegar e mal ela se aproxima um pouco distancio-me. Assim consigo levá-la até a esquina da rua da Boa Vista, onde, dando bem sebo nas canelas, vôo por dentro do Mercado,[10] vou sair na rua Senador Alencar e chego em casa esbaforido. Já o caboclo está no fundo do corredor com o desejado Judas, que tirara mal a velha correra atrás de mim.

A tarde, damos uma fugida até a venda do Teodureto. O grande Judas de flor ao peito já está içado na forca e começa a pegar fogo. Toda a gente larga os divertimentos a que se entrega no terreiro da bodega para assistir à execução do traidor. O maior desses divertimentos é o jogo do pato que me causa horror. Enterra-se no chão um pato, que fica somente com a cabeça fora da terra. Vários sujeitos pagam quinhentos réis de entrada e, de olhos vendados, armados com um pau, completamente desnorteados, vão para lá e para cá batendo com aquele pau. O que acertar na cabeça do pato e o matar ganha, além de pato morto, cinco mil réis. Ainda estou vendo aqueles homens grosseiros do baixo povo, estivadores, carregadores, marinheiros, embarcadiços, vagabundos, dando pancadas de cego que faziam a assistência morrer de riso e, no meio daquele movimento e daquele bruaá, a cabeça do pobre pato, com os seus olhos muito redondos, mal se podendo mover e como que mostrando o horror daquela morte que estava instintivamente adivinhando. A expressão daquele animal, talvez mais criada na minha imaginação do que real, continua gravada na minha retentiva.

Eu tinha horror àquele jogo. Criado entre moças e mulheres, penetrara muito fundo na minha alma a natural piedade dos espíritos femininos. Eu não suportava ver o sofrimento. Nunca pude maltratar um bicho. Quando os

[10] O autor se refere ao desaparecido Mercado de Cereais, na praça Carolina. M. S.A.

moleques amarravam latas ao rabo dos cães vadios ou das cabras à solta, fazia os esforços possíveis para apanhá-los e libertá-los da judiação. Essa piedade se estendia até às cousas inanimadas. Não compreendia que se pusesse fora um objeto que houvesse servido à casa muito tempo. Entendia que aquele servidor inanimado merecia uma aposentadoria silenciosa a um canto, entre as cousas velhas que se finavam na companhia das baratas e das teias de aranha.

Aos quatro anos de idade, fiz uma manha dos diabos por causa do velho uru das compras. As nossas compras eram feitas no Mercado todas as manhãs pela negra Teresa, antiga escrava de minha avó, que se conservava fiei à família. Trazia num uru de palha de carnaúba, a tiracolo, as verduras e os legumes comprados, despejava-os sobre uma velhíssima mesa na copa e fazia as contas com minha tia Iaiá, que era a ecônoma da casa. Depois, pendurava o uru de um prego na porta que abria da copa para a cozinha. A toalha estava lustrosa pelo uso e pela gordura das mãos que o manuseavam. Parecia envernizada. As chamas do imenso fogão de alvenaria nela se refletiam, oscilantes com reflexos sangüíneos. Todos os dias. Desde quando andava de gatinhas, via aquilo.

Numa manhã de chuva, ao voltar dum passeio com minha tia Nenen, deparo o uru da Teresa, como chamava aquele cesto indígena, esfiapado, abandonado no meio da rua, sob a chuvinha miúda que chorava a sua desgraça. Tinha largado a alça e não podia mais servir. Parei com as lágrimas a me espocarem dos olhos e inquiri minha tia:

– Este é o uru das compras lá de casa, não é? Ela adivinhou a tragédia e quis negar. Eu despejei o Niágara de tal modo que teve de consentir que trouxesse o velho uru e o escondesse debaixo duma mala. num dos quartos de depósito. Ali ele se acabou dignamente dentro de sua casa e não na via pública.

Imagine-se como não ficava quando via o pobre pato naquela triste situação! Que vontade de soltá-lo e que revolta surda por não compreender que aquela gente achasse prazer em tanta malvadez. Eu não conhecia os homens. Hoje sei do que são capazes. Por dinheiro fazem com outros homens o que aquele poviléu rude fazia com o pato. E são às

vezes inteligentes, educados superficialmente e mesmo um tanto cultos.

O Judas do Teodureto vai ardendo. Trepado num caixão de pinho, o bodegueiro grita:

– Meus senhores, o Dom Judas de hoje é diferente dos outros. É uma surpresa! Não morre da corda nem do fogo. Vai morrer de nó na tripa!

Uma gargalhada geral. Nisto o fogo chega à barriga do boneco e ela explode, cheia de bombas, cabeças de negro, traques de velha, buscapés e rodinhas. As bombas estouram. Os traques crepitam. Os buscapés correm para aqui e para ali, esfuziando. As rodinhas espalham-se, girando, como discos de fogo. O poviléu debanda às risadas. A gritaria dos moleques domina tudo.

A um sinal do Teodureto, de cima do seu caixão de pinho, acendem as girândolas. Os foguetes rasgam o véu negro da noite e choram na amplidão as suas lágrimas de luzes coloridas: verdes, douradas, violetas e vermelhas. Volto para casa, com o caboclo Tomás, na carreira, a fim de chegarmos cedo. Tomamos, para encurtar caminho, por dentro do então abandonado Parque da Liberdade,[11] cujo arvoredo denso nos apavora e em cujo lago tranqüilo se refletem as .cores dos fogos que desabrocham no céu.

O Teodureto foi um dos grandes mágicos da minha vida de menino.

---

[11] Nele se instalou, na década de 1930, a Cidade da Criança. M.S.A.

ABRIL

OS GATOS

O Paulo Martins convida-me para ir ver em sua casa a sua coleção de selos. Vou. Casa grande e bonita. Esplêndido jardim ao lado. Estivemos muito tempo no terraço, vendo o álbum de selos.

Quantos! De todas as cores. De todos os feitios. De todos os tamanhos. Com paisagens, monumentos, efígies, animais domésticos e selvagens, escudos e emblemas, planetas e constelações. Com carimbos e sobretaxas. De países desaparecidos do mapa do mundo como o Hanover e as Duas Siegias. De reinos exóticos como o Nepal e a Cachemira. De regiões cujo nome eu nunca ouvira pronunciar como Travancore e Sarawak. De ilhas perdidas na vastidão dos mares como Taiti ou a Grande Comore.

O Paulo mostra-me também um catálogo com os preços de todos os selos do mundo. Fico vendo com espanto que alguns valem fortunas. Diz-me:

– Mamãe me dá dez mil réis de mesada que gasto quase só em selos.

– Onde os compra?

– Compro ao Samuel.

– Que Samuel?

– O Samuel Cardoso, nosso colega de ano. Anda sempre com os bolsos cheios de caderninhos de selos. Vende fiado, porém mais caro, o que é natural. Estou lhe devendo sete mil réis. Por isso é que lhe não dei uns tabefes quando fez aquela intriga das castanholas, lembras-te? Só por isso ... Queres comprar selos ao Samuel?

Eu não ganhava mesada. Nos domingos, minha avó ou minhas tias me davam um ou dois tostões para comprar roletes ou doces de tabuleiro. Meu pai não me dava um vintém. Enquanto ele recebia dez mil réis por mês, eu não os tinha por ano. Haviam me dado duas galinhas, cujos ovos eu vendia. Com esse dinheiro comprava cigarros.

Fiz com a cabeça que não.

– Por quê?

– Porque não tenho dinheiro.

– Compras fiado.

– Para pagar com quê?

– O Samuel espera e facilita tudo. Não há no colégio quem não deva ao Samuel. É muito bonzinho. Podes vender selos a outros meninos e pagar com a comissão que ganhares. O Samuel também aceita qualquer objeto em pagamento, até cousas velhas que tragas da casa. O outro dia ele me deu oitocentos réis de selos por um bule azul com umas figurinhas de chineses que minha mãe não queria mais.

O bule azul com figuras de chineses faz-me pensar num caixão coberto de poeira e teias de aranha que eu via no covão do sótão de nossa casa cheio de louça azul com chins e pássaros esquisitos. Era bem bom que eu pudesse trocar aqueles pratos e as terrinas, por selos. Ficaria com uma coleção quase igual à do Paulo! Que sonho uma coleção tão bonita, sobretudo com aquela série de selos de Bornéu: o do guerreiro, o do macaco, o do pavão e o do grande veado negro em fundo cor-de-rosa!

Mas tive de banir logo esse pensamento, de renunciar a esse desejo que me fazia as têmporas azoinarem, porque a disciplina à antiga do velho sobrado, não permitia aos meninos mexer, sem licença, no que estivesse guardado, nem fazer a menor transação sem a audiência dos mais velhos, a quem eu nunca teria a coragem de propor a troca da louça ancestral por uns pedaços de papel colorido. Encolheriam os ombros diante da "bobagem" e fechariam a porta a qualquer objeção.

Em nossa casa era assim. Ninguém procurava satisfazer o desejo duma criança, guiá-la, mostrar-lhe as cousas com clareza e, ao mesmo tempo, dar-lhe o carinho preciso para que se não estiolasse o coração à míngua de afeto e de confiança. Menino era como uma planta. Adubava-se. Crescia naturalmente. Se um galho bracejava mais alto ou se desviava da posição normal, amarravam-no, torciam-no, aparavam-no ou decepavam-no. Eu já compreendera que não havia remédio nem para quem apelar, sem mãe e com um pai que era indiferente ao que me fosse nalma, tão indiferen-

te como se eu vivesse na China. Conformara-me. Esperava a minha libertação do tempo.

Naquele ambiente do passado, espécie de ilha no meio da cidade que progredia, um menino não podia ter nada do que os meninos adoram: selos, pássaros, gatos ou cachorros. Nem se admitia que pudesse pensar nisto. Onde a coragem para propor a entrada duma dessas novidades naquela fortaleza da imobilidade? O sobrado fora construído quando a cidade era toda no areal. Fizeram o calçamento e ficou soterrado. Não levantaram o piso interior, mas puseram um degrau para se descer de fora para dentro. Havia meio século que a cidade possuía iluminação a gás e fogões a gás. O nosso era de lenha, verdadeiro monstro de alvenaria com chapa de ferro, forno de tijolos e chaminé descomunal. A casa iluminava-se com candeias de querosene.

Minha tia Iaiá, que mandava e desmandava ditatorialmente na casa, com a autoridade de mais velha e mais instruída, a Saberète, como diziam, detestava bichos. Por causa dos ratos, quando nosso primo, o padre Salazar, se mudou da casa pegada, minha avó consentiu que ficasse conosco o gato Besouro, o qual não acompanhara o dono. Era um gato malhado de preto e branco, bravio e perverso. Eu era muito pequeno ainda e procurava agarrá-lo. Rosnava e dava-me unhadas terríveis. Morreu leproso e deixou poucas saudades.

Depois, apareceu no sótão um gato amarelo, esfaimado, que parecia ter um quarto de sangue de Angorá. Minha avó consentiu que ficasse, porque era de raça e andavam aparecendo uns ratos. Tomou o apelido de Rabo-Grosso. Engordou. Era manso e meigo. Um dia desapareceu. Foi substituído pelo Pés-Brancos, legítimo gato de telhado, que também desapareceu.

A existência desses bichanos em casa devia-se à minha avó, que passava a maior parte do dia fazendo rendas sentada numa poltrona baixa e gostava de ter a companhia dum bichinho a seu lado. Minha tia Iaiá protestava sempre contra essa "fraqueza".

No quintal do sobrado, há três quartos que outrora deviam ter servido de senzalas. Num dormem as galinhas. É uma imundicie. Noutro está um velho e grande tacho de cobre de derreter açúcar no engenho, que serve de banheira. O

terceiro é um verdadeiro cafarnaum, depósito de cousas velhas. A umidade apodreceu a parte inferior da porta, onde se abre um buraco bastante grande para deixar passar um gato. Desde meses, mora ali uma gata malhada, dessas que o povo chama mourisca, de rabo cortado, mansinha e que teve dois filhinhos. Eu levo-lhes comida às escondidas.

Tenho pavor que descubram a existência da Cotozinha, como a apelido, porque meu pai tem o mau costume de matar a tiro. os gatos que elegem domicílio nos quartos semi-abandonados do quintal. Lembro-me sempre dum muito negro e lustroso, de olhos de ouro, que me deixava fazer-lhe festas ronronando de espinha encravada, que eu batizara de Vidrilho. Meu pai fuzilou-o cruelmente. Eu o tangera para o muro, a fim de que pudesse fugir, quando vi meu pai armado com a sua Flobert. O bichano, porém, ficou deitado, meio oculto pela folhagem duma goiabeira que cobria o muro. Meu pai viu-o e fez-lhe pontaria de longe. Solto um grito. O pobrezinho cai ferido junto ao tronco, sendo acabado com mais dois tiros. Ainda estou vendo o infeliz com uma das patas dianteiras levantada, mostrando unhas e dentes, num arreganho impotente de última defesa.

Meu pai não matava gatos propriamente por malvadez. Tinha-lhes ódio desde a infância. Fora têm grande criador de pombos e defendia os seus borrachos dos bichano, dando cabo deles com armadilhas. Quando pôde ter uma espingarda, continuou a matança. E ri-se perdidamente de quem diz que matar gato atrasa sete anos.

Não quero que a Cotozinha tenha a mesma triste sina do Vidrilho, deixando abandonados os dois filhinhos, um cinzentinho e outro amarelinho, que acho uns amores e vêm pelo buraco da porta comer na minha mão. Certo dia, porém, inexplicavelmente, mãe e prole somem-se. Fico desolado.

No fundo de nossa casa há um armazém desalugado, cujo quintal se encheu de matapasto, beldroega e carrapateiras. No canto do muro, de nosso lado, ergue-se uma ateira pela qual eu trepo e salto para lá, a fim de espiar um ninho de cambachirras por baixo duma biqueira. Uma tarde, ao fazer isso, sinto um odor de podridão e descubro os cadáveres da Cotozinha e dos dois filhinhos no meio do matapasto. Choro de pena.

Como teriam vindo parar ali? Quem os teria morto? Mistério!

Algum tempo mais tarde esse mistério foi aclarado. Queixando-se minha avó da ingratidão do caboclo Tomás, que criara desde pequenino e fugira, a uma vizinha, moradora num sobrado do lado, de cujas janelas se divisava todo o nosso quintal, esta diz-lhe o seguinte:

– Console-se, dona Isabel. Foi uma felicidade para a senhora e para os seus. Foi Deus quem fez aquele malvado deixar a sua casa. A gente sabe lá de que seria capaz um malvado daqueles, quando crescesse!

– Malvado? Por quê? Indaga minha avó com espanto.

– Malvado, sim, senhora! O que eu vi ele fazer, meu Deus!...

A senhora persignou-se e contou que, de sua janela, vira o caboclo chamar a gata e os gatinhos pelo buraco da porta, tal como eu fazia para lhes dar comida, apanhá-los, amarrá-los na corda do balde, afogá-los na cacimba e lançá-los mortos por cima do muro. Gritara por alguém de nossa casa, mas a distância não permitira fosse ouvida.

Ouvi a história chorando. Era ainda muito sensível. Em casa, ninguém queria bichos, mas ninguém deixava que os maltratassem. Meu pai perseguia somente os gatos, porque se acostumara nisso, como já disse, para defender os pombos. As nossas galinhas morriam de velhice, sem que se tivesse coragem de matá-las. Na escola de minha tia, gravara-se na minha mente uma frase da cartilha: "Fazer mal aos animais é indício de mau caráter".

Ainda hoje me arrepia o crime silencioso, solitário e inútil daquele caboclo! Chamar os bichinhos confiantes e mansos, afogá-los devagarinho e gozar friamente a agonia de animais inofensivos! Que alma de criança!

A FLOR DE ITORORÓ

Quintas-feiras não há aula. Às vezes desço ao cartório de meu pai, no rés-do-chão do sobrado, onde sempre se junta muita gente: advogados, partes, magistrados meirinhos e solicitadores.

Continuadamente encontro ali um homem alto, de cabeleira grisalha e porte militar. É um companheiro de mocidade de meu pai, antigo oficial da Guarda Nacional. Chama-se Teodoro Nunes. Adoro-o, porque me põe sobre seus joelhos e começa a desenhar numa folha de papel com lápis azul e vermelho, soldados e oficiais. Esses desenhos deslumbram-me e procuro imitá-los. Arranjo pedaços de giz de cor com o alfaiate Bezerra, nosso vizinho, e imito os soldados e oficiais, que o Teodoro Nunes faz, em todas as lajes do passeio.

Meu público compõe-se de moleques engraxates e vendedores de jornal. Eu encho de verdadeiras batalhas as calçadas do quarteirão. As vezes, pessoas de idade e de posição param e comentam. Alguns até me dirigem a palavra, fazendo-me elogios. Dizem que devo estudar para pintor. De pintor passo a gravador e, com um prego, começo a esculpir letras e figuras naquelas pedras. Apesar das transformações por que tem passado a rua Major Facundo, algumas dessas pedras gravadas ainda lá existem.

O Teodoro Nunes não é somente meu primeiro e inconsciente professor de desenho, como também o meu primeiro mestre, também inconsciente, de história militar. Conta-me dezenas de histórias da guerra do Paraguai, que produzem funda impressão no meu espírito. Através de suas narrações, vejo as cargas de baioneta, o avanço das cavalarias sob o brilho das lanças, o estrondar dos canhões e os vultos dos heróis – Caxias, Osório, Porto Alegre, Andrade Neves, Gurjão e Sampaio – dominando os entreveres e as batalhas.

Quando meu pai fecha o cartório, eu passo para a parte de trás, onde se empilham os móveis de minha mãe, apanho a velha espada de copos em tigela de meu bisavô, o capitão-mor João da Cunha Pereira, que a família conserva depen-

durada dum armador de rede, e, sozinho, esgrimindo com ela no vasto armazém, povoo-o com a minha fértil imaginação de brasileiros e paraguaios combatendo.

Ainda me recordo perfeitamente da mais bela história da guerra contada pelo Teodoro Nunes e que vou repetir, naturalmente através do meu estilo e do meu pensamento de hoje, perdido o perfume de sua primitiva simplicidade:

Os primeiros tiros da artilharia paraguaia postada na montanhosa barranca do arroio Itororó fizeram recuar ao meio da áspera encosta que descia do outro lado a vanguarda do 12 Corpo do Exército Brasileiro. Mas o Coronel Fernando Machado, que comandava aqueles bravos, esporeou o cavalo pela íngreme ladeira e os batalhões o seguiram, impávidos, sob o terrível fogo do inimigo. Logo, a voz potente de nossa artilharia se fez ouvir do alto das colinas, respondendo às descargas paraguaias.

As águas do arroio gemiam ao fundo do grotão selvagem. Dum lado e do outro do apertado desfiladeiro, a mata espessa vestindo as faldas dos morros. Mais abaixo, uma ponte de três metros de largura, lançada de barranco a barranco, e, sob a mesma, grulhando, espumejando, a torrente líquida engrossada pelas chuvas.

Era o dia 6 de dezembro de 1868. Na véspera, o Marquês de Caxias mandara reconhecer a ponte, que se considerava a chave do caminho para Lomas Valentinas. O General Argolo enviou um destacamento para bater o lugar, o qual não o ocupou por lhe faltarem forças, sobretudo cavalaria. Isso foi ao anoitecer. Pela manhã cedo, quando o Marquês reconheceu pessoalmente a posição, já os inimigos ali se achavam. Eram cinco mil homens escolhidos das três armas.

Resolveu-se o ataque. Sob as ordens de Argolo, o 1º Corpo marchou para o desfiladeiro. O 22, do comando de José Luis Mena Barreto, moveu-se em seu apoio. O 3º, que tinha Osório à sua frente, recebeu ordem de contornar a posição do inimigo e atacá-lo pela retaguarda. Ao despedir-se Osório de Caxias, este, colhendo uma flor desabrochada num arbusto à beira da estrada, ofereceu-lh'a sorridente, dizendo:

– General, quero hoje lhe dar mais um dia de glória.

Osório deixou Santo Amaro, onde tinha seu quartel-general, e caminhou na direção de Nimbi e Ipané, com cinco

mil homens das três armas, por uma vereda indicada ao general-chefe pelo vaqueano Céspedes, major paraguaio prisioneiro, a qual se supunha menos extensa do que em verdade era. Perto de Capilia Nimbi, surgiu-lhe pela frente a divisão paraguaia de Caminos. Osório deteve sua marcha e mandou atacá-la pelo coronel Luís José Pereira de Carvalho, que a desbaratou. Perdeu, porém, algum tempo nessa escaramuça.

Enquanto as bocas de fogo do Barão de Batovi cuspiam bombas nas baterias do maior Moreno, os sapadores abriam duas picadas convergentes sobre a ponte, pelas quais desciam os batalhões da vanguarda com as baionetas alumiando. O troar da artilharia dominava o vozerio da tropa. A primeira unidade que pisou o estrado da ponte foi o 1º de infantaria do major Valporto. Seguiam-se-lhe o 13º de linha, guiado por Lopes de Barros, o 34º e o 48º de Voluntários da Pátria. A sua frente, cabelos ao vento, agitando a espada, o bravo comandante da 5ª brigada de infantaria, Fernando Machado.

A tempestade de ferro e fogo despejada pelo inimigo convergia sobre os heróicos atacantes, que transpuseram a ponte fatal a marche-marche, tambores tocando carga e bandeiras desfraldadas. Lopes de Barros tombou mortalmente ferido. Fernando Machado caiu morto sobre o estrado sangrento. Valporto assumiu o comando da brigada. A cavalaria paraguaia de Valois Rivarola carregou os batalhões dizimados.

Toda a nossa imensa força militar constrangida nas árduas picada, da descida se estendia pelos densos matagais como enorme e inútil serpente. A brigada resistiu algum tempo; depois, recuou e repassou a ponte, quase perdendo a formatura. Socorreu-a a cavalaria de Niederauer, galopando pelo rubro tabuado coalhado de cadáveres e feridos, e expulsando dali a paraguaiada. Atrás dela, veio todo o resto do Corpo do Exército de Argolo, que ele próprio conduzia com sua habitual impavidez.

O passo de carga de nossa infantaria de novo ressoou sobre as tábuas sinistras. Um fulgurar de raios sobre milhares de quepes brancos com argelinas voejantes. Heróis chefiando outros heróis. À frente, com um sorriso nos lábios e a espada desembainhada, o general Gurjão, que a morte espreitava.

Outra vez o inimigo foi varrido da ponte. Nossos infantes subiram a encosta fronteira e se apoderaram de dois dos

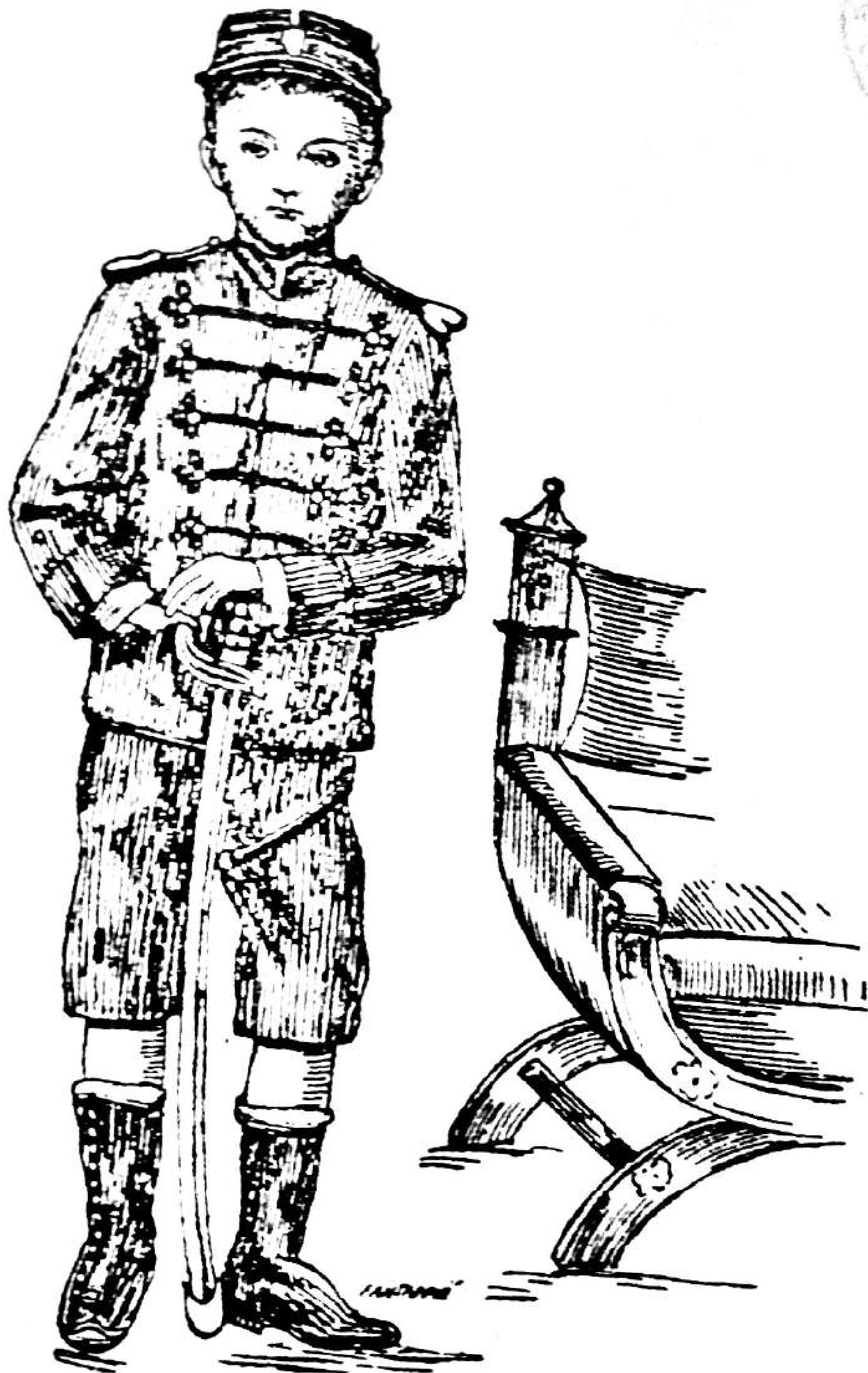
canhões de Moreno. Mas Argolo foi ferido em pleno combate e Gurjão caiu combatendo. Espalharam-se as duas tristes notícias. Os brasileiros desanimaram e abandonaram o estrado da ponte pela segunda vez, perdendo milhares de homens. Caxias sentiu a gravidade da situação. Fez avançar tropas frescas da retaguarda para aquele inferno. Pôs-se à sua frente, arrancou da espada e gritou:

– Siga-me quem for brasileiro.

Encarnava no momento a alma do Exército Brasileiro. Ninguém resistiu àquele exemplo formidável. O seu piquete galopava à sua frente. Seguiam-no cavalaria e infantaria misturadas numa carga mista que nada pode deter. Os paraguaios foram varridos, a ponte ocupada, todo o terreno além dela ficou em nosso poder. No fundo da grota, o arroio rolava rubro de sangue. Os clarins da cavalaria de Osório aproximavam-se pela outra margem.

Osório não chegava a tempo de tomar parte na luta. Olhou assombrado o campo de batalha em que as circunstâncias não haviam permitido que figurasse. Atravessou a ponte-matadouro e dirigiu-se ao hospital de sangue. Logo à entrada, numa maca, morto, o coronel Fernando Machado. Osório deteve- se e descobriu-se. Desabotoou a túnica, tirou do bolso interno a flor meio murcha que o Marquês de Caxias lhe dera pela manhã e a colocou entre as mãos do herói, murmurando:

– Fernando, o dia de glória foi teu!



Gustavo Barroso, aos quatro anos de idade, em 1892, fardado de alferes-aluno.
(De uma fotografia de N. Olsen, Fortaleza).

O CABO GALDINO

Minha vida é povoada de recordações militares e gosto tanto de tudo o que se refere à vida guerreira que todos os amigos e conhecidos de meu pai me auguram um futuro de soldado. Na nossa família há o culto da tradição da pátria e a estima pela bravura pessoal. Quando brigo com outros meninos na rua, se apanho, fico calado para que se não saiba, porque ninguém toma minhas dores. Meu pai repete sempre que um homem aprende a defender-se à sua custa. Se bato nos outros e vêm fazer- lhe queixa, não me castiga por isso. Seu lema é que não se traz desaforo para casa.

Quando eu era bem pequenino, meu pai comandava a polícia e eu o achava maravilhosamente lindo, montado a cavalo à frente do batalhão, logo após a música, que tocava o dobrado "Fandangoaçu". Seu ordenança, o cabo Galdino, levava-me pela mão a ver as paradas e o quartel, ensinava-me o manejo das armas e as vozes de comando. Minhas tias vestiam-me de oficial e eu passava pelas ruas todo ancho, com uma espadinha de brinquedo à cintura.

Como eram lindas as paradas daquele tempo, nas manhãs de quinta-feira, as da Polícia na praça do Palácio, as do 11° ou do 2° de infantaria, depois, na praça da 86! A tropa em linha, de baionetas caladas espelhando ao sol. A música, para cá e para lá, à sua frente, no antigo **passo nobre,** tradição que infelizmente desapareceu do nosso Exército. A revista das guardas uma por uma, depois da apresentação de seus comandantes. Enfim, o desfile ao rufo dos tambores e ao toque das cornetas.

A história do cabo Galdino era muito interessante. Limpíssimo. Botões, fivelas e copo do refle areados, brilhando como ouro. Botas engraxadas. Farda de brim pardo sem uma nódoa, bem engomadinha. O tipo do velho tarimbeiro, correto, disciplinado, valente e fiel. Quantas vezes ouvi à mesa do jantar meu pai contar a sua história!

Vale a pena conhecê-la. No tempo da guerra do Paraguai, meu pai foi mobilizado como oficial da Guarda Nacional da Província e, apesar de contar somente uns dezenove anos

mandado com um destacamento para o alto sertão, a fim de proceder à prisão dos criminosos que o infestavam e ao recrutamento em certas localidades.

Sabendo da existência dum assassino chamado Galdino, que vivia acoutado nas cercanias de Missão Velha, foi cercar-lhe a casa com seus soldados. Chegaram pé ante pé. Noite escura como breu. Estava-se na estação seca. O uivo longínquo das raposas raramente rasgava o silêncio negro. O ar começou a esfriar. Vinha perto a madrugada.

O crime do Galdino fora cometido em São Bernardo das Russas, no Jaguaribe. Questões de honra o levaram a isso. A polícia perseguira-o e ele se metera pelo agro e vasto sertão de Mombaça, fixando residência numa tapera que reconstruíra no cabeço dum morrete, perto de Missão Velha.

Alguém da vila desconfiara dos modos esquisitos daquele homem, espionara-o e denunciara-o. Veio uma precatória para o jovem alferes do destacamento e este foi prendê-lo.

A casa estava completamente cercada. Quando cada soldado se achou abrigado por trás dum tronco ou duma pedra, o alferes deu um tiro para o ar e gritou o mais alto que pôde:

– A casa está cercada por vinte homens dispostos. Entregue-se ao comandante do destacamento!

Uma voz serena e clara respondeu do interior da cabana:

– Quem é o comandante do destacamento?

– Eu, o alferes Barroso!

A voz continuou no mesmo diapasão:

– Não tenho medo de ser preso, **seu** alferes! Tenho medo é de ser desfeiteado. Se vosmicê me dá sua palavra de honra que não manda me **baixar o flandro**, nem consente que os soldados me **afrontem**, eu me entrego sem resistência. Se não, me defendo e morro matando!

De pé, rodeado pelas trevas da noite, meu pai pensou um momento; depois, avançando alguns passos para o casebre, disse:

– Dou-lhe a minha palavra de honra que nada sofrerá!

– Está bem. Deus lhe pague!

De novo, o silêncio envolveu tudo. Daí a pouco os galos começaram a cantar. Por fim, um listão de fornalha queimou

o horizonte. O sol brotou bruscamente por entre nuvens arrepiadas e tudo ficou claro, radioso, na explosão brutal daquela luz.

Os guardas-nacionais estremunhados erguiam-se do chão poeirento, limpando as fardas de brim pardo e engatilhando as armas. Diante deles se abriu a porta da choupana e o Galdino apareceu com um bacamarte na mão. Deu alguns passos, atirou-o ao terreiro e, olhando o alferes, que se aproximara, falou:

– Entrego-me à prisão!

O destacamento rodeou-o.

Vendo o seu apecto, meu pai compreendeu que se não tratava dum bandido vulgar. Era um desses sertanejos de boa família, como se diz, alourados, de olhos azuis, altos e esbeltos, que traem remota ascendência flamenga.[1]

– Ordinário, marche!

Desceram todos o cômoro para a estrada. Mal a atingiram, o alferes ordenou:

– Alto!

E, dirigindo-se ao criminoso:

– Por que está coxeando?

O homem arregaçou uma das pernas das calças de algodãozinho listrado e mostrou a canela esquerda profundamente lacerada, toda em sangue.

– Caí ontem num grotão, caçando mocós, e feri-me deste jeito, explicou. Meu pai hesitou um instante e, depois:

– Você não agüenta a pé até a vila. Se pudesse, lhe arranjaria um cavalo.

– Tenho o meu, foi a resposta.

– Onde está?

– Peado na várzea, do outro lado do morro.

– Se me dá sua palavra que não foge e volta com ele aqui, pode ir buscá-lo.

– Dou a minha palavra, **seu** alferes!

---

[1] Corre, insistentemente, no Nordeste, inclusive no Ceará, a lenda de que os holandeses deixaram descendência entre nós. Carlos Studart Filho, com sua inconteste autoridade de historiador seguro e pesquisador paciente, desfez essa lenda. Esses alourados do Ceará descendem de português do norte de sua pátria, e não de flamengos, que não se misturavam com a indiada. – M.S.A.

– Então, vá.

O criminoso afastou-se da tropa, apanhou um cabresto na casa e dirigiu-se ao lugar que indicara. Os soldados cochichavam, rindo. O alferes, irritado, bradou:

– Silêncio!

A tropa imobilizou-se silenciosa no meio da estrada barrenta, sob o ouro do sol matutino. Passou-se um quarto de hora. O alferes começou a passear, impaciente, para cá e para lá. De repente, seu rosto iluminou-se. O homem saía da garrancheira da caatinga, puxando pelo cabresto de relho um cavalinho ruço-pombo.

– Custei um bocado a pegá-lo, disse à guisa de explicação, porque o diabo desta perna não me ajuda.

E acrescentou:

– Agora só falta pôr a cabeçada e a sela que estão ali no cupiá. Dá licença que vá buscar?

– Vá.

Subiu e desceu a ladeira coxeando. Selou o animal e montou-o. De novo se ouviu a ordem do alferes:

– Ordinário, marche!

Gemeram os passos regulares no barro do caminho.

Na vila de Missão Velha, os soldados se encarregaram de espalhar o episódio aos quatro ventos. A população ia em romaria ver o criminoso, levando-lhe rapaduras, fumo e cachaça. Meses depois, o júri o absolvia e ele assentava praça na Guarda Nacional.

Quando, após a proclamação da República, o Presidente Ferraz encarregou meu pai de organizar o Batalhão de Segurança do novo Estado, o Galdino já era cabo de polícia e passou a ser a ordenança do comandante.

A CAIXINHA DE SELOS

Por causa da história da Cotozinha, minha avó decide mandar o Quirino, carregador de água para a nossa casa esvaziar o quarto de depósito do quintal, a fim de evitar que outras gatas ali se escondam para ter filhos. Eu vivia ansioso para ver o que havia guardado lá dentro. Entro com o coração aos pulos, como quem vai descobrir um mistério. Vejo um montão de tábuas, duas esquadrias de janelas, uma escada de mão, meia dúzia de cadeiras quebradas e duas malas de pregaria comidas pelos cupins. Debaixo dessas velharias enrodilhadas de teias de aranha, dezenas de baratas e embuás.

Faço, porém, dentro duma das malas um achado precioso: um baúzinho de lata enferrujado cheio de cartas amarelentas dirigidas a meu avô. Muitas estão desfeitas pela umidade ou roídas pelas traças, porém a maioria ostenta belos selos antigos: olhos-de-boi e olhos-de-cabra, os da efígie de D. Pedro II, de perfil, de frente ou em camafeu, verdes, amarelos, roxos, pretos, azuis e borra de vinho, de todos os preços.

Minha avó guarda as cartas e dá-me todos os envelopes. Agora, sim, posso começar uma boa coleção de selos, trocando as duplicatas do Império pelos de outros países. Que alegrão! O primeiro selo que desejava possuir era o do veado de Bornéu.

Guardo os meus preciosos selos numa caixinha de papelão e meto-a no bolso, a fim de mostrá-los no recreio do Colégio ao Paulo e ao Samuel, embasbacando-os e fazendo negócio com eles. Mas o homem põe e Deus dispõe. As cousas não se passarão como imagino.

Durante a primeira aula, não resisto à tentação de comunicar o achado ao meu amigo e companheiro de carteira, Antônio Pompeu. Sem que o professor o note, mostro-lhe os selos. Fica maravilhado. O Samuel senta-se por trás de nós. Por isso também os vê. Quando o professor acaba de explicar a lição e sai, deixando o bedel Genésio a fiscalizar a sala, o Samuel levanta o dedo e pede para ir beber água.

Ao tocar a sineta do recreio, os meninos entram em forma e vão saindo pelo corredor. O professor acha-se perto da porta. Toca-me ao ombro e diz-me:

– Preciso falar-lhe. Venha ao meu gabinete.

Acompanho-o e lá, estendendo a mão, ele pede:

– Dê-me essa caixa de selos.

Entrego-a meio trêmulo de espanto. Examina-os um por um, detidamente. Fala, depois, com todo o vagar:

– Estes seios são muito valiosos. Como conseguiu obtê-los?

– São dumas cartas velhas de meu avô que achei e minha avó m'os deu.

– Não costumo pôr em dúvida, sem provas, a palavra dos meus discípulos, torna o professor. Em todo o caso, para começar, fique sabendo não ser ato de bom comportamento distrair a atenção dos companheiros nas horas de estudo e de aula. É um prejuízo duplo: para o companheiro e para si. Seus selos ficam comigo e vou pôr à prova o que me disse. Se tiver falado a verdade, relevo a falta cometida na aula e os restituo. Se não, terá que prometer seriamente emendar-se, se quiser continuar no colégio. Se não se emendar, será expulso. Sou muito bondoso, mas não cedo uma linha em questões de moral. Vá para o recreio e não dê palavra sobre a nossa conversa.

Não tive o menor receio do que viesse a acontecer. Dissera a verdade. Ao chegar ao recreio, logo o Paulo e o Antônio Pompeu vêm a mim. Querem saber o que se passou. Narro o fato. E o Paulo explode, fechando o punho:

– Aposto que é intriga do Samuel! Se eu não lhe devesse aquele dinheiro dos selos, dava-lhe uns trompaços!

Aproxima-se um menino, muito nosso camarada, o Augusto Sedrim. Contamos-lhe a história e ele nos diz:

– Amanhã, quando o professor te tiver restituído os selos, ao sairmos do colégio, eu te levo ao Sr. Luis Gonzaga, na loja Guarani. É um rapaz muito bonzinho, que vende e troca selos pelo preço marcado no catálogo Yvert. Não engana a gente, porque mostra no livro o valor certo.

Fica tudo combinado. No dia seguinte, ao chegar ao colégio, o professor chama-me e entrega-me a caixinha de selos, dizendo-me:

– Ontem, mandei meu filho Artur indagar de sua avó se era verdade o que me contou. Tive a confirmação de que não mentiu. Não se esqueça nunca que um homem jamais deve mentir, nem mesmo para se defender e muito menos para acusar outro.

O professor acompanha-me até a sala de aula, senta-se na sua cadeira e manda o bedel proceder à chamada. Ao pronunciar este o nome do Samuel Cardoso, ordena:

– Levante-se. Venha cá.

O Samuel, lívido, aproxima-se da mesa. O professor fala:

– Ontem, o Sr. Samuel disse-me que o Sr. Barroso estava distraindo na aula a atenção dos companheiros mostrando-lhes selos do Império, tão antigos e valiosos que, com certeza, deviam provir de papéis antigos do cartório de seu pai. Como sei que antigamente se usavam muitas vezes selos em lugar de estampilhas e como podia haver confusão entre estampilhas e selos antigos, na maioria verdes e com a mesma cara do Imperador, não desprezei a insinuação. Chamei o aluno Barroso ao meu gabinete, pedi-lhe os selos e perguntei-lhe como os obtivera. Respondeu-me que lhe haviam sido dados por sua avó, o que apurei ser verdade. Comunicando isso a todos, quero testemunhar que o aluno Barroso falou a verdade e o aluno Samuel precedeu mal, primeiro delatando um companheiro, o que é muito feio, segundo fazendo uma insinuação malévola, sem a menor base, o que é ainda mais feio. Espero que o aluno Samuel peça perdão ao aluno Barroso para não ser castigado.

O Samuel está cadavérico, de olhos no chão. Vem para mim trêmulo e balbuciante, de mão estendida. Aperto-a sem prazer. É um pedaço de gelo.

Assim termina no colégio o incidente dos selos. Não termina, no entanto, na minha vida. Graças ao Sedrim, travo conhecimento com o Sr. Luís Gonzaga da loja Guarani, à rua Major Facundo, dois quarteirões acima daquele onde moro. Faço a troca das duplicatas imperiais com ele e inicio a minha primeira coleção. Daquele dia em diante, os meus negócios de selos com o Sr. Luís Gonzaga prosseguem

[1] O prédio tem hoje o nº 414/418 e a loja Guarani pertencia a Esmerino Barroso, pai do musicólogo Paurilo Barroso. – M.S.A.

ininterruptamente por uns dez anos. Seria seu vendedor de selos durante os anos que cursaria o Liceu do Ceará e passaria a comprador, quando começasse a ganhar os primeiros salários. Durante anos freqüentei a loja "Guarani", onde, ao centro do balcão pintado de verde-mar, se erguia a estátua dum guerreiro indígena, emplumado e colorido, de tamanho natural, que fazia a minha admiração desde pequeno, quando passava pela rua. Nunca imaginara pudesse entrar ali, ver aquela figura de perto, tocá-la. Tudo foi possivel graças aos velhos selos do Imperador.

Geralmente, é o que se chama acaso quem nos abre as portas na vida.

MAIO

O OITIZEIRO DO ROSÁRIO

Hoje, antes de ir para o colégio, dou um pulo na padaria do Guilhermino, na rua do Cajueiro,[1] para comprar duzentos réis dos seus famosos biscoitos de limão. É que saio de casa muito mais cedo, a fim de visitar meu padrinho chegado da Europa. Meu padrinho é um homem corpulento, moreno, de pera e bigodes quase brancos, o tipo de Presidente Campos Sales, porém, muito mais alto. Foi companheiro de mocidade – e creio que até de infância – de meu pai. Fez a campanha do Paraguai e é Cavalheiro do Cristo, do Cruzeiro e da Rosa. Ferido em Itororó. Chama-se Antônio Leal de Miranda e o povo o apelida de Mirandão. Depois de haver sido tabelião durante longos anos, montou um banco de jogo do bicho em que ganha rios de dinheiro.

Admiro-o desde tenra idade pelo que conta das suas campanhas, das suas estadias no sertão e das suas viagens. Tem facúndia e graça no contar. Vou vê-lo na sua casa de jogo de bicho, o Banco Forte, na praça General Tibúrcio. Beijo-lhe a mão e balbucio um cumprimento qualquer pela sua chegada. Depois:

– Vovó manda dizer para o senhor ir lá em casa dar uma prosa.

Minha avó, coitadinha, catacega e com os pés muito inchados, já não sai mais de casa, a não ser até a esquina próxima e com grande esforço, para ver a Procissão do Enterro. Uma visita para ela é um divertimento, sobretudo uma visita de agradável palestra. Meu padrinho tinha sempre grande consideração por ela. Fora madrinha de sua mulher e amiga de sua mãe, dona Cudinha, em cuja casa me levava quando eu era pequenino.

Guardo uma lembrança inapagável da casa de dona Cudinha. Era uma construção colonial de bica e beira no

[1] Atual Pedro Borges, como já ficou esclarecido. – M.S.A.

desaparecido beco do Pocinho, dando para a rua de Baixo.[2] Ela entrava ali com a admiração e o respeito com que se entra em um museu. Sobre os vetustos móveis das salas, redomas e caixas de vidros com antigas imagens de santos e uma bicharada feita de algodão, de pano, de penas e de cera pela boa velhinha: macacos, pássaros, veadinhos, carneiros e cães. Havia um cachorrinho branco que era um encanto. No fundo do quintal, à sombra das goiabeiras carregadas, passava o riacho Pajeú, no qual a gente pescava carás e piabas com um anzol de alfinete, trepado sobre um tronco de coqueiro que servia de pinguela.

Dado o recado de minha avó, meu padrinho cascavilha lentamente um dos bolsos do colete, dele tira uma pratinha de quinhentos réis, das que ainda trazem a efígie de D. Pedro II, e dá-m'a, batendo-me no rosto e dizendo:

– Anda, vai para as tuas aulas.

Saio a correr através da praça e rumo para a padaria do Guilhermino. Esse Guilhermino era um mestiço escuro que viera do Maranhão e se estabelecera com uma padaria em Fortaleza. Fabricava alguns biscoitos apreciadíssimos, entre os quais os de limão. Pouco antes de morrer, anos mais tarde, a cidade inteira soube com espanto que fora um dos cúmplices do desembargador Pontes Visgueiro, que matara uma rapariga em São Luís e lhe emalara o corpo, crime que abalara a opinião pública de todo o país no Segundo Reinado.

O caminho mais curto para a padaria é pela rua do Oitizeiro,[3] por trás da velhíssima Igreja do Rosário. Logo à entrada da rua, junto à esquina, há um oitizeiro secular, que dizem ser a mais antiga árvore da cidade, a cuja sombra o Dr. João da Rocha Moreira, indo fazer sua visita matutina ao Presidente do Estado, no palácio próximo,[4] amarra o seu cavalo de sela, um melado-caxito bem tratado, de arreios apeirados de prata, que eu admiro como uma das sete maravilhas do mundo. Fico à sombra do oitizeiro um instante,

---

[2] Ignoro a razão pela qual o Autor diz que o beco do Pocinho estava "desaparecido". É verdade que, erroneamente, o tem considerado mera continuação da Rua Pedro Borges. Mas ele ainda lá está, com a restaurada designação de Rua Pocinhos. – M.S.A.

[3] Atual Rua General Bizerril. – M.S.A.

[4] Depois crismado de Palácio da Luz, enquanto serviu de sede ao Governo Estadual, e hoje Casa de Cultura Raimundo Cela. – M.S.A.

apreciando o lindo animal. Se eu tivesse a felicidade de montar num cavalo assim!

Em 1929, achando-me no Ceará, vi, com grande dor no coração, o machado municipal, obediente às necessidades materiais do tráfego urbano, deitar abaixo essa árvore augusta.

Velho oitizeiro, contemporâneo da fundação de minha cidade natal, ninguém te cantou a vida centenária nem a morte breve. Não houve um Afonso Arinos para louvar a tua solenidade verde e triste como a do Buriti Perdido, testemunha silenciosa das bandeiras! Quando nasceste, brotando tímido do solo arenoso, a vila do Forte compunha-se duma única rua torcicolosa, emparelhada ao curso do Pajeú. Aqui e ali, dela saía um beco de mocambos e casebres de taipa. A capela do Rosário, caiada de novo, dava-te as costas com desdém. Cresceste. A capela tornou-se igreja e a tua copa chegou ao beiral do seu telhado. Por cima dos cercados e das ateiras, vias para os lados do Garrote a histórica cúpula de verdura do Cajueiro do Fagundes, que o governador Luís da Mota Féo e Torres quis pôr abaixo, recuando diante do poviléu assanhado e feroz. E éreis as duas árvores tradicionais da cidade que se ia formando.

O Cajueiro, que servia de açougue, morreu de velhice. Tu continuaste a crescer, a deitar raízes, a aumentar a fronde, no meio dos casebres barrigudos e escuros. Viste a displicência do viajante Koster,[5] sentado ao luar, numa roda de calçada da praça vizinha. Ouviste o taciturno murmurar do governador Sampaio. Avistaste o governador Rubim vendendo apressadamente as alfaias antes de regressar a Portugal. E estremeceste às rudes vozes de comando de Conrado Jacob de Niemeyer, depois de vencida a revolução de 1824.

A vida da cidade de Fortaleza foi crescendo contigo, lentamente, sob o sorriso azul do céu, alegre nas invernias, melancólica nas secas assassinas. E eras como um pastor no meio do teu rebanho de casas humildes, a cabeleira verde agitada ao vento do Atlântico como uma bandeira.

Oitizeiro velho, conhecias toda a gente e toda a gente te conhecia. Devia ser no teu tronco rugoso que o famigerado padre Verdeixa[6] amarrava o cavalo, quando ia em voz alta

---

[5] O inglês Henry Koster, aqui já referido. – M. S. A.

[6] Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, apelido "Canoa Doida" em decorrência de suas loucuras. Dele João Brígido nos deixou vivo retrato em seu livro *O Ceará - lado cômico - Ad ridendum* (Fortaleza, Tipografia Moderna, 1900). M. S. A.

insultar debaixo das sacadas do Palácio o Presidente Padre José Martiniano de Alencar. É possível que certa noite te tivesse agitado a ramaria a trepidação do estrondo do bacamarte que matou o Major Facundo.[7] Decerto tuas folhas mais altas presenciaram por cima dos telhados o enforcamento dos réus no largo à entrada do desaparecido beco do Cotovelo.[8]

Durante muitos anos, a melhor escola da cidade funcionou na tua vizinhança,[9] em frente do antigo Quartel da Polícia. Escutavas, recolhido, a monótona cantilena dos meninos decorando a cartilha e a tabuada. E, quando os bolos da palmatória estalavam e os lamentos cortavam o ar, não sabias se era o delegado que mandava corrigir os escravos fugidos, os bêbados, os vagabundos, os ladrões ou as rameiras.

A cidade que viste nascer fez-se moça e tornou-se mulher. Em lugar de barrigudas casas de taipa, alevantaram-se sobrados. O arrojo dos primeiros arranha-céus de cimento armado espantou a tua altura vigorosa. Os automóveis fonfonantes reclamaram tua queda, porque lhes estorvavas a velocidade, tu que conhecias uma por uma as velhas traquitanas de magras pilecas, alugadas pelo Golignac, mais velho do que elas. Não houve voz, pedido ou protesto que te salvassem. Condenaram-te à morte. E tu, que perderas a grade protetora, posta pela bondosa Câmara Municipal de 1877, que foras amputado várias vezes por estorvares as platibandas dos prédios próximos, desenraizado brutalmente, cortado e recortado em achas, acabaste como lenha oferecida pela nova edilidade às cozinhas da Santa Casa. Mais nobre e útil do que os que te derrubaram, morreste dando o teu corpo para ferver a sopa dos enfermos e dos pobres.

No século XVIII, o povo revoltara-se para salvar um caujeiro. No século XX, os povos não se revoltam mais por causa duma árvore que viveu com eles... Os povos aos poucos perderam a alma.

---

[7] Major João Facundo de Castro Menezes, Vice-Presidente da Província, assassinado a 8 de dezembro de 1841 quando se achava na porta de sua residência (nº 336 da rua que hoje tem seu nome), dizem que a mando da esposa do Presidente José Joaquim Coelho. - M.S.A.

[8] Hoje Praça do Ferreira. - M.S.A.

[9] Local da Caixa Econômica Federal no Ceará (esquina sudeste das ruas Guilherme Rocha e Floriano Peixoto). - M.S.A.



O capitão Antonio Leal de Miranda, veterano do Paraguai, meu padrinho. (De uma fotografia de Pinto de Sampaio, Ceará, 1875).

O HOMEM-GARRAFA

Ao voltar do colégio, ainda mastigando uns biscoitos de limão que me sobraram no bolso dos que comprara pela manhã, deparo numa das pequenas casas da rua da Assembléia,[1] cujas janelas estão abertas, um defunto amortalhado sobre uma mesa, rodeado de velas acesas e de pessoas chorosas.

Desvio imediatamente os olhos daquele espetáculo fúnebre e aligeiro o passo. A morte faz-me medo. O primeiro morto que vi, cor de cera, mãos postas, deitado num caixão dourado e todo coberto de flores, deixou-me uma impressão apavorante. Fora o capitão Carlos Batista de Oliveira, casado com minha prima Julinha, cuja morte trágica abalou profundamente a cidade. Esse abalo necessariamente se refletiu no meu espírito infantil.

Era um oficial distintíssimo e queridíssimo. Morava num sítio na Cachorra Magra,[2] do lado do Benfica. Como todo bom gaúcho, adorava os cavalos e tinha-os de corridas. Quando minha família o visitava, eu ia logo às cocheiras admirar os parelheiros luzidios e, entre eles, sobretudo, um cardão chamado Fumaça, favorito das apostas no antigo Prado do Calçamento de Mecejana. Lembro-me perfeitamente que, quando aprendi a ler de oitiva, escutando a cantilena dos meninos da escola de minha tia, aos três anos de idade, os primeiros papéis que soletrava eram os programas das corridas domingueiras, a fim de procurar em que páreo estava o nome do Fumaça, que eu chamava Fumacinha.

Os cadetes da Escola Militar, entre os quais um tal Racha ou Rache, que mataram o velho Pindoba e os pobres bichos do Passeio Público, haviam sido desligados e mandados para os corpos do Sul pelo comandante major José Faustino. Juraram que o matariam. Tempos depois, algum intrigante malévolo espalhou na cidade, o boato, de que os tais sujeitos se achavam escondidos no sítio do capitão Carlos

---

[1] Atual Rua São Paulo, conforme vimos antes. – M.S.A.
[2] Atual Rua Marechal Deodoro, conforme já foi dito. – M.S.A.

Batista, à espera de oportunidade favorável para a realizaçã de seus intuitos assassinos.

A polícia alertada cercou a casa altas horas da noite Ouvindo rumor de passos nas folhas secas, debaixo da copadas mangueiras que circulavam a sua residência, o ca pitão Carlos Batista julgou fossem ladrões de galinhas. Com não acoutasse ninguém, estivesse de todo inocente, nem po deria imaginar que a polícia lhe houvesse cercado a casa Levantou-se, abriu uma porta, saiu e deu uns dois tiros d revólver para o ar. Certos de que se processava uma reaçã os soldados dispararam as **Comblains** sobre aquele vulto que caiu varado de balas.

Lembro-me perfeitamente do enterro, que teve o acom panhamento da cidade inteira, enlutada por aquela fatalida de, dos dolorosos lamentos da infeliz viúva e do choro soluçante dos filhos pequenos, meus companheiros de brin quedos. A impressão fora tão profunda que durante muito anos a imagem da morte me amedrontou. Não tinha coragem de olhar para um enterro, para um defunto no caixão, para o pano preto de cruz prateada ou dourada que era costume pendurar à porta dos que morriam, mesmo para qualquer cousa tarjada de preto com a foice e a ampulheta ou quais quer dos outros símbolos tétricos do passamento. Tendo ido a uma festa, onde meu primo, o poeta Quintino Cunha, en tão cadete, recitara em voz soturna, ao som da Dalila, o "Noi vado do Sepulcro", de Soares dos Passos, não pude dormir O fantasma, saudoso do amor terreno, caminhava por entre os túmulos, no meu cérebro, arrastando o manto...

Esse medo não era propriamente medo, era mais um horror, porque eu tinha uma secreta esperança até certa idade de que não morreria. Isso de morte era cousa que acontecia aos outros. A mim, não. Cá por dentro qualquer voz me sus surrava que eu escaparia. Por que e como, é que não saberia explicar.

Medo de verdade, além do Maracatu e da escuridão do corredor de nossa velha casa, eu tinha de 'dois indivíduos esquisitos. Um era o Joaquim Macaco, professor e afinador de pianos. Do bolso traseiro de sua rabona ruça e coçada saia metade dum lenço vermelho de tomador de rapé, que mais parecia a cauda dum demônio. Enterrava até os olhos

cobertos pelo capinzal das sobrancelhas esgrouviadas um chapéu coco esverdinhado pelo sol e pela chuva. A ponta dos seus braços imensos esgalhavam-se dedos nodosos e escuros que pareciam garras. Cumprimentava a todos com muitos salamaleques e curvaturas. A propósito de tudo fazia gestos teatrais. Egresso da cadeia, onde cumprira pena por ter atraído à sua casa e quase morto, numa chantagem ignóbil, o Barão de Ibiapaba, que se recusara a assinar as letras que ele exigia, era mal visto por muita gente. Acompanhava-o como que um zum-zum: – Tomem cuidado com ele!

Por isso, no dia em que vinha afinar o velho Gaveau de nossa casa, eu não saía por preço algum do fundo do quintal. As almas das crianças vibram extraordinariamente aos influxos do meio. Pouca gente observa e se dá conta dessa vibração. Aquele meu pavor não era mais do que o eco do zum-zum da cidade inteira: – Tomem cuidado com ele! Vitima do mesmo zum-zum, o infeliz que só tinha cometido aquela falta, talvez acossado pela pobreza, e nunca mais fizera mal a ninguém, desmanchava-se em curvaturas e cortesias com toda a gente. O peso da exprobração social refletia-se dum modo na sua alma dolorida, envelhecida e envilecida, de outro na minha alma ainda pura que desabrochava.

O outro sujeito era o Homem-Garrafa, velho mecânico inglês, muito alto e magro, de ombros escorridos como os duma garrafa de champanha, o passo largo e desengonçado de quem anda com pernas de pau. Morava na rua Senador Alencar, sozinho, numa casinha das chamadas Calçadas Altas. Entre as ruas Formosa[3] e Senador Pompeu um recente nivelamento da rua Senador Alencar deixara aquelas casas sobre um verdadeiro barranco, de modo que os passeios ficavam a mais de dois metros de altura do calçamento. Subia-se para eles por urnas escadinhas de tijolo vermelho. A noite, e mecânico inglês costumava passear ali no alto, para lá e para cá, em grandes pernadas, fumando cachimbo. Parecia mais desmesurado. Então, ao luar como que era ainda maior. Quando eu tinha de passar por ali, voava rente às fachadas do lado fronteiro, fechando os olhos.

---

[3] Já vimos que depois passou a denominar-se Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

Adiante, pulava dum lado para o outro, do passeio do chamado Sobrado do Gás para o da loja "Ao Farol da Bastilha" do velho Natalino Levi. O Sobrado do Gás era um casarão azul à esquina da rua Formosa, em frente à venda do Felinto Teotônio. Em baixo, os escritórios da Companhia do Gás. Em cima, moradia da rica viúva do Comendador Luís Ribeiro. Eu não gostava de pisar a calçada do sobrado e preferia a do judeu Natalino por causa do defunto Comendador, que nem ao menos conhecera. Contava-se que ele enriquecera mediante um pacto com o diabo. No dia em que morrera, já deitado no caixão e a casa cheia de gente, apareceu um vaqueiro todo vestido de couro. Ao princípio pensaram fosse um dos vaqueiros de suas fazendas chegado de surpresa e que não tivera tempo de mudar a roupa. Mas o homem era estranho, andando para lá e para cá com as suas perneiras e o seu gibão de couro de veado, no meio de todas aquelas pessoas de roupas pretas. Não dava palavra e seus olhos faiscavam. de repente, como por encanto, desapareceu. Foram fechar o caixão e verificaram que estava vazio! Enterrou-se assim mesmo.

Um ano antes de eu ir para o colégio, se me não falha a memória, o sobradão incendiou-se. O fogo começou nos escritórios da Companhia do Gás. Não havia bombeiros na cidade nem outros meios de acudir ao incêndio. A fogueira foi verdadeiramente infernal. Do alpendre da residência de minha família, voltado na direção da rua Formosa, via-se por cima das casas térreas do fundo o espetáculo do fogaréu. As chamas, tendo atingido o primeiro andar e o mirante, lambiam vorazmente o céu noturno. Estava presente o meu primo Floriano. Eu trepara a um banco, junto dele. Não sei por que lembrou a lenda do vaqueiro que viera buscar a alma e o corpo do Comendador.

– Quem sabe – disse – não é o diabo que está tocando fogo em tudo!

Aí o pavor assaltou-me. Parecia-me que as labaredas avançavam pelos telhados e já alcançavam a nossa casa. Dei um grito, agarrei-me ao primo Floriano e comecei a chorar.

Lembro-me confusamente de ter ouvido alguém dizer:

– Este menino está maluco!

Mandaram-me para a rede. Custei muito a dormir, olhando nos interstícios das telhas o clarão agitado do incên-

dio. Sonhei com o vaqueiro de olhos cintilantes aproximando-se de mim devagarinho. Tinha longos bigodes verdes pendentes como algas. Segurava-me e, armado duma faca, queria cortar-me a língua. Por trás dele, sem tirar o cachimbo da boca, o Homem-Garrafa murmurava:

– Sem língua ele não pode contar nada!

Quis fugir. O Homem-Garrafa correu atrás de mim e de cima das Calçadas Altas precipitou-me no chão, onde o vaqueiro me aparou na ponta da sua faca!

Acordei lavado em suor frio. O sonho impressionou-me tanto que anos depois se reproduziu tal qual.

No decurso da vida, já rapazinho, via sempre o Homem-Garrafa com o seu saco de ferramentas, indo para aqui e para ali a consertar encanamentos e fogões, mais velho, a cabeça embranquecendo. Quantas vezes passei rente a ele ou com ele cruzei. Ria-me intimamente dos meus antigos temores. Nunca soube o seu nome e ele também nunca soube que para mim era o Homem-Garrafa.

O medo dele me tinha sido incutido quando eu era bem pequenino por uma meninota que minha avó criava, a Isabel, criatura levada da breca e perigosa. Ela inventara que o inglês alto e feio devorava meninos, pusera-lhe o nome de Homem-Garrafa e, quando andava comigo, fazia das suas e tinha receio que eu contasse, ameaçava-me:

– Fica calado senão eu chamo o Homem-Garrafa!

O BATELÃO DO FELISBELO

Esta manhã assisto com meu pai a uma missa por alma dum primo nosso, que morreu no Amazonas. Reza-se a missa na Igreja de São Bernardo, quase no caminho do colégio, para onde vou mal ela se acaba. A igreja não tem torres, fica à esquina da rua de São Bernardo[1] com a rua Senador Pompeu, antiga Amélia. Ao sairmos, meu pai demora algum tempo, olhando a esquina fronteira, onde se ergue uma casa baixa, de muitas janelas. Depois, diz-me:

– Guarda bem o que te vou contar, porque já existe pouca gente que disso se lembre nesta terra e em breve não haverá mais ninguém. No terreno onde se levanta aquela casa, aí por 1858 ou 1859, o velho Pacheco, que era talvez o homem mais rico da cidade, que fardava à sua custa um batalhão de fuzileiros da Guarda Nacional, que montava um cavalo árabe e acabou suicidando-se em Paris, quando quebrou, construiu um navio.

– Um navio?! indago com espanto. Aqui, tão longe do mar?

– Sim, um navio. Lembro-me como se fosse agora. Morava nesse tempo aqui na rua Amélia e, ao passar para a escola, via os carpinteiros trabalhando o cavername do barco debaixo duma latada de palhas de coqueiros. Todas estas ruas não tinham sido ainda. calçadas de modo que, quando a embarcação ficou pronta, estivaram-na com madeira, a fim de arrastá-la sobre rolos para o mar. A escravaria puxava-a com cordas. Seguiu pela rua de São Bernardo até ali ao Garrote, hoje praça dos Voluntários, e desceu pela rua de Baixo, depois Conde d'Eu e atual Sena Madureira, levou mais de quinze dias para ser posta a flutuar!

– E navegou?

– Muito tempo. Entre Fortaleza, Camocim e Aracati. Iate veleiro e seguro, diziam todos.

– Como se chamava?

– O nome era engraçado: "Palpite". Uma famosa Comissão Científica, da qual faziam parte, entre outros, o bo-

---

[1] Atual Rua Pedro Pereira. M.S.A.

tânico Limão, o engenheiro Capanema e o poeta Gonçalves Dias, mandada pelo Imperador a estudar o problema do Nordeste, fretou o iate para trazer sua papelada, creio que do Camocim para Fortaleza. No caminho, o pobre do "Palpite" foi a pique, dizem que de propósito, para esconder muambas...

A história impressiona-me. Eu passo o tempo que posso, nos domingos e quando dou qualquer escapadela, remando de ginga, pescando de landuá, linha e até tarrafa no Poço da Draga.[2] Tenho a mania de ser marinheiro e só leio com verdadeiro prazer histórias de viagens e de piratas. Mando tatuar uma âncora no braço pelo velho Corrêa, mestre do cuter "São Francisco", onde vou comer, quando ele está surto do Poço, caldeiradas de cangulo com caju azedo e pirão. O mestre Corrêa ensina-me o aparelho de todos os navios, desde a carlinga ao tope dos mastros, sem faltar o nome duma verga, duma vela, dum cabo ou duma sapata. Conheço como um lobo do mar todas as obras vivas e mortas de qualquer embarcação na hierarquia que vai das de um mastro às de três e mesmo às moderníssimas, americanizadas, de quatro e de cinco. Dos cuters e iates aos lugres e galeras não há segredos para mim, incluindo-se na série, como de mais baixa condição, os palhabotes variados, as sumacas de mastros inteiriços e as barcaças com suas coringas.

Entre a ponta do Arpoador e a ponta do Mucuripe, a costa é para mim como as palmas de minhas mãos, dou-me com todos os pescadores, jangadeiros e catraieiros, sei de cor os nomes de todos os escaleres, baleeiras e jangadas, em serviço, como os de todos os que deram baixa e se alinham, apodrecendo, encostados ao velho galpão das bóias da Capitania do Porto. Embirro com os paquetes a vapor. Pouco se me dá que encham o ancoradouro em frente à Ponta Metálica, os da Companhia Maranhense, da Pernambucana, da Costeira, do Lloyd, da Red-Cross, da Booth ou da Hamburguesa. Mas, se vejo oscilando ao vento e à onda do largo o arvoredo dum brigue-barca ou duma galera, em geral suecos, noruegueses e dinamarqueses, que trazem pinho de Riga

[2] Foz do Riacho Pajeú, na Praia Formosa. – M.S.A.

ou carvão para o Gasômetro[3], já estou me empenhando com o prático Remígio ou com o velho Mestre Maia para ir a bordo. Se o consigo, trepo como um macaco pelo aranhol das enxarcias. Empoleirado nos vaus do joanete, contemplo a orla branca do litoral, encurvada como um alfanje, toda emoldurada de coqueiros, a cidade correndo na crista dos outeiros, desde as torres da igreja da Conceição da Prainha até a longa fachada alvacenta das oficinas da Estrada de Ferro, dos cajueirais da Aldeota às barrancas do morro do Moinho.[4] E vou pelos estrilhos até o lais das vergas, para sentir o balanço sobre o abismo líquido e verde.

Como me recordo do velho Mestre Maia! Era um carpinteiro naval escocês contratado aí por 1890 pelo Ceará Harbour Company para as obras do porto e que definitivamente encalhara no Ceará. Chamava-se John Myles. Tratavam-no comumente por Mister Myles. De Mister Myles (Mister Mailes) o povo da Praia rapidamente fizera Mestre Maia. Como que ainda o estou vendo: alto, desempenado, músculos de aço, a barba loura varrendo o peito, olhos azuis e doces. Mora numa chácara ao fim da rua do Chafariz,[5] esquina da ladeira do Faria,[6] sombreada por denso coqueiral, onde mantém pequeno estaleiro para a construção de escaferes e baleeiras. Eu freqüento-lhe a casa e a oficina. Mexo em tudo e faço-lhe perguntas a cada passo. Ele tem uma grande paciência comigo e narra-me na sua meia língua histórias de suas viagens pela índia, o Chile e as ilhas do Mar do Sul. Histórias, que me deixam pensativo...

Eu também, por causa disso, tenho um estaleiro em casa, com um letreiro pregado na parede: Glenn & Cia. Por que Glenn? Glenn é o nome da ilhota rochosa, entre cachoeiras, onde se escondem os heróis do "Derradeiro Moicano" de Fenimore Cooper, que sei de cor. Precisando dum nome estrangeiro para uma firma de construções navais, foi este o que primeiro acudiu ao meu espírito.

---

3 Situava-se o gasômetro no início da Rua Barão do Rio Branco, então Rua Formosa, no quarteirão imediatamente anterior ao da Santa Casa, lado dos números pares ou "da sombra", como se dizia. - M.S.A.

4 - Situado entre a estação dos trens e o mar. - M.S.A.

5 - Atual Rua José Avelino, como já foi dito. M.S.A.

6 - Antigo beco da Prainha. - M.S.A.

O meu estaleiro funciona a um canto do alpendre, junto à cozinha, dispõe duma caixa de ferramentas díspares e de uma série de latas de manteiga e de biscoitos cheias de tinta, alcatrão, linhas, barbantes, pregos, botões, parafusos, pedaços de chumbo, de cobre, de ferro, verdadeiro cafarnaum. Ali escavo toros de madeira, transformando-os em cascos, preparo mastros, mastaréus, retrancas e caranguejas, coso velas de madapolão e algodãozinho, e fundo âncoras ou bigotas. Fabrico assim pequenos, bergantins, patachos e escunas com que vou brincar nos maceiós do Poço da Draga e, depois, vendo aos outros meninos menos industriosos.

O mais belo brigue construído no meu estaleiro e que ainda estou vendo com seus dois mastros cruzados de traquetes, velachos e gáveas, todo pintado de azul e riscado por dois frisos vermelhos de castelo a castelo, levou, em lembrança da história que meu pai contou e não me saía da lembrança, o nome de "Palpite".

O que mais desejo ver na vida é a construção dum navio, mas navio mesmo de verdade! Perco-me em cismas a imaginar como deve ser. Parece que algum antepassado navegador se agita dentro de mim. Estou mais do que farto de assistir ao bater da quilha pelo velho escocês, das embarcações miúdas, sem coberta e sem mastros. Acho que meu pai, tendo visto, quando menino, o iate mandado construir pelo velho Pacheco, foi mais feliz do que eu. Muito mais feliz! Fico com certa inveja de meu pai.

Ora, certa manhã, indo da rua do Chafariz para o antigo Porto das Jangadas,[7] beiro a casa do João Cebolinha e tomo por um beco onde termina a ladeira do Faria, entre a venda do negro Dámaso e o sobrado do prático-mor Francisco do Nascimento, o Dragão do Mar dos tempos da Abolição.[8] Gosto de passar por ali para ver um velho ferreiro alemão trabalhando na sua forja, todo sujo, puxando o fole e ativando o fogo ou batendo com o malho sobre a bigorna e fazendo

7 - Porto das Jangadas ou Praia do Peixe ou Praia dos Pescadores e hoje Praia de Iracema. - M.S.A.

8 - Esquina noroeste da antiga rua da Praia ou da Alfândega (hoje Dragão do Mar em justa homenagem ao bravo libertador) e Senador Almino (antiga do Arrecife). - M.S.A.

espadanar fagulhas, com a sua vasta barba ruiva derramada ao peito como um antigo deus escandinavo. Que cousa linda!

Nesta manhã, porém, a forja está parada e o ferreiro alemão fuma calmamente seu cachimbo sentado num tamborete. Pulo o riacho que sai do sítio do velho Lourenço Porto e me embrenho no coqueiral próximo. E eis que ali descubro com assombro, sob uma latada de palhas que o vento do oceano agita, três homens trabalhando na construção dum navio!

Um navio de verdade! Até que enfim!

Aproximo-me cauteloso, como receando espantar um sonho. Pé ante pé. A quilha, que acho imensa, repousa sobre dois grandes paus meio sumidos na areia, vigorosas toras de cajueiro bravo, com a roda de proa já levantada. Nus da cintura para cima, os carpinteiros acertam as cavernas de madeira avermelhada, que vão dando à construção um aspecto de esqueleto antediluviano recentemente despido das carnes.

Reconheço logo os carpinteiros: o velho Felisbelo, que enriquecera no Amazonas, dono da chácara onde mora Mestre Maia, e que reside mais em cima, no fundo da mesma, à rua do Seminário,[9] em boa casa rebocada de "guarnecido" e iluminada a gás, com seus dois filhos – Silvestre e Joaquim. Demoro, apreciando o trabalho e vou logo colaborando nele. Se o velho pede um prego, corro a levá-lo. Se um dos rapazes reclama a enxó ou o serrote, vou solícito atendê-lo. O que eu quero é poder permanecer ali e participar da obra. Começo sendo tolerado. Acabo, bem recebido. Todas as manhãs de quinta-feira, dias em que não há aulas, corro para o estaleiro. O navio cresce à minha vista. Afinal, não vou ficar atrás de meu pai. Ele viu fazer-se o "Palpite". Eu vejo este.

– Este o quê?

Quando a construção está bastante adiantada, começo a desconfiar da embarcação, cuja proa me parece chata. A existência duma única carlinga denota um mastro só, mas em posição diversa da do mastro dos cuters. Nada de gurupés. Duas armações de gaitas na coberta. Amuradas muito baixinhas. Indago um dia dum dos rapazes, o Quinzinho, que espécie de barco é este, escusa de que até então me esquecera.

[9] Atual Avenida Monsenhor Tabosa. – M.S.A.

tão afundado estivera dentro do meu sonho. Responde-me com a maior naturalidade:

– É um baterão.

– Um o quê?

– Um baterão, já disse.

Nunca tinha ouvido aquele nome. Escuto-o com o maior espanto pela primeira vez. Peço uma explicação. O Quinzinho pára um instante o trabalho e diz-me:

– Chama-se batelão um barco de trafegar no Amazonas. Meu pai aprendeu a fazer batelões lá e foi no que ganhou dinheiro. Estamos fazendo este para o vendermos a qualquer dono de seringal. Se der resultado, faremos outros.

Não dou mais uma palavra. Vou embora completamente decepcionado. Tanto tempo perdido com tanta dedicação e tanto sonho, pensando tratar-se dum navio de verdade que veria sulcando as ondas do Atlântico e à última hora sai-me um barco de água doce! Nunca mais quis nem passar por aqueles lados. Não queria nem ver o monstro sob a sua latada de palhas de coqueiro agitadas pelo vento. Assim o tempo foi correndo até que um dia avisto o batelão, todo pintado de azul claro, ancorado no Maceió que se estende entre o Poço da Draga e a Alfândega Nova. Reconheço-o logo, embora não tenha assistido à sua terminação. Tem um mastro curto e inteiriço, quase à meia-nau, duas gaiútas na coberta, com portas de correr, amuradas dum palmo de altura, a proa chanfrada como uma proa de bateira. Lanço-lhe uma praga:

– Tomara que vás ao fundo!

Afundou mesmo. O Felisbelo morreu pouco tempo depois daquela construção naval e os filhos brigaram por causa da herança. Como nenhum deles quisesse o batelão, que podia representar um prejuízo, o juiz partilhou-o com ambos. Para o infeliz barco, o condomínio equivalia ao abandono. Ficou anos seguidos ancorado no Maceió, flutuando na maré cheia, adernado na lama da vazante. Os moleques faziam dele cabina de banho de mar e trampolim de mergulhos. Serviu para usos mais enxovalhantes até cair o primeiro pedaço de calafeto da carena. Então, a água penetrou pelas juntas das tábuas. Com a água, a lama. O primeiro rombo permitiu a entrada da primeira colônia de siris e de manuês. O casco transformou-se em ostreiro. Não boiou mais. A enchente co-

meçou a cobri-lo. Nas grandes marés de agosto, com a lua cheia, somente a ponta do mastro ficava de fora. Um dia, o mar levou o mastro. Noutro, arrancou a amurada. Noutro, lá se foram as gaiútas. Depois, apareceu o cavername encharcado e embutido de moluscos. Por fim, a lama cobriu-o de todo.

Quando me faço homem, ninguém tem mais notícias do batelão do Felisbelo. A gente de hoje, no Ceará, sabe tanto de sua existência como da do "Palpite". Este foi a pique no mar por obra e graça duma Comissão Científica. O outro afundou na lama dum Maceió, que também não existe mais. A diferença de sorte foi justa, não há que ver. O iate era um navio de verdade, apesar de pequenino, um navio feito para o mar. O batelão era um simples barco de água doce. Teve mais do que merecia, na opinião de qualquer velho marinheiro, a sepultura sagrada da água do mar, embora em um lameiro.

A LANTERNA MÁGICA

Este mês de maio, mês de Maria, em que à noite, na modesta e mal iluminada cidade, grupos alegres de moças demandam às igrejas onde se celebra o culto de Nossa Senhora, tenho uma das maiores, senão a maior, por ser a primeira, das decepções de minha vida. Perco a namorada que arranjei no começo do ano, logo que comecei a freqüentar o colégio.

Nas minhas idas e vindas, gosto muito de admirar os mostruários das lojas que enchem o quarteirão da rua Major Facundo imediato ao da minha residência.[1] Primeiro, o balcão envidraçado da "Estrela do Oriente",[2] loja do Sr. Areias, onde há batalhões de soldados de chumbo em formatura e cavalinhos de pau com crinas e caudas de algodão. Depois, as paredes do "Preço-Fixo",[3] cujas louças me encantam, sobretudo os vasos antropomorfos e as garrafas caricaturais. Afinal, a exígua vitrina da casa de miudezas do Sr. Francisco Caminha. Aí é a casa da minha namorada. Antes de Alberto Samain fazê-lo, já eu dava alma às cousas guardadas nas vitrinas. Aquela é a minha vitrina sentimental.

Trata-se duma lanterna mágica pintada de vermelho, com o projetor e a chaminé prateados, que se ergue sobranceira no meio de trens em miniatura e carneirinhos de pau. Junto está desdobrado um papel com as instruções sobre o seu funcionamento, que leio com esforço através do vidro, pondo-me na pontinha dos pés. Há também um prospecto com uma gravura colorida, mostrando uma família feliz apreciando as vistas projetadas pela lanterna que um menino manobra. Naquele tempo nem se falava ainda em cinema e a lanterna mágica era o **nec plus ultra** no gênero.

Fico verdadeiramente louco de desejo. Anseio possuir aquele brinquedo divino. Tenho um gesto de alta coragem:

---

[1] A residência de Gustavo Barroso situava-se entre as ruas Castro e Silva e Senador Alencar, enquanto o quarteirão imediato fica entre esta última e a Rua São Paulo. – M.S.A.

[2] Nº 252 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

[3] Nº 266 da Rua Maior Facundo. – M.S.A.

entro no bazar e pergunto ao Sr. Francisco Caminha quanto custa. Ele curva-se um pouco e olha-me a roupinha de brim muito coçada, o maço de livros mal encapados sob o braço, os sapatos baratos feitos pelos presos da Cadeia, já bastante cambados, as meias de algodão caídas e responde-me por piedade – eu bem senti que foi por piedade – cônscio de que jamais poderia comprar aquela maravilha:

– Doze mil réis.

Doze mil réis! Uma fortuna! A quem pedir esse dinheiro? A meu pai? Não. Ele não me compreendia, nem eu a ele. Era muito distante. Responder-me-ia, segundo me ensinava a experiência de outras tentativas:

– Chi! É muito caro! É um roubo! Não vale mais de dois mil réis. Se ele quiser dois e quinhentos, eu dou.

Era o mesmo que negar. Isso quando de bom humor. Quando com os azeites:

– Não seja tolo. Trate de estudar. Doze mil réis por uma porcaria! Era só o que faltava! Dinheiro não se acha na rua.

Minhas tias e minha avó eram muito pobres. Viviam do aluguel duma casa que meu avô deixara. Ajudavam-se fazendo rendas, crochês e **frivolités**, para vender. Se tivessem, me dariam.

Tinha, pois, de pedir o dinheiro àquele que, sozinho, me tem dado todo o dinheiro que tenho gasto comigo e com os outros, àquele que, sozinho, me fez o que sou: a mim mesmo. Então, começa a minha luta. Junto vintém a vintém, tostão a tostão, privando-me do que era possível, as magras moedas que me dão. Trafico no colégio com lápis, canetas, penas, borrachas e selos postais. Faço temas e resolvo problemas para outros meninos por alguns vinténs. Acho um dia – que sorte! – na rua um pacote com mil e duzentos em níqueis e borós ou passagens de bonde com curso de moeda. Planto num girau, no fundo do quintal, arranjando estrume, que trago num saco, da cocheira do Golignac, couves, coentro, cebolinhas e outras verduras miúdas, que passo a vender à minha tia Iaiá mais barato do que os hortelões da Feira. Vendo, ao invés de comê-los, como antes, os ovos duma galinha branca que me deram. Cinco meses levo ajuntando vintém a vintém, tostão a tostão; todos os dias, na ida ou na volta do colégio, namorando a lanterna mágica, brinquedo caro que não acha comprador.

Completo neste feliz mês de maio os doze mil réis tão ambicionados. Com os bolsos cheios de níqueis, pratas e cobres, corro à loja do Sr. Francisco Caminha. A lanterna não está na vitrina! Ainda a vira na véspera. Devem tê-la tirado para limpeza ou arrumação. Apreensivo e trêmulo de emoção, entro e ofereço ao comerciante minhas pequeninas mãos pejadas da moeda miúda dos pobres:

– Estão aqui os doze mil réis, seu Caminha, conte e dê-me a lanterna mágica!...

O homem compreende mais ou menos o que custara aquele dinheiro, deve ter compreendido vagamente, instintivamente. Responde-me com um sorriso triste, esboçando um gesto de carinho:

– Foi vendida há pouquinho. Se eu soubesse...

Olhos úmidos, lábio a tremer, quase inconsciente, indago:

– A quem o senhor vendeu a **minha** lanterninha?

Eu já a considerava **minha** e a chamava **lanterninha**, enternecido. O homem olha-me com um olhar de funda piedade e replica:

– Ao filho do doutor Garcia.

Saio trôpego. Nas mãos abertas e estendidas, levo o dinheiro inútil. Lágrimas quentes rolam-me dos olhos. Parece que choro brasas. Que decepção! Então, desejo uma cousa ardentemente, peno meses a fio para obtê-la, faço todos os esforços possíveis e o que deve ser o prêmio justo do meu trabalho e do meu merecimento, vai parar às mãos ociosas do filho do doutor Garcia? Onde há justiça no mundo?

Conheço de vista o filho do doutor Garcia. Filho único dum magistrado que tem alguma fortuna. Mora na altura de minha casa, na rua Formosa.[4] Rodeia de tarde o quarteirão, pedalando uma bicicleta americana, niquelada, que é um sonho. Tem tudo o que deseja, até um pequira em que monta e passeia acompanhado pelo criado Amaro. Gordo como uma baleia. Sempre vestido de casemira a rigor, no trinque. Tendo tudo isso, ainda rouba a minha namorada, a minha única alegria!

Dias depois, chega do Rio de Janeiro uma velha amiga de minha família, a rica viúva Joaninha Pinto Alves. Traz

[4] Atualmente Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

presentes para toda a gente, inclusive para mim: uma caixinha com doze zuavos franceses, um corneteiro e um oficial. São lindos com as suas fofas calças garance, os seus curtos jalecos mouriscos, as chécias escarlates e as longas espingardas ao ombro. Ponho-me a brincar com eles na soleira da entrada de nossa casa. O gordo filho do doutor Garcia passa na bicicleta e não se contém, pára e vem ver os meus soldadinhos. Inveja-os logo e propõe uma barganha. Filho único, acostumado a satisfazer todos os desejos, a minha recusa acirra-o. Quer os zuavos seja como for. É capaz de dar por eles até a bicicleta americana.

Digo-lhe peremptório:

– Só troco por aquela lanterna mágica que você comprou na loja do Sr. Caminha.

Aceita e vai buscá-la. Afinal é minha, mas não me dá mais o prazer que me daria, se a houvesse comprado depois do que sofri por ela. O prazer de possuí-la está estragado pela renúncia a que fui forçado e pela dor da decepção sofrida. Quase nem valia mais a pena. Troquei por sentir instintivamente que era isso o que o destino queria, a fim de me mostrar que lhe não arrebataria nada sem o seu placet e que somente me daria o que bem entendesse. Toda a minha vida tem sido assim. Esforço-me e perco a parada. Depois de perdida, o destino me oferece generosamente o que me recusou. Tira-me o sabor de todas as vitórias, o perverso!

Muitos anos mais tarde, depois que morreu o doutor Garcia, quantas vezes encontrei nas ruas do Rio de Janeiro o seu filho, o gordo menino que tinha os brinquedos que imaginava, que possuía uma bicicleta americana e até um cavalo pequira, em que passeava todo taful acompanhado pelo criado Amaro. Era eu, então, deputado federal e tinha certo nome como jornalista e escritor. Ele diluíra-se no anonimato dum empreguinho burocrático, sem bicicleta, sem pequira e sem futuro. Quem poderá dizer para que a mão misteriosa que move o guinhol da vida o colocou na terra?

JUNHO

ROMEU E JULIETA

Santo Antônio, São João e São Pedro, três santos das fogueiras e dos fogos. São João é, tradicionalmente, o mais festejado. Em nossa casa está decretado que não acompanho a maioria e tenho de festejar Santo Antônio, porque é o santo do nome de meu pai. Na noite de 13 de junho, portanto, faço minha fogueirinha e solto meus foguetinhos.

A fogueira de cavacos de paus velhos enfiados numa pequena barrica é incendiada mesmo no meio da rua, em frente ao nosso sobrado. À noite, a cidade é um ermo e a municipalidade não está ligando a fogueiras. Plena liberdade. Festejando Santo Antônio, é a única que chameja em toda a extensão da rua Major Facundo. Tempo houve em que tinha uma companheira, no quarteirão seguinte: a do farmacêutico Antônio Teodorico da Costa. Morreu. O filho que se chama José Elói não acende mais a fogueira.

A farmácia Teodorico é a casa comercial mais antiga da cidade.[1] Contemporânea do Brasil-Reino. Fundada pelo pai do velho Teodorico, já está no neto daquele e irá ao bisneto. Pequena e numa casa baixa, toda reformada. Prateleiras com uma fila de boiões de louça antiga. Sobre o balcão, dois enormes frascos com água colorida de amarelo e azul. Entre as portas que dão para a rua, um banco de pau preto, em que a freguesia espera o aviamento das receitas. Na parede, quadros com os diplomas dos farmacêuticos.

Quantas e quantas ve zes, indo buscar ali um remédio, trepo naquele banco, leio e admiro o que está escrito naqueles quadros! Lembro-me tão bem! O primeiro é um papel amarelado com as armas de Portugal dentro da esfera armilar e começa assim: "D. João, Pela Graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves..." Depois, o Físico-Mor do Reino conferindo ao velho Elói da Costa, de quem ouço ainda minha avó falar,

[1] Situava-se no prédio que hoje tem o nº 312 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

licença de boticário. O segundo traz o brasão do Primeiro Reinado e diploma o velho Antônio Teodorico em nome da Regência do Império. O terceiro, com a coroa imperial de D. Pedro II, dá o diploma de farmacêutico ao sr. José Elói da Costa.

Surpreendo um dia meu pai com esta pergunta intempestiva:

– Papai, que é Físico-Mor do Reino?

– Quem te falou nisso? Onde viste isso?

Meu pai quer sempre saber a origem das cousas. Respondo:

– No diploma do boticário Costa, ali na farmácia Teodorico.

Então me explica que Físico naquele tempo correspondia a médico.

Muitos anos decorrem. Muitos! Homem feito, indo uma vez ao Ceará após a morte do farmacêutico José Elói, entro naquele velho estabelecimento e olho a parede dos quadros. Mais um sob os três anteriores, com a Estrela Flamejante da República, diplomando em farmacêutico meu antigo colega de Liceu, Alberto Elói, bisneto do fundador da casa. Irá ao trisneto?[2]

Na antiga farmácia, ainda há outra cousa que admiro: o que está escrito nos antigos boiões de porcelana enfileirados numa prateleira. Os nomes dos ingredientes que contêm ou continham se ostentam em letras gordas no meio de duas árvores em que se enroscam serpes, como na macieira paradisíaca. Alguns desses nomes da antiga farmacopéia ferem profundamente minha imaginação infantil. **Sangue de Dragão**, por exemplo. Lembro-me dum carnaval em que, para meter à bulha as pílulas vermífugas preparadas pelo José Elói, apareceu um carro de crítica com um mascarado que exibia pencas de caranguejos, de lacraus, sapos, cobras e lagartixas expelidos, segundo proclamava, pelas virtudes do maravilhoso remédio. Não sei por que o **Sangue de Dragão** se confunde no meu cérebro de menino com aquela bicharada

[2] Não. Foi vendida a Carlito Benevides, deputado estadual e pai do Senador Mauro Benevides. Seu novo dono a transferiu de local, estabelecendo-a na esquina sudoeste das ruas Major Facundo e São Paulo. – M.S.A.

exótica da crítica carnavalesca, formando tal associação de idéias que acabo pensando que o José Elói faz as tais pílulas com aquele sangue...

Há anos que desapareceu a fogueira do Teodorico e a minha é a única da rua. Brinco com alguns meninos em torno dela, acendendo meia dúzia de rodinhas e pistolas, cujas flores de fogo desabrocham e morrem na noite. Meu pai compra-me sempre três ou quatro mil réis de fogos para festejar Santo Antônio. Vem brincar de repente comigo, junto à fogueira, uma menina da vizinhança, cuja família, não sei por que, está brigada a fogo e sangue com a minha. Talvez ciumadas femininas. A gente grande não se fala e se detesta; mas os meninos só não se falam por causa da gente grande e não vêem razão para se detestarem.

A tal família é conhecida pela antonomásia de **as Pedrocas**. Várias irmãs, uma das quais viúva com filhos e filhas. As outras solteironas, tendo levado o que minhas tias chamam, de acordo com o falar do povo, os três tiros da peça ou da macaca, não achando casamento até os vinte e cinco. A briga, penso hoje, deve ter sido por qualquer alusão de um lado ou do outro aos tais tiros da macaca. São filhas dum Pedro de tal, apelidado o Pedroca. Herdaram a alcunha do pai, pluralizada.

É o costume da terra. Duas velhas gordas e casquilhas, que moram na nossa rua, têm três apelidos: as Professoras, por causa do seu ofício; as Itapipocas, porque vieram dessa vila do interior; e as Mundórias, porque seu pai, velho mestre de latim de aula-régia, era chamado o **Mundório** por viver declinando – **mundus, mundorum**...

No fundo de nossa casa, moram as Catundas, como dizem os indiferentes, as Catundinhas como dizem os amigos. Adiante da praça do Ferreira, fazem todas as noites roda na calçada, papagueando, as Graxões. Os melhores doces de tabuleiro que se vendem pelas ruas são obra dois Bacuraus; os melhores pães de ló torrados, das Coringuinhas. Há dezenas. As Macaíbas. As Gurgéias. As Telésforos. As Caras Pretas. As Pintadas. As Suçuaranas. E muita gente, lembrada ainda do antigo pseudônimo de Zé Garapa, com que meu avô, quando deputado, firmava seus ineditoriais de combate político, chamam as minhas tias

– as Garapas, e às minhas primas – as Garapinhas, com o que elas ficam fulas.

Raríssimos escapam de apelidos no Ceará, sobretudo se passaram pela cidade do Aracati, que é a capital das alcunhas. Às vezes, o nome da casa comercial dum indivíduo acaba se substituindo ao seu próprio e batizando-lhe toda a família. Um sujeito que teve uma venda à esquina das ruas de Baixo[3] e do Chafariz[4] pôs-lhe o nome de "Ship-Chandier". O poviléu adulterou-o em Chico Pixane e sua família passou a ser a família de Chico Pixane. O velho Smith de Vasconcelos, conhecido nas nobiliarquias como o Primeiro Barão de Vasconcelos, nunca conseguiu firmar seus Brasões no Ceará. Lá não passou do Velho Barateiro por ser este o título da loja em que enriquecera no meio do século passado.

À esquina das ruas Major Facundo e Misericórdia,[5] em frente ao Passeio Público, moram urnas solteironas que se rebocam de branco e se cobrem de carmim. Ridículas e boníssimas criaturas. São as Mississipi. O pai teve uma bodega com o letreiro "Ao Mississipi", no tempo em que o nordeste todo vibrava com as notícias da Guerra da Secessão, era visitado pelas frotas federais e pelos corsários sulinos, e se enriquecia vendendo o seu algodão pelo alto preço provocado pela falta do produto americano no mercado mundial. Até o irmão passou a ser também Mississipi. Sua família também. Acabaram assinando a alcunha. Os descendentes são Mississipis para todos os efeitos.

Antônio Dias Pinheiro, dono da casa "O Palhabote", – venda, botequim, bilhares e fábrica de gelo, que funciona na antiga residência de Smith de Vasconcelos, o Barateiro, vendida por este a meu avô, na própria rua Major Facundo,[6] deixou de usar o nome que lhe deram na pia batismal duma aldeia portuguesa e é simplesmente – seu Palhabote. Sua família chama-se as Palhabotes.

Homem excelente, com basta pança, sempre em mangas de camisa, os óculos de vidros grossíssimos à ponta do

---

[3] Atualmente Avenida Alberto Nepomuceno. – M.S.A.
[4] Foi crismada de Rua José Avelino. – M.S.A.
[5] Hoje Rua João Moreira. – M.S.A.
[6] Atual nº 286 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

nariz, trabalhando como um mouro e bebendo canadas de cerveja para acompanhar a freguesia. Aluga o prédio à minha avó. Trago-lhe os recibos todos os meses. Minha tia Iaiá recomenda que peça dinheiro miúdo. Os trocos andam difíceis. Atende-me sempre, resmungando. Restituo-lhe uma feita cinco mil réis que me dá a mais, duas cédulas coladas. Dámos e passa a tratar-me como um amiguinho. Todas as vezes que apareço para receber os aluguéis faz-me um mimo: um biscoito, uma fruta cristalizada, uma bolachinha, uma passa. Entrega-me o dinheiro de que vive a minha família, dá-me umas tapas e grita:

– Puxa-te daqui, ó fedelho excomungado!

Fico rapaz e ele envelhecendo, sempre com a mesma amizade por mim. Deus te dê o céu, ó velho Palhabote, que em volta de ti somente semeaste bondade!

Sua filha mais moça, Marieta, destinada a trágico fim, coitada! é, às vezes, minha companheira de brinquedos no Passeio Público. O pai dá-lhe uma educação de menino. Faz-lhe as vontades e acha-lhe muita graça. Ela atira pedras divinamente. Briga com qualquer moleque a socos e pontapés. Se o moleque não for bamba, apanha. Vira cambalhota com uma perfeição admirável, mostrando sem se incomodar as fofas calcinhas de rendas. É, como diz o povo, – o cão em figura de gente.

As Pedrocas estão, pois, brigadas com minhas tias. Digo somente minhas tias, porque minha avó não brigava com Pedrocas, era feita de outra farinha, mais antiga e mais pura. O que pode haver no meu caráter de mais retilíneo e mesmo áspero, isto no modo de pensar dos amolecidos de hoje, vem de minha avó. Linha. Compostura. Dignidade. Nunca se curvou senão diante de Deus. Verdadeira fidalga. Tinha o concentrado orgulho de sua estirpe sertaneja dos primeiros povoadores da capitania, cujos governadores, vindos do Reino, quando ainda viviam na vila do Aquirás e não na do Forte, depois Fortaleza, iam beijar respeitosamente a mão de sua mãe, D. Rosa Marciana Perpétua da Cunha Lage. As iniciais do seu nome ainda se contorcem em prenumerosas iniciais do seu nome ainda se contorcem em pregaria dourada nas malas de couro preto de nossa casa.

Minha avó nunca poderia brigar com certas pessoas, porque nunca faria relações com elas. Não tomava também

conhecimento da existência de certos fatos. Eram como respingos que a salpicassem. Limpava-os sem dar palavra. Nunca encontrei na vida ninguém igual. Também nunca ninguém a quis e admirou como eu. Fui o último neto que dela se afastou, quando havia anos todos os outros andavam longe e, por isso, a minha impressão era de ser minha avó somente, de nada ter com outros.

Ouço muitas vezes meu pai dizer que ela foi muito rigorosa com ele na infância, batendo-lhe demasiadamente. Sempre presencio o seu desvelo para com ele, fazendo-lhe até o mingau da manhã e o almoço especial. Para mim, nunca levantou a mão. Em certa idade, vivi sempre agarrado às suas saias. Ela sentava-se numa poltrona de vinhático baixinha para fazer rendas, no que era perita, eu deitava a cabeça no seu regaço e adormecia, ouvindo-a contar, com o acompanhamento do bater dos bilros, história da Bíblia e dos Evangelhos.

A menina das Pedrocas que vem um instante brincar comigo junto à fogueira de Santo Antônio chamava-se Albertina. É moreninha e redondinha. Traz uns foguetinhos de taquari que acendo com um tição. Minhas tias e primas vêem a cena das janelas do sobrado. Chamam-me. Passam-me um pito. Vou dormir amuado.

Ao outro dia, quando volto do colégio e estou lendo e comendo goiabas na sala de visitas, uma de minhas primas diz para a outra, que cose no vão da janela:

– Mana, você já leu a história de Romeu e Julieta?

E a outra, com uma voz de incrível perversidade:

– Eram duas famílias inimigas, os Montechio e os Capuletti, mas, apesar disso, os dois jovens se amavam...

Levanto a cabeça do livro. Como não compreendo bem a alusão, porque não conheço ainda a história dos dois apaixonados shakespereanos, elas insistem, mais claras:

– Eram duas famílias intrigadas, Garapas e Pedrocas, mas a menina das Pedrocas acendia a taquari no fogo do menino das Garapas...

Disparo a chorar, furioso, esperneando. Minha avó ralha com as meninas, quase moças. Mas, desde esse dia, nunca mais elas me deixam em paz. Se acham minha presença importuna, se não querem que as acompanhe, se desejam ficar

livres de mim, trocam uma piscadela de olho e uma começa a dizer à outra com uma voz maldosa que conheço às léguas:

– Eram duas famílias intrigadas...

Eu digo-lhes desaforos e azulo.

Quem me vinga de ambas é meu primo Chico Diabo. Minha tia Maria, irmã de minha avó, casara em primeiras núpcias com um arquiteto austríaco, natural de Carisbad, Francisco Seifert, de quem tivera dois filhos, Francisco e Amália. O Francisco, feito prisioneiro pelos paraguaios na guerra, regressara ao Ceará para morrer do que padecera. A Amália, cujo tipo e cujo gênio eram puramente alemães, casou com um tal Jacinto que a abandonou na miséria com um filho. Era este o Chico Diabo, o menino mais terrível do mundo. Inteligente, habilidoso, levado da breca, valente e brigão. Foi sargento do Exército e morreu no Acre, ao tempo da revolução de Plácido de Castro, defendendo sozinho um vapor atacado pelos bolivianos. Os companheiros fugiram. Ele fez frente ao inimigo. Quando os socorros chegaram, estava palitado a baioneta no meio dos cadáveres dos atacantes.

Quando o Chico Diabo vem à nossa casa, como é alguns anos mais velho do que eu, não me liga a mínima importância, mas implica a grande com as meninas. Puxa-lhe os cabelos e quer cortá-los com uma faca. Quebra-lhes todas as bonecas que apanha. Gritaria. Choradeira. A mãe delas, minha tia Isabel, corre em socorro das filhas, expulsando o Chico Diabo que se retira, mostrando a língua. Mal sabe que está vingando Romeu e Julieta...

OS BRINQUEDOS VIVOS

As bonecas e bonecos de minhas primas que o Chico Diabo persegue têm vida própria. São o que vulgarmente se chama **bruxas de pano,** com olhos de retrós preto ou azul, cabelos escuros ou louros. Custam na Feira quinhentos réis o par. Os homens andam de roupas pretas; as mulheres de vestidos de cauda, com brincos e colares de lantejoulas.

Cada qual tem um nome, ou de fantasia, ou porque se parece com este ou aquele parente, esta ou aquela conhecida. Têm história e laços de família. Fizeram isto ou aquilo. Nasceram em tal lugar. Viajaram. São avós, pais, filhos, tios, sobrinhos, primos e compadres uns dos outros. Há a Julinha, a tia Leocádia, a Benvinda, o Floriano, o dr. Esmerino, o Barão e a Baronesa.

Moram em casas vizinhas, paredes-meias, feitas de pedaços de papelão ou de taboinhas de caixas de charutos, dividindo salas e quartos, tudo sobre a larga tampa dum velho baú de folha de Flandres, no último quarto do sótão. Esses bonecos possuem louças e móveis, mudam de vestidos e de chapéus, dão bailes e jantares, realizam piqueniques e casamentos.

Conversam. Discutem. Dormem. Lêem. Namoram. Injuriam-se. Até brigam. Suas crianças, em geral bonequinhas de louça, vão à escola e brincam na calçada da casa. Uma dessas crianças tem os bracinhos quebrados. Faz pena a toda gente. A mãe, D. Elvira, pergunta-lhe:

– Cadê o bracinho do filhinho?

E ele responde tatibitate:

– Nam, nam tem. Chico Diabo tebou.

Chama-se por isso Nanantém. A outra família, não querendo ser inferior, também batiza um filho, numa festa de escachar, com o mesmo nome de Nanantém. As amigas de minhas primas no quarteirão, que também têm bonecas, não lhes ficam atrás e cada qual põe num dos bonequinhos o lindo nome de Nanantém. Só eu conheci uns cinco. Tal qual na vida real, quando surgem as epidemias de Miltons, Mozarts, Normas e Valentinos.

Tudo o que os vivos fazem em casa, na sociedade e na rua, aqueles bonecos, que recebem sua onda vital da imagi-

nação infantil dumas meninas ainda oscilantes entre os brinquedos menores e os brinquedos maiores, que são os namorados, fazem na tampa do baú de Flandres, no quarto do sótão, espaço que parece tão reduzido, mas que é tão grande como o mundo.

Quando minhas primas estão brincando com as bonecas, gosto de ficar perto, vendo e ouvindo. Conheço as personagens e sua história tanto quanto elas. Agrada-me saber das novidades, quais são os novos namoros, os passeios projetados, as últimas intrigas e se vai haver algum batizado. Elas afugentam-me, naturalmente porque há algum segredo entre os bonecos, com o maldito refrão:

– Eram duas famílias intrigadas...

Meus brinquedos também têm vida, que felizmente, é talvez maior. Vivem a um canto do alpendre do primeiro andar. Suas habitações, muito bem construídas, erguem-se debaixo de velho lavatório do madeira, cujos quatro pés as amparam como colunas de sustentamento. Se uma pessoa está lavando as mãos ou o rosto e a água respinga aquele canto da casa, não tem importância, está simplesmente chovendo. A casa das bonecas de minhas primas fica em Arequipa, no Peru, onde nunca chove.

Minha casa de brinquedos causa inveja às meninas, não só pela chuva, como porque é mais bela, sem comparação, graças à minha indústria. Pequeno carpinteiro e merceneiro, fabrico portas, janelas, venezianas e móveis, além de carrinhos e navios. Qualquer rodinha de velho relógio ou de brinquedo quebrado, qualquer pedacinho de metal, argola, parafuso, chapinha ou gancho, serve-me para tirar enorme proveito. Arranjo sempre tintas com qualquer pintor em qualquer casa que esteja em consertos. Tudo o que é meu é pintado e parece novo.

Naquele recanto se movimenta uma família muito especial, com sua domesticidade e seus bichos de criação e estima, seus xerimbabos. Não há mulheres para perturbarem a sua paz. O chefe é um zuavo de folha, já muito velho, que, depois de longos anos de serviço militar, se recolheu à vida privada. Chama-se José de Morais e é viúvo. Acode pelo nome de Mestre Cabo ou pelo de **seu** cabo, em lembrança do posto que exercia na milícia antes de ser reformado compul-

soriamente. Assina-se José Cabo de Morais. Acompanha-o o filho único, Pedrinho de Morais, elegante oficial de caçadores alpinos, único remanescente duma caixa de **diabos azuis** destruída em consecutivas batalhas, em que um limão ia e vinha, derrubando pelotões como colossal bala rasa. Mora com ambos o irmão mais moço de **seu** Cabo, o Joaquim, pobre zuavo também, de farda mais rota e desbotada, com metade da cara amassada pela metralha inimiga. É um inválido que não trabalha mais e conta as suas façanhas a um Nanantém, menino enjeitado à porta da casa numa noite escura como breu.

Confesso aqui à puridade a minha fraqueza: também arranjei um Nanantém, bonequinha de metal, espécie de anjinho da asa dum antigo vaso que se quebrou. Arranquei-o da folhagem a que estava chumbado e limei a excrescência da solda. Nem parece vir de onde veio.

Os criados de **seu** Cabo são mais amigos do que criados. Duma fidelidade a toda prova. O primeiro de todos é o negro Abel, vestido à argelina, todo de bronze, resto dum **bibelot** que achei no lixo do bazar "Preço-Fixo".[1] O segundo é o John, um inglês, que, na verdade, não é inglês, mas um gato vestido de gente, empunhando uma vassoura. O terceiro é Miguel, outro gato, de camisolão, trazendo um castiçal. Miguei é irmão de John. Ambos são de faiança e se destinam a enfeitar um móvel, mas me foram dados por estarem rachados e trincados. Ressuscitei-os com cola e tinta.

Essa boa gente possuía dois cães, um de lata, todo amassado, o Bismarck, em memória dum cachorro famoso em nossa família, ao tempo de meu avô; o outro de massa, malhado de pardo e branco, perdigueiro legítimo, que late muito e atende pelo nome de Fiei. Além dos cães, um carneirinho de pó-dé-pedra, muito alvinho, que tem a vantagem de poder ser lavado, o Mimoso; uma cabrinha peluda e negra, de chifrinhos dourados, que minha tia Iaiá quis batizar como Djali, mas preferi chamar Pixuninha; uma vaquinha de pau, com manchas pretas e alvadias, de perna quebrada, a Dengosa; e dois cavalinhos de borracha com umbigos de metal que, apertados, relincham, o Rompe-Nuvem e o Corta-Vento.

[1] Nº 266 da Rua Major Facundo, como já ficou dito. M.S.A.

Freqüentam a casa um caçador de papel-comprimido, vestido de jaleco azul e calções castanhos, com um chapeuzinho emplumado e suíças de tirolês, visita muito incômoda, porque está sempre de carabina apontada, o João Galamarte; um couraceiro alemão, cuja águia dourada do elmo só tem uma asa, pesado como o chumbo com que o fundiram em Nurembérgia, o coronel Munro, homenagem pessoal ao herói de Fenimore Cooper; e uns cinco hussares ingleses, de dólmans trançados de alamares e barretinas emplumadas, os quais formam o destacamento da localidade e são as míseras sobras de antigo e brilhante regimento pertencente ao Oscar Lobo, filho do alfaiate português Acácio Lobo, nosso vizinho. D. Amélia Lobo guardou-os, porque o Oscar ficara já rapaz, e m'os deu de presente num dia em que a ajudei a fazer compras nas lojas do Mercado.

Uma ou outra vez aparece por ali o Guabiru, Francisco do Nascimento Guabiru, que mora debaixo dos balaústres da escada que desce para o quintal. É muito feio, mas muito engaçado. Foi esculpido por mim próprio num pedaço de caraca da cajazeira. Usa calças pretas e casaco de brim branco. Põe o chapéu a três pancadas. A cara é da cor rubra da caraca. Os bigodões negros lembram os do padeiro português Siqueira, estabelecido à rua Formosa.[2] Toca viola. Canta desafios. De vez em quando, provoca uma desordem. Já quebrou a ponta dum pé por causa dessas valentias. Quis se meter a bamba com um peso pesado como o coronel Munro...

Esse pessoal heteróclito agita-se naquele cantinho durante anos, reproduzindo na sua alma de ficção o que vai por dentro das ficções da minha alma de criança. Se fosse contar os episódios e os romances que se passaram com o meu perdido amigo José Cabo de Morais, seu filho Pedrinho, seu irmão Joaquim, seus amigos, criados e animais domésticos, encheria livros. Um sem-número de intrigas, mutações, avatares e acontecimentos! Na minha meninice, a imaginação infantil, entregue a si própria, criava, multiplicando-se. Hoje, a imaginação da infância está entregue a perversos moderadores que a retorcem num sentido materialista e a atarantam ou endoidecem nas ilógicas

[2] Já vimos que, depois, veio a chamar-se Rua Barão do Rio Branco. M.S.A.

complicações dos desenhos animados ou no sensacionalismo barato das fitas em série.

A vida da minha alma com as almas que ela cria nos meus brinquedos é tão deliciosa que até aos quatorze anos não me posso desapegar dessa gente e desses bichos. Somente nessa idade deles começo a afastar-me, abandonando-os às vezes dias e às vezes semanas inteiras. Por fim, deixo-os de vez, não porque me não dêem mais prazer, mas com respeito humano, porque criticam um menino **tão grande**, um **ganjalão desse tamanho** ainda brincando com bonecos!

Aos quinze anos, encerro-os em uma lata de biscoitos, bem forradinhos de papel fino, e a encafuo no fundo do gavetão da cômoda da alcova de minha avó. Ficam ali como mortos durante longos anos. Vivem somente na minha saudade. Às vezes, no meio dos dissabores da vida, penso neles para fugir de pensar nos homens. Por duas vezes em que vou ao Ceará, homem feito, visito-os, tiro-os um por um do seu esconderijo. Riem para mim. Sinto que estão tão contentes em me verem quanto eu em vê-los. A longa ausência desaparece naquele momento como por encanto. Parece que foi ontem! Conversamos silenciosamente sobre o tempo feliz e inocente que vivemos juntos, todos os dias, debaixo do velho lavatório familiar, na mesma comunhão de pensamentos, na mesma abundância de coração.

Acham que mudei bastante no aspecto. Estou mais alto, mais forte, barbado, sobretudo mais triste. Não insistem muito sobre essa mudança, porque estão pertinho de minha alma e sabem que ela não mudou para eles. De minha parte, não lhes noto mudança alguma. **Seu** Cabo conserva as mesmas bombachas garance e a mesma barbicha em ponta de veterano da Argélia. A espadinha do Pedrinho continua a luzir encostada à sua túnica azul escura, como luz a mocidade de seu rosto esmaltado. A face metralhada. do Joaquim nem piorou nem melhorou. O Galamarte mantém-se a apontar a caçadeira. A águia do capacete imperial do coronel não criou outra asa. O Nanantém conserva-se nu como quando foi enjeitado numa noite escura como breu. O pé do Guabiru está como sempre quebrado. A negrura do Abel é a mesma. As caras felinas do John e do Miguei riem como sempre riram.

Cães, vaquinha, carneirinho, cabrita e cavalos, tudo no mesmo estado.

Da última vez, porém, em que fui à minha terra, quando tive, por morte de minha avó e de minhas tias, pela necessidade de trazer meu pai comigo, de desmanchar a arrumação ou, melhor, a desarrumação do velho sobrado, onde residira minha família durante mais de meio século, achei vazio o gavetão da cômoda, em que devia estar a lata com os meus brinquedos. Certamente, os filhos de uma de minhas primas, que visitara a família antes de mim, tinham carregado e destruído o sr. José Cabo de Morais, seus parentes, seus amigos, seus criados e seus bichos. Não os estimavam. Não os conheciam. Somente eu no mundo sabia quem eles eram, como se chamavam e o que haviam feito, eu, o seu Criador, o seu Animador, o seu único Amigo!

Olhando o gavetão vazio, senti como que a dor duma profanação! Tinha a intenção de trazê-los comigo para a minha casa, de escondê-los por trás dos meus livros prediletos, no fundo duma estante, livros que são meus amigos discretos e fiéis como eles, porém muito menos inocentes; escondê-los sem que ninguém soubesse, para que somente eu, dentro de mim mesmo, no meu infinito mundo interior, continuasse certo de que ali estavam, sossegados, protegidos, ao alcance de minhas mãos. O destino não o quis. Nunca mais os verei, porém nunca mais em mim morrerá a saudade deles.

Sei por experiência própria que os brinquedos têm vida, porque lhes dei vida; que os brinquedos são vivos, porque vivi os meus melhores anos com eles.

CAVALO-MARINHO

Meu colégio não dá férias de São João, como os colégios de hoje. Nem no próprio dia de São João. Na minha meninice as cousas eram outras, a vida mais dura. Aliás, nem um colégio de Fortaleza sai dessa regra. A meninada somente à noite pode participar um pouco da festa tradicional: fogueiras com seus compadrescos, aluás, pamonhas e canjicas de milho verde, espigas assadas nas brasas, fogos de vista, girândolas luminosas rasgando a escuridão, o estrondar contínuo das bombas e as reticências rubras dos balões pontuando o céu de veludo negro.

Quando eu ainda não estava no colégio, meu tio Antônio Alexandrino da Cunha me mandava buscar para passar uns dias no sítio do Curió. Que delícia! Era a maior festa para mim, porque havia sempre pescaria na barra do rio Pacoti. Acordava-se de madrugada. Selavam-se os cavalos. Aprontavam-se as cargas. Toda a gente do sítio se movia e trabalhava ao clarão dos candeeiros de querosene. Quando a manhã rompia gloriosamente por trás dos morros da costa, já a carlana beirava a lagoa da Precabura, onde os bandos de galos de campina cantavam alto nas frondes das carnaóbas.

Extensa fila de homens e animais. Na frente, os donos do sítio, meu tio e meu primo Joãozinho, a cavalo. Eu na garupa do primeiro. Depois, a carga da matalotagem sob a guarda do negro Chico, o cozinheiro. A seguir, os burros carregados com as redes de pescar. Afinal, os que levavam os caçuás vazios para trazer o peixe.

A algazarra dos caboclos pescadores alegrava aquelas várzeas, espantando a passarada. A luz do sol semeava moedas de ouro e jóias pelo chão e pelos troncos linheiros. O céu era suave e azul. O vento, doce e perfumado. Ouvia-se o mar rolando ao longe. Que cousa maravilhosa! O tempo mais feliz da minha vida!

Chegava-se afinal à barra do rio, entre dunas, coqueirais e mangues sombrios. Maré de vazante. O negro Chico aboletava a cozinha debaixo dum cajueiro ramalhudo: trempes de pedra, panelas ou alguidares de barro para cozinhar

peixe, mariscos e camarões, o bule do café, a lata do açúcar mascavinho, o balaio dos beijus, das tapiocas e das rapaduras.

A uma ordem breve do meu tio, os pescadores entravam na água rasa do rio e começavam a fincar fortemente, numa linha que ia de margem a margem, altas estacas de sabiá e acende-candeia, na distância duma vara[1] uma da outra. Terminavam esse trabalho com a maré subindo. Meus olhos perdiam-se na muda contemplação das correntes que se chocavam, a da água doce descendo, a de água salgada contrariando-a.

A de água doce ia cedendo o lugar pouco a pouco à outra até desaparecer de todo. Então, se iniciava o desenrolar cuidadoso da grande rede na ribanceira arenosa e ao preparo das zangarelhas destinadas a evitar a fuga do pescado. Enquanto se fazia isso, eu ia colher búzios na areia molhada, apanhar bagres nos poços das pedras, pegar caranguejos e aratus nos mangues, para o negro Chico cozinhar para o almoço, servindo-os dentro de vasto alguidar de pirão escaldado.

Mal a maré repontava, como dizia os velhos pescadores, isto é, chegava ao auge, o mestre da pescaria soltava um longo toque de búzio que ecoava roufenho por entre os morros. Ao longe, os cabochos que o ouviam largavam um instante as enxadas nos roçados e murmuravam:

– Capitão Lixandino tá pescando no Pacoti. Vamos buscar peixe hoje no Curió.

O toque de búzio, era o **baliali** daquela verdadeira caçada aquática. Àquele sinal, os pescadores arrastavam a pesadíssima rede, toda carregada de pesos de chumbo, para dentro da água, aproveitando o momento de equilíbrio da maré para estendê-la de margem a margem, amarrada de encontro às estacas. Logo depois, colocavam as zangarelhas obliquamente, por cima da rede grande, repousando em varas de mororó apoiadas em pequenas balsas presas à cerca.

– O peixe já está cercado, **seu** capitão! dizia contente o mestre da pescaria. Agora é só esperar a maré baixar.

Aproveitando a enchente, sobretudo em certas épocas do ano, nos meses sem **r**, maio, junho, julho e agosto, os

---

[1] Medida antiga, ainda hoje observada no sertão, correspondente a 1 metro e 10 centimetros. – M.S.A.

peixes da costa sobem pelas barras dos rios, em busca dos lagamares e lagunas, uns para se fartarem de lodos alimentícios, outros para a desova e ainda outros para devorar os menores nesses becos sem saída. A maré leva-os assim a todos os meandros aquáticos que se infiltram por entre as dunas do litoral, pelos maceiós, pelos canais e pelos espraiados que se estendem até os carnaubais das várzeas alagadas.

Mal sente, porém, que a maré vai baixar, a grande maioria dos peixes volta a toda pressa para o mar. Os cardumes vêm espadanando água. As taínhas, que por acaso se extraviam nas águas salobras das vizinhanças das barras do rio e ali ficam, engordam extraordinariamente, perdem a faculdade de reprodução e mudam de nome. São as deliciosas curimãs.

Fechando o caminho do mar com a grande rede solidamente estendida no rio, os pescadores efetivamente cercam os peixes, que, ao topar o obstáculo, vão de encontro a ele e nele se emaranham, tentando forçá-lo. Acontece que, às vezes, o forçam, rompendo as malhas sobrecarregadas. As tainhas procuram escapar de outro modo. Saltam a cerca; mas, coitadinhas! esperam-nas traiçoeiramente, no meio do pulo salvador, obliquamente inclinadas, as malhas das zangarelhas. Não foram postas ali para outra cousa. O acúmulo do pescado às vezes é tal que embaraça o escoamento da massa de água. Então, a vazante ameaça carregar a rede pejada, as estacas inclinam-se e, aos gritos, toda a gente entra no rio, escorando a preciosa cerca de madeira e cordas.

Se a hora da maré cheia obrigava a se esperar a noite para cercar o peixe e se havia luar, então é que eu ficava mais deslumbrado e contente. Lindo espetáculo o do salto de milhares de tainhas à luz branca da lua! Verdadeira chuva de espadas, espadanar de lâminas de prata viva, esgrima de fagulhas argenteadas no espaço!

Quedava-me silencioso e imóvel, sentado na barranca do rio, acompanhando com a vista, sem me cansar nunca, o chuveiro de punhais argênteos que o poderoso instituto da Vida atirava ao espaço para fugir à ameaça da Morte. Nem sei que confusos pensamentos borbulhavam no meu cérebro infantil. Só sei que ali ficava embebido naquela visão até que a maré vazava de todo e começava a colheita do peixe

escabujante. Tão embebido que não sentia a ferroada dos mosquitos no peito dos meus pés descalços.

Enchiam-se os caçuás. Selavam-se os animais. A caravana voltava para o sítio pelo caminho que marginava a lagoa da Precabura, sob os carnaubais ensopados de luar e cortados pelo vôo rasteiro dós bacuraus vagabundos. Durante a travessia, eu continuava deslumbrado pelas magias do luar e pelos mistérios da natureza adormecida. Queria adivinhar alguma cousa além do aspecto das cousas, alguma cousa de mais substancial, essencial, profundo. Agüentando-me como podia ao rabicho da sela de tio Antônio, fazia-lhe perguntas sobre perguntas:

– Meu tio, o senhor já viu a Cabra-Cabriola? Dizem que bate o papo como camaleão. Há uma que mora no escuro da tamarineira atrás da bodega do João Pereira, no caminho do sítio do Benfica. Papai diz que é mentira.

Em casa, a cabocla Isabel, quando eu era menor e não queria dormir, começava:

– Espera aí que eu vou mandar chamar na tamarineira do João Pereira a Cabra-Cabriola. Deixa que ela vem por aí batendo o papo, doida para engolir menino que fica na rede de olho arregalado.

Eu fechava os olhos e me encolhia todo. Tio Antônio não gostava que se fizesse medo aos meninos. Respondia-me com a sua voz mansa:

– Não há nenhuma Cabra-Cabriola no mundo, meu filho, como não há almas penadas, lobisomens e mulas-sem-cabeça. Tudo isso é invenção dessa cabroeira à toa. Nasci no Curió e por aqui me criei. Ando pelo mato sozinho, no escuro, a todas as horas da noite, e nunca vi nenhuma assombração. Quando te contarem essas histórias dize que eu disse que é mentira e vem me dizer quem é o contador. Sobretudo não tenhas medo! Um homem não deve ter medo! E tens sangue dos Cunhas do Boqueirão!

Eu indagava tudo:

– Meu tio, há cavalo-marinho? Os pescadores dizem que há.

Esperava uma negativa e um pequeno sermão, como no caso da Cabra-Cabriola. Com grande espanto, ouvi esta resposta:

– Até conheço um.

Não cabia em mim de espanto. Na noite tranqüila e perfumada, os passos dos homens e dos cavalos ressoavam na tabatinga endurecida. A voz de meu tio foi me contando lentamente esta história:

– É aquele cavalo ruço do compadre Felismino Rocha, dizimeiro da barra do Cocó. Apanharam-no no meio do mar, numa noite de muita chuva e escuridão. É, portanto, um verdadeiro cavalo-marinho... A cousa passou-se assim. Uma jangada do Iguape, levada pelo vento e pela correnteza para os lados do Aracati, navegava para voltar ao seu porto, quando o proeiro gritou:

– Mestre, ouvi agorinha mesmo um relincho de cavalo!

O mestre soltou uma risada:

– Nestas alturas? Ou é maluquice ou cachaça. Só se foi relincho de cavalo-marinho!

Nisto, o mestre e o terceiro pescador da jangada ouviram nitidamente o relincho varando a escuridão e a chuva. Era de arrepiar. Aproaram a embarcação no rumo de onde vinha o som. Os relinchos começaram a repetir-se, espaçados, cada vez mais distintos. De repente, escutaram o mar batendo de encontro a qualquer obstáculo. Esquisito! Pedras não havia por ali. Seria um casco de navio abandonado? Como não enxergassem um palmo adiante do nariz e não pudessem acender fogo por causa da chuva, os jangadeiros puseram-se a gritar; mas ninguém lhes respondia e somente os relinchos se repetiam cada vez mais perto.

– T'esconjuro! praguejou o mestre, e os três homens quase se deixaram dominar pelo pavor, pensando em toda a sorte de assombrações que aparecem no mar. Afinal, nasceu a madrugada e, ao seu primeiro clarão sobre a toalha do oceano, tiveram a revelação do mistério. Achavam-se diante de grande balseiro, no meio do qual estava todo emaranhado no cipoal um cavalo vivo.

Fora um ano em que houvera verdadeira seca de água. Chovera tanto em todo o Ceará que até os sapos, dizia o povo, morreram afogados. O rio Jaguaribe dera várias cheias, cada qual a maior, levando grandes pedaços de terra e de mato para o mar, arrasando mesmo povoados. A cidade do Aracati foi três vezes inundada. Os moradores embarcavam em ca-

noas nas sacadas dos sobrados. Os balseiros que derivavam com a correnteza mais pareciam ilhas. Era num deles, ainda não desfeito pelas ondas, que os três jangadeiros do Iguape encontraram o cavalo relinchando.

Conseguiram com bastante dificuldade pô-lo na jangada e trazê-lo para terra. Cavalo novo e bom marchador. O **ferro** de muito longe, da freguesia de Morada Nova. Ninguém o reclamou. Venderam-no ao Joaquim Teodoro do Arapaçu por duzentos mil réis,. O Teodoro passou-o ao compadre Felismino por duzentos e cinqüenta. É o único cavalo-marinho que conheço, mas esse é mesmo de verdade...

A voz de meu velho tio, tão bondoso, tão simples e tão manso, ainda ecoa nos meus ouvidos, acompanhada pelo passo isócrono dos homens e animais pela margem da Precabura afora, sob o luar de prata. Há quarenta anos não assisto a uma pescaria de barra de rio. Há quarenta anos somente na minha memória, na minha saudade, digo melhor, no banho de luz melancólico do luar do passado, se acendem e apagam, se apagam e acendem as longas faíscas prateadas das tainhas saltando a grande rede e caindo nas zangarelhas, ou passa esquipando pela praia clara, entre as velas inclinadas das jangadas, que secam ao sol, o cavalo ruço e marchador do dizimeiro do Cocó, salvo das ondas numa noite de chuva e escuridão por três jangadeiros do Iguape, o único cavalo-marinho que jamais houve no mundo...



O capitão Antônio Alexandrino da Cunha, meu tio-avô.
(De uma fotografia da "Fotografia Volante" de Firmino & Lins, Ceará)

OS CUNHAS DO BOQUEIRÃO

Hoje, dia 29 de junho, consagrado a São Pedro e aniversário de minha tia Maria, que chamamos carinhosamente Nenén, o professor Lino sente-se mal na última aula. Tem uma tonteira. Seu filho Artur manda-nos todos para casa. Depois de almoçar na cozinha os meus bifinhos com pirão, sento-me ao lado de minha avó, que faz na almofada de bilros a sua renda de baratinha e ela me diz, referindo-se ao meu tio do Curió:

– O Tonho esteve aqui e queria levar-te para uma pescaria; más eu disse que estavas no colégio e não podia mais ir. Deixou-te saudades.

A lembrança de meu tio vem de envolta com o que ele costuma dizer-me: – Tens sangue dos Cunhas no Boqueirão! Indago de minha avó:

– Vovó, quem eram os Cunhas do Boqueirão, de quem meu tio sempre fala?

– Uma gente danada lá do Jaguaribe, nossos antepassados.

Recolhe-se um pouco e, depois, desfia a trágica história da nossa família sertaneja, que se conserva de pais a filhos como tradição da raça.

Nos fins do século XVII, quando o Ceará amanhecia, estabeleceram-se em grandes sesmarias, no vale do Jaguaribe, vindos de Pernambuco, o mestre de campo ou coronel de cavalaria de Ordenanças Antônio da Cunha Pereira e sua mulher, D. Paula de Sousa Cavalcanti, descendentes em linha reta de outro coronel ou mestre de campos da ilha da Madeira, Pedro da Cunha de Andrade e sua mulher, D. Ana de Vasconcelos, neta de Arnaud de Holanda, bisneta de Henrique de Holanda, barão de Rheinburg ou de Rolemburg, que era cunhado do Papa Adriano VI. Esses Cunhas Pereiras provinham de D. Nuno da Cunha, capitão-mor do Malabar, de Tristão da Cunha, o navegador, de D. Luís de Ataíde e Atouguia, de D. Isabel de Fróis, do fidalgo Florentino Cavalcante-Cavalcanti e de Jerônimo de Albuquerque, ligando-se aos Costas Barros, aos Barbosas Cordeiros e aos Pereiras da cruz florida e vazia em campo de goles.

Minha avó destrinchava as genealogias da raça como ninguém. Só minha tia Iaiá conhecia o assunto tão bem quanto ela. Era, além disso, um repositório vivo das tradições do Ceará. Nascera em 1819, criara-se com seu pai, o capitão-mor João da Cunha Pereira governando os índios mansos da Mecejana. Casara-se muito mocinha com meu avô, o capitão José Maximiano Barroso, que, entre 1840 e 1880, participara de todas as questões e lutas políticas da Província, que vinha ao Rio de Janeiro uma vez por outra, gozando da privança dos nossos próximos parentes o Conselheiro José Liberato Barroso, Ministro do Império, o notável engenheiro Zózimo Barroso e o Barão de Cotegipe, com quem carteava o baralho na mesa do voltarete, o bridge, a coqueluche da época. A boa velhinha, com sua memória prodigiosa, é uma história viva. Muitas vezes assisto à vinda do velho João Brígido à nossa casa pedir à minha avó uma ou outra informação sobre datas e personagens do passado. Nem só esse jornalista e historiador. Ainda me recordo dum dia em que o desembargador Paulino Nogueira a chama da escada da rua, perguntando-lhe:

– D. Zabelinha, a senhora quer me repetir o que lhe disse o coronel José Agostinho do Icó, quando passou doente pelo sítio de seu pai, depois do envenenamento da Assembléia Provincial pelo Dr. José Lourenço, em 1842,[1] de que resultou o assassínio do Major Facundo?

Ela dá a explicação, tão minuciosamente quanto me fala agora dos Cunhas do Boqueirão e me falou outras vezes, como para me gravar na memória a crônica vetusta e esquecida da família.

– Meu pai, continua, João da Cunha Pereira, era sobrinho do velho Manuel da Cunha Pereira, o maior potentado do Jaguaribe. O filho de Manuel da Cunha Pereira, o coronel José Leão da Cunha Pereira, foi, comandando os milicianos do seu regimento, com José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar, até Caxias, no Maranhão, no tempo da guerra da Independência, ajudar a vencer a tropa do major português Fidié. Quando, em 1824, Tristão Gonçalves proclamou a República no Ceará, fiado na antiga camaradagem

[1] O fato aludido ocorreu, realmente, em 1841. – M.S.A.

da expedição de Caxias com José Leão, ao avançar pelo vale do Jaguaribe, mandou pedir auxílio de gente e cavalos a Manuel da Cunha Pereira. Este e o filho, sendo partidários da legalidade, eximiram-se, ausentando-se de sua fazenda do Boqueirão. O chefe republicano, ao chegar ali, ficou furioso por não encontrar o que pedira, surrou os vaqueiros e devastou o rebanho. Foi isto o bastante para José Leão armar os seus homens em outras fazendas da redondeza e seguir-lhe no encalço. Na várzea de Santa Rosa, quando Tristão Gonçalves dava combate às milícias imperiais de Manuel Antônio de Amorim, José Leão carregou-o por um flanco e desbaratou-o, matando-o na fuga e deixando o seu cadáver insepulto.

A crônica familiar do Boqueirão passa da vida pública para a vida particular com um rumor de tragédia doméstica. José Leão era filho do primeiro matrimônio do velho Manuel da Cunha Pereira. Do segundo, este tivera mais dois filhos. Salvador de Lócio Seblitz da Cunha e Sabino da Cunha, homens geniosos e valentíssimos. Quando o velho Manuel da Cunha morreu, sua viúva, mãe desses dois rapazes, D. Joana Sebastiana da Rocha Pita, apesar de velhusca, entendeu de casar a segunda vez com um parente afim próximo, neto de seu marido pelo primeiro matrimônio, Joaquim Manuel da Cunha, obtendo a troco de dinheiro a necessária dispensa do bispo de Olinda. A família de José Leão opôs-se ao desproporcionado enlace, especialmente o filho Sabino. Os Cunhas, muito numerosos, dividiram-se nessa luta.

Sabino procurou liquidar o noivo, sem o conseguir, em assaltos e emboscadas. Realizaram-se as bodas e o jovem marido amanheceu morto no alpendre da fazenda Barrinha, onde pernoitara, andando a recolher os dízimos de gado do ano de 1839. Estava inteiriçado dentro da rede e somente um pingo de sangue na camisa, à altura do coração, denunciava o longo sovelão de coser surrões de couro que alguém lhe enfiara no peito em pleno sono. Seus parentes armaram-se para a vingança. Ia atear-se no sertão mais uma das suas cruentas guerras de família.

Chefiou logo os vingadores do assassinado um sertanejo feroz chamado Francisco José de Sant'Ana, o Pataca, enjeitado criado pelo padre José Freire de Castro. O padre era irmão dum turbulento coronel de milícias, de alcunha o

Quixabeira, assassinado pelo facínora major Ângelo do Gado Brabo, segundo se dizia por mandado de José Leão, seu inimigo figadal. O enjeitado tomava a si também vingar o irmão de seu pai adotivo.

No meado de 1840, Pataca, à frente de cangaceiros do Rio Grande do Norte e da Paraíba, que andara arrebanhando, entre os quais os famosos Beira d'Água, Boca de Fogo, Cabaceira e Ventania, bem como de outros Cunhas, como Manuel de Holanda da Cunha e José Francisco da Cunha, o Poeira, depois de espionar algum tempo a fazenda do Boqueirão, a atacou de surpresa, na noite de 17 de junho. Ali se achavam somente José Leão, seu irmão Sabino, seu filho, já rapaz, Firmino, três cabras e um portador do coronel Inácio Ribeiro Bessa, chefe político de São Bernardo das Russas, que trouxera uma carta prevenindo a todos dos projetos do Pataca.

A casa tinha paredes fortíssimas de boa alvenaria e resistentes portas de umburana de espinho com brutas ferragens batidas. Os Cunhas defenderam-se. Os Patacas, muito mais numerosos, conseguiram forçar uma das portas e eles se refugiaram num quarto interno, cuja porta barricaram com malas e escoras. José Leão encafuou-se no fundo da estrebaria. Os inimigos apoderaram-se de sua mulher, D. Maria Gomes, e de seus filhos pequeninos. Fazendo deles escudos, a fim de que não lhes pudesse atirar, penetraram naquele refúgio, agarraram-no e sangraram-no ao pescoço. Depois, saquearam a casa e incendiaram-na. Quando as labaredas atingiram no quarto, onde os seis homens estavam entrincheirados, uma mala em que se guardava a pólvora, formidável explosão se fez ouvir a léguas de distância. Seis cadáveres carbonizados foram atirados aqui e ali. Somente se reconheceu o de Sabino da Cunha pelo solitário que trazia no dedo.

Em 1937, de automóvel pelo vale do Jaguaribe, em viagem para a vila do Riacho do Sangue,[2] cujo nome relembra outra luta cruel, passei pelas terras dos Cunhas e vi as fortes paredes derruídas e tostadas, as caliças decompostas e os restos de traves da antiga Casa de Pedra ou Casa Forte do

[2] Depois cidade de Frade e hoje Jaguaretama. – M.S.A.

Boqueirão, onde a mais terrível tragédia ceifara duas gerações da minha velha família, aqueles senhores feudais do sertão, cujo sangue meu tio Antônio Alexandrino relembrava que eu tinha nas veias e cuja história minha avó me contava, satisfazendo-me a curiosidade infantil e fazendo-me vibrar bem pequenino com a minha terra e com a minha gente.

JULHO

O MANDARIM

19 de julho. Abertura solene da Assembléia Estadual, cujo prédio com seu peristilo de pedra de Lisboa enche a face meridional da praça José de Alencar,[1] em frente ao Mercado de Ferro, onde se vendem o peixe e a carne. O Batalhão de Segurança do Estado acha-se formado em grande uniforme, para dar guarda de honra aos legisladores. Ouvi, impacientíssimo, durante a aula, a música sair do quartel próximo,[2] puxando-o ao som do velho dobrado "Os bilontras de Viena".

Ao deixar o colégio, não corro para minha casa, a fim de almoçar, mas venho ver a luzida tropa estendida em linha diante do edifício da Assembléia. Traz capacetes encarnados com virolas de metal amarelo e, sobre as túnicas, peitos de flanela vermelha cruzados de alamares, grossos, de lã branca os das praças, prateados os dos músicos e dourados os dos oficiais. As polainas separam com um asco branco as calças azuis das botinas reiúnas de couro preto. Correames embranquecidos a alvaiade. **Combiains** e rifles alumiando ao sol.

Conheço muitos soldados, alguns sargentos e todos os oficiais. Indico-os a outros meninos que me acompanham desde o colégio: o coronel comandante Cabral da Silveira, no seu grande cavalo preto, ladeado pelo tenente-coronel Carneiro da Cunha, no seu cavalo apatacado, e o major Raimundo Arrais, no cavalo ruço que dizem ter tomado ao cangaceiro José Dantas, à direita da linha, entre a música e a bandeira, levada pelo alferes Valdevino. À frente das companhias, os

---

[1] Antes, Praça Carolina. Depois, Capistrano de Abreu. Quando a Praça da Lagoinha (oficialmente Comendador Teodorico) passou a denominar-se Capistrano de Abreu, o largo em frente à antiga sede do Legislativo Estadual ficou sem nome até que uma lei, de iniciativa do jornalista Daniel Carneiro Job, lhe deu a denominação de Largo da Assembléia, que o povo ignora. – M.S.A.

[2] Esquina sudoeste das ruas Liberato Barroso e General Sampaio. – M.S.A.

capitães Sabóia, Milfont, Marcondes e Eduardo Medeiros, o Bicho do Muque. À frente dos pelotões, os tenentes João Marcos, João do Monte, Weyne e Rogério, que, pela sua magreza de D. Quixote, é alcunhado – o Cavaleiro da Triste Figura. E os alferes. E o brigada. E o mestre da música.

Quando a Assembléia sai incorporada, com sua mesa à frente, para congratular-se com o Governador do Estado, a corneta toca sentido, braço armas e apresentar armas. Conheço todos os toques de corneta. Ouve-se a marcha e o hino estadual.[3] Depois, o comandante manda locar: – Em coluna de pelotões pela direita, sobre o pelotão testa! Depois: – Ordinário, marche! O Batalhão escoa-se pela rua da Assembléia,[4] descendo a ladeira que leva à Sena Madureira, converge ali à direita e desfila em continência sob as janelas do Palácio do Governo, em cuja sacada se acha o Governador, rodeado pelos Secretários de Estado.

Assisto àquela bela formatura, que se repete todos os anos, à sombra do velho sobrado de esquina[5] em cujo andar térreo funciona a drogaria do dr. Eduardo Studart. Encostado ao umbral duma das portas, mal os soldados iniciam sua marcha, esqueço-os, apreciando as gaiolas de canários de raça e de patativas raras, pendentes do teto. Nem ouço mais a música tocando o dobrado "Saudades de minha terra", já longe. No meio daquelas gaiolas, há uma toda vermelhinha em forma de chalé, onde se agita um pássaro desconhecido e deslumbrante, todo branco com o bico encarnado como sangue.

Os meninos que me acompanham vão embora. Os derradeiros rumores da solenidade se apagam. As ruas voltam à tranqüilidade habitual. Continuo embevecido na muda contemplação dum passarinho tão lindo e tão fora do comum. Que será? Como se chama? De que país terá vindo? Tenho ímpetos de entrar na drogaria e perguntar o nome do bichinho a um dos empregados. Falta-me, porém, a coragem.

---

[3] Lapso do Autor. – O hino estadual só foi composto por Alberto Nepomuceno em 1903, a pedido do Barão de Studart no tricentenário da Colonização do Ceará. – M.S.A.

[4] Atualmente Rua São Paulo. – M.S.A.

[5] Esquina noroeste das ruas Floriano Peixoto e São Paulo. – M.S.A.

Se, nesse dia 1° de julho de 1898, um profeta chamasse o Governador do Estado e mostrasse aquele garoto cabeludo, franzino e pálido, de coçada roupinha de brim e meias caídas sobre os coturnos cambaios, dizendo-lhe: – Aquele menino contribuirá com a sua pena para acabar com a situação política que lhe parece tão sólida e o mantém como Governador; será Secretário de Estado, neste Palácio, daqui a quinze anos, onde receberá os cumprimentos bajulatórios de muitos destes mesmos coronelões deputados que hoje vêm saudar a V. Excia., será Deputado Federal e colega, na Câmara, dos Deputados que sobrarem dos terremotos políticos; decerto S. Exa. soltaria a mais gostosa gargalhada deste mundo. – Quem? Aquele fedelho amarelento sem eira nem beira? Qual, sr. Profeta, vá pregar noutra freguesia!

Se, nesse dia 15 de julho de 1898, o profeta me dissesse a mesma cousa, eu não soltaria uma gargalhada maior, pela simples razão de não poder ouvi-lo, unicamente preocupado em admirar o passarinho branco de biquinho sangüíneo, que parecia um capucho de algodão onde se houvesse enfiado uma pimenta malaqueta, tesouro para mim mais valioso do que deputações, secretarias ou governos de Estado.

Passaram-se os anos que o profeta poderia ter marcado. Aconteceu tudo o que ele poderia ter predito. Uma feita, no Palácio Monroe, onde então funcionava a Câmara Federal, conversando com meu muito querido amigo e colega de bancada, Eduardo Studart, dono da drogaria e do passarinho branco e raro, perguntei-lhe se se lembrava dele e se sabia ainda o que era. Respondeu-me:

– É verdade. Tive um passarinho assim, que não durou muito. Era, com efeito, lindo. Foi-me levado por um amigo aqui do Rio de Janeiro. Você ainda se lembra disso? Que memória extraordinária! Por que não entrou na drogaria e não falou comigo naquele tempo? Eu teria compreendido tão bem a sua curiosidade infantil. Bastava ter-me dito de quem era filho. Sempre fui amigo de seu pai. Sabe duma cousa, seria bem capaz de lhe dar o Mandarim.

– É verdade, o bichinho chamava-se Mandarim.

O coração de Eduardo Studart é capaz de todos os gestos generosos. Sei disso hoje. Não o poderia adivinhar naquele tempo. Como poderia ter a coragem de transpor os

umbrais e falar com aquele senhor tão bem vestido e aprumado, de bastos cabelos já alvejando, com um anel de doutor no dedo e um charuto fumegante à boca, eu, um menino de dez anos, magro, feio, mal vestido?

Curioso nome de pássaro. Mandarim! Enfim não precisei matar um Mandarim, como o personagem de Eça de Queiroz, para conquistar dignamente meu lugar ao sol. Porque, às vezes, para subir, os homens não se limitam somente a empurrar os outros, mas matam-nos mais do que se os matassem fisicamente, matando-os moralmente, espiritualmente. Graças a Deus, não carrego na minha consciência o peso de nenhum desses cadáveres. Os únicos cadáveres que andam comigo são os dos sonhos que não consegui realizar.

A CAJULEPSIA

Este mês vou sempre meia hora mais cedo para o colégio. É que, antes de começarem as aulas, eu, o Antônio Pompeu e os filhos do Arnulfo Pamplona, cujo quintal dá os fundos com um portãozinho para a praça do Patrocínio, o Quintino e o José, estamos construindo uma casa.

Sim, uma casa! Que tem isso de mais? O Antônio leu num livro de viagens que há povos selvagens, não sei se na Indochina ou na Oceania, que moram em cima das árvores. Daí lhe veio a mirífica idéia, que eu, consultado, aprovei. A praça do Patrocínio, depois chamada Marquês do Herval e hoje crismada em José de Alencar, é toda rodeada de velhas castanholeiras e mongubeiras. Escolhemos a mais umbrosa e forte destas, do lado contrário ao em que fica o colégio,[1] bem em face da residência do sr. Rodoliano Dioscórides Damón Padilha, digníssimo funcionário público, e nela estamos edificando nossa casa malaia ou indochinesa.

O assoalho, de tábuas de velhos caixões de pinho, repousa sobre dois galhos paralelos. As paredes são tecidas de ramos de pinhão bravo, fibras de malva e cipós de salsas. Todos esses vegetais nos são fornecidos gratuitamente, às braçadas, pelas ruínas do teatro inacabado que avultam no meio da praça e impedem que do nosso colégio se aviste a árvore onde se acha nossa casa. Para ela subimos por uma escada de corda. Imaginamos que embaixo da árvore é um lago. Se passam outros meninos por ali, são peixes derivando águas afora ou feras na caça pelas margens. Atiramos-lhe frechas de taquaris ou caroços de monguba com as baladeiras. Já furamos com uma pedrinha o chapéu coco do professor José de Barcelos, quando ele saía de casa. Ficou muito intrigado. Observou toda a praça e não pôde localizar de onde viera o projétil. Como seria possível descobrir a casa dos selvagens dentro da copa da árvore, disfarçada sempre com folhas verdes?

1 – Portanto, próximo à Rua General Sampaio. – M.S.A.

Quando brincamos na nossa casa, somos selvagens mesmo e falamos uma língua que inventamos e somente nós compreendemos, a língua do **giri.** Eis o seu mecanismo. Suponha-se que acaba de tocar a sineta do colégio. É a primeira chamada para a primeira aula. Não ouço o toque. O Antônio Pompeu avisa-me:

– Mucuim, a sineta está tocando! Pois bem, tem de falar assim:

– Mu-giri, cuim-giri, a-giri, si-giri, ne-giri, ta-giri, es-giri, tá-giri, to-giri, can-giri, do-giri! Fala-se com tal rapidez que quem não conhece a língua não entende o que dizemos. No colégio é expressamente proibido falar quaisquer línguas dessas que, em geral, todos os meninos inventam: a do **fá** e seus dialetos: do **fé,** do **fi,** do **fó** e do **fu**; a do **pá** e seus dialetos: do **pá**, do **pi,** do **pó** e do **pu** –, enfim, as complexas do **fá-pá,** do **pá-fi** e até do **pá-fé-pó**. O professor Lino é de opinião que menino não deve ter segredos nem dispor dos meios de guardá-los. Imagine se soubesse da existência ali tão pertinho da Casa da Árvore! Imagine se se soubesse que sou o Mestre de Cerimônias duma loja Maçônica, a Capitular Liberdade de Brincar, onde discutimos o grave problema da liberdade da meninada de todos os entraves que põem aos seus naturais desejos de vadiagem! Imagine-se!

No oitão do sótão do sobrado de minha família, à rua Major Facundo, há duas grandes janelas que abrem sobre a cumeeira do sobrado vizinho, muito mais baixo. Saindo por ali, posso percorrer como um gato mais de meio quarteirão. Uso as janelas, pois, para ir espiar pelas vidraças do segundo andar do sobradão do velho José Lourenço,[2] cuja fachada é toda forrada de antigos azulejos; as sessões do Tribunal da Relação com os desembargadores de beca e cabeça encanecida: Domingues Carneiro, Francisco Pauleta, Oliveira Praxedes, Amorim Garcia, Paiva, Sabino do Monte.

À noite, em companhia do caboclo Tomás, deslizando como sombras pelas cumoeiras dos sobrados, vou apreciar por uma fresta envidraçada do José Gomes Barbosa, em cujo andar térreo fica o armazém de fazendas do Pápi Júnior, os

2 Ainda hoje (1987) existente, embora sem uso, com a numeração 154/156 da Rua Maior Facundo. – M.S.A.

trabalhos secretos da Loja Capitular Liberdade, então ali instalada à espera que se termine a construção de seu prédio próprio à rua Tristão Gonçalves.

Mal sabem os pedreiros livres entre as colunas, com Vigilantes, Irmão Terrível e Venerável, cobrindo o templo, estralejando baterias fúnebres ou triunfais, dando passos cruzados e litúrgicos, formando abóbadas de espadas, cobertos de fitões e de aventais, que quatro curiosos olhos infantis os seguem gesto por gesto, que quatro ouvidos sutis os ouvem palavra por palavra, do alto daquela fresta, achando uma graça infinita em todos os seus ridículos manejos.

Dessa espionagem noturna surge a idéia da fundação da Loja Capitular Liberdade de Brincar. Conto tudo ao Longino Paiva, irmão mais novo do desembargador, morador na esquina da rua das Flores,[3] ao Raimundo Nonato, filho dum bodegueiro do Mercado, e fundamos a nossa maçonaria. Fabricamos os aventais com retalhos e amostras de pano, as espadas com aparas de funileiro. A loja funciona num dos quartos vazios do quintal, em cuja porta traçamos a carvão o seu título em abreviações entremeadas de três pontinhos. Os meninos convidados por nós para serem iniciados entram sorrateiramente ao cair da tarde, quando toda a minha família se acha na sala da frente, pela porta que dá do corredor lavado da entrada para o quintal, a qual fecha com uma grande pedra que nela se encosta. As sessões realizam-se diante de dois troncos de carnaúba pintados de branco, fingindo de colunas, um com a letra J, outro com a B, em tinta preta. Imita-se servilmente, simiescamente, tudo o que os maçons fazem, que eu observo e ensino como Mestre de Cerimônias.

O caboclo Tomás, expulso por não conseguir aprender nunca o ritual, conta, para vingar-se, à minha tia Iaiá a existência da loja maçônica do quintal. As providências enérgicas não se fazem esperar. Minha tia é o Pedro I da incipiente sociedade secreta. Manda o carregador Quirino rachar as colunas da carnaúba, transformando-as em achas de lenha para a cozinha. Fecha à chave as portas do corredor e do quarto vazio. Dissolve **manu militari** a maçonada.

O Samuel Cardoso faz no colégio o mesmo papel de Judas do caboclo Tomás em casa. Tendo sabido da existên-

cia da Casa da Árvore pelo Quintino Pamplona que lhe compra selos, delata-a ao professor Lino, o qual, depois de certificar-se, pede ao tenente João Marcos, seu amigo, que mande uns dois soldados desmanchar aquele **ninho de vagabundos.** Esta foi a primeira medida violenta por parte do poder público que sofro. Anuncia outras, mais duras e mais injustas para o futuro. Em idade alguma os homens escapam às tiranias.

Maçons e selvagens da Casa da Árvore respondem a essas violências com atos de terrorismo bem caraterizado em atentados de caráter pessoal, não contra os que aplicaram as sanções, demasiado poderosos para serem atingidos, porém contra os que as provocaram com a sua felonia e estão ao nosso nível. O Longino e o Nonato, em nome da maçonaria violada, achatam o focinho do caboclo Tomás, que chega em casa lavado em sangue. O José e o Quintino quebram a cara do Samuel, que perde um dente na brincadeira.

O Antônio Pompeu procura tirar uma vingança espiritual do nosso professor. A 29 de junho último, ele sentira-se mal, com tonteiras, e nos mandara para casa, sem tomar as lições. Na aula seguinte declarou ter sofrido um começo de intoxicação alimentar devido a um doce de caju, em lata, que comera. Sobre esse incidente se baseia a vingança do Antônio Pompeu. Saem todos para o recreio e ele deixa- se ficar, remanchando na arrumação dos livros e da carteira. Na sala deserta, enquanto ponho sentinela à porta., traça a giz no grande quadro negro uma cruz e, debaixo dela, estas palavras:

"Aqui jaz o querido professor Lino da Encarnação, morto de cajulepsia violenta. Orai por ele!"

Na volta do recreio, a meninada depara com aquilo e lê, aos cicios e risadinhas, até que o professor entra na sala. Seus olhos vivos vão direito ao quadro negro. Empalidece e esboça um gesto. Domina-se, porém. E decreta para manter intacta a disciplina sem quebra de sua linha pessoal

3 Atualmente Rua Castro e Silva. - M.S.A.

– A aula toda fica presa, devendo copiar esse interessante epitáfio mil vezes. Quando acabarem de copiar poderão retirar-se. Mil vezes! E, se aparecer outro, copiarão duas mil vezes!

Nunca mais apareceu epitáfio algum e, desde esse dia a palavra castigo é substituída no linguajar do colégio pelo seu sinônimo **cajulepsia.** Ninguém diz mais: – Fulano está preso, sim: – Fulano está de cajulepsia.

A TARTARUGA DO MAR

Este domingo, depois de almoçar com meus primos Floriano e Benvinda na sua casa da Praia,[1] corro como uma bala até a povoação do Mucuripe, cujas casas de taipa e palha se aninham sob um lindo coqueiral, na falda das dunas cor de prata. Uma légua para ir e outra para vir! Que é isso para as minhas velocíssimas pernas de dez anos? A hora do jantar estou de volta e ninguém sabe que andei tão longe.

Há domingos em que vou assim ao Mucuripe jogar com os meninos do Tomás Verçosa a roletinha pequena com bichos pintados que se chama Jaburu. Ganhamos e perdemos dezenas de contos de réis. Não há dinheiro que chegue. As notas de maior valor são bilhetes corridos de loterias, as de menor rótulos de maços de cigarros. Apanhamos essa fortuna pelas ruas e possuíamos cofres e mais cofres cheios. Vivemos do papel moeda, como muitos governos que se prezam...

Guardarei toda a vida uma recordação imorredoura da curva branca da costa cearense entre o antigo Porto das Jangadas, hoje Praia de Iracema, e o farol do Mucuripe, passando pelo Meireles e pela Volta da Jurema. A paisagem típica: coqueiral, dunas alvas, mar muito verde e céu muito azul, continua nos meus olhos. O rolar das ondas e o ciclo do alíseo no areal vivem nos meus ouvidos. As figuras humanas que conheci naquele meio movem-se ainda na minha lembrança.

Quando não vou ao Mucuripe jogar jaburu, costumo brincar quase sempre com os outros meninos da minha idade na duna que avança pelo espaço fronteiro à Alfândega Nova, diante do Café do Floriano, casucha de madeira onde meu primo explora o seu negócio. Hoje, a duna, o café, tudo desapareceu, vendo-se ali o começo duma avenida moderna[2] e um jardim à francesa. Nem se parece mais o que foi.

---

1 Esquina sudeste das ruas Almirante Jaceguai e José Avelino, no decadente bairro da Prainha. – M.S.A.

2 Essa duna foi removida, quando Prefeito Raimundo Girão, para a abertura da Avenida Almirante Barroso, ligando a Prainha à Praia de Iracema. – M.S.A.

Então, por cima do lombo prateado da duna corre o caminho que os pescadores tornam para vir do Porto das Jangadas[3] à cidade, entre moitas ralas de pinhão-bravo e de salsas floridas de roxo, com uma pinguela, que transpõe a levada vinda do sítio do famoso Dragão do Mar da Abolição, o prático do porto Francisco do Nascimento, mais conhecido por Mestre Chico. A levada nasce no sítio do velho Lourenço Porto, no sopé do outeiro da Aldeota, e desemboca num maceió, passando por baixo do trapiche da antiga Alfândega, que serve de Guarda-Moria.

Entre esses pescadores que passam por ali, parece-me ainda estar vendo o João Damásio, com uma vara de mororó às costas, de cujas pontas pendem cambadas de sargos ou de pilombetas, às vezes todo curvado pelo peso das enormes cavalas e garoupas, descer o declive da duna, enterrando os pés na areia, rara e frouxa, equilibrando-se sobre os velhos paus da pinguela ao passar o riacho do Mestre Chico. Tão queimado do sol que até agora não sei se era branco, caboclo ou mulato.

Longa a caminhada. Grande o peso. João Damásio sobe o morro junto aos armazéns de couro salgado do judeu Boris, na Praia do Peixe,[4] velhos barracões sórdidos e fedorentos sumidos na areia. Vem pelo costão da duna. Desce em frente ao Café do Floriano. Para chegar ao Mercado, aonde leva o pescado, tem de perlongar toda a antiga Rua da Praia,[5] subir a ladeira do Quartel,[6] atravessar as praças da Sé e José de Alencar.[7] Um estirão!

João Damásio está bastante velho e cansado de trabalhar. Já não vai mais ao mar na jangada veleira. Vão os filhos. Vive de tarrafiar no Poço da Draga,[8] quando a maré enche os maceiós, e de carregar para a feira, à tardinha, o produto das pescarias.

À margem do riacho, aquém da duna, há um relvado macio de capim de burro, que se estende por alguns metros quadrados e no meio do qual se vê a margela de alvenaria dum cacimbão. Com um suspiro de alívio, o velho pescador

[3] Atual Praia de Iracema. – M.S.A.
[4] Outro nome dado à Praia de Iracema. – M.S.A.
[5] Atual Avenida Pessoa Anta. – M.S.A.
[6] Atual Avenida Alberto Nepomuceno. – M.S.A.
[7] Depois Capistrano de Abreu e hoje Largo da Assembléia. – M.S.A.
[8] Foz do riacho Pajeú, na Praia Formosa. – M.S.A.

larga dos peixes, senta-se na beirada do poço e bate o isqueiro para acender o cachimbo.

– **Seu** João, boa tarde!

Olha-me. Já me conhece. Abre a boca num sorriso escuro, sem dentes, sob o bigode intonso e áspero. Responde:

– Boa tarde, menino danado!

É como me chama: – **menino danado.** Outras vezes diz: – **menino danisco** ou **menino perguntador.** Danado ou danisco, porque tenho muita vida, não paro, monto nos jumentos e cavalos que encontro no pasto, remo nas bateiras do Poço da Draga, nado das barraquinhas de banho até ao extremo da Ponte Metálica, onde me dependuro dos varões de ferro cruzado, subo em todos os coqueiros, jogo admiravelmente o **ponto** com papagaios de rabos armados de afiadíssimas rocegas, como os jameus e as cajaranas de todos os quintalejos, não respeitando muros e cercados, não erro a pontaria duma pedrada e pinto o sete pela redondeza. Perguntador, porque quero saber tudo: os nomes dos pertences das jangadas e os nomes de todos os peixes; como se pesca de anzol, de tarrafa, de rede, de landuá, de gereré, e de curral, na costa, nos lagamares, nos maceiós, no alto mar, na **parede do fundo** e nas **trinta e três**.

Enquanto descansa ali alguns instantes, o João Damásio sempre conversa comigo, contando- me o que ocorreu na pescaria daquele dia ou ensinando-me a conhecer os peixes pela pinta, pelas barbatanas, pelos rabos, pelas cabeças e pelas guelras: ciobas, pargos, golosas, carapitangas, xaréus, alvacórias, mariquitas, biquaras e xancaronas. Depois, apaga o cachimbo curto, de fornilho de barro empretecido, levanta-se, sopra com força, esfrega as mãos e repõe às costas, já meio abauladas, a carga pesada, seguindo seu caminho com um passo desengonçado sob a oscilação dos grandes peixes pendurados às extremidades da vara. As vezes, os meros são tão baitas e as cavalas tão longas que seus rabos forçados arrastam pelo chão. Seu vulto perde-se ao longe, nas sombras tristes do crepúsculo.

Lembro-me tão bem como se fosse hoje duma vez em que João Damásio me aparece sem as cambadas de pescado às costas, mas com um grande volume à cabeça. Arria-o na relva e senta-se à borda do cacimbão. Aproximo-me curioso. É uma enorme tartaruga do mar, tendo ainda a sair-lhe da boca a linha com que fora pescada.

Diz-me:

– Foi o meu filho Joaquim quem pescou **ela**.

Examino detidamente o monstro marinho, enquanto ele continua:

– Já está vendida a seu Ovídio do Café Java. Diz que é muito bom para fazer sopa.

Admiro a finura da linha de pescar que ainda se vê saindo da boca do animal; admiro também que o tenham deixado com o anzol. Faço notar isso ao velho pescador. E ele:

– A bicha engoliu o anzol com tanta esfaimação que ele a fisgou nas entranhas, de modo que não se pode tirar. Foi justamente por isso que o Joaquim e os outros puderam puxá-la até a jangada. Se não fosse assim, teria quebrado a linha na primeira mussica ou a arrancado das mãos dos pescadores e era uma vez tartaruga... Uma **monstra** destas tem uma força bruta dentro da água.

Cala-se pensativo e, após ligeira pausa, dá uma lição de filosofia natural à minha pouca idade.

– Menino danado, os filhos da gente são como este anzol que agarrou nas entranhas da tartaruga. Ela tinha força **mode** cortar a linha ou tirá-la das mãos dos jangadeiros e não pode fazer nada.

Quando um homem tem filhos, está com um anzol nas entranhas, fisgado. Não pode fazer o que quer. Os outros pensam às vezes que é medo. É lá o que! É o anzol que segurou lá dentro e tira as forças...

João Damásio cuspilha de esguicho, guarda o cachimbo e lá se vai com seu andar desengonçado, rumo à praça do Ferreira, levar a tartaruga ao Café Java, do Ovídio Leopoldino da Cunha, mais longe ainda do que o Mercado.[9] Seu vulto caminha ainda na minha memória, seus passos arrastados ecoam ainda nos meus ouvidos, sua voz lenta repercute ainda na minha alma e a lição da Vida que me dá está sempre presente na minha lembrança, porque hoje sei como esse anzol fisga as entranhas dum homem.

---

9 O Café Java, construído no canto nordeste da Praça do Ferreira nos idos de 1880 e derribado pelo Prefeito Godofredo Maciel em 1920, era a **sede social** da Padaria Espiritual, movimento literário dos fins do século passado. Confrontava-se com os prédios da Intendência Municipal (derrubado em 1946), da Caixa Econômica Federal e da APLUB. – M.S.A.

A TIA DESCONHECIDA

Minha avó, mãe de meu pai, teve duas irmãs e dois irmãos. A mais velha, tia Rita, morreu há mais de meio século. Não alcancei mais a segunda, tia Maria, casada em primeiras núpcias com o arquiteto austríaco Seifert, em segunda com o sr. Manuel Nunes, pai de meus primos Benvinda e Licínio. O irmão caçula, tio Chico, que dizem ter sido guapo mocetão, dono do sítio Muritiapuá, finou-se em plena mocidade. Até os meus dias somente chegou tio Antônio Alexandrino, que vive no Curió.

Do lado de meu avô paterno, ouço falar vagamente em tia Joaninha e a toda a hora ser lembrado tio Vicentinho, que vivia conosco e morreu antes do meu nascimento. Conheço, porém, e quero bem a tia Leocádia, viúva dum primo de minha avó, José Quintino da Cunha, cujo filho, o padre Vicente Salazar da Cunha, me batizou. Trato-o, por isso, de meu padrinho.

Nossas famílias são muito amigas. Durante alguns anos, tia Leocádia mora no sobrado à esquerda do nosso, onde, por causa de seu filho, então capelão e professor da Cadeia Pública, se reúnem as principais figuras do clero cearense na época: padres Bruno, Barbosa, João Paulo, Guerra, com cinco estrelas de tenente-coronel do Exército, ganhas no Paraguai, nas mangas da batina, e Graça, o sacerdote mais estimado de Fortaleza. Jogam gamão e discutem política.

Padre Vicente Salazar da Cunha é um santo. Sustenta a mãe, a irmã solteira e dois sobrinhos órfãos de pai e mãe, José e Maria. Em viagem para o Rio de Janeiro, no tão falado naufrágio do paquete "Baía", abalroado pelo "Pirapama", à noite, entre Paraíba e Pernambuco, pereceram seu irmão e sua cunhada. Ele salvou-se a nado. Sua irmã solteira, Maroquinha, a Ioió, como dizem os meninos, desde então se dedicou, silenciosa e heroicamente sacrificada, a cuidar dos orfãozinhos, educando-os com solicitude maternal.

Conhecendo esses dois tios-avós, do lado Cunha e do lado Barroso, Antônio Alexandrino e Leocádia, fácil é avaliar-se minha surpresa, descobrindo uma tia desconhecida neste último dia de julho, ao ir de manhã para o colégio. Tendo de

comprar cadernos de escrita e a pequena *História do Ceará* de João Brígido, passo pela livraria do ministro protestante Lacy, na rua das Trincheiras.[1] Depois, desço pela rua Formosa[2] no trecho compreendido entre as ruas das Trincheiras e Municipal.[3] Em frente a uma casa alta, de largo portão de entrada, uma senhora de certa idade me detém e me pergunta com um sorriso amável:

– Você é filho do Totônio?

Era como os íntimos chamavam a meu pai. Respondo que sim. Ela fala para dentro de casa:

– Mamãe, a senhora quer conhecer o filho do Totônio?

Leva-me pela mão, meio encabulado, lá para dentro duma sala com móveis antigos e me apresenta a uma velhinha magra e de fisionomia triste, que me abraça carinhosamente e me diz.

– Você não sabe que sou sua tia?

Não. Não sabia. Abalo negativamente a cabeça.

– Pois sou, continua a velhinha, sou irmã de seu avô, sou a tia Pulquéria.

Faz-me muita festa, dá-me um pedaço de pão-de-ló torrado dos que as Coringuinhas faziam para vender e tinham fama na cidade, e um níquel de cruzado:

– É para comprar sorvete, meu benzinho.

A filha, minha prima Maroca, conduz-me de novo à porta, recomenda-me estudar, ser bonzinho, ter cuidado com os bondes[4] ao atravessar as ruas, não andar com moleques e não esquecer de dar lembranças ao primo Totônio.

Passo quase todo o tempo da aula preocupado com aquela tia desconhecida, que surge assim de súbito no meu caminho; com aquela prima, também desconhecida, que me fez tantas recomendações e somente mandou lembranças a meu pai, como se o resto da família não existisse. Que mistério será esse? Sim, não há dúvidas que existe um mistério qualquer em tudo isso.

---

[1] Esquina sudoeste das ruas Major Facundo e Liberato Barroso, então chamada das Trincheiras. – M.S.A.

[2] Rua Barão do Rio Branco, hoje. – M.S.A.

[3] Atual Rua Guilherme Rocha. – M.S.A.

[4] Nesse tempo os bondes eram puxados a burro. Os bondes elétricos só funcionaram em Fortaleza a partir de 1913. – M.S.A.

Mal chego em casa e engulo o almoço, conto a todos o que se passou. Meu pai não dá palavra. Sorri levemente. Minha avó e minhas tias calam-se. Uma delas explode de repente com um muxoxo:

– Ora, as enxeridas!...

Todos sentem a necessidade duma explicação. O que acabo de contar envolve uma pergunta que exige necessariamente uma resposta. É minha avó que a dá com toda a calma da sua dignidade:

– Temos muitas queixas dessas parentas com quem não nos damos há muitos anos. Para nós, não existem. Não deves mais passar por lá, evitando-as sem má-criação. Mas se por acaso as encontrares de novo em qualquer parte e falarem contigo, sê amável e discreto.

Calo-me. Compreendo que há uma malquerença antiga e profunda. Sinto, inconscientemente, que não me compete romper a solidariedade familiar, que deve existir tanto na inimizade como na amizade. Mas, no fundo, guardo uma lembrança amável, carinhosa da minha desconhecida tia Pulquéria, irmã de meu avô, afinal de contas sangue do meu sangue.

Foi a única vez na vida em que a vi.

AGOSTO

O LAGO CHAMPLAIN

Quando chego do colégio a uma hora e um quarto ou uma hora e vinte da tarde, é que vou almoçar. Corro à cozinha, morto de fome. A Maria Jararaca, nossa cozinheira, me dá uma panelinha de esmalte em que guardou uns quatro pedaços dos bifes de panela do almoço. A Maria já está em nossa casa há vários anos. É uma boa criatura, mas, quando bebe um pouco de cachaça, fica malcriadíssima e passa a dizer os piores desaforos aos outros e a si própria. Por isso, uma de minhas tias a chama de Jararaca. Deus nos livre que ela saiba da existência desse apelido!

O bife de panela é uma instituição definitiva, perene, na nossa casa. O almoço de todos os dias é composto por um prato de bifes de panela aguados, sem batatas, sem azeitonas, sem nada, acompanhado dum prato de farofa feita com o caldo do próprio bife. Como sobremesa, bananas e outras frutas do sítio. Não se serve café. Meu pai tem um almoço especial, com filé, ovos estrelados ou omelete, em hora especial, preparado por minha avó. O comum dos mortais é ali no duro, no bife de panela, entra ano, sai ano. É o imutável, de acordo com as prescrições do regulamentado Conde de Lippe que dirige a casa, minha tia Iaiá. Lá uma ou outra sexta-feira, é possível o aparecimento dum peixe cozido ou dum bacalhau. Senão, não tem jeito, vem o bife de panela, que uma de minhas primas chama, com um travo de revolta e bastante espírito – o Condenado. É, de fato, um condenado às penas eternas.

Pois bem, Maria Jararaca me dá a panelinha com os pedacinhos do **condenado**. Aproximo-me do grande fogão de alvenaria sobre cuja chapa ferve a panela do cozido, tiro um pouquinho do caldo e ponho-o nos bifinhos, requento-os no fogareiro preparado para o assado do jantar, faço com o caldo um pirãozinho de pinto e almoço. Às vezes, quando disponho de alguns níqueis ganhos com os ovos da minha galinha

ou as verduras do meu canteiro, antes de vir para casa, entro no Mercado e compro um pedaço de queijo de cabra ou trezentos réis de lingüiça do Maranguape. Passo então como um príncipe. Ser o meu próprio cozinheiro e sentir, às vezes, a independência de comer o que quero e não aquilo a que estou condenado por um regulamento draconiano enche de satisfação e de certo orgulho os meus quase dez anos de idade.

Almoçado, desço ao quintal. É um retângulo, entre altos e muros, de uns vinte e cinco metros de profundidade por uns oito de largura. Vivo tão em comum com ele que o conheço palmo a palmo, polegada a polegada, minuciosamente. Quero-lhe muito bem. Logo ao princípio, quase debaixo das janelas da cozinha, há uma enorme goiabeira, tão ramalhuda que repousa aqui e ali em forquilhas e latadas. Dá goiabas brancas enormes e dulcíssimas. Como minha avó trouxe sua semente de Pernambuco em 1880, eu e minhas primas a chamamos – a Goiabeira da Vovó. Vi-a morrer de velha. Adiante, eleva-se um pé de graviola meio doente, que murchará e se acabará após dar meia dúzia de frutos. Depois, junto à cacimba, uma ateira, que vi morrer, quando já me pusera homem, e outra goiabeira, plantada por minha tia Maria com sementes da primeira, também excelente, que é a Goiabeira da Nenen. Eu vivo agarrado com ela. É nos seus galhos que armo alçapões de pegar vem-vens e sanhaçus. Conheço-lhes as manchas do tronco claro, o número dos galhos e, quem sabe? até as formiguinhas que vão e vêm pela sua casca rosada. Em 1934, quando a picareta das modernizações derrubou em Fortaleza o velho sobradão onde me criei, fui dizer o derradeiro adeus àquela amiga fiei e silenciosa, que me dava seus braços para me embalarem, que me dava seus frutos para comer e que me dava seus pássaros com suas vozes e suas cores. Se por obra e graça da infinita misericórdia de Deus, algum dia eu entrar no Paraíso e, se ali for permitido pedir alguma cousa, rogarei a Nosso Senhor que me dê de novo aquela goiabeira!...

Mais para o fundo do terreno, outra goiabeira, que pertence à minha tia Isabel e não vingou bem. É tão mirradinha como uma moça da nossa vizinhança que apelidam a Bacalhau. Parece viver com esforço. Dá umas goiabinhas fofas e

chochas. É possível que a sua vizinha tire todo o sumo da terra, asfixiando-a no trevoso mistério onde se desenvolve a vida das raízes. Ou talvez um capricho da natureza tenha querido dela fazer o **repoussoir** da outra, ressaltando melhor a sua obra-prima em matéria de goiabeira. Quando a desgraçadinha morre, não deixa saudades nem à sua proprietária. Sua oração fúnebre é a pior de todas: – Para que servia aquela porqueira? A infelicidade é tão terrível que nem os sentimentos de piedade despertados sobrevivem ao infeliz. Quanto mais depressa melhor para se ver livre dele.

No canto do nosso muro com os do quintal do armazém onde o caboclo Tomás atirara os gatinhos mortos e com os dum marmorista preto, o José Elesbão da Silva, cresce uma ateira viçosa, cujas atas são uma delícia. Por ela eu subo para o alto muro, por cima do qual caminho em volta de todo o quintal, procurando ovinhos de calangro nas frinchas, debaixo das telhas das construções que nele se encostam, ou fazendo de equilibrista como os dos circos de cavalinhos.

Apanho quatro ou cinco goiabas no quintal e subo à sala de jantar. É a hora em que o sol começa a baixar e, dardejando os raios por entre o sobrado do Joaquim Mota e o do Barão de Studart, na rua Formosa,[1] vem ferir em cheio sobre o largo peitoril da janela, que abre da sala de jantar para o alpendre, uma velha bandeja de prata do Porto, com seus pés em estilo D. João V, relíquia dos tempos áureos de minha família, onde repousam os copos de beber água. A sala está retratada dentro de mim. Dum lado, rente à parede, a fila das jarras de barro, bem tapadas, em que se conserva a água da chuva. São oito sobre seus altos bancos furados em que se embutem os fundos em cone truncado. Uma delas muito diferente das outras, com relevos, vidrada, de asas. Veio da Bahia. Perto da porta que abre para o corredor, sobre o guarda-comida de tela de arame, duas fileiras de moringas e quartinhas, com suas camisetas de crochê, esfriando a água ao vento encanado. Umas têm um copo de barro, outras um caneco de lata emborcado sobre o gargalo,

[1] Nº 710 da Rua Barão do Rio Branco. A residência do benemérito Historiador foi demolida para se transformar em pátio de estacionamento de automóveis. Criminosamente. – M. S.A.

porque certas pessoas acham que a água bebida em caneco de barro é mais gostosa e outras que é melhor ainda em caneco de folha-de-flandres.

Na parte da janela em que está a bandeja de prata, a um e outro lado dela, as arcas de cedro em que se guardam, numa as redes de dormir, noutra a farinha de mandioca fornecida pelo sítio Curió de meu tio Antônio Alexandrino da Cunha, irmão de minha avó. Ao centro da vasta sala, a mesa para nove pessoas, larga, de pés de bolacha, rodeada de cadeiras de couro, tendo no centro um grande candeeiro de querosene.

Na parede fronteira à das jarras, abre-se uma grande janela sobre o telhado da casa vizinha, defendida por uma velha grade de pau. Junto à janela, o guarda-louça, com uma porção de cousas que admiro: bules de prata, pratos azuis com figuras de chins, compoteiras em forma de pêra, de cristal leitoso, com pinturas, e, sobretudo, um passarinho de prata trabalhado a mão que vive crivado de palitos como se fossem frechas.

Na última face, uma mesinha de abrir e fechar em que estudo, a cômoda de fechaduras embutidas de marfim em que minha avó guarda as toalhas, os guardanapos e antigos faqueiros de marfim e prata, um armário baixo onde se alinham os frascos para doces e os frascos de tempero, e, sobre ele, como uma excrescência, no estilo que se chamou outrora **trepa-moleque**, uma estantezinha com alguns livros que pertenceram ao meu finado avô. É um deles, que vou ler na sala de visitas, balançando-me numa antiga cadeira de pau preto, ao pé da sacada, comendo as goiabas devagarinho, bem devagarinho.

Essa é a minha primeira biblioteca, encadernada em velha carneira portuguesa, com os s s em forma de f f, os e e como & &, já roída das traças e dos bichos. Compõe-se de alguns livros na verdade deliciosos: Versos de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu; "Mil e uma noites" traduzidas em português da versão francesa de Galiand; "Mil e um quartos de libra", contos tártaros, vertidos do francês; os romances espanhóis "Estevinho Gonçalves" e "Lazarilio de Tormes"; "Gil Braz de Santilhana"; "O Renegado", história do tempo das lutas de Carlos Martel contra os árabes; e "O Derradeiro

Moicano" de Cooper, edição de 1839, traduzido pelo dr. Caetano Lopes de Moura, que se diz, entre parêntesis – "natural da Bahia". Outros volumes são assim, assim: "Misseno, o Feliz Independente da Vida e da Fortuna", que me interessa mais pelas velhas gravuras em aço, especialmente a estampa da tomada de Constantinopla pelos cruzados latinos, do que pelo seu texto cheio de filosofia; "Paulo e Virgínia", que me enche os olhos de água; "Os Girondinos" de Lamartine, que me não interessam muito; e "Simão de Nântua, o Mercador de Feira", muito cacete. Alguns tomos somente abro e nem tenho coragem de folhear: "Comédias escolhidas" de Lope de Vega, cujo centenário estava destinado a comemorar na Academia Brasileira.

Quem diria?

Outro desses livros merece a mesma pergunta. "O Derradeiro Moicano", que acho um encanto e me faz sonhar com índio e fortins coloniais. Eu o sei de cor e admiro como um louco a figura varonil de Olho de Falcão, o caçador amigo dos moicanos. As cenas do romance passam–se à margem do lago Champlain, no norte dos Estados Unidos. Fenimore Cooper descreve as suas paisagens com surpreendente nitidez e grande poesia. Tenho ânsia de ver o lago Champlain com seu espelho de águas quietas e frias, a perspectiva dos pinheirais descendo das abas dos morros como um exército de guerreiros selvagens, a translucidez do seu céu matutino, as linheiras fumaças das fogueiras, nos acampamentos de suas ilhas, subindo no espaço, pirogas de hurões encostadas nas praias cor de ouro e os castores construindo seus diques de lama. Quando vou passar as tardes no sítio do Benfica, com meu pai, tomo duma velha espingarda desmantelada e me perco sob os cajueiros atrás do meu sonho. Quando vou a um sítio ou fazenda de parentes, onde há um açude, ponho uma pena de galinha amarrada por um cordão à cabeça, tomo dum pau e corro para a beira da água. O açude é o lago Champlain, o pau é a Longa–Carabina, eu sou o Olho de Falcão.

Longos anos decorreram. Em 1919, quando tinha trinta anos, acompanhei, depois da Conferência de Versalhes, em que tomáramos parte, o meu queridíssimo amigo dr. Epitácio Pessoa, eleito Presidente da República, na sua viagem oficial ao Canadá. Era em julho e o verão iluminava com seu sorriso de luz o continente sententrional. Voltávamos do

Canadá pelo Estado ianque de Vermont, rumo a Boston. Pela manhã, quando tomava café no carro-restaurante, o trem desembocou num vale lindíssimo, em cujo fundo brilhava grande lago, rodeado de florestas de coníferas escuras. Parecia uma placa de prata polida batida de chapa pelo sol matutino. Estava na companhia dum distinto e boníssimo oficial de marinha, o Comandante Boyd, ajudante de ordens americano do Presidente. Exclamei:

– Que lindo lago!

O oficial de marinha disse-me com um sorriso:

É o lago Champlain.

O sonho da minha infância realizava-se bruscamente, inesperadamente. A minha fisionomia deve se ter demudado, porque o Comandante Boyd me fitou e indagou:

– Que tem, sr. Barroso? Que lhe relembra este lugar? Está com os olhos cheios de água. Parece que vai chorar.

Contei-lhe resumidamente o meu sonho de criança lá no fundo do meu Ceará, da minha pobreza, da minha obscuridade, da minha impossibilidade infantil. E a realização triunfal, agora, sem esperar. E, então, foi a minha vez de dizer:

– Que é isso, Comandante Boyd, está também com os olhos cheios de água?

O BARÃO DE IBIAPABA

O bedel Genésio deixa o colégio, onde fora grande amigo de todos os alunos. Vai para o Amazonas, onde lhe arranjaram um emprego melhor. Agora, é o Artur, o filho do professor, quem faz as chamadas das três aulas de todo o curso: 1°, 2° e 3° anos, e são os alunos de notas mais distintas que fiscalizam a sala nas horas de estudo, como decuriões, cada um uma semana, por ordem de suas notas.

A primeira semana devia caber ao Samuel, que tem grau dez em todas as matérias e em comportamento. Como, porém, sua nota de comportamento baixou dois ou três pontos devido ao incidente da caixinha de selos, o Paulo Martins é o escolhido para decurião da primeira semana. Ao Samuel tocará a segunda.

É digna de ver-se a sua filáucia no exercício do cargo, passando entre as carteiras ou de pé no estrado da mesa, enquanto todos afundam as cabeças entre as páginas dos livros. Ao menor movimento que qualquer um faça, seu lápis corre na carteira de notas. À tarde, na hora da saída, o professor repreende todos os que ele anotou: o Antônio Pompeu, o Paulo, o Belarmino, o Sedrim e eu.

– Vocês nunca se comportaram tão mal, é estranho! diz com certa tristeza.

A terceira semana é minha, o Samuel mergulha no estudo, apavorado. Nem um olhar para os atraentes painéis das cinco partes do mundo ou para as moscas que revoluteiam zumbindo pela sala. Nem uma distraçãozinha, quando passa pela rua Municipal,[1] ao lado, o bonde da linha do Mororó, chocalhando ferragens, com o boleeiro a estalar o chicote e a excitar a parelha de mulas guisalhantes.

Todas as vezes que passo perto da carteira do Belarmino, este me incita baixinho:

– Anda, vinga-te dele! Toma nota como ele tomou de todos nós!

– Mas não está fazendo nada, replico.

---

[1] Atual Rua Guilherme Rocha, como já ficou esclarecido. – M.S.A.

– Que tem isso? Nós também não fizemos. Como o professor não apura a parte, ele paga hoje o que nos fez.

Do outro lado o Antônio Pompeu cicia-me:

– Não faças isso! Não tomes nota alguma! Não és igual a esse tipo!

Não tomo nota de ninguém de segunda a sexta, o que o professor estranha como estranhara as notas tomadas pelo Samuel. Parece que ele estuda nessas pequeninas causas o caráter dos meninos. Espero findar a semana sem o menor aborrecimento; mas no sábado, em pleno estudo, o César Simões começa a mastigar bolinhas de papel e a atirá-las com um elástico nos olhos das figuras dos painéis das cinco partes do mundo. Primeira, segunda, terceira, quarta e quinta bolinhas! Que pontaria certeira! O branco, o chinês, o negro, o caledônio e o pele-vermelha ficam todos com os olhos cobertos com uma enorme belida branca, como os cegos de catarata.

Tenho de tomar nota. O professor prende-os até seis horas da tarde com não sei quantas páginas para copiar. Ao sairmos todos, passo perto dele e ouço-o rosnar:

– Deixa estar que tu me pagas!

Pago, com efeito, na outra semana. Em companhia do irmão, o Alberto, que também está no nosso colégio, espera-me à esquina da rua 24 de Maio com a da Assembléia,[2] caminho que tomo para voltar para casa e ambos dão-me uma surra. Procuro reagir sem resultado. São dois e o César é muito forte, atarracado, musculoso. Vingo-me do Alberto duas noites mais tarde.

Eles moram num sobrado em frente do de minha residência. São filhos dum negociante português que faliu e luta com dificuldades. A mãe é quem prepara as comedorias e doces para os bailes do Clube Coarense. Nessas ocasiões, à tarde, começam a sair os trabalhadores com grandes tabuleiros à cabeça, carregados de compoteiras e bolos, em direção ao Clube, que fica na esquina da outra quadra,[3] em frente ao Passeio Público. Uma feita, eu e outros meninos olhamos com tanta avidez aquela doçaria que parece que o nosso olhar

2 Atualmente Rua São Paulo. – M.S.A.

3 Esquina sudoeste das ruas Major Facundo e João Moreira. – M.S.A.

fez o trabalhador perder o equilíbrio. O homem escorrega, cai e lá se derrama pelo chão a carga de bolos e guloseimas. Levanta-se, apanha o que é possível salvar do desastre e deixa entre fragmentos de vidro e louça pastéis, filhoses, bons-bocados e papos de anjo. A meninada do quarteirão avança e farta-se.

O Alberto costuma estudar na saleta de entrada, debaixo do candeeiro de gás, deixando aberta a porta da rua. Debruçado sobre o livro, decora a lição, quando lhe mando da rua deserta um caco de telha que lhe racha a cabeça. Ouve-se um grito, logo seguido de atroz berreiro. A família corre em seu socorro. A vizinhança alarma-se. Chegam pessoas às janelas e outras atravessam a rua para saber do que se trata. O menino está lavado em sangue. Mandam buscar pontos-falsos na farmácia Teodorico.[4] Quem foi? Quem não foi?

Eu me escafedera com a rapidez dum relâmpago. Quando me procuram para dar a notícia, já venho do fundo de nossa casa, onde digo que estava estudando. A minha família reunida na sala de visitas não me vira nem ouvira entrar. Podia-se suspeitar de toda a gente menos de mim. Com efeito, nunca se soube que eu fora o autor da pedrada.

O destino, acaso ou que outro nome tenha vinga-me do César. É aliás quem melhor nos vinga, muito melhor do que nós com nossas próprias mãos, pois a vingança é condenável e o que o destino ou o acaso realizam é a justiça de Deus. À esquina do nosso quarteirão, em imenso sobrado,[5] reside o Barão de Ibiapaba, homem de grande fortuna e de grande prestígio político ao tempo da Monarquia. Casado recentemente com uma senhora que trouxe do Rio de Janeiro, dá recepções com música e danças um sábado sim, outro não.

Então, o sobrado ilumina-se festivamente. O registro do gás fica à entrada, ao pé da larga escadaria. Quando a festa vai no melhor, pé ante pé entro e fecho o registro. A casa toda mergulha de súbito na escuridão. Cala-se a orquestra. Param as danças. Um reboliço infernal. O Barão e a Baronesa dão o desespero. Os criados acendem velas e descem furiosos para reabrir o registro.

---

[4] N° 312 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

[5] Esquina noroeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar. – M.S.A.

Faço isso duas vezes, mas, lembrando-me do ditado que diz que tantas vezes vai o cântaro à fonte que acaba se quebrando, não me arrisco a tentar a terceira. O César arrisca-se. Sai-lhe o ano bissexto. Mal põe a mão na chave do registro, salta o criado Inácio, que o Barão mandara esconder-se atrás da porta, e mete-lhe um chicote de couro cru. O César foge como uma bala pela rua Senador Alencar, seguido pelo Inácio, que era um moleque ligeiríssimo, a zurzi-lo sem piedade. Foi uma coça de mestre. O César ficou tudo lanhado.

A figura do Barão de Ibiapaba gravou-se indelevelmente na minha memória. Ainda o estou vendo, meio curvado, cabeça encanecida, calças de brim branco e casaco de palha de seda amarelada, conversando com voz sibilante e vagarosa à porta do armazém do Possidônio Porto, onde em cadeiras de vime uma roda de amigos gozava sempre a doçura da tarde.

Quase todos os dias eu o via assim em pessoa e também em efígie. Ao ir para o colégio, demorava sempre os olhos no mostruário do bazar Preço-Fixo,[6] onde se viam, pendurados, pratos de porcelana com retratos dos vultos mais eminentes do Ceará: Joaquim da Cunha Freire, Barão de Ibiapaba; Gonçalo Fernandes Vieira, Barão do Aquirás; José Júlio de Albuquerque Barros, Nogueira Acióli e Gonçalo Souto; os generais Sampaio, Tibúrcio e Clarindo de Queiroz; o grande oculista Moura Brasil, o grande jurisconsulto Clóvis Beviláqua; o grande poeta Juvenal Galeno; os escritores Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo, Heráclito Graça e Araripe Júnior.

Olho todos os dias essas figuras com um desejo quase inconsciente, larvar, informe, indefinido, de ser ilustre como eles, de honrar também a minha terra e a minha geração. Esqueço nesses momentos de contemplação minhas inclinações para molecagem, minhas aspirações de ser boleeiro de bonde e penso em estudar, entrar para a Escola Militar ou para a Escola Naval, tornar-me notável e ter também o meu retrato no fundo dum prato de porcelana. Naquele tempo, do velho Brasil de nossos avós, vivia ainda na alma das gentes o culto dos valores reais, dos homens que dão lustre a um país, não pela sua posição, mas pelos seus atos e pela sua inteligência.

---

6 N.º 266 da Rua Major Facundo, atualmente. – M.S.A.

Desviando o olhar dos pratos iconográficos, dou com um grande espelho ao fundo da loja. Nele reflete-se a minha figura em corpo inteiro. Esse reflexo como que me repete: – Conhece-te a ti mesmo! Vejo-me com os meus dez anos de idade, magreio, pálido e cabeçudo; botas cambaias sobre as quais as meias de algodão branco da fábrica Gurjão caem como polainas; calcinhas de brim pardo pelos joelhos e blusa da mesma fazenda com a gola virada, tudo feito por uma de minhas tias, enodoado e cerzido por todos os lados; bonezinho de lã xadrezada, amolgado e sujo; uma penca de livros debaixo do braço. Um cavaleiro de tão triste figura como tem a coragem de levantar os olhos para as fisionomias dos ilustres personagens glorificados em porcelana? Não conhece o seu lugar? Recolha-se à sua insignificância! É o que o espelho fiel mudamente me diz.

Sigo o meu caminho para o colégio, cabisbaixo, olhos pregados no chão, inexplicavelmente triste. Tenho a quase certeza de que nunca serei nada na vida. A pobreza dos meus é um peso esmagador. Para subir, tenho que contar comigo e somente comigo. E eu sou aquilo que aparece no espelho! Apagar-me-ei no anonimato das mediocridades, herdando um dia o cartório de meu pai, depois de haver sido longos anos escrevente, se não for preterido por um candidato empistolado. Aliás, o cartório já fora de meu avô. Tradição de família. Para que rompê-la? O cartório, um sitiozinho, mulher e muitos filhos. Que queres mais, indaga o espelho, ó magrelo de botas cambaias e boné de xadrezinho?!

Há uma voz muito baixa e muito longínqua que me insinua pedir ao destino mais alguma cousa. Sinto, às vezes, que não é bem pedir que ela me segreda, mas tomar-lhe à força, arrancar-lhe das mãos. Se ele me dissesse que um dia eu privaria com Araripe Júnior, que me ofereceria livros, seria amigo íntimo de Rodolfo Teófilo, ajudaria a glorificar no Rio de Janeiro Juvenal Galeno, saudaria em discurso a Moura Brasil e me veria colega no Parlamento do Doutor Pedro Borges e na Academia Brasileira, de Clóvis Beviláqua, haveria de rir-me às gargalhadas. Com aquela aparência que o espelho cruelmente me revelava? Nunca!

Também se essa voz misteriosa e quase imperceptível me contasse a poeira de ódio, incompreensão e inveja que levantariam meus passos pelo caminho a percorrer, juro que

teria preferido o cartório, o sitiozinho, a vida miúda, igual, corriqueira, em que o tempo passa pela gente, e não a que me coube, em que passo pelo tempo.

Para evitar as dúvidas que me assaltam em presença daqueles pratos e daquele espelho, deixo de passar pelo bazar Preço-Fixo. A imagem do Barão, porém, lembra-me continuamente espelho e pratos. Vejo-o quase diariamente na rua e em casa fala-se muito a seu respeito. Foi amigo e compadre de meu avô, que tivera boa posição política. Morto ele, nunca fez uma visita à minha avó.

Segundo o que ouço, ao lado dos seus defeitos de sovinice e de ingratidão, tem altas qualidades. É um homem que veio do nada pelo próprio esforço, sem ajuda de ninguém. Começou como salgador de couros, ao chegar do sertão tangido pela seca de 1845. Foi caixeiro e pouco a pouco chegou a ser o maior comerciante de Fortaleza, influenciando a política e exercendo altos cargos. O hábito da economia tornou-o avaro. O trabalho não lhe permitiu instruir-se. A inteligência e a pertinácia de que dera provas sobejas o haviam levado do nada a tudo: ao dinheiro, às posições e ao título. Era honesto e sabia cumprir sua palavra.

Contavam-se a seu respeito algumas histórias engraçadas. Lembro-me ainda de uma: achava-se na presidência interina da Província, quando regressaram da campanha do Paraguai os Voluntários da Pátria do 26º Batalhão, que se cobrira de glória no Passo da Pátria, no Estero Bellaco, em Tuiuti, em Itororó e Avaí. Saudando-os, pronunciou duma das sacadas do Palácio do Governo estas palavras:

"Vivam os heróis que, nos campos do Paraguai, com a bravura do general Vasinguitón (queria dizer - Washington), derramaram em defesa da Pátria o seu sangue dourado (?)! Erga-se diante de vós o pavilhão auri-verde!. . ."

Nisto, um tipo de rua chamado Moura Defuntinho, que vivia bêbedo, o interrompeu, cambaleando no meio da multidão:

– Não se erga!...

O Barão encolerizou-se e repetiu:

– Erga-se!

O chuva berrou mais alto:

– Não se erga!

Para que a teima não continuasse, alguém mandou tocar a música.

O BRASIL ETERNO

Uma briga no recreio de hoje. O Belarmino dá uns cascudos no Chico Vieira, que fica com a cara esfolada e arroxeada. O Antônio Pompeu aparta–os.

Ao entrarmos na aula, o professor já nos espera, sentado na sua cadeira. Tomamos nossos lugares. Ele levanta–se e chama os dois brigões para junto do estrado.

– Por que foi essa briga no recreio? Indaga.

O Belarmino explica, muito vermelho, ainda trepidante:

– Foi este **jerimum** que falou mal do Ceará!

O Chico Vieira declara entre soluços:

– Eu, não senhor!... Eu só disse que o Ceará queria roubar o território dos Grossos ao Rio Grande do Norte...

O professor abala a cabeça para um lado e para o outro; depois, começa a falar:

– Meus filhos, vocês agiram mal. Um homem somente deve lutar por cousas sérias, por motivos justos, e não por idéias erradas e cousas tolas. No nosso Brasil, devemos acabar com essa história de paroaras, maranhotos, piauiseiros, cabeças–chatas, jerimuns, capixabas e barrigas–verdes com intuito pejorativo. Há paraenses, riograndeses, cearenses, cariocas, baianos, espírito–santenses, catarinenses ou paulistas, todos, porém, acima de tudo brasileiros.

O Espírito Brasileiro, meus filhos, nasceu antes da Independência, quando, impelidos pelo mesmo ideal, os negros de Henrique Dias, os índios de Camarão e os brancos de Negreiros e Fernandes Vieira escreveram a grande epopéia da guerra contra os invasores holandeses. As três raças não se dividiram e guerrearam, mas se uniram debaixo da mesma bandeira. A monarquia cimentou a união das Províncias na Paz Interna de cinqüenta anos que foi obra de D. Pedro II. Nas campanhas do Sul contra os caudilhos e os tiranos, nos campos da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, os brasileiros de todas as cores e de todas as procedências derramaram seu sangue na defesa de nossa honra e do território que os Bandeirantes nos legaram.

Esse Espírito Brasileiro não pode reconhecer diferenças entre os filhos da mesma nação, sejam do Oeste ou do litoral, do Norte ou do Sul. A obra de União Nacional custou as vigílias dos estadistas, as angústias das mães, o trabalho dos povoadores, os anseios dos patriotas e a vida dos heróis durante séculos. É uma obra que recebemos dos mortos para transmiti–la intacta aos que ainda vão viver. Não é justo, pois, que dois brasileiros se engalfinhem na meninice por uma ridícula questão de limites entre Estados, para que amanhã outros brasileiros, em idade de razão, se levantem em armas uns contra os outros por motivos de natureza política. A mais infame das guerras é a guerra civil.

Os meus dois amiguinhos erraram, porque não refletiram nos sacrifícios que aos nossos antepassados custou a conservação dum país vasto como o Brasil, unido sempre através de todas as vicissitudes da história. Vamos! O sr. Francisco Vieira vai abraçar o sr. Belarmino, o Rio Grande do Norte vai abraçar o Ceará. Os alunos aqui presentes não verão mais assim dois meninos que se atracaram numa luta estéril e sem razão, porém um pedaço do Brasil que se une a outro pedaço do Brasil, o qual será Eterno, se seus filhos se ligarem pelo mesmo amplexo fraternal. Vamos!

Os dois cairam, chorando, nos braços um do outro.

Olho de soslaio a sala. Lágrimas em todos os rostos. Uns mais orvalhados, outros menos. Só o rosto do Samuel Cardoso está enxuto.

Ao deixarmos o colégio, vou até a casa do Antônio Pompeu, que fica um pouco adiante, buscar um livro que ia me emprestar e eu tinha grande desejo de ler: "A Ilha Misteriosa" de Júlio Verne. A casa do Antônio Pompeu é um palacete com uma linda varanda coberta de trepadeiras à frente. Nela conversamos algum tempo, embalando–nos deliciosamente em cadeiras de balanço.

– Nunca vimos no Ceará uma guerra civil, diz ele.

– Eu já vi uma, respondo.

– Qual foi?

– A deposição do general Clarindo.

O Antônio Pompeu fita–me admirado.

Era uma das recordações isoladas que conservava dos meus mais tenros anos. Que idade poderia ter? Três para

quatro anos, pois sabia, por ouvir dizer, que fora a 16 de fevereiro de 1892. A cena ficara nitidamente gravada na minha memória. Acordara ao troar do canhão. O oratório antigo, na sala do sótão, estava cheio de velas acesas. Minha avó rezava em pranto, porque meu pai saíra na tarde anterior e ainda não regressara. Todos em casa muito aflitos. Portas e janelas trançadas. De repente, alguém abriu a porta da rua. Ouviu-se bem o estalar do trinco.

– É ele! exclamaram todos.

Só podia ser ele mesmo, pois era a única pessoa que possuía uma chave da casa. Passos na escada. Minha avó precipita-se tropegamente para a saleta de entrada e cai soluçando nos braços de meu pai.

– Onde passaste a noite, Antônio?

Ele explicou que, surpreendido pelo tiroteio, não podendo atravessar as ruas senão com risco de vida, pernoitara em casa dum amigo, na rua Senador Pompeu. Agora, porém, estava tudo acabado. Podiam abrir a casa. O general José Clarindo resistira a noite inteira, entrincheirado em palácio com a polícia, à ordem de deposição emanada do marechal Floriano Peixoto e acabara rendendo-se pela manhã aos comandantes do assalto, o major Manuel Bezerra e nosso primo, o tenente Benjamin Barroso.

Uma de minhas tias abriu timidamente os batentes da sacada. A rua estava calma. Espiei-a de gatinhas. Na esquina do Hotel de França,[1] marinheiros da canhonheira "Braconnot" em torno dum canhão La Hitte. Na esquina do sobrado do Barão de Ibiapaba,[2] armas ensarilhadas, cadetes de gandolas, deitados sobre os capotes, no passeio. Um oficial passeava para lá e para cá, fumando. O tinir da sua espada nas pedras do chão, esmaecido pela distância, ainda ecoa isocronamente na minha memória.

Mais tarde ou talvez no dia seguinte, fui com minhas tias e meu pai até o Palácio do Governo. Estava todo esburacado pelos tiros de peça. Viam-se manchas de sangue no meio do mobiliário espatifado. Ao centro da praça frontei-

[1] Esquina sudoeste das ruas Major Facundo e João Moreira, conforme já ficou esclarecido. – M.S.A.

[2] Esquina noroeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar, como já foi dito. – M.S.A.

ra, apeada por uma bala do seu pedestal, a estátua de bronze do general Tibúrcio caíra de pé, a mão pousada no punho da espada.

– Até em estátua, comentou meu pai, o meu amigo Tibúrcio cai de pé, como um bravo! O Clarindo foi outro bravo. A geração do Paraguai...

Com o andar do tempo, estava eu destinado a ver outras deposições, salvações, bombardeios, jagunçadas, revoltas, rebeldias, sedições, revoluções, quarteladas, pronunciamentos, golpes e o mais que se possa desejar no gênero. Pelo meio de tudo isso, o tempo se encarregaria de me mostrar a grandeza da lição que recebi do meu modesto e esquecido professor primário: o Espírito Brasileiro resistindo a todos esses engalfinhamentos inúteis como a briga dos dois meninos, lutas inglórias e inconscientes como as das crianças, mas servindo a um processo de desagregação; resistindo a tudo a Alma Imortal da Pátria, – o BRASIL ETERNO!

O MANÁ DO DESERTO

Agosto – mês de desgosto. A superstição popular nasce talvez da rima fácil. Talvez também duma tradição portuguesa, encalhada no Brasil como tantas outras. Foi em agosto que El Rei D. Sebastião, o Desejado, pereceu nos areais fatídicos de Alcácer–Quebir.

Para mim, no entanto, este agosto acabou sendo um mês de muito gosto. Esta tarde, ao regressar do colégio, o sr. Bruno Miranda, cuja casa exportadora fica em frente de nosso sobrado, chama–me e pergunta–me de sopetão:

– Que é que você mais deseja ter, uma roupinha nova ou um velocípede?

Sinto um zumbido nos ouvidos e uma como tonteira. A surpresa emudece–me. Será possível que esse senhor, tão compenetrado e sério, que nunca brincou comigo, queira mesmo me dar um desses dois presentes? E porquê? Enfim, tenho ouvido falar de cousas que caem do céu. Por descuido, acrescenta a ironia popular. Recobro a calma e respondo:

– Prefiro um velocípede.

Subo a escada de casa, pulando os degraus de quatro em quatro com as asas do sonho, realizado. Conto esbaforido o que se passou à minha tia Iaiá, que me explica a razão da dádiva:

– Quando a filhinha do Sr. Bruno caiu doente, o médico recomendou imediata mudança de ares e teu pai lhe ofereceu o sítio do Benfica, onde ele passou dois meses com a família e a menina se restabeleceu. Naturalmente agora o sr. Bruno quer corresponder à gentileza de teu pai dando–te um presente. Acho que deves preferir a roupa nova por todos os motivos.

Minha tia enumera uma série de motivos e outra dos perigos de andar de velocípede. Não admito nenhum dos motivos e não creio em nenhum dos perigos, como não ligo muita importância à explicação dada. Para mim, não há dúvidas, houve um descuidozinho no céu, onde algum Santo, com certeza Santo Antônio, que festejo com fogos todos os anos e ao pé de cuja imagem, no oratório do sótão, deposito de vez em quando uns dez réis dentro dum copinho de vidro azul, quando ele me ajuda a achar as cousas que perco, soube que eu silenciosamente desejava um velocípede.

O anafado filho do doutor Garcia pedala tardes inteiras no nosso quarteirão em cima duma bicicleta americana. O Hugo Bezerra, filho do finado Major Bezerra, com quem às vezes vou brincar, deixa-me montar no seu lindo cavalo de rodas, que tem olhos de vidro e rédeas de couro envernizado. O Jaime, o Rubim e o Temar, filhos do José Rossas, andam todos os dias em velocípedes e bicicletas pelo Passeio Público. Só eu não tenho um brinquedo desses, nem coragem de manifestar o meu desejo. Do profundo silêncio do meu coração de menino naturalmente se elevou o grito: – Deus, Ó Deus, onde estás que não respondes? E Nosso Senhor me respondeu pela voz do Bruno Miranda. É isso o que confusamente sinto. As explicações lógicas não me convencem. A minha é melhor, mais bela e consoladora. O velocípede caiu do céu como o escudo de Numa Pompílio. Nem posso dormir pensando em como vai ser o meu velocípede.

Trá-lo logo no dia seguinte um dos caixeiros do bazar "Preço Fixo".[1] É lindo! Niquelado e esmaltado de preto, com um selim de couro castanho sobre molas. Corro nele tardes inteiras pelas calçadas ou pelas alamedas cimentadas do Passeio Público, às vezes estalando um chicotinho de sola, crente de que sou outro Poeirão na boléia dum dos bondes da Companhia do Tomé Mota.[2]

Uma tarde, em frente à Santa Casa, onde se alinham, com suas lanterninhas acesas ao cair da noite, os taboleiros de geropiga, gengibirra, roletes e guloseimas, um menino corre atrás de mim e me propõe dar uma volta em todo o Passeio no meu velocípede por um tostão. A proposta abre-me uma fonte de renda. Todas as quintas-feiras, dia de retreta no Passeio Público, alugo o velocípede à meninada. Um tostão a volta inteira, três vinténs meia volta, é a tabela. Assim, arranjo dinheiro para fartar-me de doces de tabuleiros regados a gengibirra. São os mais deliciosos doces do mundo, saídos das hábeis mãos das Coringuinhas ou das Bacuraus: pastéis de carne e de nata, doces-secos temperados com gengibre, suspiros, alfenins, filhoses, quindins, bons-bocados, queijadinhas, bolo de milho, pão-de-ló fresco ou torrado.

---

1 Mais uma vez ele é aqui situado: nº 266 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

2 Os bondes de Fortaleza eram de tração animal até 1913. – M.S.A.

Antes do velocípede, minha fonte de receita fora a lanterna mágica. Seguindo o exemplo do velho Paula Barros, veterano do Paraguai, que tinha um dedo cortado pela espada dum cavaleriano de Lopez sobre o cano da Minié com que esgrima na primeira batalha de Tuiuti, montei também um Cosmorama. O do Paula Barros ficava perto de nossa casa. Muito simples. Um tabique com pinturas e, de vez em quando, um óculo com uma lente. Por trás do tabique, à altura de cada óculo, uma estampa fixada à parede e iluminada por uma vela. Por duzentos réis, a gente podia ver todas as batalhas de Napoleão, a coroação da Rainha Vitória ou a guerra da Criméia. Na Quaresma, a Criação do Mundo, o Sacrifício de Isac, o Sonho de Jacob, José vendido por seus Irmãos, a Passagem do Mar Vermelho e o Maná do Deserto. Na Semana Santa, a Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por um vintém, eu exibia aos moleques e meninos da redondeza, no quarto do quintal onde funcionou a maçonaria, projetados num pedaço de lençol, os vidros coloridos da lanterna. Além dos doze ou quinze que ela trazia, com paisagens européias e orientais, animais exóticos e figuras engraçadas em série, como a história do macaco com a espingarda, havia mais uns vidros arranjados habilmente por mim: as lâminas duma antiga caixinha quebrada, em cujas faces se alinhavam veadinhos, coelhinhos e raposinhas caminhando sobre a neve e outras com silhuetas de papel bem coladas, entre as quais a melhor vista se chamava As Pirâmides do Egito. Foi o primeiro cinema que se fundou no Ceará.

O violento fechamento da maçonaria infantil por minha tia impediu o acesso do quarto e, pior ainda, o acesso ao quintal pelo portão do fundo do corredor da escada. O cinema quebrou.

O velocípede substitui com muita vantagem a lanterna mágica. Durante quase um ano em que funciona, quebrando-se afinal ao excesso de trabalho e de peso, nunca me falta dinheiro. É o verdadeiro maná do meu deserto.

Poderá alguém me convencer de que não caiu do céu? Certas cousas só podem cair do céu.

SETEMBRO

OS CIGARROS

Esta tarde, ao chegar do colégio, meu pai me chama à sala de visitas, faz-me sentar numa cadeira perto dele e pergunta-me à queima-roupa:

– Desde quando fumas?

Pretendo negar, balbuciando qualquer cousa. Ele continua com voz mais severa:

– Estás mentindo. Tenho absoluta certeza. Ao ir para o colégio, compras às vezes na bodega do Felinto Teotônio um maço de Amarelinhos e uma caixa de fósforos. Ele contou-me tudo.

Vendo não ser possível negar, baixo a cabeça, calado. Eu devia o vício ao moleque Joaquim do Morro, que me dera na praia o primeiro cigarro. Fumara-o e ficara tonto, com engulhos. Vomitara.

O moleque consolara-me:

– A primeira vez é assim mesmo. Depois a gente acostuma e gosta que é uma beleza!

Acostumei e gostei. No colégio, quase todos fumavam, uns já por vício, outros para se darem ares de homem. Em casa, ouvira falar sempre contra o fumo. Contava-se a propósito uma história de tempos idos, em que uma velhota, para demonstrar que um rapaz estava verdadeiramente perdido, exclamava, escandalizada:

– Dizem até que já fuma!

Meu pai não fumava e blaterava contra o fumo, mas tomava rapé, o que eu achava horrível. Andava com os punhos salpicados de amarelo, assoava-se com um grande lenço de Alcobaça e dava espirros que se ouviam a um quilômetro de distância. Minha avó e minhas tias não fumavam, embora muitas moças e senhoras fumassem, mesmo parentas nossas, não em público, elegantemente, como agora, porém no fundo das casas, em cachimbos de fornilho de barro. Havia algumas que tomavam também as suas pitadas de rapé ou

caco, isto é, fumo torrado. Eu via esses exemplos e não sabia no fundo quem estava com a razão.

Além disso, tinha mesmo de passar por onde passam todos os meninos do Brasil e quiçá do mundo: a época do fumo. Uns com o tempo o abandonam. Outros, só com a doença ou a morte.

Meu pai está zangado por eu ter mentido. Fala com toda a calma:

– O tabaco contém um veneno chamado nicotina, por ter sido descoberto pelo sábio francês Nicot. Com o correr do tempo, esse veneno faz muito mal ao organismo. Como a sua ação é lenta, só o percebemos quando o malefício já vai adiantado. Estraga o olfato, a vista e o paladar. Ataca a garganta, o estômago, os pulmões, o fígado e o coração. Se assim acontece com as pessoas adultas, piores são os efeitos nas crianças, ainda não completamente formadas, faltando-lhes muitos elementos de defesa. Por esta razão os pais não querem que seus filhos fumem. Senão pouco se importariam, e, se fizesse bem, até lhes dariam cigarros, embora não seja distinto andar um menino em público de cigarro à boca.

Se me fosse permitido retrucar, eu perguntaria se o tabaco tomado em pitadas, ao invés de fumado, não fazia mal e se era muito distinto assoar-se diante de toda a gente e soltar aqueles espirros que ecoavam pela rua...

Meu pai faz uma pausa e continua, depois de uma boa pitada e de uma melhor assoadela:

– Se somente tivesses fumado às escondidas, aconselhar-te-ia, mostrando os perniciosos efeitos do fumo; mas mentistes, o que é muito feio para um menino que se preza. Foi, na verdade, com receio dum castigo. Todavia não se deve mentir com receio de cousa alguma e diante de poder algum. Vou punir-te por causa dessa mentira. Ficas privado dois domingos seguidos de ires passar o dia em casa de teus primos, na Praia.

O pior de todos os castigos! Preferia ficar horas de cara para a parede, levar uma surra, fosse o que fosse. Sofrer, porém, a privação dum domingo de praia e esperar uma semana inteira o outro domingo, sabendo que iria sofrer a mesma provação, era demasiado cruel! Adorava a praia, meu paraíso, minha vida! Mas que fazer?

Calo-me. Tenho-me calado tantas vezes! No fundo da alma, porém, fervo de ódio contra o Felinto Teotônio, meu denunciante. Vejo-o com a sua cara larga, em mangas de camisa, debruçado ao balcão, diante da prateleira em que se alinham os grandes frascos de boca larga onde guarda os cigarros Lopes Sã ou Marcos de Lima: Amarelinhos, de palhinha, Peitos-de-vaca e Bostocks. Os Amarelinhos são a minha perdição.

– Seu Felinto, um maço de Amarelinhos! Ele corre solícito, abre o frasco, tira o maço, dá-me e guarda na gaveta, todo sorridente: o niquelzinho de dois tostões. Interessa-se muito pela minha saúde! Conta a meu pai, porém vende-me os cigarros. Se o seu zelo por mim é tão grande, por que os vende?

Compreendo, rememorando essa passagem de minha infância, porque é inócua toda a propaganda que se faça contra o fumo entre os meninos. Falta-lhe a autoridade moral do exemplo. O pai condena o cigarro, mas toma o rapé. O professor declama contra a nicotina e fuma cigarros e charutos. Os homens todos fumam e se insurgem contra as crianças que, inconscientemente, os imitam. Quando os homens deixarem de fumar, os meninos não fumarão mais.

Penso numa vingança contra o intrigante bodegueiro: passar a toda carreira e atirar uma de minhas certeiras pedradas na fileira dos frascos de cigarros, quebrando-os; amarrar a extremidade duma corda ao suporte do balcão e a outra à roda duma carroça das que estacionam na esquina, ao escurecer; mal o veículo se ponha em movimento, foi um dia a armação da bodega... Faço outros projetos ainda mais terríveis. Não executo nenhum. Os dias passam e o meu ódio feroz adormece. Esqueço tudo. Perco os dois domingos de Praia e passo a comprar os deliciosos Amarelinhos na venda do Arruda, concorrente do Felinto na esquina fronteira.

Antes daquele incidente, eu tinha uma profunda admiração pelo Felinto Teotônio, porque ele gozava da fama de ser o melhor possuidor e criador de pássaros de Fortaleza. Quando passava pela rua Formosa[1] e a porta de sua residência estava aberta, eu parava e demorava olhando lá para dentro.

[1] Já vimos que hoje se denomina Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

É que se avistava entre as plantas do quintal um grande viveiro com passarinhos de todos os feitios, cores e qualidades, desde os xexéus e sabiás até os minúsculos caboclinhos e papa-capim. Em volta, gaiolas de palito e arame com patativas e canários da terra, belgas e hamburgueses. Uma cantoria sem fim!

Eu sou louco varrido por passarinhos! Os dois domingos em que não vou à praia passo-os no Passeio Público, perto de minha casa. Descubro ali novo paraíso. Composto em três planos em degraus, um ao nível da cidade, dominando o alto da colina outrora chamada Marajaik[2] pelos holandeses; outro no sopé do baluarte e rente com a falsa-braga da velha fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que deu o nome à cidade; e o terceiro ao nível da praia, banhado por um dos braços do riacho Pajeú, ornado de quiosques orientais e dum lago, mas decaído de seu antigo esplendor, nos derradeiros anos da Monarquia, quando governara o Ceará o ilustre paulista Antônio Caio da Silva Prado, irmão de Eduardo Prado, morto pela febre amarela no ano em que nasci.

No chamado Primeiro Plano, alamedas cimentadas e atijoladas, grandes árvores, canteiros, repuxos, coretos, quiosques, estátuas pagãs, tanques, sebes de pitangueiras aparadas como ficus ou buxo e um baobá plantado pelo Senador Pompeu, cujo tronco-bojudo me enche de admiração. No Segundo, recantos umbrosos, pequenas cascatas e uma espécie de cassino, onde se viam os cadetes da Escola Militar, quando ela ainda estava no Ceará, jogando bilhares ou bagatela. No Terceiro, um grande lago alimentado por um braço do riacho Pajeú; no meio do lago, uma ilha, onde sobre uma pirâmide de seixos se ergue, fitando o mar e brandindo seu tridente, uma estátua de Netuno;[3] pontes, barquinhos, touceiras de palmeiras, dois quiosques orientais coroados de meias luas e bichos à solta: emas, cisnes, veadinhos salpicados de branco. Quando eu tinha quatro e cinco anos adorava

---

[2] A colina era chamada, pelos índios e não pelas holandeses, de Marajaitiba, que significa morro das palmeiras. Marajaik ou Marajaig era o riacho que contornava o morro, o atual Pajeú, e assim era denominado por ser o riacho das palmeiras. - M.S.A.

[3] Essa estátua esteve depois no Parque da Liberdade (Cidade da Criança) e no fim da Avenida Beira-Mar (Presidente Kennedy). Desapareceu, afinal. - M.S.A.

aquela parte do Passeio Público. Quando lá me levavam, não queria mais sair e ia para casa em prantos.

Agora, o Terceiro Plano está completamente abandonado. O Segundo também. Somente se abre ao público o Primeiro, onde as bandas militares vêm tocar às quintas e domingos. Fecharam os outros dois por causa da Escola Militar. Não havia guarda que quisesse dar serviço lé em baixo, depois que os cadetes, chefiados por um tal Racha ou Rache, ali mataram as emas, os veadinhos e o Pindoba, coitado, que não fazia mal a ninguém. No segundo o mato invade tudo e o Cassino cai aos pedaços. No Terceiro, a aluvião do riacho vai lentamente tomando o lago, as pontes tombam e o vento leva o zinco dos zimbórios orientais dos quiosques.[4]

A meninada levada da breca penetra naqueles dois Planos inferiores do Passeio pelo muro que dá para a rampa ou ladeira do Gasomêtro,[5] descendo por um rebordo do reforço do mesmo muro, que corre obliquamente para baixo duma altura de cinco metros até o solo. Somente virando lagartixa se consegue descer por ali. Estou firmemente convencido que menino é como osga: tem visgo nas mãos e nos pés. Queda fatal ao menor descuido naquela descida! O mais leve movimento em falso basta para dar o aleijamento ou a morte! No entanto, nunca menino caiu ali. Quantas e quantas vezes, depois de homem feito, tenho ido ao Ceará e visitado aquele local, para mais uma feita olhar aquele rebordo ainda existente e balançar a cabeça sem compreender. Foi milagre!

Do Segundo Plano é facílimo passar para a bateria de falsa-braga da fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, também abandonada, onde jazem ao lado dos reparos apodrecidos velhos canhões com as armas dos Felipes de Espanha, dos Joães de Portugal e dos Pedros do Brasil. A alta e espessa muralha reconstruída por um de meus parentes, o marechal Pedro José da Costa Barros, debruça-se crivada de seteiras para um areal que margina o ribeiro Pajeú, nos fundos do sítio do velho Tomé, alugador de cavalos.

Um dos meninos que freqüentam o Passeio, filhos dos moradores da redondeza, leva sempre um guarda-chuva ve-

[4] Se já era decadente esse trecho da cidade naqueles recuados tempos, imaginemos o que ocorre hoje! Não é assim no Ceará? – M.S.A.

[5] Início da Rua Barão do Rio Branco, na Praia Formosa. – M.S.A.

lho, que nos serve de pára-quedas. Com ele aberto, um a um nos projetamos das ameias da fortaleza no areal. Os que ficam em cima o recebem de volta por um cordão.

Há outro brinquedo tão delicioso como este, senão mais. Junto ao paredão de sustentamento do Segundo Plano, frondeja uma linda pitombeira. Num dos galhos amarramos as cordas dum trapézio. Que maravilha balançar-se nele! Metade do balanço aquém da muralha, sob a copa da árvore, a outra metade para lá da muralha, sobre um abismo de uns dez metros de profundidade! Nunca nenhum de nós pensou que a corda poderia partir-se...

O lago do Terceiro Plano é uma verdadeira piscina que oferece três vantagens: nadar, pescar e pegar passarinhos. Nada-se em trajes de Adão, deixando a roupa escondida nas canaranas das beiradas. Pescam-se com um lacinho de palha de coqueiro os camarões canelas e os pitus que moram nas locas sombrias. Pegam-se os passarinhos com visgo de maçaranduba ou de jaqueira.

Na verdade, o castigo de não ir à Praia por causa dos cigarros redunda em tirar-me dum paraíso para me pôr noutro. Nesse tempo, a ninguém era dado tirar-me do paraíso, porque o paraíso estava dentro de mim.

A CHICA PINOTE

Este domingo não vou à Praia. Com uns níqueis ganhos no meu velocípede, compro por quinhentos réis uma entrada para a **matiné**. do Circo de Cavalinhos da Companhia Perí Coelho armado na praça da Estação,[1] onde, segundo criticava o povo, o general Sampaio punha guarda à lenha do Polegada.[2] De fato, o relaxamento da edilidade deixava que o Polegada, um sujeito pequenino e malcriadíssimo, sempre montado a cavalo, empilhasse em-redor do monumento do herói cearense as suas montanhas de achas de lenha.

É a primeira vez que entro num circo e que vou sozinho a uma cousa tão importante. Como me custou obter essa licença! Dificuldades dessa ordem é que me farão com o tempo ir dispensando as licenças e conquistando uma liberdade selvagem à custa de malabarismo e disfarces.

Há alguns anos, indo com minha tia Nenén visitar sua amiga D. Mariana Nogueira na rua Senador Pompeu, passei pela primeira vez pelo terreno baldio, onde hoje se levanta o circo, à esquina da rua das Flores,[3] por trás da casa da ricaça D. Maria do Rosário, irmã do Barão do Crato. Havia ali outro circo. Foi a primeira vez que vi um. A impressão que me deixou apagou a que eu trazia de onde havia ido.

Voltávamos da casa da velha Bezinha, que vendia papelões de rendas, à rua 24 de Maio, viúva do falecido capitão Carne–Viva. Era toda manchada de preto e branco. Tinha a pele do pescoço, do rosto, das mãos malhada de duas cores. Uma cousa horrível!

A empanada do circo estava arriada e apareciam ao fundo do terreno jaulas onde rugiam tigres e leões. Um elefante colossal passeava por entre as cordas e os mastros, ajudando

---

1 Oficialmente, Praça Castro Carreira. – M.S.A.

2 A praça servia de deposito de lenha da rede ferroviária e no seu centro, em alta coluna grega, achava-se a estátua do General Sampaio, depois transferida para a frente do extinto CPOR, no antigo bairro do Alagadiço (hoje São Gerardo) e posteriormente para o pátio do 23º Batalhão de Caçadores, na Avenida 13 de Maio. – M.S.A.

3 Atual Rua Castro e Silva. M.S.A.

e empurrar um dos furgões da companhia. Fiquei maravilhado e nem me lembrei mais diante do elefante das nódoas pretas e brancas alternadas no pescoço da viúva do capitão Carne-Viva.

Ao chegar à casa de D. Mariana, esperava-me outra maravilha. Seu marido, o Sr. Joaquim Nogueira, estava fazendo sair um cavalo de sela do quintal. O animal, tendo atravessado o corredor em todo o seu comprimento sem esbarrar num móvel, descia vagarosamente os degraus da saída para a rua. Era bem ensinado a fazer isso. Não me contive e gritei:

—Este cavalo também é do circo?

A Nogueirinha, filha de D. Mariana, caçoou comigo. Não esqueci mais a cena do cavalo descendo a escada e só chamava a casa do Joaquim Nogueira a **casa do cavalo de circo**.

A função do Circo Peri enche-me as medidas. Equilibristas japoneses. Contorcionistas de ambos os sexos. Cavalos amestrados com amazonas e saltadores de alta escola. Cães ensinados que só faltam falar. Vôos de trapézios conjugados. Dançarinos na corda e no arame com maromba ou sem ela. Palhaços gritadores e cambalhoteiros. As exibições musculares do Anquises Peri que derrete o coração das mulheres. A música espargindo valsas vienenses ou marchas triunfais e, de repente, nos emocionantes momentos dos saltos mortais, pondo-se em surdina ou calando-se de todo num silêncio angustioso. Como final deslumbrante, no picadeiro forrado de impermeáveis e transformado em piscina, a famosa Pantomima Aquática.

A meninada enche as arquibancadas de tábuas nuas, de permeio com a arraia-miúda. A gente melhor ocupa as cadeiras em volta do picadeiro. Algumas famílias importantes pavoneiam-se nos camarotes. Num deles que se conserva algum tempo vazio, surge, de súbito, no meio do espetáculo, como para chamar a atenção geral sobre si, uma mulher alta e morena, de vasto chapéu emplumado, puro estilo Mae West,[4] faiscante de jóias. Todo o circo crava os olhos nela e acompanha seus ademanes exagerados. Sinto que as famílias a olham indignadas. As mais próximas do camarote que ela ocupa dominadora, levantam-se e retiram-se.

---

[4] Artista do cinema mudo tida como símbolo sexual. - M.S.A.

De repente, do alto duma das arquibancadas estruge um grito aflautado:

– Chiicaa Piinootee!

E mil goelas esfuziam:

– Chiicaa Piinootee!

A mulheraça passeia os olhos chamejantes de cólera pelo anfiteatro e apresenta-lhe, como se diz em linguagem vulgar, as armas de São Francisco... Então, é uma gritaria infernal:

– Isto é uma ofensa à Família Cearense!

– Fora a Chica! Fora a Pinote! Fooora!!

– Sai do meio da gente limpa, ó porqueira!

– Vai para a rua da Misericórdia,[5] indecente!

Alguns psius! são dominados pelo vozerio. Os protestos são abafados em pequenos conflitos. Cada vez a gritaria é maior. As famílias vão se retirando uma a uma. O diretor do Circo reclama a assistência da Polícia, que faz levar para fora a causadora involuntária do barulho, a qual ameaça o delegado com o guarda-sol de rendas, empurra os soldados e grita estentoreamente:

– Sou tão mulher como as outras! Tão boa como tão boa! Paguei o camarote com o meu dinheiro que é igual ao dos outros! Não saio porque não quero!

Vozes ecoam daqui e dali, contrárias, azedas, anunciando um conflito de graves proporções:

– Não pode!

– Pode, sim senhor, deixe de ser besta!

– Besta é sua avó!

– Sabe com quem está falando?

A polícia compreende a situação e retira à força a Chica Pinote, que recebe, chorando, a devolução do dinheiro com que pagou o camarote, dinheiro igual ao dos outros. O espetáculo continua, mas sente-se que foi estragado de qualquer modo. Nem os artistas estão trabalhando com o mesmo entusiasmo. As filas de cadeiras e os camarotes estão quase desertos. À saída, comprimido no meio da multidão, ouço um senhor de cavanhaque e fraque cinzento dizer para outro, gorducho, de chapéu do Chile sobre os olhos:

---

5 Atual Rua João Moreira. – M.S.A.

– Paguei três mil réis por uma cadeira para ver os cavalinhos e não para assistir a canalha vaiar uma mundanária! A direção do Circo não devia ter vendido um camarote junto às famílias a uma mulher do beco de São Bernardo.[6] Amanhã leia o meu artigo na *A República*.

Chego em casa à hora do jantar. Antes de ir para a mesa, sento-me perto de minha avó, que faz rendas na sua grande almofada de pano roxo. Conto-lhe todo o espetáculo e termino com a vaia na Chica Pinote.

– Vovó, pergunto, que quer dizer mundanária? Que é uma mulher do Beco de São Bernardo?

– Quer dizer infeliz, meu netinho, muito infeliz!

E, largando os bilros, começa a desfiar as contas do rosário com os lábios balbuciando as ave-marias. Naquele domingo, é a única pessoa que tem um pensamento de caridade cristã para a desgraçada.

---

[6] Atual Rua Pedro Pereira. – M.S.A.

TIPOS DE RUA

Ao aproximar-me do colégio esta manhã, avisto um homem sujo e maltrapilho sentado nos degraus do adro da igreja do Patrocínio. Entre a igreja e o muro do quintal do dr. Venâncio de Lima, numa espécie de beco sem saída, meia dúzia de galinhas mariscam num monte de lixo, pastoreadas por um galo branco de pernas altas e crista caída.

O galo cocorica. Paro um instante, bato com os braços como se fossem asas e o imito. Tenho a mania de "arremedar" as vozes dos bichos. Reproduzo com grande perfeição as dos gatos e dos galos. Mal lanço o meu cocoricô, o vagabundo levanta-se como uma fúria e corre para mim, aos gritos, brandindo um cacete:

– Mato-te, desgraçado duma figa!

Pernas para que te quero? Corro com ele no meu encalço e embarafusto como um raio colégio adentro. O homem é maluco, não há dúvida. No recreio, conto a minha aventura. Alguns colegas dizem-me que se deve tratar com toda a certeza dum tipo de rua, cuja antonomásia é Antônio Galo Chinês, o qual fica fora de si, quando os moleques cantam como galos atrás dele.

A Fortaleza do meu tempo está cheia desses divertidos tipos de rua, cada que mais original: Papai-abre-o-olho, Mocó-tinindo, Sabão-mole, Romão, Casaca-de-urubu, Palheta.

Não há esgotos nem fossas. As dejecções das moradias acumularam-se semanas e quinzenas em barris especiais, de forma cônica, chamados **cartolas**, **cumoas** ou **cambrones**, em memória do herói do derradeiro quadrado da Guarda Imperial em Waterloo,[1] que são retirados e lançados ao mar pelo Romão e o Sabão-mole. O Romão é um antigo escravo bestializado pela miséria. Imundo, fedorento e sórdido, anda meio curvo, arrimado a um varapau, rosnando sempre nomes feios. Sustenta-se de cachaça e come vísceras cruas que compra ou lhe dão na Feira, misturadas com farinha de man-

[1] O *Novo Dicionário do Aurélio*, 2ª edição, diz que a expressão deriva do instalador de esgotos em Recife, Charles Louis Cambronne. – M.S.A.

dioca no fundo do seu fétido chapéu de palha de carnaúba. Quando ferra no sono em um vão de porta, a mulher e as filhas, que o seguem à distância como chacais ao leão, com medo do seu cacete, três negras magras e sujíssimas, vasculham-lhe os bolsos atrás dos níqueis e cobres que sobram da aguardente.

Antigamente, a garotada perseguia-o, gritando-lhe o nome e rimando-o com termos sujos em vão. Revidava com as piores obscenidades, rodopiando o varapau. Agora já não fala mais, grunhe como um porco, arrastando-se escorado ao pau, ao longo das paredes. Pobre homem que a Circe da desgraça metamorfoseou em bicho!

Uma tarde, estou no meu rendoso velocípede no Passeio Público, quando ele passa de **cartola** à cabeça em frente da Santa Casa, rumo à rampa do gasômetro, que leva à praia. De súbito, o apodrecido fundo do barril de imundície cede e afunda, enterrando-se-lhe este pela cabeça até os ombros. A massa horrenda sufoca-o, cobre-o todo e derrama-se pelo chão, empestando a rua. O desgraçado braceja como um cego, enquanto toda a gente foge, sem coragem para socorrê-lo. As irmãs de caridade do hospital mandam os jardineiros lhe atirarem alguns baldes de água que o salvam daquela ignóbil situação.

Pobre Romão! Quando não pôde mais trabalhar, deixaram-no viver a um canto da Cadeia Pública, onde acabou seus tristes dias. Deus Nosso Senhor, que lhe não deu nada neste mundo e o destinou ao mais baixo dos misteres, deve tê-lo recompensado na Eternidade como bem o merece pela pesada cruz que lhe foi dado carregar.

O concorrente do Romão no sórdido ofício é o Sabão-mole, mestiço alto e escavacado, cuja face a amarelidão tornou semelhante ao sabão amolecido na água. Anda em companhia duma velha, de cara espapaçada, que parece a sua sombra. A velha acaba abandonando-o. Vagueia solitário, a indagar pelas portas das casas:

– Tem limpeza hoje, freguesa?

Junta-se um bando de moleques atrás dele, gritando:

– Sabão-mole, cadê a velhinha?

Esgrime furiosamente o cajado de jucá lustroso e passa horrorosas descomponendas nos seus perseguidores. É um

mestre no baixo calão. As famílias retiram-se das janelas, batendo vidraças e venezianas. Às vezes, a polícia intervém e faz justiça a seu modo. Em lugar de prender os moleques que o provocam, porque essa utilíssima criatura não faz mal a ninguém, leva-o aos empurrões e trancafia-o no xadrez.

Quando atravessa a praça do Ferreira, então vasto areal emoldurado de árvores antigas, com um cacimbão de pedra de Lisboa ao meio e um café ou quiosque de madeira a cada canto, o Java do Ovídio Leopoldino, o Iracema do Ludgero Garcia, o do Comércio do Luís Moreira e o Elegante do Bonates, padre Macaíba, sacerdote virtuoso, mas brincalhão, brada com voz esganiçada, emboscado na Farmácia Pasteur do Eduardo Bezerra:

– Sabão-mole, cadê a velhinha?

O mísero volta-se, sapateando, e replica com voz estentórea:

– Estou conhecendo esta voz... É do padre Macaíba... Olhe, **seu** padre, só não digo que está em tal lugar (e solta os palavrões), porque o sr. é padre, senão diria...

Padre Macaíba, oculto por trás da porta da farmácia, ri às bandeiras despregadas.

Casaca-de-urubu é um cabra de olhos sangüíneos, valentaço, caceteiro e faquista, contínuo do Tribunal da Relação, cobrador terrível de contas perdidas e vendedor de latas de goiabada nas horas vagas. Veste os fraques usados que lhe dão os desembargadores e disso lhe vem a alcunha. Epilético perigoso. Anda sempre gesticulando, a murmurar cousas desconexas sobre os devedores relapsos e o doce de goiaba. O molecório grita-lhe à passagem, mas de longe, precavidamente:

– Casaca-de-urubu! Bu! Bu! Bu-bu!

Ele esperneia em pulos simiescos. Uiva injúrias imorais. Atira pedradas terríveis. Dá socos com toda a força em si próprio, na própria cara. No auge da fúria, vem-lhe o ataque e escabuja pelo chão, espumando, às vezes todo lanhado, em sangue.

O Palheta é alto, esquelético, de ombros sungados e andar vagaroso, o imundo chapéu de palha sobre a testa, chupando um eterno cigarro apagado. Muito calmo, faz ponto pelas esquinas freqüentadas. Vive de morder, de fintar,

ciciando às vítimas incríveis misérias, do joguinho de sete-e-meio com os malandros, de impingir cartões de rifas falsas, entradas de teatro sem valor e bilhetes corridos de loteria, e vender jóias de pechisbeque e de mil pequeninas traficâncias. É o cabeça de turco dos remoques, chufas e versalhadas dos jornaisinhos satíricos da terra: "O Figarino", "O Lápis", "O Charuto".

– Palheta! bradam os moleques e acrescentam uma rima obscena.

Não dá escândalo. Finge que não é com ele. Muda de pouso, muito sério. Mas vai resmungando os impropérios mais horrendos deste mundo.

O Mocó–tinindo mora numa casinha de taipa, ensombrada por uma tamarineira, no alto dum barranco, além do Benfica, na estrada de Porangaba.[2] Ao tempo da festa do Bom-Jesus, padroeiro da antiga Arronches,[3] os bondes andam repletos de moças, com os estribos carregados de rapazes. Se um destes grita por pilhéria, ao passar–lhe pela casa, o odiendo apelido: – Mocó–tinindo! ele surge à janela, faz gestos indecentes e descompõe toda a gente do bonde. As moças encabulam. A rapazeada morre de riso.[4]

Papai–abre–o–olho é vitima do cavaco que dá, quando lhe gritam a alcunha e responde à garotada com berros hediondos.

O poeta não deixa de ter razão, quando diz: "Cet âge est sans pitié!" A falta de piedade dos meninos por esses infelizes é um tanto inconsciente. Falta–lhes a educação cristã, única capaz de imprimir às almas em formação o sentimento da verdadeira caridade, que muita gente pensa consistir somente em tirar um níquel do bolso e dar uma esmola.

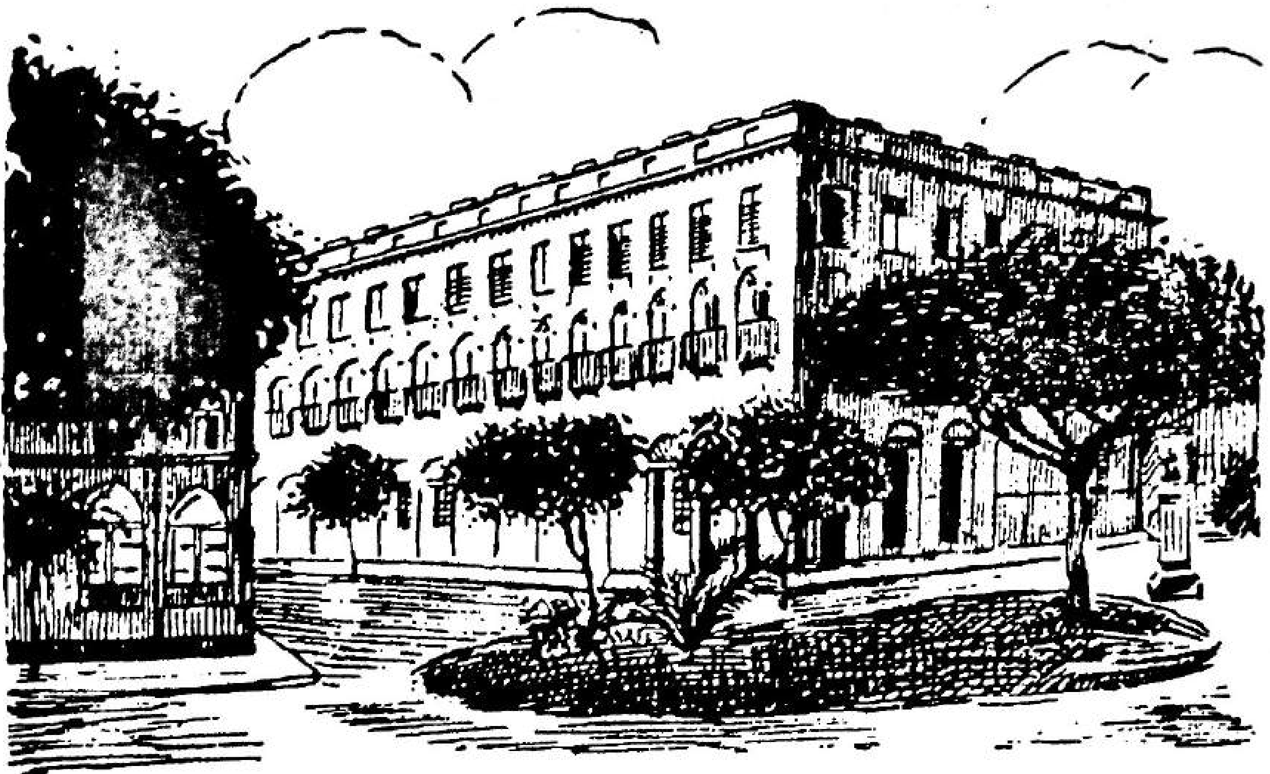
Poucas pessoas hoje em dia se recordam desses desaparecidos tipos de rua da minha cidade natal, tão encantadora e tão moleque. Há tantos anos já que eles repousam na Paz do Senhor, lá onde não ouvem mais as chufas que tanto os faziam sofrer!

---

2 Voltou a denominar–se Parangaba, seu nome primitivo dado pelos indígenas, na reforma administrativa de 1943. – M.S.A.

3 Designação que substituiu a primitiva Parangaba, quando da expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal. – M.S.A.

4 Havia uma linha de bondes de tração animal ligando o bairro do Benfica ao então município de Arronches. – M.S.A.



O 1º plano do Passeio Público de Fortaleza, vendo-se a entrada da rua Major Facundo. Numa esquina, o Palace-Hotel, que é simplesmente o antigo prédio do Club Cearense, com mais um andar, na outra esquina, a casinha de sotéa da família Mississipi.

O SANHAÇU E O ROUXINOL

Neste sábado, a prima Benvinda manda pedir à minha tia Nenén que vá passar a noite com ela, porque está adoentada. A prima Benvinda é neurastênica e tem pavor de trovões. Felizmente, as trovoadas no Ceará, embora terríveis, são raras, sobretudo neste ano em que campeia a seca, devastando os rebanhos do sertão e enchendo as estradas da capital de míseros retirantes. Só dorme sob um docel estendido por cima de sua rede, – onde se amontoam registros de santos e orações fortes escritas em pedacinhos de papel de cambulhada com palhinhas e ramos bentos do presépio e do domingo da Ressurreição, sobre uma velha túnica de seda roxa que foi do Bom–Jesus dos Passos da Sé. Tudo para livrá–la de raios e coriscos. Vou com minha tia dormir em casa dela, no bairro da Praia[1] ao pé da ladeira da Conceição,[2] esquina da rua do Chafariz,[3] por trás da Alfândega Velha, que já não existe mais. É uma casa bastante grande e cômoda, construída outrora pelo velho Galinha–Branca, que levantou a igreja da Prainha, onde se encosta o Seminário. As janelas dos quartos abrem sobre um jardim plantado de roseiras e craveiros, onde os pâmpanos duma parreira enfestoam uma latada, entre figueiras carregadas de figos ensacados por causa do passaredo.

Minha prima Benvinda e meu primo Floriano são muito meus amigos e a sua casa é como se fosse minha. Nela passo muitos dos dias mais felizes de minha infância. Na sala de visitas, admiro duas estatuetas de velha porcelana francesa ao gosto do século XVIII, um pastor e uma pastora que parecem vindos da granja do Pequeno Trianon de Maria Antonieta, ele festejando um cãozinho felpudo, ela dando milho a uma pombinha. Admiro–os sempre durante muito tempo. Numa das últimas vezes em que fui ao Ceará, meu primo Floriano,

---

[1] Não havendo sido descoberta, ainda, a Praia do Peixe, futura Praia de Iracema, como bairro residencial, chamava–se Praia ou Prainha a zona compreendida entre a Rua do Seminário (hoje Avenida Monsenhor Tabosa) e a Alfândega. – M.S.A.

[2] Atual Rua Almirante Jaceguai. – M.S.A.

[3] Hoje Rua José Avelino. – M.S.A.

já viúvo e bem velhinho, teve a delicada lembrança, de me oferecer as estatuetas que tanto apreciava quando menino. Elas decoram hoje o meu gabinete de trabalho e diariamente me lembram a gratidão que devo às suas memórias.

A casa já foi posta abaixo. Há edifícios modernos em seu lugar. Antes, porém, de a derrubarem, profanaram-na. Transformaram-na em venda e, depois, em pensão suspeita sob o título posto em circulação por um episódio da revolução paulista de 1932: "O Túnel da Mantiqueira". Foi tal o foco de desordens que a polícia o fechou. A casa de gente tão boa merecia outro destino. Às vezes o destino das casas é pior do que o destino dos homens.

A negra Josefa arma minha rede num dos quartos que dão para o jardim e adormeço felicíssimo, a pensar no meu domingo de férias, com a janela aberta, por onde a prata esverdinhada do luar se derrama no aposento. Acordo rapidamente, com a impressão de ter passado alguns minutos dormindo, tão profundo e doce fora o meu sono. Já o sol desabrocha por trás dos coqueirais, lavando em luz a minha rede. As rosas abertas perfumam o ambiente. Como que a própria luz cheira. Na frescura suave do amanhecer, um sanhaçu canta o hino augusto do dia. Nunca, antes, nem jamais, depois, meus ouvidos se inebriaram com mais encantadora melodia. O pássaro agita ao sol a plumagem azulada, pousado na parreira, desferindo notas argentinas e modulando frases musicais que parecem trinados de cristal. O sol nascente, a suavidade da manhã, o perfume do rosal, o aflato do oceano próximo, o cicio do vento nas dunas e nas frondes altas dos coqueiros, tudo se resume na voz mágica do pequenino cantor alado. Cada gorjeio traduz uma das mil vozes por que fala a natureza nas cores, nos odores e nos sons. Toda a glória da Vida, toda a alegria de viver palpitam nas gamas e escalas ascendentes e descendentes, nos agudos e nos esmorzados dos trinos e dos gorjeios. É o canto das aves no Paraíso antes do pecado de nossos primeiros pais. Somente os ouvidos inocentes duma criança são capazes de ouvir um canto assim.

Não sei quanto tempo quedo, estirado na rede, escutando enlevado o canto do sanhaçu. Nunca mais ele me saiu dos ouvidos, nunca mais deixou de vibrar dentro de mim,

embora não mais qual uma promessa de felicidade, como naquele tempo, porém como uma saudade deliciosa. Ainda hoje! Ainda agorinha mesmo! Quantas vezes ele começa de novo lá dentro, nas profundezas do coração, esvaído pela distância do tempo, e eu páro, distraído, para escutá-lo sem perder uma nota, ou no meio dum triunfo, ou no fundo duma prisão, quando uma mão amiga me pousa ao ombro e uma voz afetuosa pergunta:

– Em que estás pensando tão longe?

Tão longe! Tão longe!

Passam mais de vinte anos. Mais de trinta mesmo. No outono da vida e num delicioso outono da França, espairecendo no estrangeiro os desgostos da política, venho uma noite de Fontainebleau para Paris de automóvel. Na altura de Essonnes, onde Marmont traiu Napoleão, entre sebes de azevinho, à sombra de augustas carvalheiras, o chofer pára o carro e diz-me:

– Senhor, ouça o canto do rouxinol!

A triste lua européia vaga solitária num céu plúmbeo. Sua lívida luz coa-se por entre a folhagem moribunda das árvores espectrais e faz ressaltar de encontro à parede caiada duma herdade os galhos simétricos dos **espaliers** desnudos como costelas de grandes esqueletos alinhados militarmente. Oculta não sei onde, a avezinha dos romances e das baladas modula os harpejos delicados que escritores e poetas têm celebrado através dos milênios. Parecem, em verdade, tecidos de luar e de sonho.

Escuto-o em silêncio até o fim. Lindo, maravilhoso, mas não se compara ao canto do sanhaçu naquela manhã de sol e rosas desabrochando, muito mais lindo, muito mais maravilhoso!

Quando ouvi o rouxinol, não tinha mais dez anos de idade.

Quando ouvi o sanhaçu, tinha dez anos!

OUTUBRO

MANÉ–COCO

Meus melhores amigos no quarteirão onde moro não são meninos e sim homens de idade. Todos me conhecem desde pequenino, quando andava correndo de camisola pelas calçadas, puxando um cavalinho de pau sobre quatro rodas ou galopando e espinoteando num cabo de vassoura, com um chapéu armado de papel à cabeça, fingindo de general. O meu exército existia na minha imaginação e marchava, invisível para os outros, atrás de mim, com o ratamplã dos tambores, o trote das cavalarias e o cavo rodar dos canhões.

Um desses amigos é o Rola leiloeiro, que me dá sempre deliciosos biscoitos ingleses, marca Huntiey & Palmers, cobertos de açúcar colorido, tão bonitos que faz pena comê–los. Outro é seu Cosme, velho negociante. Seu armazém fica à esquina da rua das Flores,[1] onde antes foi a Casa Boris Fréres, do rabino Isaías, de barbicha pontuda e barretinho preto à cabeça; do Adriano, de suíças negras, tido como muito esmoler, cujo retrato o jornal do governo *A República*, ao qual deu muito dinheiro, publica em coluna aberta, na primeira página, em todos os aniversários de sua morte; do Aquiles, que anda de sobrecasaca ruça e calças de brim branco escanchado num cavalo magro, que parece que não come. A filha de **seu** Cosme, D. Emilia me faz muita festa e me chama **bichinho**. Dá–me sempre um pedaço de bolo. A residência de seu Cosme fica no fundo do armazém e deita para a rua Formosa.[2] Gosto de atravessar, correndo, armazém e casa, passando duma rua para outra.

As vezes, no meio da corrida, por entre fardos e caixas de fazendas, ele grita:

– Faça alto, **bichinho!**

[1] Atualmente Rua Castro e Silva. – M.S.A.
[2] Hoje Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

Estaco. Suspende-me por baixo das orelhas e me dá um **xenxém** de cobre antigo.

– Toma. Vai comprar um vintém de roletes na bodega da Aninha Gato e solta-lhe nas bochechas um dos teus miados.

Vou e, quando a velha espirra lá de dentro com um pau na mão, atrás de mim, berrando nomes feios, ele ri como uma criança.

O dono duma venda que fornece gêneros à nossa casa, o sr. Luiz Gomes, parece com a sua barba inteira o general Osório. Deixa-me brincar com o filho sobre as tulhas de sacos de feijão, milho e farinha. Quando lhe dá licença de tirar biscoitos-facão na lata envidraçada em que os guarda, diz-lhe:

– Seu Pretinho, dê uns dois ou três ao seu amiguinho.

O alfaiate Bezerra é o meu generoso fornecedor de giz de cor para meus desenhos nas grandes e lisas lages das calçadas. Junta numa caixinha todos as sobras e pedaços dos gizes azuis, vermelhos, verdes e amarelos com que risca o corte das casemiras, dá-mos e vem apreciar as paisagens e as fileiras de soldados que espalho pelo chão. Diz com ares de entendido:

– Este menino vai ser um Pedro Américo!

Foi o mais errado de todos os profetas que tenho conhecido.

O respeitável negociante Major Viana, estabelecido quase em face de nosso sobrado, é de opinião contrária. Quando me vê comandando a manobra de batalhões infantis ou fazendo de general nas batalhas da minha imaginação, declara que serei um grande militar. Outro profeta errado.

O Maior Viana comandou a Polícia do Ceará na guerra do Paraguai. Cobriu-se de glória na segunda batalha de Tuiuti. Senta-me uma vez por outra sobre os joelhos, curva para mim a cabeça branca e conta-me episódios em que sempre figura o vulto do Conde de Porto Alegre com seu uniforme alcachofrado de ouro.

De todos esses amigos aquele por quem tenho maior simpatia é o Barão de Camocim, Geminiano Maia, com casa de fazendas, quase à esquina da rua Senador Alencar. Quando faço uma arte, é lá que me escondo, dentro dum caixão vazio. Se me procuram, ele diz com a maior inocência deste mundo que nem me viu e faz-me sair às escondidas.

Estou ainda a vê-lo, baixote, corado, de suiças grisalhas, fraque preto e cartola. Nossas relações vêm de ir eu

sempre à sua casa pedir os trocos de que minha tia precisa para as despesas miúdas. Nunca recusa. Casado com uma senhora francesa, habita um palacete na praça de Pelotas,[3] com duas altas araucárias dum e doutro lado da escadaria de entrada, no meio de bela chácara, murada e gradeada, onde cuida com desvelo de ótimo pomar. Manda vender os frutos por um empregado de avental, numa carrocinha, pesados numa balança, cousa nunca dantes vista no Ceará. Não escapa aos remoques, o que é sorte de todos os inovadores. Os jornais pilhéricos publicam-lhe a caricatura, tangendo a carroça, apelidando-o de Barão das Goiabas ou Barão da Carrocinha.

Trata-me com a maior familiaridade e eu o chamo – **seu** Barãozinho. Pergunta sempre por minhas tias e de modo muito especial por minha avó, que conhece há longo tempo. Presenteia-me com todos os livros de amostras de fazenda de que não precisa mais, com cromos de folhinhas, pregos miúdos, tábuas, papelões e caixas de charutos para os meus brinquedos. Dá-me trela. Gosta de prosear comigo.

Essa amizade prolonga-se pelo tempo além. Cresço e ele envelhece. Crio buço e as suas calças encanecem. Fico rapaz e ele não dá uma festa no seu palacete, onde pouca gente tem entrada, que não me convide. Guardo do Barão de Camocim uma grata, comovida lembrança.

Ao lado desses amigos fixos, um amigo volante, Manuel Pereira, vulgo Mané-Coco, marmorista e fundador do Café Java, à praça do Ferreira,[4] o mais antigo café do Ceará. Passa pelo meu quarteirão e pára uma vez por outra à porta deste ou daquele para dar dois dedos de prosa. Sempre de branco. Sempre de chapéu de palhinha. Sempre com uma rosa ao peito.

Abordo-o um dia, já familiarizado de tanto o ver por ali, e peço-lhe um pedaço de mármore. Para quê? indaga com um sorriso.

Para fazer o túmulo da gata Cotozinha e de seus dois filhinhos que o caboclo Tomás matou, lá no fundo do quintal, explico.

---

[3] Atual Praça Clóvis Beviláqua. – M.S.A.
[4] Canto nordeste da Praça. – M.S.A.

Acha muita graça e promete:

– Quando passar por aqui doutra vez, trarei.

Os meninos acreditam em todas as promessas. Espero confiante. Cumpre-a. Traz-me uma lápide de meio palmo quadrado, muito branca. Graças e ele, as vitimas do caboclo têm seu monumento funerário, com uma cruz gravada a ponta de prego, os nomes e a data do crime.

Mané-Coco tem a mania de ser o bombeiro voluntário de Fortaleza. Sentiu cheiro de incêndio, bate lá. Carrega água para apagar o fogo. Isola, metendo o machado nos telhados, os prédios vizinhos. Salva as vidas ameaçadas. Passa com denodo por cima das cumeeiras esbraseadas sobre a fornalha que surge cá, em baixo. E não ganha nada com isso.

Na vida comum, sem incêndios, o homem mais medroso deste mundo, salvando-se das entaladelas com espírito. É a tábua de bater roupa, o armazém de pancadas da cidade. Quem se exercita a brigar experimenta-se no Mané-Coco. Uma feita, os terríveis cadetes da Escola Militar o ameaçam com uma boa tunda, se lhes não der, gratuitamente, no Café Java, um jantar **de sustância**. Promete-lhe de pedra e cal um **jantar de galinha**.

No dia aprazado, o bando abanca-se na mesa já preparada e florida. Ele ordena ao criado:

– **Seu** Chicó, sirva o **jantar de galinha** a esses meninos.

O Chico põe cerimoniosamente diante de cada convidado forçado um prato cheio de grãos de milho. Os cadetes entreolham-se, surpresos. Um reclama. E ele, com a mais fingida ingenuidade:

– Estou cumprindo a promessa. Jantar de galinha não é milho?

Acham muita graça e deixam-no em paz.

Mané-Coco morreu. Foi no caixão com a sua eterna flor na lapela. Sua alma deve vaguear pela eternidade, toda de branco, sempre com a rosa ao peito.

O VELHO MACAÍBA

A figura humana que mais me impressiona na minha primeira infância é a do velho Macaíba, Hermelino Sobral Macaíba, funcionário aposentado e antigo vereador da ilustríssima Câmara Municipal. De calças brancas muito limpas e bem engomadas, paletó preto e correntão de ouro atravessado no colete, vai todos os domingos de tarde jogar gamão com meu primo Floriano. Sentam-se ambos à sombra do muro da chácara do José Pio,[1] na travessa da Conceição e ficam a lançar os dados e a bater com as pedras nas casas semicirculares do tabuleiro, exclamando a cada jogada:

– Duques!

– Terninhos da minha alma!

– Quadrinhas do meu coração!

– Venham, quininhas dengosas!

– Ah! Umas sextinhas agora!

Isso me faz lembrar o víspora que minhas tias e primas jogam, às vezes, em casa, pondo apelidos aos números que uma delas vai tirando do saco: o um é o ronco do porco, o dois o segundo de infantaria, três o diabo o fez, cinco o quincas, sete conta de mentiroso, oito biscoito, treze o sai, azar!, quatorze o batalhão do Frias Vilar, dezesseis o Treme-Terra do Tibúrcio, vinte e dois os patinhos na lagoa, trinta e três a idade de Cristo, oitenta e oito os barrigudinhos e que sei mais, santo Deus!

– Seu Macaíba, digo sempre respeitosamente, boa tarde, como vai o senhor?

Bate-me no rosto com as mãos malhadas de panos brancos:

– Ó peraltinha, como vais?

Sinto-me honrado. O que se conta desse homem o aureola aos meus olhos infantis com o halo do Flos Santorum. Católico praticante, não admite a menor palavra contra o clero ou contra a religião. Não critica ninguém. Não mete o bedelho na vida alheia. Não gosta que se fale de pessoa alguma

[1] Esquina sudoeste das ruas Almirante Jaceguai (antiga Travessa da Conceição) e José Avelino (antiga do Chafariz). A casa propriamente dita tinha frente para a praça Cristo Redentor. – M.S.A.

em sua presença. Tem sempre uma palavra de desculpa para os outros. Vive modestamente, serenamente, seriamente, como quem tem a certeza absoluta de que a Verdadeira Vida não é esta, contingente, precária, cheia de mazelas, mas a Outra, a do Além, para a qual caminha com um passo seguro e firme dentro da sua fé.

Quando a materialização moderna desabou de vez sobre o Brasil, já o velho Macaíba abrira as portas da Eternidade. Ele seria incompatível com o que vai por aí. Em fevereiro de 1927, conversando com Rudyard Kipling, que havia saudado com um discurso na Academia Brasileira, abordei o problema do Além em face das velhíssimas crenças da Índia, tão sua conhecida. Em certo ponto da palestra, o grande escritor inglês me disse:

– **The doors are closed**!

Lembrei-me nessa ocasião do velho Macaíba. Para ele as portas não estavam fechadas. A sua fé robusta abrira-as de par em par e por elas o seu espírito puro avistava a glória que o Senhor dos Senhores reserva aos que cumprem os Eternos Mandamentos de sua Lei.

Que fez o velho Macaíba de tão extraordinário?

Recebeu do seu amigo coronel Pedro Barroso, do Curu, um pedido para lhe comprar e guardar um bilhete do grande prêmio da Loteria Federal. Comprou-o, juntamente com outro para si, na agência do Guilherme Rocha. Meteu-os numa gaveta em envelopes separados. A loteria correu. Saiu premiado com quinhentos contos, veja-se bem – quinhentos contos! o bilhete que reservara para o seu amigo. O dele estava em branco. Escreveu-lhe logo, dando a alvissareira notícia e lhe entregou o bilhete, quando o coronel Pedro Barroso mandou o coronel Anastácio Braga receber o prêmio no Rio de Janeiro.

Pobre como Jó, quinhentos contos, uma imensa fortuna naquele tempo! não o tentaram. Não havia uma testemunha humana da compra, não havia um documento que identificasse o bilhete e ele, com sacrifício, comprara outro, o branco. Como estabelecer uma prova ou fazer a menor reclamação, se não escrevera antes ao amigo, dando o número? Bastava-lhe afirmar que o premiado fora o seu bilhete. Quantos homens no mundo capazes de tamanha honestidade?

É que o velho Macaíba vivia nesta vida na presença de Deus e sabia que Deus tudo sabe e tudo vê. Não era no Ceará que tinha certeza de receber o seu prêmio, porém lá para onde foi com a consciência tranqüila e onde as recompensas inimagináveis se não calculam por uns míseros contos de réis.

Contou confidencialmente o que se passara ao seu amigo e parceiro de gamão, meu primo Floriano, que badalou o caso pela cidade afora. Os de minha casa foram dos primeiros a sabê-lo e os seus comentários encheram minha alma infantil dum respeito quase supersticioso, duma comovida, intensa admiração por aquele ancião. Quinhentos contos!

Se Rudyard Kipling me pudesse compreender, eu lhe teria dito naquela tarde da Academia Brasileira que havia conhecido na minha meninice um homem que sabia estarem abertas de par em par as portas que ele pensava fechadas, as portas do Céu. É isso o que confusamente, instintivamente sinto aos dez anos de idade, quando o velho Macaíba sopra o copo de couro dos dados e chora a jogada, murmurando:

– Venham, quininhas do meu coração!

AS CAVEIRAS

Por causa do velho Macaíba levo uma surra.

Sonho praticar um ato generoso e digno como o dele, ou mais ou menos, a fim de ser comentado com aquele fervor que sinto em volta de seu nome.

A ocasião apresenta-se numa tarde de domingo em que por acaso vou à bênção na igreja da Prainha. Ao fundo da igreja, há um antiquíssimo cemitério abandonado. Estão destruindo-o agora para estender até ali uma ala do Seminário. Vejo um grupo de meninos que para ele se dirigem e, apesar do meu horror pelas cousas fúnebres, minha curiosidade é mais forte e acompanho-os.

São seis e um deles grandalhão. A grade do portão da necrópole pende arrancada dos quícios enferrujados. Penetramos por ali. As sepulturas estão revolvidas. Há uma tulha de caveiras e tíbias, velhas e cor de terra, a um canto. O grandalhão aproxima-se dela com uma varinha de pequiá em punho. Começa a bater nos crânios e a quebrá-los, dizendo:

– Esta aqui foi dum inimigo meu!

– Esta, da minha avó torta!

– Esta do meu professor que me dava muito bolo!

Os outros em volta riem como maluquinhos.

Quando levanta o pequiá para espatifar a quarta, interponho-me:

– Não faça isso, desalmado! Respeite os mortos!

– Sai daí, bobo alegre, senão arrebento-te a caveira! é a resposta. E ergue o pau.

Tomo-o de um salto e desabo-o sobre a sua cabeça. O sangue espirra e o pequiá quebra-se nas minhas mãos. Os companheiros do ferido cercam-me, bradando:

– Mete o pau nesse amarelo!

Chove cacete sobre a minha cabeça e as minhas costas. Cubro-me com os braços, como posso, e vou recuando. Consigo transpor o portão desmantelado, mas eles não me deixam, atacando-me furiosamente. Vendo a partida perdida, cheio de raiva e de dor, defendo-me a socos e pontapés. Con-

sigo agarrar um dos atacantes e me engalfinho com ele, rolando pelo chão. Enclavinho-lhe os dedos na garganta e o sufoco. Os outros malham-me o corpo. Quanto mais me malham, mais enterro as unhas no pescoço do que fisguei. Não há pancada que me faça largá-lo. É quando o grandalhão apanha uma pedra pontuda e me golpeia a espinha. Perco os sentidos.

Quando volto a mim, estou encostado a um dos bancos do adro da igreja e é quase noite. Dói-me o corpo todo. Meu primo Chico Diabo, que deve ter uns dezesseis anos, me ampara e me dá de beber um pouco de água num caneco que pediu na vizinha. Diz-me:

– Ia saindo da bênção, quando vi a briga. Fui espiar e te reconheci mesmo no momento em que aquele desgraçado te batia com a pedra. Virei bicho. Dei tanta bengalada naquele canalha que lasquei a minha canela de veado!

Mostra-me a bengala reduzida à metade:

– Correram que pareciam veados, os frouxos! Comigo é assim, no pau! Família é família!

Arrasto-me para casa com três galos na cabeça, o lombo equirnozado e a espinhaço sangrando.

Põem-me compressas de vinagre. Dão-me arnica a beber. Passo uma semana gemendo ao menor movimento. E ainda levo pitos repetidos de minhas tias:

– Está aí no que dá andar sempre metido com moleques!

Compreendo que não é fácil nem cômodo ser herói e que a melhor, senão a única, justificativa dos heróis é a vitória. A frase do Breno gaulês repercutirá naturalmente através dos milênios: Ai dos vencidos!

Abro-me confiantemente ao meu primo Chico Diabo, meu salvador, que me vem visitar dias depois. Conto-lhe que defendi os mortos duma profanação. Dá uma risada e sentencia:

– Que besteira! Por causa dumas caveiras velhas que ninguém sabe mais de quem foram! Que besteira!

E conclui como um grande entendido na matéria:

– Felizmente, não desonraste a família! Brigaste como homem! Gostei de ver!

Chico Diabo morreu como um bravo na defesa do Brasil contra os bolivianos. Se Deus permitir que nossas almas se encontrem nos campos de asfódelos, como diziam os anti-

gos heróis gregos, eu, que ainda não sacrifiquei minha vida pela Pátria, não terei coragem de dizer-lhe:

– Que besteira! Por causa dum trapo verde e amarelo! Que besteira!

Mas a minha alma exclamará em sua presença:

– Felizmente, não desonraste a família! Brigaste e morreste como um homem! Gostei de saber!

A NOITE DAS GARRAFADAS

Esse negócio de apanhar pancadas é bastante desagradável. Aprendo-o por experiência própria e por isso consigo livrar-me da marretada que me queria dar o Cego do Catimbó. Esse cego é um mestiço alto e feíssimo que pede esmolas à entrada do Mercado das Frutas, junto a um alto chichazeiro, em cujo tronco meteu pregos em que pendura o chapéu, o uru e o saco das rapaduras com farinha. Tem os olhos cobertos com uma nuvem branca e meio esbugalhados. Parecem dois capuchos de algodão. Senta-se no chão empedrado sobre uma esteirinha de carnaúba, uma das mãos sempre pousada no varapau de jucá, a outra estendendo-se e encolhendo-se num movimento rápido e ritmado, ao acompanhamento destas fanhosas palavras:

– 'smola p'o'amô de Deus!

Goza da fama de terrível catimbozeiro, de Pai de Santo. Enfeitiça namorados. Desmancha noivados. Arranja amigações. Resolve casamentos. Cose boca de sapo para matar gente a distância, a qual vai seca-secando sem saber de quê. De vez em quando, dele se aproxima uma velhota mal vestida, uma preta idosa ou uma criadinha de avental e lhe segreda cousas, escorregando-lhe na mão ávida, níqueis e pratinhas. Pergunta apressado, baixinho:

– Ond'é?

Sibilam-lhe o endereço:

– Rua tal, número tal. Pergunte por D. Fulana. Vá às duas horas. Se ouvir voz de homem, peça esmola, ouviu?

É catimbó na certa. Aquela hora, lá se vai puxando pelo filho à ponta da vara, cabrochinha de uns nove anos, que brinca em volta dele, sem se arredar muito, enquanto está sentado na Feira. Dá-lhe o endereço. O guia não sabe ler nem escrever. Conhece, porém, todas as ruas, travessas e becos da cidade, de cor e salteado, de leste a oeste, entre a rua da Soledade[1] e a Jacarecanga, como de norte a sul, entre a Praia e as Areias, e mais o Arraial Moura Brasil,

[1] Atuais ruas J. da Penha e Dom Joaquim. – M.S.A.

sil[2] com todas as suas vielas e ladeiras, e mais os becos incríveis como o da Apertada Hora,[3] o do Sovaco e o do Rabo da Besta. Sabe os números de oitiva.

Lá se vão os dois. Bom par de galhetas! Ao chegar à casa indicada, bate e entra, esgueirando-se. Vai benzer qualquer doente de estalicídio ou de espinhela caída, tirar mau olhado, botar ou desfazer caborjes. Na maioria das vezes, é para esconjurar o terceiro e último tiro da Macaca, que ameaça uma solteirona louca para se casar.

O cabrochinha é **intimador**, é implicante. Provoca-me com caretas, doestos e pedradinhas, quando vou apanhar os frutos que caem do chichazeiro. Esses frutos são preciosos para mim. Não se comem, mas têm grande utilidade. Bastante grandes, têm a forma do corpo de um animal e duram muito tempo. Enfiando-lhes quatro patas e fazendo-se um arranjo, têm-se cavalos e bois. Abrindo-os, encontra-se dentro certa quantidade de sementes negras de menos duma polegada de tamanho. A casca delas é duríssima. Corta-se com um canivete bem amolado, tira-se o miolo branco e mole. Cada uma dá o fornilho de lindo cachimbinho preto com um canudo de taquari.

Não posso revidar a essas provocações, porque ele se mantém prudentemente perto do pai, cuja mão direita descansa sobre o longo varapau. Dizem que pancada de cego é a pior de todas. Mas dia topo o camaradinha, de surpresa, longe, sorvendo com delícia um copo de garapa de cana na engenhoca do Bembém.[4] Seguro-o de jeito, meto-lhe o braço, tiro-lhe sangue das **fuças**. Quando o largo, vem gritando como um desesperado agarrar-se com o pai. Sigo-o e me oculto por trás do grosso tronco do chichazeiro, a fim de ouvir o que dizem, porém sempre com um olho no padre e outro na missa.

O cabrochinha queixa-se, soluçando:

– Foi aquele menino amarelo da rua Major Facundo que me bateu!

---

2 Situava-se entre a estação da rede ferroviária e a orla marítima. - M.S.A.

3 Atual Rua Governador Sampaio. - M.S.A.

4 Pequeno quiosque levantado na Praça Carolina, onde funcionava o Mercado de Cereais. Situava-se, mais ou menos, no espaço compreendido entre os prédios do Banco do Brasil e dos Correios e Telégrafos. - M.S.A.

E o cego, passando-lhe a mão pela gaforinha suja:

– Deixa está que ele me paga o novo e o velho! Não chore mais não que você vai rir com gosto. Amanhã ou depois, quando ele passar por aí, agarre-o com toda força, vire as costas dele para mim e grite – agora, papai! que eu marro o jucá com vontade no lombo dele. Você vai ver como é bom!

O filho já ri, antegozando o divino sabor da vingança.

O plano é bom, mas tem um grave inconveniente: é que eu sei ser mais forte do que o filho do cego. Falha como quase todos os bons planos.

No dia seguinte, dito e feito. Vou apanhar chicás de propósito. Ele enlaça-me nos braços escuros, arrasta-me ao pé da árvore, vira-me de costas e grita:

– Agora, papai!

O cego desce o pau com vontade; mas eu, que consentira em tudo aquilo, fingindo a resistência necessária a não levantar suspeitas, ao ouvir o sinal combinado, seguro com força o cabrochinha, viro-o e ponho-o no meu lugar. É nas suas costas que a vara do cego bate e estala deliciosamente. Um uivo lancinante de cão que apanha:

– Ai! Papaizinho de minha alma! Ai! Meu Deus!

Um berreiro. O cego suspende o segundo golpe, espantado e aflito. Depois, pragueja como um endemoniado, sapateando de raiva:

– Se eu te agarro, te arrebento a pau, amarelo duma figa!

Eu, longe, na esquina, achando graça, assobiando uma vaia, enquanto o pai recebe o filho nos braços e lhe pergunta:

– Como foi isso meu bem?

– Foi aquele desgraçado que me virou mesmo na horinha!

Livro-me, assim, do pau do cego, mas não me livro da acha de lenha do Chico Bracinho no primeiro domingo depois desta aventura. O Chico é carroceiro do Joaquim Amâncio, residente na Praia,[5] à rua da Alfândega,[6] esquina da travessa da Conceição,[7] com a cocheira ao fundo da casa. Português de Trás-os-Montes, cor de tomate, forte como um touro, tem um braço mais curto do que o outro como o Kaiser

[5] Trata-se da Prainha e não da Praia de Iracema, ainda habitada somente por pescadores. – M.S.A.

[6] Atual rua Dragão do Mar. – M.S.A.

[7] Atual Rua Almirante Jaceguai. – M.S.A.

Guilherme II. Embirra com os meninos que trepam à traseira da carroça que guia. Mete-lhes o chicote. Uma de suas lambadas pega-me. Juro tirar vingança.

Armo-me à noite com um garfo velho, de aço e cabo de marfim, com agudíssimas pontas, que serve para revolver o adubo das roseiras, chamo o João Pacheco, dou-lhe um cacete e induzo-o a acompanhar-me para darmos cabo do galego:

– É um desaforo esse português levantar o chicote para os meninos do Brasil!

Borbulha-me no íntimo o sangue dos famosos Cunhas do Boqueirão. O caboclo, que não sente esse sangue, faz beiço e procura esquivar-se:

– Mas **seu Agustave**, é um baita dum homem!

– Home nada! É galego. Bastam dois meninos brasileiros para um português. É até gente demais. Está muito escuro, nós o chamamos para fora da cocheira e, quando ele sair, o atacamos, eu pela frente com o garfo, você pelas costas com o cacete. Enfio-lhe o garfo e você malha-lhe o pau até ele ir ao chão, que é para não dar mais chicotada em brasileiros.

Dado o plano, agarro o João Pacheco pelo braço e o arrasto, exclamando no auge da xenofobia e do jacobinismo, ao lembrar-me da História do Brasil estudada no colégio:

– Vai ser a Noite das Garrafadas!

É a noite da acha de lenha.. .

Em frente à cocheira, chamamos o português. Cansado do seu árduo dia de trabalho, o pobre homem dorme a sono solto, roncando alto como um porco. Não ouve nada por mais que nos esgoelemos. Atiramos pedras ao telhado de zinco. Não é bastante para acordá-lo. Atiramos matacães. Acorda e indaga com um berro:

– Que é isso aí?

Nós dois o desafiamos:

– Salta para fora, galego sem vergonha, se és homem! Anda, traz agora o chicote com que dás nos meninos! Vem brigar na rua, se tens coragem, miserável!

Ele nos conhecia e reconhece nossa voz. Replica com toda a prudência:

– Vão embora para sua casa, meninos! Deixem de besteiras e de provocações com quem está sossegado. Se eu qui-

sesse, os corria a pau como cães, mas não quero histórias, lá com a sua gente. Vão embora, senão amanhã vou me queixar ao sr. Floriano.

Julgamo-lo amedrontado. Continuamos a jogar pedras e a cuspir insultos.

– Que queixa a Florianos nem manés Florianos, que nada! Estás é tremendo de medo! Por que não te vais queixar à tua mãe, lá em Portugal!

O português irrita-se. Ouvimos a porta que se abre. Seu vulto, quase apagado na obscuridade, avança cautelosamente, com qualquer cousa branca na mão. Corro sobre ele e finco-lhe o garfo com toda a força na coxa direita. As pontas de aço rangem no músculo possante. O homem solta um berro e, erguendo a acha de lenha que traz, um pedaço de pau-branco descascado, desce-a enraivecido sobre a minha cabeça. Felizmente não acerta o golpe. Um movimento qualquer, meu ou dele, desvia-o para a minha nuca.

O cinema representa com a visão de anjinhos e estrelas o que se sente, quando se leva forte pancada no crânio. o nosso próprio povo costuma dizer que se vêem estrelas ao meio-dia. Não vejo propriamente estrelas, porém pairo nas regiões onde elas brilham. Sinto a sensação de que me desprendo subitamente da terra e começo a voar, a voar para o alto, arrebatado deliciosamente. De súbito aquela estranha força ascensional me abandona, despenco e desço como um bólide. Quando toco o chão, dissolvo-me no nada. Estou desmaiado.

O ataque envolvente do João Pacheco falha. O caboclo covarde foge do campo de batalha e vai contar tudo, apavorado, a meu primo Floriano. O uivo do Chico Bracinho ferido alarma a vizinhança. Vêm até ali o Joaquim Amâncio, seu patrão, D. Mariana e D. Demétria, irmãs de **seu** Telésforo, o André, inglês coxo da Companhia do Gás, e meu primo Floriano. O carroceiro comprime com a mão a coxa ensangüentada, em que o garfo penetrou mais de uma polegada. Levam-rne desacordado para a casa de meus primos.

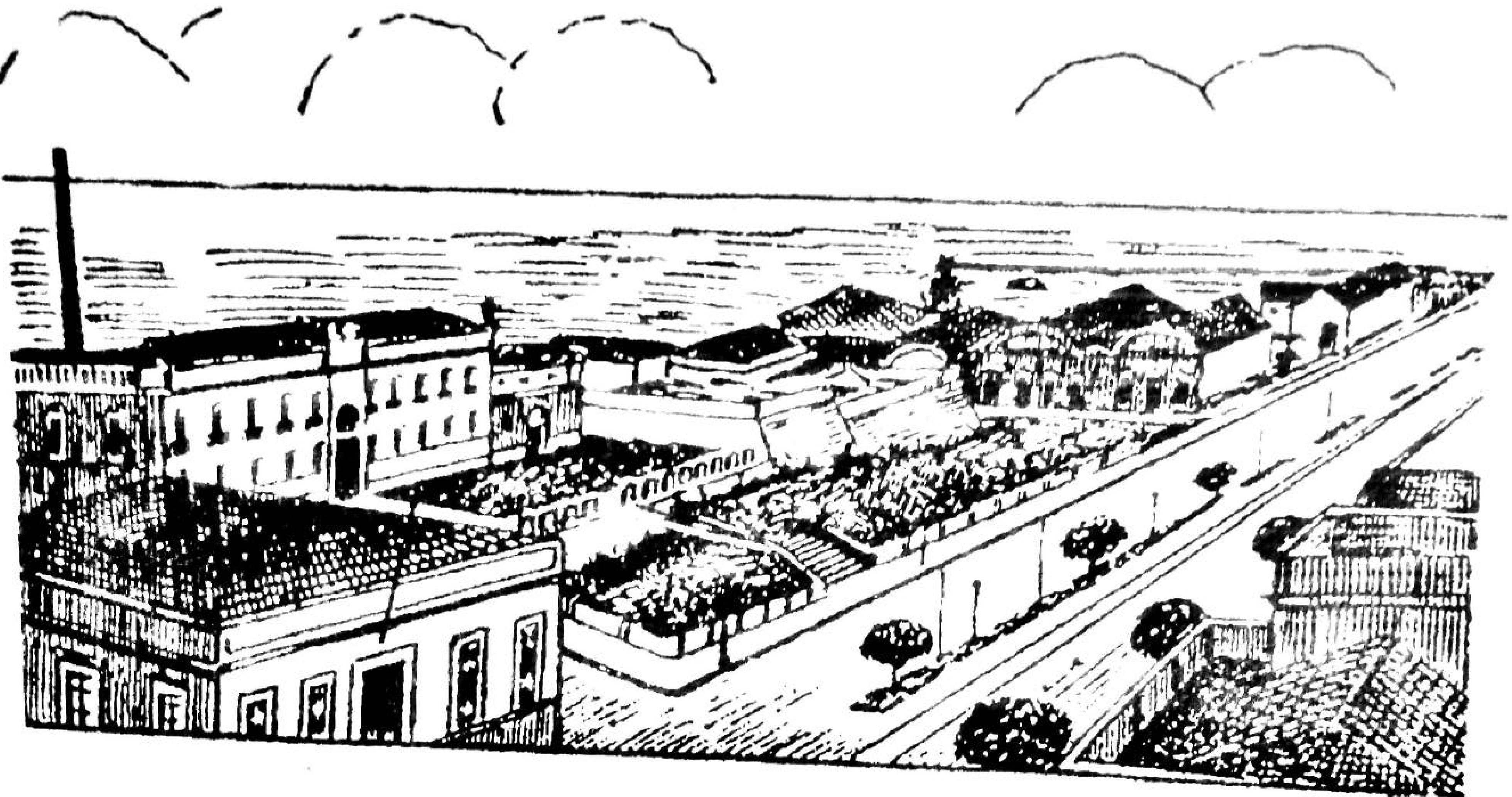
Chico Bracinho fica vários dias em tratamento na Santa Casa. A ferida supura. É um verdadeiro milagre não ter morrido de tétano numa época em que nem se falava em injeções antitetânicas no Ceará. O garfo servia para esgara-

vatar o estrume das roseiras! Que perigo! Quando penso hoje no que poderia ter acontecido, sem a proteção de Deus, nessa memorável Noite das Garrafadas, sinto arrepios de horror. Tudo obra da violência. A violência do chicote provoca a violência da acha de lenha. Felizmente pára aí. A violência somente gera a violência.

Meu primo Floriano trata bondosamente meu pescoço ferido, quando volto a mim. Arranja a história duma queda de goiabeira para justificar as equimoses. Consegue que minha tia Nenén prometa nada dizer a minha avó, a meu pai e às outras minhas tias. Assim, a Noite das Garrafadas é ignorada pela gente do sobrado da rua Major Facundo.

Ando de pescoço duro uma semana. Conservo ainda hoje a marca da acha de lenha. O segredo é bem guardado. Ninguém mais toca no caso. Uma vez por outra, pondo-me a cavalgar seus joelhos, meu primo Floriano me diz baixinho:

– Eta, bichinho bom! De garfo, não! Nunca mais! Mas vá tocando o pau, quando puder, e conte comigo que garanto a retirada. Desaforo não se traz para casa. Prega-se na cara de quem fez. É melhor morrer do que viver desonrado. Mas de garfo, nunca mais! Prometa que foi a última vez.



O quartel do Exército em Fortaleza, vendo-se a rua Sena Madureira alargada e os bastiões da velha Fortaleza **de Nossa** Senhora da Assunção. Do lado contrário, os bastiões entestam com o Passeio Público.

NOVEMBRO

A HEROÍNA DO SERTÃO

Meu avô materno, engenheiro e doutor em filosofia pela Universidade de Viena, era natural de Dannenberg, no Hanover, onde sua família vivia desde longa data. Chamava-se Gustavo Luís Guilherme Dodt, filho de Henrique Frederico Dodt e de sua mulher, Guilhermina Joana Von Lanzehr, cuja estirpe se prendia à velha nobreza de Walsrode. Casara com Eliza Cristina Von Moehlieibroeck, minha avó, nascendo desse consórcio duas filhas: Ana Guilhermina e Ema Matilde.

Ana Guilhermina foi minha mãe. Diplomada com as mais altas notas pela Escola Normal de Hamburgo, era uma moça perfeita. Casou com meu pai em 1884. Morreu a 4 de janeiro de 1889, deixando-me com sete dias de nascido. Deixava mais dois órfãos: Valdemar, mais velho do que eu quase três anos, e Ana, quase dois. O primeiro passou pela vida como uma sombra triste. Sempre doentinho morreu aos treze anos. Tinha o tipo alemão - cabelos de ouro, olhos muito azuis. A segunda, com o físico moreno de brasileira, era alemã na alma. Finou-se aos trinta anos de idade, erudita, artista, poliglota, sob o hábito de beneditina, no convento de Nieue Herlaag, perto de Hertogenbosch, no Brabante holandês.

Pela morte de minha mãe, meus irmãos mais velhos foram levados por meu pai para a companhia de meus avós alemães, então em São Luís do Maranhão. Como fosse muito pequenino para viajar, fiquei com minha avó e minhas tias brasileiras. Assim, em volta do meu berço, em torno da minha infância, nunca se pronunciou uma palavra em alemão, nunca bateu asas um pensamento alemão. Toda a tradição brasileira me envolveu desde meus primeiros dias de vida.

Fisicamente, não saí alemão como meu irmão Valdemar, a não ser na altura, nem tão morenamente brasileiro como minha irmã Nini. Espiritualmente, ao lado do meu vasto e profundo amor pelo Brasil, sua vida e sua história, o pendor

natural para a disciplina, a ordem, o sentido construtivo da existência trai a ascendência germânica. Saí misturado.

Meu avô Dodt, contratado na mocidade para servir ao Brasil, serviu-o com alma até morrer. Tornou-se brasileiro. Construindo linhas telegráficas, abrindo estradas, lançando pontes, explorando rios mal conhecidos ou sertões ignotos, abrasileirou-se ao contato da terra e do habitante. Apaixonou-se pelo nosso folclore e pela nossa etnografia. Morreu paupérrimo em Santa Catarina, deixando como única riqueza uma grande coleção de armas e utensílios dos nossos índios.

Sua família geralmente permanecia em São Luís, enquanto ele se afundava no interior do Extremo Norte e do Nordeste. Uma feita, resolveu fixar-se no Ceará. Definitivamente. Era o único meio de os netos se reunirem. Adquiriu um grande terreno no arrabalde do Benfica, entre as projetadas ruas de Santa Isabel e Santa Teresa,[1] onde construiu uma boa casa. Deu a esse sítio o nome de Baixa-Preta, porque seu largo portão dava para um alagadiço desse nome.

Fui muitas vezes passar ali as tardes com ele, quando tinha uns cinco anos de idade. Parece-me estar a vê-lo com sua barba alourada, bastante grisalha, e os olhos que pareciam duas safiras. Cercava-o um grande respeito devido a sua reputação de honestidade. Nenhum fornecedor dos Telégrafos, de que era então o administrador em Fortaleza, se atrevia a mandar-lhe um presente. Falava a nossa língua, carregando nos rr. Um tanto áspero, mas profundamente bom. Sentava-se numa espreguiçadeira de lona e contava a mim e à minha irmã histórias dos elefantes da Índia. Às vezes, dizia-lhe qualquer cousa em alemão que eu não entendia. Eu e ela púnhamos à boca canudos de folhas enroladas de coaçu e corríamos como maluquinhos, fingindo de elefantes da Índia.

Em fins de 1893, salvo engano, sentindo necessidade para sua saúde de clima mais frio, meu avô mudou-se para Santa Catarina, onde veio, anos mais tarde, a falecer. Nunca mais o vi. Visitei em 1935 seu túmulo singelo, reconstruido por amigos meus, sob as velhas árvores que ensombram o

[1] Hoje ruas Princesa Isabel e Teresa Cristina. – M.S.A.

alto da colina onde se estende o cemitério luterano de Blumenau. Meu pai, depois que ele foi embora, comprou-lhe o sítio.

Todas as tardes, após o jantar, indefectivelmente, vai para ele, levando na mão uma cestinha com algumas gulodices para o jumento Jacobino e restos de comida para dois gatos deixados por meu avô. No sítio, meu pai se põe em mangas de camisa, planta, poda, aduba e rega meia dúzia de canteiros de hortaliças e um vasto seminário de mudas de fruteiras escolhidas. Aquilo o distrai e lhe conserva o vigor. Goza de extraordinária saúde. É de ferro. Muito lido, muito culto e muito paradoxal ao mesmo tempo, dispõe duma memória formidável. Recita os Lusíadas inteirinho, de fio a pavio. Toda a gente o considera um **filósofo**. Deixa que a vida vá passando por ele sem lhe dar grande importância. Aprecia o seu desenrolar como o de uma fita de cinema. Só intervém nele forçado. Observa e critica, sem tomar parte. Vive com o que tem sem pedir nada aos outros, sem incomodar e sem se humilhar, economicamente, sobriamente, honestamente, de cabeça erecta. Sem ambições e sem preocupações. Agressivamente franco e mordaz nas suas pilhérias, não tem, no entanto, inimigos. Antes pelo contrário, a cidade toda o estima e repete suas anedotas salgadas. Todos sabem, que, com ares de mata-mouros, é um coração que se derrete em lágrimas. Não faz mal a ninguém. Não empurra ninguém para passar. Não faz questão de passar. Gosta de discutir história, duma boa cavaqueira, duma roda de jogo, duma soneca gostosa e de trazer de volta do sítio, onde passou a tarde, a cestinha cheia de atas maduras, de mangas escolhidas, de jambos perfumados, de cajus saborosos ou de rosas lindas, que oferece a damas e moças conhecidas em troca de beijocas. A cestinha se torna tão característica que, em todas as caricaturas ou versalhadas dos jornais sobre os vultos tradicionais de Fortaleza, ela necessariamente aparece.

Umas duas vezes por semana meu pai leva-me consigo ao sítio. Gosto bastante. Primeiro, porque ando com ele, o que é raro. Segundo, porque posso montar o Jacobino, trepar nas árvores, tomar banho no grande tanque de cimento em frente da casa, brincar com as filhas de feitor Cândido

ou, escapando velozmente pela rua Santa Teresa, ir ao Mororó[2] dar uma prosinha com o Paulo Martins, o que me obriga a voltar na mesma velocidade, porque meu pai vai embora às seis horas.

Para chegar ao sítio, desce-se do bonde do Benfica ao lado da bodega do velho João Pereira, quase em frente à Fundição Cearense,[3] atravessa-se vasto terreno coberto de cajueiros e um corredor de cercas. Ao descermos hoje, eu e meu pai encontramos um centena de pessoas acampadas sob aquelas árvores que suas imundas redes enfestam. Homens, mulheres, crianças esqueléticos, andrajosos e sujíssimos, as gaforinhas hirsutas, o olhar morto. São retirantes, míseros sertanejos fugidos do sertão em fogo em busca de socorros no litoral. Retirantes!

Esta palavra é um espantalho para mim. Crio-me ouvindo repetir constantemente os horrores das secas periódicas. Minha avó fala sempre do que presenciou nas de 1835 a 1845. Minhas tias contam as pavorosas cenas da de 1877 a 1879, que quase atrasou o Ceará e obrigou meu avô a levar nossa família para o Recife. Meu pai não se cansa de relatar as misérias e desgraças de 1888, quando presidia a Província seu grande amigo Caio Prado. Pela primeira vez vejo uma seca e encontro retirantes. Sinto que a mão de meu pai aperta mais a minha pequenina. Ele diz-me, emocionado:

– Pensei que a de 1888 tivesse sido a última ... Pensei que nunca mais visse isto ... Pensei ... Lá vai o Amazonas devorar mais alguns milhares de cearenses! E o sertão se despovoando! Quando acabará esse pesadelo? Coitadinha de nossa terra, meu filho! ...

Ao chegarmos ao sítio, ao invés de plantar, regar e podar, meu pai se estira na velha espreguiçadeira de lona de meu avô, debaixo duma frondosa jaqueira e perde-se num oceano de pensamentos. Não tenho coragem de brincar com o Jacobino nem com as meninas de **seu** Cândido, a Amália e a Josefa. Fico ali por perto, calado. O espectro da seca nos aparecera. Ao anoitecer, quando nos retiramos, meu pai ordena ao feitor:

---

[2] Rua Padre Mororó. – M.S.A.

[3] Esquina sudeste da Avenida da Universidade, ex-Visconde de Cauipe, com a rua Senador Catunda. – M.S.A.

– Se aqueles retirantes dos cajueiros vierem pedir água aqui, dê-lhes à vontade.

Caminhamos. A luz fumosa das fogueiras de garranchos, movem-se os vultos dos infelizes debaixo do cajueiral. Ouvem-se choros de criancinhas. Meu pai repete:

– Pensei que nunca mais visse isto...

Desde agosto que as populações famintas do interior buscam em levas incontáveis o litoral, sobretudo a capital, tangidas pela seca feroz, com a mesma avidez com que os gregos de Xenofontes esperavam avistar o mar livre. Com efeito, para o sertanejo retirante, o mar é também a única salvação. Por ele vêm os socorros do Governo Federal e por ele se pode ir em procura de terras melhores, onde se possam refazer as forças para tornar à luta formidável do inclemente sertão. Porque deixar de vez o Ceará sem a esperança de voltar para ele, nem que seja para morrer, isso nunca!

Além do mar, para aqueles cérebros primários, fica a miragem do Amazonas, a todos seduzindo pela abundância de suas águas, caças e florestas pontilhadas de seringueiras, cujo leite, então, vale ouro. E as longas filas de retirantes quase nus, sequiosos e famintos, estendem-se, coleando por todos os caminhos, rumo às praias.

Atrás deles, vão ficando pela beira das estradas velhos e meninos inanidos e moribundos, que, mal fecham os olhos, já estão sendo devorados pelos urubus. Quando acampam, como ali no Benfica, dependurando as redes rasgadas e imundas, os pobres fiangos, dos galhos dos cajueiros, desses montões de gente suja se exala um fétido insuportável. Se a varíola ou a desenteria dão num desses ajuntamentos, não se salva às vezes um indivíduo. É uma vassourada. Dias e dias passam os coveiros a cavar a vala comum na terra ressequida e ardente do cemitério para enchê-la com corpos de retirantes.

Enquanto o sertão morre torrado, a faixa do litoral não perde de todo a sua verdura, nem sente relativamente falta de água. É o refúgio da época calamitosa.

À primeira vez em que vou ao sítio do Benfica, depois do encontro dos retirantes, algumas mulheres estão carregando água do nosso tanque. Meu pai puxa conversa com uma delas e escuto a história que ela conta. Vem dos arredores da Vila de Pentecostes. Pelo caminho, seu marido mor-

reu, envenenado com a mucunã com que se alimentava. Traziam três filhos. Até certo ponto os coitadinhos caminharam a pé. Mas dali por diante não puderam mais. Caíram de fraqueza e tinham os pés em chaga viva. De comer xiquexique assado somente lhes restava pele e osso. De comer a venenosa mucunã as barrigas estavam estufadas e timpanosas. Ela não podia carregar sozinha os três meninos. Pôs, por isso, o caçula numa trouxa, amarrou-a às costas e, depois, transportou os outros dois, carregando-os um a um. Deixava o primeiro adiantado com o da trouxa e voltava a buscar o segundo. Refazia, assim, três vezes o mesmo caminho para salvar os filhos. Três vezes vinte léguas de sertão percorrera com fome e sede, unicamente fortalecida pelo amor materno, aquela heroína anônima, maior do que muitas heroínas afamadas! Enfim, alcançara a capital e salvara a prole.

Contou a sua história singelamente e, pondo à cabeça uma lata de querosene cheia de água, pôs-se a caminho do cajueiral, magra, andrajosa e sublime!



Ana Dodt Barroso (Nini), minha irmã, aos seis anos de idade, em Blumenau.
(De uma fotografia de B. Scheldemantel)

O MILAGRE DO MATA-BORRÃO

Esta semana fizemos exames no colégio. Provas escritas e orais. Toda a matéria dada. Poucas as perguntas de algibeira que hoje afetam a forma de verdadeiras charadas e se apresentam como uma grande novidade sob o nome exótico de teste. As médias do ano em nada influem sobre as provas e o professor Lino convida para examinadores professores do Liceu do Estado, que nunca vimos, que nunca nos viram e que nos amedrontam pela sua fama de muito rigorosos. Os exames são puxados!

Esses professores são o dr. Henrique Autran, para aritmética, o padre Dantas para geografia e história, e o sr. Agapito Jorge dos Santos, para português. Das demais matérias encarrega-se o próprio professor Lino. O dr. Autran é baixíssimo, vermelho, explícito, pão-pão, queijo-queijo. O padre Dantas examina com certa displicência, tomando rapé e limpando os respingos que mosqueiam a estrela dourada de antigo Capelão do Exército Imperial, pregada na manga da sua batina. O sr. Agapito, que estudou no Pio Americano de Roma, tem um longo cavanhaque branco, a pele macia como uma rosa, a voz suave e é surdo como uma porta. O examinador mais temido por gozar da fama de não ter contemplações.

Mal sabe que o fedelhinho, que examina, anos depois será seu braço direito na redação do *Jornal do Ceará*, militará com ele e contra ele na politica estadual, acabando por disputar-lhe vitoriosamente o mandato de Deputado Federal. Voltas que o mundo dá!

Acabando de corrigir as provas escritas, o professor Agapito, sempre apressado e atarefado, dando aulas por toda a parte, toca violentamente o tímpano, para chamar o bedel, e corre a apanhar o bonde da esquina. Tihamos resolvido aproveitar essa ocasião para salvar da bomba o nosso amigo Pimenta, que nos revelara o maravilhoso açude do Padre Pedro. Como o professor é surdíssimo, o Antônio Pompeu entope o tímpano com duas camadas de mata-borrão. Ele bate com força, pensa que o som se fez ouvir e vai embora. Ponho-me de sentinela à porta do corredor, enquanto o An-

tônio examina as provas corrigidas e rubricadas sobre a mesa. Tínhamos de fazer alguma cousa pelo Pimenta que não ia lá muito bem das pernas em português. Em matemática tivera a sorte de cair-lhe um dos três únicos pontos que aprendera, martelado por nós. A nota do Pimenta dada pelo professor Agapito é 1. O Antônio emenda-a habilmente para 4. Depois, desentope o tímpano, toca-o e senta-se calmamente. O Artur Encarnação, servindo de bedel, entra e lê as notas sem a menor desconfiança. Retira-se. E todos, sem exceção, voltando-se para a cara de fuinha do Samuel Cardoso:

– Se fizeres enredo, nós te linchamos!

Antônio Pornpeu, Paulo Martins, Alberto Simões, Samuel Cardoso, Augusto Sedrim, Chico Vieira e eu passamos com distinção em todas as cadeiras. Os dois irmãos Lopes, cujo pai tem uma serraria ao fundo do colégio,[1] o Belarmino, o Tomás Pompeu, mano mais velho do Antônio, o Galeninho, filho do poeta Juvenal Galeno, o João Crisóstomo de Oliveira e outros tiram plenamente. Todos os demais entram nos simplesmentes, sendo os mais baixos o do Jonas e o do Pimenta. Uma única bomba, a do João Ramalho, filho do encarregado da Limpeza Pública da cidade. É um menino moreno escuro, com falhas de dentes, alto, magríssimo, muito apressado, falando baixinho, sibilantemente, a contar as aventuras dos heróis dos romances que vive lendo em lugar de estudar.

Chego em casa radiante com a minha aprovação. Minha avó, minhas tias e minhas primas abraçam-me e beijam-me. Minhas tias dão-me umas pratinhas de presente. As três têm suas esquisitices de gente velha, nascida entre 1843 e 1846, preconceitos antiquados e modos de ver fora de uso, o que é natural e o que, às vezes, também muito naturalmente me revolta; mas são pessoas honestas e dignas, de ótimos sentimentos de coração, incapazes de fazer mal a uma mosca. Gostam de mim à sua maneira. Criaram-me com o desvelo de que eram capazes. Tanto assim que, quando pequenino, as chamava de mães. A mais velha era Mãe-Iaiá; a segunda, Isabel, viúva do comerciante carioca Francisco Pereira dos Reis, mãe de minhas primas, Tia-

[1] Esquina sudeste da Avenida Tristão Gonçalves e Rua Guilherme Rocha. M.S.A.

Mamãe; a caçula, Mãe-Nenén. Estão todas na casa dos sessenta anos, mas Deus nos acuda se se fala nisso. Pelo hábito, minha avó e meu pai, quando se lhes referem, dizem sem pensar: – As meninas.

Foram moças elegantes e muito requestadas, cheias de graças e prendas. Hoje envelhecem lentamente no fundo silencioso do velho sobrado, sem uma queixa, sem ódios, sem prevenções, sem pedir nada a ninguém, embora pobres, graças ao pouco que meu avô lhes deixou. Sendo preciso, não se negam a qualquer sacrifício pelos sobrinhos. Ao tempo da Guerra da Secessão, uma esquadra ianque visitou o Ceará e um de seus jovens tenentes sé apaixonou por minha tia mais velha. Trocaram promessas. Mas a intromissão duma pessoa invejosa impediu esse casamento. Minha tia nunca quis se casar. Eu sabia o nome desse oficial. Indo aos Estados Unidos, indaguei dele e soube que o contra-almirante Yiowdlow morrera havia poucos anos, reformado e também solteiro.

Depois de ler minhas notas no certificado de exame, minha tia Iaiá diz-me que posso aceitar o convite que me fizera o primo Licínio para passar alguns dias no seu sítio da Jurucutuoca. Não me podia dar maior recompensa.

No dia seguinte, todos os alunos que terminaram o curso primário vão despedir-se do velho e bondoso professor, levando-lhe flores e presentes. Recebe-nos emocionado, abraça-nos um a um e nos augura todas as felicidades possíveis no Curso Secundário do Liceu do Estado. Diz-nos sorridente:

– Não me surpreenderam as distinções e os plenamentes. Sabia que havia alunos que somente podiam merecer essas notas. O que me surpreendeu foi o milagre obtido por alguns de vocês, despertando no sr. Pimenta o amor ao estudo, de tal modo que escapou até da reprovação pelo professor Agapito. Nunca esperei isso. Um verdadeiro milagre!

Fazemos esforço para conter o riso. O Pimenta está rubro, apesar de bem moreno e bem queimado de sol. Todos disfarçam a vontade de rir e nem olham para ele. Saímos. O Samuel Cardoso requebra-se em salamaleques para o professor, procurando ficar sempre para trás, mas nós não o perdemos de vista e o levamos bem guardado.

À esquina das ruas General Sampaio e Municipal,[2] bastante longe do colégio, o grupo dissolve-se. Ao nos despedirmos, o Antônio Pompeu grita:

– Companheiros, viva o nosso querido amigo Pimenta, que concluiu o curso pelo maior dos milagres, o milagre do mata-borrão!

Uma gargalhada geral saudou o Pimenta.

---

[2] Atualmente, Rua Guilherme Rocha, conforme já ficou esclarecido. – M.S.A.

A BATALHA DO BECO DAS BANANAS

Reúno-me muitas vezes, à tarde, na rua Formosa,[1] aos filhos do Barão de Studart, dos quais o mais moço, Renato, é muito meu amigo. Com mais alguns meninos da vizinhança, brincamos a **manja**, escondendo-nos nos desvãos do andar térreo do grande sobrado onde mora o Barão,[2] por trás das prateleiras em que arruma os seus milhares de documentos sobre a história do Ceará, pacientemente esgaravatados. Um corre-corre, um esconde-esconde de todos os diabos. Brincamos também mais calmamente de **boca-de-forno-forno!** Ou jogamos **firo**, **onça** e **marela**, riscando os tabuleiros a carvão nas lajes da calçada. Sou um campeão de **marela**. Atirando a marca com certeira pontaria e agüentando-me o tempo que quero num só pé, ninguém me vence. Não há meio de me fazer cair no **inferno** nem de me fraudar a entrada no **paraíso**. Bem bom que assim fosse na vida real.

Convido os filhos do Barão para tomarem parte num batalhão que se está formando na rua das Flores,[3] mas eles não aceitam, porque o pai não consente que se afastem de casa e não os quer metidos com moleques. Eu sou mais livre e sei que batalhão sem moleques não presta. Os meninos de família são naturalmente oficiais superiores, subalternos e inferiores. Se não houvesse moleque, onde recrutar as praças de **pret?**

O batalhão da rua das Flores organiza-se sob o comando do Longino Paiva, tendo seu quartel no quintal da casa do pai do comandante, o velho Antônio de Brito Paiva. A casa fica à esquina da rua Major Facundo com a das Flores e o portão do quintal abre sobre esta última, junto a duas meias-águas, onde funcionam a tenda de sapateiro do negro Vicente Bate-Sola e a barbearia do Antônio Piolho. Ali, corto o cabelo de mês em mês, admirando quatro quadros que pendem da

---

[1] Atual Rua Barão do Rio Branco. - M.S.A.
[2] Nº 710 da Rua Barão do Rio Branco. O velho sobrado foi demolido para no terreno funcionar um estacionamento de automóveis. Tem mais ou menos dez metros de frente. - M.S.A.
[3] Atualmente, Rua Castro e Silva, conforme já ficou dito. - M.S.A.

parede forrada de papel de ramagens azuis, à minha frente. Dum lado e do outro, duas litografias de Ângelo Agostini, tiradas da "Semana Ilustrada": O **Arraial de Canudos** e os **Dramas do Paraná** ou **Fuzilamentos do Quilômetro 75**, que me fazem ainda meditar nas famosas tradições liberais do Brasil e na tradicional bondade dos brasileiros de que ouço falar constantemente. No meio, em baixo, os Crimes e as vitimas do dr. Urbino de Freitas, que envenenara a família toda em Portugal para ficar herdeiro único, zincografia extraída da "Mala da Europa"; em cima, a cores, o projeto do "Cristóforo", a Igreja–Batelão, o Templo–Navio, mirífica invenção do Padre Leite Barbosa para levar socorros espirituais pelos rios e igarapés da Amazônia, a troco de borracha, que nesse tempo era ouro. Sobre o convés do barco, a meia nau, ergue–se toda de madeira a catedral–aquática, com um alto campanário. A proa, um cruzeiro. À ré, a casa dos motores, a sacristia e o presbitério. Por baixo da igreja, os porões destinados a receber as espórtulas das missas, batizados, casamentos e confissões em borracha, que seria vendida, depois, em Manaus.

Aquela igreja flutuante deslumbra a minha imaginação infantil. É aos meus olhos, naquele tempo, uma grandiosa concepção. Fecho–os e a vejo deslizando ao som dos sinos sobre as vastíssimas águas do Rio–Mar.

O batalhão do Longino conta 14 praças, um sargento e dois tenentes. Está armado com espingardas de capemba de coqueiro e sabres de pau. Sou sargento. Os tenentes são o Roberto Rocha, que tem fama de valente e foi recomendado pelo Antônio Piolho, e o Otávio Rocha, que tem o mesmo nome, mas não é seu parente. O comandante Longino é o único que usa uma espada de ferro, que o seu irmão desembargador lhe deu, com copos de latão, bainha, talim de couro com carrancas de metal e um fiador de borla prateada. Custou oito mil réis na loja do Areias.[4] Aliás, seu posto de comandante decorre da posse da espada. Como poderia ser sargento ou soldado raso com aquela lindeza à cintura? Como poderia ser tenente com um comandante de espada de pau? Não era

[4] A loja intitulava–se "Estrela do Oriente" e tinha o nº 252 da Rua Major Facundo. M.S.A.

possível exigir que a cedesse a outro. O único meio de resolver a dificuldade foi entregar-lhe o comando.

Existe na rua da Boa Vista[5] outro batalhão nosso inimigo, cujos soldados possuem armamento muito mais aperfeiçoado do que o nosso: carabinas recortadas em madeira e sabres de ferro. Seu comandante é o Plutarquinho, filho do sr. Francisco Plutarco Fernandes Vieira, fiel de armazém da Alfândega. As armas são fabricadas por um dos trabalhadores do armazém com tábuas de caixões de fazendas e cintas de aço que apertam os fardos de mercadorias.

A tensão entre os dois batalhões é grande. As provocações repetem-se diariamente. A guerra ainda não estourou, porque sabemos da nossa inferioridade em armas e preferimos ir engolindo baratas.

Nos tempos antigos, a rua das Flores não era linheira como agora, levando da Matriz[6] ao Cemitério.[7] Saía da praça Caio Prado,[8] onde hoje fica a estátua de D. Pedro II, e fazia um cotovelo na rua da Boa Vista, para, depois, alcançar a Major Facundo. A Câmara Municipal retificou-a nos últimos tempos da Monarquia, mas o vestígio da retificação, atualmente desaparecido, subsiste no meu tempo de criança no pequenino beco que os meninos chamam das Bananas,[9] ao fundo do quintal do sobrado do dr. Pedro Borges, depois Pensão Bitu,[10] porque suas velhas casas, baixas e de biqueiras, servem de depósito às bananas que vêm da Tucunduba e do Maranguape para o Mercado. Ao fundo desse bequinho sem saída há uma janela de guilhotina meio desmantelada e que

---

[5] Atualmente, Rua Floriano Peixoto. – M.S.A.

[6] A velha igreja de matriz passou a Sé com a criação do bispado do Ceará, no meado do século XIX. – M.S.A.

[7] Cemitério de São João Batista, cujo portão principal fecha a Rua Castro e Silva. – M.S.A.

[8] Praça da Sé. – M.S.A.

[9] O desaparecido Beco das Bananas situava-se a uma distância de mais ou menos 12 metros da esquina nordeste das ruas Castro e Silva e Floriano Peixoto, proximamente ao local do atual prédio que tem os n°s 167 e 171 desta última rua. – M.S.A.

[10] A Pensão Bitu situou-se no sobrado do Dr. Pedro Borges até as décadas de 1950 ou 1960. Hoje o prédio está demolido, com o seu vizinho da esquina noroeste das ruas Castro e Silva e General Bizerril, para estacionamento de automóveis. O velho sobrado ficava, obviamente, à distância de mais ou menos 12 metros da esquina. – M.S.A.

foi murada por trás. O beco é o quartel do batalhão do Plutarquinho e a janela o seu arsenal.

Certa noite em que acompanho minhas tias a uma visita à casa de D. Mariana Rendali,[11] vizinha do sr. Plutarco, faço, na volta, por acaso, a sensacional descoberta desse arsenal. Já toda a gente está se preparando para dormir e vejo os meninos do batalhão escondendo seu precioso armamento dentro da rótula da tal janela condenada.

Comunico logo na tarde seguinte a novidade ao Longino, ao Roberto e ao Otávio. Esperamos a derradeira badalada de oito horas no sino grande da Sé e deslizamos com mais uns três ou quatro moleques decididos até o beco. Está deserto. Entramos por ele, esgueirando-nos na ponta dos pés, ao longo da sombra duma das paredes. Levantamos com relativa facilidade a veneziana perra, que faz um pouco de barulho. O armamento cobiçado está bem arrumadinho de encontro à parede interna, sem reboco. Fazemos alguns feixes de carabinas e sabres amarrados com cordões e nos dispomos a ir embora, quando alguns vultos surgem à entrada do beco e uma voz grita:

– Larguem isso aí, **seus** ladrões!

Um dos soldados do batalhão, apelidado Cangulo, filho dum **bananeira** ou vendedor de bananas da Feira, destinado a uma vida de aventuras e a morrer, em plena mocidade, baleado pelo Barbosa Lapada, dormia com o pai no depósito de frutas. Acordou com o barulho da veneziana e deu o alarme. Chamaram o Plutarquinho. Eram ao todo cinco: dois homens e três meninos – o pai do Cangulo e um carregador de bananas, o Cangulo, o Plutarquinho e um negrote da casa deste.

– Larguem isso aí, **seus** ladrões!

Pegados com a boca na botija e com a retirada cortada, tivemos um momento de hesitação, mas não esmorecemos. O Longino, nessa apertura, demonstrou que merecia o comando até então devido tão-somente à posse feliz da bela espada. Mostrou-nos um montão de seixos, pedaços de tijolos, cacos de telhas e garrafas a um canto, e disse:

– Pedra neles! Pedra neles! Enquanto houver balas, eles não entram aqui! Quando as balas acabarem, nós pulamos

[11] A casa abrigou, depois, a Pensão Rendal, que conheci funcionando até as décadas de 1950 ou 1960. Tinha o nº 136 da Rua Floriano Peixoto. – M.S.A.

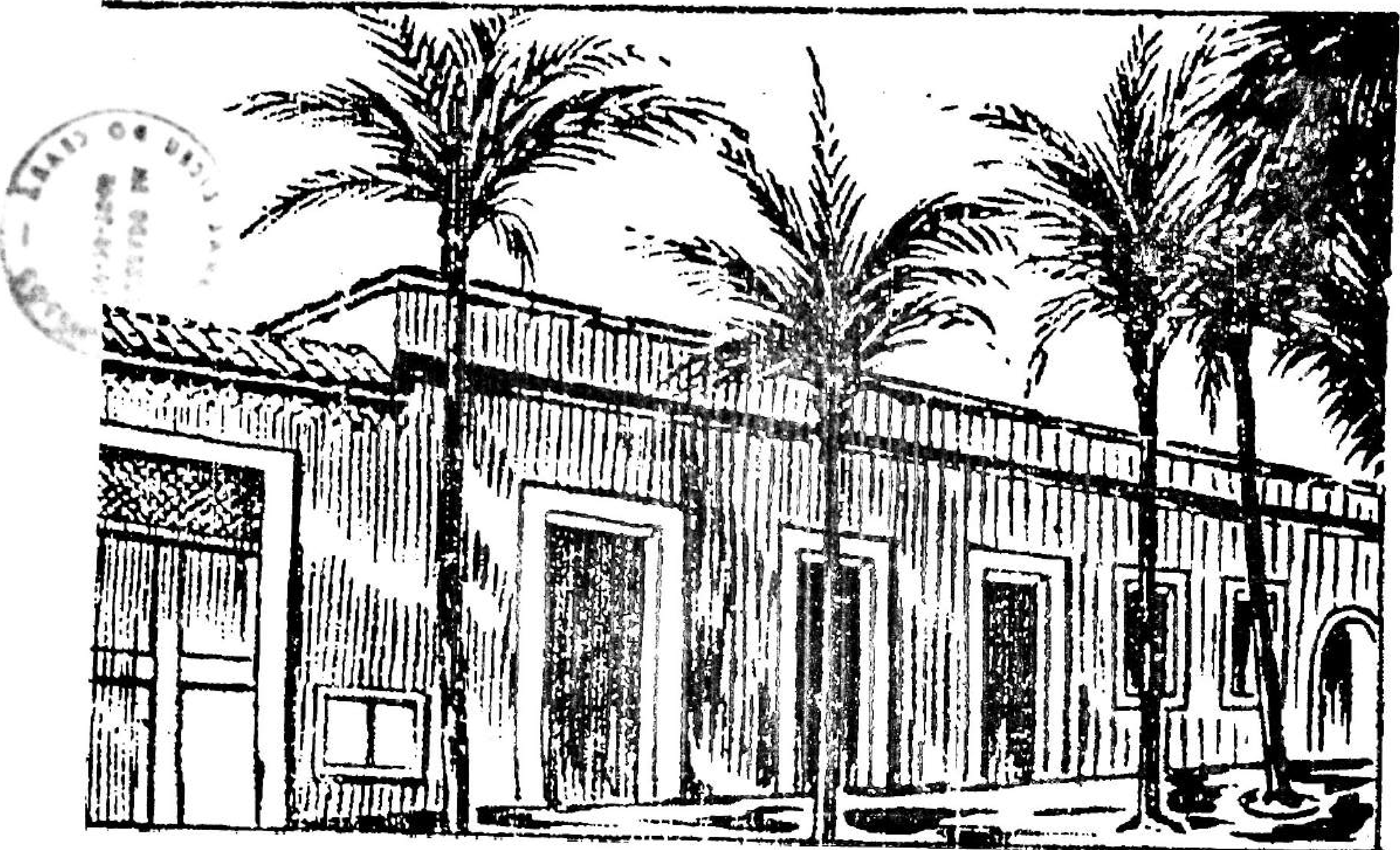
este muro e fugimos por esses quintais afora, contanto que não haja cachorros. Pedra neles!

Demos uma descarga cerrada. As pedras bateram com um som cavo nas lajes da calçada, longe. Os cacos de vidro ricochetearam retinindo nas paredes laterais. Dois gritos e um recuo dos cinco vultos. O negrote e o Cangulo estão feridos na cabeça. Aproveitando a oportunidade, o Longino mete um feixe de armas debaixo do braço esquerdo, brande um dos sabres de ferro com a mão direita, o que todos os sete imitamos, e brada, lembrando-se das narrações sobre a guerra do Paraguai ouvidas no seu colégio, o do Anacleto de Queirós:

– Cavalaria do Visconde de Pelotas, carregar!

Carregamos aos pulos, como raios e rompemos o cerco, levando uma ou outra varada de raspão. O carregador de bananas tomba com uma espadeirada na cara que quase lhe leva a sobrancelha direita. Anda mais de uma semana carregando bananas com uma cruz de esparadrapos na testa. Forçada a passagem, a cavalaria do Visconde de Pelotas dispersa-se em todas as direções, tática habilíssima para dificultar a perseguição. Ao outro dia, o batalhão da rua das Flores forma luzidamente com o armamento moderno tomado ao inimigo.

Foi esta a batalha do Beco das Bananas, travada sob o comando do **coronel** Longino Paiva e vencida, graças a uma carga da cavalaria do Visconde de Pelotas, em que figuro como sargento e, além de descobrir os depósitos do inimigo, combato na primeira linha. O Barão do Rio Branco esqueceu-a nas suas "Efemérides Nacionais", talvez por ignorar-lhe a data. Somente agora e graças a mim próprio, quarenta e um anos depois, ela é contada como feito histórico e eu sou citado em ordem do dia. Ingrata Pátria, não possuirás meus ossos!...



Praça Caio Prado e rua das Flores. O grande sobrado isolado em frente foi residência do Dr. Pedro Borges e, depois Pensão Pitú. Nos seus fundos, ao lado esquerdo ficava o chamado "Beco das Bananas".

O CAJUEIRO QUE ESCREVE

Meu primo Licínio manda esta tarde o Pedro Guabiraba trazer-me o cavalo Batata para eu ir à Jurucutuoca. Monto nele, fazendo inveja à garotada da rua. O carregador Décio, que faz ponto à esquina do Barão de Ibiapaba,[1] com seu alto chapéu de rodilha de sola à cabeça, e me conhece desde pequenino, atravessa a rua e me diz adeus, desejando-me feliz viagem. Não é muito longa. Somente duas léguas e meia.

Enquanto o Batata troca os macios e ligeiros passos de sua **estrada baixa** pelo empedramento da rua Major Facundo, seguido pelo chouto da burra Fouveira, em que vem o Pedro, escanchado na cangalha entre os caçuás de cipó preto, minha imaginação desenrola os aspectos do caminho delicioso, tantas e tantas vezes percorrido. As Areias. O longo Calçamento da Mecejana[2] com a Estação de Bondes e suas largas portas em arco, ao fim da linha.[3] A casa grande do velho Chico Maracanã, toda pintada de amarelo. A pontezinha do riacho que vem do Tauape para o Cocó, ensombrada de cajueiros e rodeada de capinzais, onde revoam, chilreando, caboclinhos, golas e papa-capins. Depois, o Alto da Balança com o seu açougue pintado de vermelho e os magarefes que esfolam bois à sombra dum oitizeiro.

Mais adiante, duas estradas brancas perdendo-se dum e doutro lado da larga estrada real, no mistério dos carnaubais gementes das várzeas do Cocó, que fazem daquela paisagem um arremedo da Mesopotâmia, uma para a lagoa dos Talos, a outra para a lagoa dos Cachorros. Em pleno carnaubal, as três pontes dos três braços do rio, com seus estrados de pau apodrecidos e as grades pintadas a zarcão, rubras como tons de templo japoneses. E, logo, em um alto barrento, lanhado de arrieiras, a decadente povoação de Cajazeiras, onde uma grande igreja tomba em ruínas, os fabricantes de potes de argila vermelha alinham a sua mercadoria à sombra dos oitões

[1] Nºs 216 e 220 da Rua Major Facundo - M.S.A.
[2] Depois Avenida Visconde do Rio Branco, no Bairro de Joaquim Távora. M.S.A.
[3] Situava-se a Estação de Bondes no início do Calçamento de Messejana, e não no fim da linha. M.S.A.

e, em cada palhoça, no peitoril das janelinhas se ostenta uma tábua com um bule e xícaras de louça grosseira para vender café aos viandantes.

Começa outro empedrado entre cercas de arame farpado enfestonadas de melão de São Caetano, sombreadas de mangueiras, levando a uma velha ponte de pedra sobre que se debruçam touceiras de bambu. É a entrada da poética e antiquíssima vila da Mecejana, estendida à margem de sua lagoa, da qual, com a seca, resta uma minguada poça de água lodenta e nada mais.

Um dos mais antigos povoados do Ceará. Aldeia dos índios Paupinas, catequizados na primeira década do século XVII, contemporânea de Martim Soares Moreno e dos Jesuítas. A rua principal, onde se ergue o nicho de São Gonçalo e o sobradão vermelho do Dr. Rufino de Alencar, com seus pinhões de louça do Porto nas pilastras do gradil, desemboca numa praça retangular, ourelada de casinhas baixas, a maioria de taipa, entre as quais sobressai, ladeada de catolezeiros, o sobradinho de tijolo do velho Bezerra, cognominado o Timbira.

Numa face, a igreja com seu adro em degraus e seu grande cruzeiro. Na outra, em frente, a vetusta Casa da Câmara, edifício humilde, colonial, de escada ao lado, sob um tejadilho, em cuja fachada caiada se rasgam as janelas de balaústres de madeira do primeiro andar e as frestas gradeadas de ferro da cadeia, ao rés do chão. Na esquina fronteira à Câmara, as ruínas do primitivo solar do capitão–mor João da Cunha Pereira, meu bisavô, que, em companhia de sua mulher e de seus filhos mais velhos, dorme o sono eterno no pequeno cemitério da vila.

Pelos tabuleiros e várzeas da redondeza, minha família trabalhou e viveu desde recuados tempos, sob os reinados de D. Maria I, de D. João VI, de D. Pedro I e de D. Pedro II. Meu bisavô fundou o sítio do Cocó, que já passou a outros donos, o do Curió, onde ainda mora meu tio Antônio Alexandrino da Cunha, e a do Sabiaguaba, na barra do rio Pacoti, que continua na posse dum dos ramos da família. Meu avô fundou o do Itambé, que o povo miúdo chama Taimbé, com sua casa avarandada no alto dum morrete, ladeado de esbeltas palmeiras, mirando–se na água límpida de

pequeno lago, que pertence à minha avó e tem como rendeiros dois antigos escravos, o velho Gonçalo, filho dum africano, Pai João, e a velha Chica. Meu tio Francisco fundou o Muritiapuá, perto da lagoa Redonda, com seus coqueiros e suas roças de mandioca, arrendado por minha avó à sua comadre Aninha Guimarães. Todos terras próprias, livres de foros, alodiais, remanescentes de nosso antigo feudalismo rural nascido das sesmarias.

Seguindo tantos exemplos, por volta de 1847, meu tio austríaco Francisco Seifert também se radicou à gleba cearense, comprando as terras da Jurucutuoca (Casa do Jucurutu, do corujão)[4] e ali edificando a moradia para onde vou. Aninha-se entre esgalhados cajueiros e copadas mangueiras, à beira da velha estrada real que leva ao Aracati, passando pelo Aquirás e pelo Cascavel. Em frente, corre um resto de mata até o pé do alto do Timbu, onde passa um riacho. A pequena ponte que o transpõe conserva adulterado pela memória do povo o nome estrangeiro de meu tio: Ponte do Safé.

Atravesso o Mercado inacabado da Mecejana, onde cumprimento os bodegueiros Timbira e Pedro Gato, antigos conhecidos de minha família, e meto o Batata a galope pela estrada que rompe por trás da igreja, onde ainda se vêem os alicerces da antiga Casa dos Padres levantada pelos jesuítas. Meia légua daí ao sítio. Percorro-a parando e revendo os amigos: o Miguelzinho Ramalho, no sítio de sua mãe, onde um grande carro de bois descansa sob um palheiro; o Cazé, na sua venda, à entrada da ponte do rio Coaçu; o Minervino, filho do Velho Chico Pedro, dono da Tuoca, à sombra da grande casa de farinha em que se ergue uma antiga bolandeira; enfim, o Antônio e o José, filhos de D. Romualda e do meu parente afastado e pobre José Façanha da Cunha, vulto Guabiraba.

Ambos completam o bando álacre que formamos na Jurucutuoca para folgar pelo sítio afora, todos os dias, despreocupadamente, armando arapucas às rolinhas, fojos aos preás, mundéus aos tatus e laços às raposas, chupando cajus deliciosos, assando castanhas, colhendo murtas, guajirus,

[4] Diga-se jucurutu, jucurutuóca, e não como o povo chama. – M.S.A.

camapuns, manapuçás, cumatis, mangabas, muricis, mapirungas e melancias da praia, todas as gostosas frutas do mato, nos tabuleiros da beirada da lagoa da Precabura ou entre a do Presepeiro e o sítio do velho Samico.

Mal o dia amanhece, engolimos num ápice o café com beijus que nos serve a bondosa prima Naninha, na vasta mesa do alpendre, e ganhamos o mato, de cambulhada. Somos oito endemoninhados que procuramos ninhos de aves, perseguimos os tejuaçus que se aquentam gostosamente ao sol e matamos a pau as cobras que encontramos, depois de as termos prendido com um nó na camisa, à ordem de São Bento: eu, meus primos Joãozinho, Zezinho, Luiz e Manuel, os dois Guabirabas e o caboclo Pedro Coco, que, quando homem, dará para beber e provocar desordens, custando-me o maior trabalho, em lembrança de nossa camaradagem infantil, livrá-lo das mãos da polícia, ao tempo em que serei Secretário do Interior e Justiça.

Percorremos o alagadiço coberto de cortantes malícias de boi que nos dilaceram e encascoram o peito dos pés, ao longo da levada, então seca, do Safé, e o frondoso cajueiral da Precabura, onde nos detemos à sombra do **cajueiro que escreve**, a árvore mais maravilhosa do mundo! Ele estende os retorcidos braços em todas as direções sobre um terreno arenoso, empolado pelos matumbos de antigo roçado de milho, feijão e mandioca. O ramo mais baixo, quase rente ao chão, balança tangido pelo vento e sua ponta risca a areia clara ao sabor das oscilações. Sentamo-nos todos sobre os montículos, em roda dele, alegres e ruidosos como pássaros, observando os riscos que faz, os desenhos que executa, às vezes tão curiosos que se diria que pensa e quer brincar com seus amiguinhos. A brisa carregada de iodo que sopra do mar através da barra do Pacoti e da várzea da Precabura, fá-lo traçar, ora depressa, ora devagar, retas e curvas, que se entremeiam, entrelaçam e combinam, muitas vezes formando verdadeiras letras, sós ou conjugadas.

A gritaria dos meninos espanta os bandos de galos de campina que pousam nas frondes à cata dos frutos maduros:

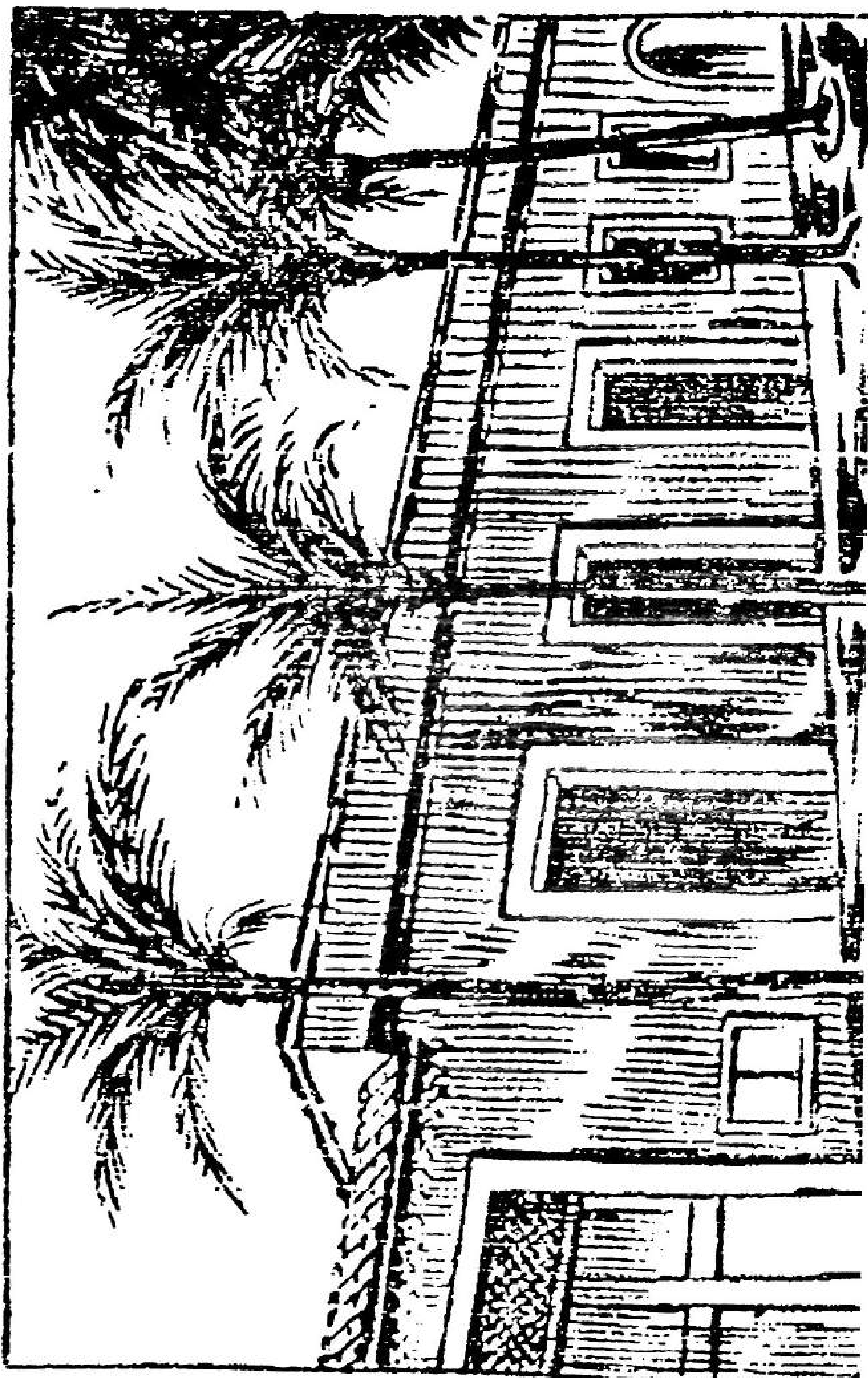
– Escreveu um A, em honra do Antônio!

– Agora foi o Jota: João ou José?

– Foi direitinho um P. Viva o Pedro Coco!

Discute-se e teima-se com o cajueiro, como se fosse gente. Pedem-se letras. Espera-se a resposta horas seguidas até que um toque de buzo anuncia o almoço na casa do sítio.

Que profunda saudade guardo dessas manhãs inocentes, desse cajueiro letrado! No decurso dos anos, duas vezes tenho ido visitá-lo naquele recanto tranqüilo. Continua frondoso e belo, e tem sempre um galho baixo que risca a areia dos matumbos. Mas eu, por mais que me detenha, procure, observe, deseje, e espere, não entendo mais o que escreve no silêncio dourado do taboleiro. Já não sei mais ler a escrita dos cajueiros, já não entendo mais a linguagem dos seres e das cousas, já não compreendo mais os alfabetos da natureza. Para isso, é necessário ter o que para sempre perdi: a inocência da infância. Nenhum cajueiro escreve mais para mim como aquele outrora escrevia. É pena!



Casa Grande do sítio Jurucatuóca,
fundado por meu tio Francisco Seifert em 1847.
(De uma fotografia)

DEZEMBRO

OS CARABINEIROS DE OFFENBACH

Estou de volta da Jurucutuoca. Cheguei ontem à noite. Esta manhã, ao vir da Feira, a negra Teresa traz a estranha noticia de estar a polícia guardando a casa da viúva do Dr. Clemente.[1] correm todos alvoroçados à sacada e avistam um soldado à porta da residência indicada. Perto, alguns basbaques, em grupos.

Que teria havido? Sabe-se de tudo um pouco mais tarde. Há duas noites que a casa é misteriosamente apedrejada. Sobre a cozinha e na alpendrada de trás chovem matacães e bandas de tijolos. A viúva levou um caco de telha na cabeça. Jarras de água, louças, panelas e vidraças quebradas. Um horror!

O Dr. Clemente, filho dum dos homens mais ricos da antiga Fortaleza, o negociante Antônio Francisco da Silva, dono do Casarão e do sítio, onde hoje reside o bispo D. Joaquim José Vieira,[2] padrinho de minha irmã, formara-se em Coimbra. Seu pai, um casca-grossa famoso nos anais da teima, assinava Antônio com um t, dois tt ou três ttt, conforme a mastreação do navio que estava carregando de algodão, e, quando alguém vinha visitar o filho, não recebia, dizendo:

– Quer ver doutor? Gaste dinheiro. Mande formar um em Coimbra.

O filho nunca teve grande clínica e foi comendo o que herdou. Deixou pouca cousa para a viúva e uma filha solteira, a Naninha, que moram ali na rua Major Facundo, numa casinha baixa, do lado do sol, pegada à venda "Ilha de Cuba" do Guilherme Moreira, que faz esquina com a rua Senador

---

[1] Prédio antes existente no local em que se acham, hoje, os de n°s 207 e 211 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

[2] Trata-se do casarão que durante mais de cem anos serviu de residência a quatro grandes Bispos do Brasil – D. Luís Antônio dos Santos, depois arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil; D. Joaquim José Vieira; Dom Manuel da Silva Gomes; e Dom Antônio de Almeida Lustosa. Vendido pelo quinto antistite de Fortaleza, hoje é o Paço Municipal, na Praça da Sé. – M.S.A.

[3] Esquina nordeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar. – M.S.A.

Alencar,[3] em frente ao sobrado do Barão de Ibiapaba.[4] Ambas mirradinhas, apagadinhas, tristonhas, criam uma rapariga alourada, esbelta, nada feia, a Angelina, mais namoradeira e encapetada do que a cabocla Isabel de nossa casa.

Os apedrejamentos misteriosos são muito comuns no Ceará. Assombram-se, assim, as casas que se querem comprar barato, afugentam-se vizinhos incômodos, divertem-se à custa dos outros.

Desde a mais tenra idade, ouço falar do mais misterioso de todos, no sítio Curió, ao tempo de meu bisavô, durante três noites seguidas. Meu pai, que era menino, assistiu-os e deles guarda indelével lembrança. Ao cair a noite, mãos misteriosas começavam a lançar sobre a casa, com sobre-humana força, pedras, tijolos, cocos, caroços de frutas, pedaços de pau, talos de carnaúba, capembas de coqueiro. Meu bisavô, meu avô, meus tios, enquanto as mulheres rezavam apavoradas, cada qual com sua espingarda, atiravam seguidamente sobre o arvoredo e o terreno circunjacente, em todas as direções. Ouviam-se na treva densa o silvar das balas e o estralejar do chumbo grosso rompendo as folhagens. O tiroteio não interrompia a chuva de pedras e outros projéteis. Ao romper o dia, amos e escravos armados batiam miudamente a redondeza, sem encontrar o menor vestígio suspeito. Nem um rasto! E esse estranho fenômeno se repetiu três vezes!

Agora, caso semelhante se está passando em casa da viúva do Dr. Clemente, escandalizando os moradores pacíficos do quarteirão. À noite, vou com minhas tias visitar a viúva desolada. A velhinha chora. A filha blatera furiosa. Lança a culpa ora sobre o João José, com bodega em frente ao Mercado, cujo sótão dá janelas para o seu quintal, acusando-o de cobiçar a casa pois já se propusera a alugá-la para a sua família; ora sobre os dois filhos do major Viana, José e Antônio, induzidos à brincadeira de mau gosto por um primo, antigo aluno da Escola Militar, que viera morar com eles. A Angelina era de opinião que as pedras vinham por cima do telhado, como se as atirassem do outro lado da rua, do alto do sobrado do Barão de Ibiapaba.

---

[4] Esquina noroeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar. – M.S.A.

A discussão sobre a direção das pedras promete ir longe, quando D. Naninha manda a Angelina fazer um cafezinho para as visitas e entra um sujeito todo de preto, com ares de fantasma, que se diz "espírita convicto" e afirma tratar-se de efeitos físicos produzidos por um médium inconsciente, ou a viúva ou a D. Naninha.

– Deixe-se dessas cousas, Sr. Gondim, fala mansamente a velha.

E a D. Naninha:

– **Média**, eu? T'esconjuro!

– Então, pode ser essa menina, a Angelina.

Além do soldado à porta, outro permanece no quintal, vigiando atentamente as janelas do João José e o muro do major Viana, por ordem do delegado Sampaio, que estudara o caso, farejara a casa toda, bisbilhotara quintais e telhados, e nada ainda conseguira descobrir. Ao menor descuido do guarda, tome pedra, mais durante a noite, uma ou outra dia claro. Contínuos e borbulhantes os comentários da vizinhança. O major Viana acha que a D. Naninha levanta um falso testemunho contra seus filhos inocentes e deixa de cumprimentai-la. O João José escreve um comunicado aos jornais, protestando contra as línguas malévolas que se não pejam de atribuir uma molecagem a um honrado negociante da praça.

O Sr. Gondim continua a embasbacar os meus dez anos com as suas espiritices, quando o soldado de sentinela ao quintal entra furioso, com o rosto a sangrar, arrastando a Angelina pelo braço.

– Vejam só, minhas senhoras, o que me fez esta sem-vergonha! É ela quem atira as pedras. Peguei-a mesmo no **sufragante!**

Conta que estava de costas, quando o atingira um caco de telha. Voltara-se tão repentinamente que ainda vira a menina com o braço levantado. Agarrara-a, dera-lhe uns muxicões e a obrigara a confessar tudo. Ela acumulara grande quantidade de tijolos e pedras sob a pequena abóbada de alvenaria do forno da cozinha.

A surpresa é geral. D. Naninha segura a Angelina, dá-lhe uns puxavões raivosos, a torto e a direito, indagando de dentes cerrados:

– Para que fazes uma cousa destas, desgraçada?

A rapariga não responde. Fita-a com um olhar parado, frio, inexpressivo, como o das feras nas jaulas.

– Deixe-a, minha filha! Deixe-a! intervém a viúva. **Seu** soldado, leve essa menina ao major Sampaio e diga-lhe que pode mandá-la para o Recolhimento das órfãs, porque não a queremos mais em nossa casa. Basta!

A Angelina cai de joelhos e começa a chorar.

Acaba de me dar a melhor lição de pedradas da minha meninice. Com o Longino Paiva e o Roberto Rocha, resolvo, seguindo-lhe o exemplo, assombrar a rampa do Gasômetro.[5] Ao anoitecer, nós três nos ocultamos nas folhudas tamarineiras do Passeio Público, levando os bolsos cheios de pedras. Ao passar por ali um raro transeunte, começamos: – Psiu! Psiu! Psiu! Psiu! O homem vira-se, assustado. Soltamos um assobio longo e aflautado que parece do outro mundo e dá arrepios, e tome pedra! De três lados. Os psius! e os assobios continuando na solidão mal iluminada por espaçados bicos de gás. Não há quem resista. É carreira na certa.

Uma manhã, lendo *A República* na sala de visitas, em voz alta para minha avó, tia Nenen chama a atenção de todos para este tópico na primeira página: "COM VISTAS À POLICIA – Várias pessoas têm vindo ultimamente a esta redação solicitar o favor de chamarmos a atenção da Polícia para o que infelizmente se está passando na chamada grimpa, do Gasômetro, junto ao Passeio Público. Alguns desocupados ou rnal-intencionados aproveitam ser aquele lugar ermo e fazem das suas, amedrontando os transeuntes a fingir de almas do outro mundo, quando toda a gente sabe que são mesmo deste. Ainda o outro dia uma pedrada atingiu na cabeça, ferindo-o, o distinto guarda de nossa Aduana, Sr. Saboia, que se dirigia ao seu serviço noturno. Chamamos para o caso a esclarecida atenção de nosso ilustre amigo major Pedro de Araújo Sampaio, muito digno delegado da capital, a fim de mandar rondar aquele local, o que evitará que qualquer dos ofendidos dê um tiro de revólver, tirando, quem sabe? a vida dum vagabundo e sofrendo por isso imerecidos dissabores".

---

[5] Início da Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

Eu era menino, mas fiz com meus botões a reflexão que o tom zangado da nota revelava que quem a fez subiu a todo pano, resfolegando, a tremer de medo, a ladeira do Gasômetro. Corro a prevenir meus companheiros. À noite, vamos disfarçadamente cocar a rampa, da esquina da Santa Casa.[6] Vemos os seus muros pintados de peixe, em degraus; lá em baixo, perto da praia, um soldado, cá em cima, outro. Vamos embora com toda a calma. Nossa professora de pedradas, a Angelina, estava recolhida ao orfanato das irmãs de caridade. Nós, mais espertos ou mais felizes, escapamos de boa, graças à imprensa, sublime invenção!

Desde esse dia, a rampa deixa de ser mal-assombrada, devido à polícia, que, ainda desta vez, como os carabineiros de Offenbach, chegou tarde e não descobriu nada...

[6] Esquina sudoeste das ruas Barão do Rio Branco e Senador Jaguaribe. M.S.A.

O ZABUMBA DAS PASTORINHAS

Aproxima-se o Natal. Por toda a cidade ensaiam-se as Pastorinhas. Meu primo Floriano faz umas em frente ao seu café, perto da Alfândega Nova. Arma-se um estrado diante dum presépio, rodeado de bancos para a assistência, onde as Pastorinhas dançam ao som de pequena orquestra. É um meio de atrair freguesia. Passo um domingo inteiro ao sol, entretido em ver arranjar o tablado. Fico tão queimado que a pele do pescoço larga e o nariz descasca. Levo em casa por isso um pito retumbante.

As Pastorinhas mais famosas de Fortaleza são as que as irmãs de caridade organizam na Santa Casa com as órfãs que recolhem e educam. Meu pai é o mordomo do mês da irmandade e leva- me com minhas primas, uma noite, a assistir uma das funções.

Um encanto! Sob o decel de palhas de coqueiro, todo entrelejado de lumes, um presépio que é uma beleza: Reis Magos montados em camelos, pastores e pastoras, bois e carneiros, o Menino Deus deitadinho na manjedoura entre a Virgem Mãe e São José. As Pastorinhas, de vestidos brancos, com chapéus floridos, conduzindo cestinhos cheios de frutos, de ovos e de rosas, entram em duas fileiras, cantando em coro:

Entrai, Pastorinhas,
entrai em Belém,
Que já é nascido
Jesus Nosso Bem,
Jesus Nosso Bem!

Todo de azul, com asas níveas, o Arcanjo Gabriel surge à sua frente:

Ó Pastoras, que portento,
Que grande céu de prazer!
O Criador do Universo
Teve agora de nascer!

Minhas primas cutucam-me, dizendo:

– Olha! Olha depressa! Quem haveria de dizer?

Olho na direção que me apontam: o Arcanjo Gabriel é simplesmente a Angelina, a professora de pedradas! Quem haveria de dizer?

As Pastorinhas revoluteiam em torno da lapinha, louvando Jesus, Maria e José:

Cantemos, Pastoras,
Com muita alegria,
Adorando o Filho,
Adorando o Filho
Da Virgem Maria!

Entra, então, uma menina vestida de menino, roupa de marinheiro azul de gola branca, gorrinho A cabeça, os cabelos castanhos polvilhados de ouro, olhos escuros e rasgados, duas rosas de carmim nas faces, tocando um tamborzinho. É o personagem chamado Zabumba. Canta com voz suave e harmoniosa.

Vem este Zabumba,
Meu Deus e Senhor,
Tocar uma marcha
Em vosso louvor!

Não tiro mais os olhos do Zabumba. Acho–o lindo. Meu pequenino coração palpita, enquanto sua voz doce continua:

Eu não sou, Pastoras,
Quem não sabe amar,
Sou menino dengoso
Que só quer brincar!

Não vejo mais, no auto que se desenrola diante de mim, senão a figurinha gentil da menina que faz de Zabumba. A Mestra das Pastoras faz sua entrada retumbante; a Golosa, a Espia, a Vizinha discutem: a malvada Cigana apunhala a delicada Açucena que defende Jesus; os Índios que vêm adorar o Menino Deus surgem; as Galegas de Oraré dançam e

cantam; e queimam-se num fogareiro as palhinhas do presépio. Nada de tudo isso vejo. Nada me interessa. Só tenho olhos e ouvidos para a Zabumba.

A segunda paixão da minha vida, apesar de ter somente dez anos de idade. A primeira foi D. Ernestina, senhora de distinto oficial do Exército, nossa vizinha na rua Major Facundo. A moça mais formosa do Ceará! Casada havia pouco tempo, ainda sem filhos, levava-me quando eu tinha de três a quatro anos a passear com a minha farda de alferes-aluno e me fazia muitos agrados. Eu não a largava. Só queria viver em casa dela. Admirava-a em silêncio, deslumbrado diante dos seus longos cabelos desnastrados sobre as costas. Quando embarcou para o sul, chorei como um doido. Um berreiro que escandalizou a rua. Passei dias sem querer comer, sem dar uma palavra, pelos cantos, macambúzio, os olhos sempre úmidos. Nunca mais vi D. Ernestina.

Agora vem aquele Zabumba me perturbar, me fazer sentir não sei o quê... Ao regressarmos à casa, pergunto de sopetão a uma de minhas primas:

– Órfã da Santa Casa pode casar?

Minha prima pãra sem compreender bem o sentido da pergunta estapafúrdia e faz-me repeti-la. – órfã da Santa Casa pode casar?

As duas irmãs soltam uma gargalhada.

– Este menino é meio doido! Faz cada pergunta!

Felizmente, não descobrem o segredo do meu amor, que guardo comigo quarenta anos e somente hoje revelo, quando não há mais perigo de as duas caçoarem comigo, tal qual no caso de Romeu e Julieta.

O BUMBA-MEU-BOI

A família de meu primo Licínio volta da Jurucutuoca nesta última quinzena de dezembro. Está em sua grande casa da rua Formosa, um pouco além da praça do Livramento,[1] onde, no meio do matapasto, se ergue uma igreja em construção, toda envolvida no aranhol dos andaimes.[2]

Vou lá um dia jantar e, à noite, escanchado com meus primos no muro do fundo do quintal, assistimos à função dos Congos, auto popular de Natal, que se realiza num terreno baldio dando para a praça de Pelotas.[3] Aquilo nos diverte extraordinariamente.

Sobre um grande estrado, sentado no trono, de coroa à cabeça e manto estrelado, D. Henrique Cariongo, rei dos Congos e Imperador de Cabinda, rodeado de seus filhos, secretários e corte em trajes de gala. Os músicos tocam e duas filas de dançarinos pretos se movem ao som de melopéias africanas:

O' gingana, ó gingana, ó ginganoé,
Ginganoé, gilaquelo, ó gibagabé!
Simungá, conguê, Afelô!
Mumbica, Mombaça, Rei meu Sinhô!

E o secretário, brandindo a espada:

Arreda, deixa passá,
Nosso Rei D. Cariongo,
Com a sua Divindade,
Nosso Rei para seu trono!

Maracondê, maracondê!
É de bombaiê, é de bombaiê!
Amulá, amulequê!
Amulequê, amulá!

---

[1] Nº. 1.684 da Rua Barão do Rio Branco. Sobre essa casa falei em meu trabalho intitulado "O trecho de rua de meus verdes anos", publicado na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1979. – M.S.A.
[2] Essa igreja se transformou na matriz de N. S. do Carmo. – M.S.A.
[3] Antes fora Praça do Encanamento e depois chamou-se da Bandeira e, finalmente, Clóvis Beviláqua. –M.S.A.

Chega com espavento o Embaixador de Luanda, de capacete emplumado e manto escarlate, a dar insolente recado em nome da famosa Rainha Ginga, soberana guerreira da África, vencida no século XVII pela expedição de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, organizada no Rio de Janeiro para expulsar de Angola os holandeses. Representa o papel de embaixador da Rainha Ginga o negro Gorgulho, carniceiro no Mercado, inteiramente convencido que é mesmo embaixador. Há tempos, exercia o cargo o negro Firmino, filho da negra Teresa, ex-escrava de nossa casa, que uma feita até surrupiou, para fazer maior figuração, a grande gala fora de uso de meu pai e sua espada de comandante da Polícia.

Não alcancei mais a escravidão. Conheci, porém, os antigos escravos de minha família, continuando ligados a ela pelos laços da afeição. Visitavam e tomavam a bênção à Sinhá Velha, minha avó, às Sinhás Moças, minhas tias, ao Sinhô Moço, meu pai. Traziam presentinhos. Pediam ajuda ou conselho. Vinham fazer companhia nas horas de tristeza e aumentar o júbilo nas de alegria: a Ângela, a Tereza, a Florinda. Sobre mim derramavam a afeição que ainda sobrava das duas gerações anteriores.

O negro Gorgulho bradava estentoreamente, arrastando um espadagão de cavalaria:

Eu por este reino adentro
Entro com grande valor,
Sem temer de D. Henrique,
Nem dos Ministros, o pavor!

Estas medalhas que tenho,
Eu ganhei-as em Binguelos,
Eu venci toda a Mourama
E tomei trinta castelos!

O Rei Cariongo manda prendê-lo e só o solta depois que lhe suplica perdão de joelhos:

Senhor Rei, não me mateis,
Não me mateis por piedade,
Também sou filho de Reis,
Também tenho majestade!

Sou filho do Rei Catroquês,
Afilhado da Virgem Maria,
Almirante de Loanda
Embaixador da Turquia!

Solto, corre a buscar suas aguerridas tropas, invade o Reino, mata o Príncipe Sueno, herdeiro do trono, destroça os soldados do Cariongo e o leva prisioneiro:

Parabéns, nobres guerreiros
Pela vitória alcançada!
Foi preso o rei Cadongo,
Toda a ilha foi tomada!

No mês do Natal pela cidade inteira, se representam os autos populares tradicionais. Na praça de Pelotas, os Congos do Gorgulho. Na Cachorra Magra,[4] a Porfia das Flores do velho Zacarias. Na Lagoinha,[5] os Fandangos, com dois grandes navios de madeira, onde se canta a velha xácara da Nau Catarineta e se trava em seco uma naumaquia entre Mouros e Cristãos. Na rua do Sampaio,[6] o Bumba-meu-boi do João Boca-Calada.[7] Durmo com minha tia Nenen num dos quartos de nosso sótão. As janelas do oitão permanecem abertas de par em par. Às nove horas da noite, quando começo a fechar os olhos, as cornetas do quartel do Exército,[8] junto ao Passeio Público, tocam silêncio. Ao se extinguirem no espaço as derradeiras notas metálicas, rufam compassadamente os tambores. Depois, se levanta na noite tranqüila a cantoria do ato final do Bumba-meu-boi, a Roda Grande ou apresentação das personagens que tornaram parte na função:

---

[4] Atual Rua Marechal Deodoro, nas proximidades do Benfica. - M.S.A.
[5] Oficialmente se denominou Praça Governador Teodorico. Hoje é, por Lei Municipal, Praça Capistrano de Abreu, denominação que já fora dada a outro logradouro, anteriormente. Para o povo foi e continua sendo a Praça da Lagoinha. - M.S.A.
[6] Antigo Beco da Apertada Hora e hoje rua Governador Sampaio. - M.S.A.
[7] Comerciava na Rua Governador Sampaio mas residia no subúrbio de Mata Galinha, hoje bairro Dias Macêdo. - M.S.A.
[8] Atualmente, dependência da sede da 10ª Região Militar. - M.S.A.

Bravo do Boi Surubi,
Ó Loló!
Bravo do asso dele,
Meus curió!
Dê um passo, saia fora,
Ó Loló!
Bravo de quem dançou,
Meus curió!

Se faz luar, os sons da cantilena como que entram pelas janelas misturados à luz misteriosa e branca. Adormeço como se as vozes do povo de minha terra me embalassem. Jamais na minha vida adormeci tão feliz assim. Jamais! Agora, com meio século de viagem para o túmulo, ao deitar-me, às vezes, apuro o ouvido, no desejo de ouvir o toque das cornetas, o rufo dos tambores, o canto da Roda Grande, acalentas da minha meninice. Somente o coração bate no peito, como que sussurrando baixinho:

Bravo do Boi Surubi,
Ó Loló!
Bravo do asso dele,
meus curió!
Dê um passo, saia fora,
Ó Loló!
Bravo de quem dançou,
Meus curió!



MIRRA, INCENSO E OURO

As duas lapinhas mais famosas de Fortaleza são as das Mississipi, em frente ao Passeio Público, esquina da rua Major Facundo,[1] e a de D. Sabina Macaíba, esposa do sr. Viriato, guarda-livros da casa Boris Fréres, à praça dos Voluntários. A primeira é mais rica, graças à munificência do sr. Manuel Francisco, irmão das Mississipi, conferente da alfândega de Belém, que ganha rios de dinheiro e lhes manda caixas e mais caixas de nichos e pertences de lapinha, de todos os tamanhos, feitios e qualidades. A segunda é de mais gosto, graças à arte de arrumar de D. Sabina e aos cuidados de uma sua cria doméstica, a Genoveva, chamada derretidamente na intimidade de Genu e Genuzinha.

Pelo Natal, vou sempre com minha família ver a lapinha de D. Sabina, à noite. A salinha de visitas, caiada e alegre, iluminada por dois grandes lampiões de querosene, está sempre cheia de gente, que o sr. Viriato acolhe prazenteiro. À porta da alcova, sob uma abóboda de papelão azul, picada de estrelinhas de papel dourado – o céu, estende-se a lapinha, construída sobre uma mesa atapetada de grossa alfombra de areia alvíssima da praia, de vez em quando manchada por alguns amontoados de pedras escuras que representam os rochedos nus e tristes da Judéia. Alteiam-se ao fundo colinas de barro avermelhado, cobertas de minúsculas casas brancas, de papelão ou de madeira, em todos os estilos arquiteturais imagináveis: **oikos** gregos, castelos góticos, chalés suíços, isbás moscovitas, bangalôs indus, **cottages** ingleses e mocambos nordestinos. Por entre as edificações, descem para o vale fundos carreiros, onde caminham animais domésticos maiores do que as habitações. Em matéria de perspectiva, D. Sabina e a Genu são precursoras do futurismo.

Por trás dos penhascos, rebocando vagões, passa uma locomotiva de lata, pintada de vermelho. Na tabuleta da pri-

[1] O velho prédio ainda hoje (1987) existe, embora mutilado. Situado na esquina sudeste das ruas Major Facundo e João Moreira, tendo na esquina ao lado a bela sede da Associação Comercial, antigo Palace Hotel, e em frente o "Passeio Público". – M.S.A.

meira estação, à beira dos trilhos, lê-se em letras negras sobre fundo branco: BETHLEEM. Essa idéia é louvada grandemente por todos. A grafia do nome provoca indagações. Acham- na complicada. D. Sabina explica:

– Foi o professor José de Barcelos[2] que escreveu assim. Ele estudou na Europa e dizem que sabe grego muito bem.

Tollitur questio.

Ao lado da estação, um palhaço de chumbo volteia em cambalhotas e um caçador aponta a espingarda para pequeno caixão cheio de arroz verde, recém-nascido, fingindo um capinzal, que se mira na água dum lago, simples espelho semi-enfiado na areia, onde nadam patinhos de zinco e passa elegantemente uma lancha a vapor, um pouquinho maior do que os patos. À margem, sob uma árvore folhuda, formada pelas flores que transbordam dum vaso, uma horrível boneca de pano, das que chamam bruxas, muito preta, com arrecadas de baiana nos braços, troca bilros numa almofada, fazendo rendas para o enxoval do Menino Deus, afirma a Genu.

Amável e simples, D. Sabina dá a todos explicações sobre as figuras da lapinha, sempre depois de repetir:

– Padre Xisto[3] diz que é a mais bonita e bem arranjada da cidade. Bondade dele! Ainda ontem, padre Tabosa[4] disse que está tudo direitinho como no tempo em que Nosso Senhor nasceu.

A boníssima senhora mostra uma figura de terracota, vivamente colorida, mulher alta e gorda com vasta bolsa na mão dizendo:

– Esta é o diabo da Cigana que, a mando de Caifás, quis roubar o Menino Deus das palhinhas.

Confunde tudo deliciosamente nas suas explicações. Um alvo bando de crianças sob um telheiro é a escola pública de Nazaré, onde Jesus aprendeu a ler. Uma série de calunguinhas tocando vários instrumentos sob a batuta dum re-

---

[2] Ilustrado professor, idealizador e primeiro Diretor da Escola Normal do Ceará. – M.S.A.

[3] Depois Dom Xisto Albano, arcebispo do Maranhão. Filho do Barão de Aratanha, cuidava, então, da igreja do Coração de Jesus, construída por seu pai na seca de 1887. – M.S.A.

[4] Depois Monsenhor Antônio Tabosa Braga, Vigário-Geral da Arquidiocese. Seu nome foi dado à antiga Rua do Seminário. – M.S.A.

gente cabeludo, a Sociedade Filarmônica de Jerusalém. Zanga se dizem que o agente se parece com o Jorge Victor,[5] – grande músico da terra.

Por toda a extensão da lapinha queimam velas e lamparinas de azeite. No primeiro plano, a bandeja para as esmolas dos visitantes que ajudam a iluminação. Em cima, bem à vista, uma cédula de cinco mil réis, novinha em folha, estalando, posta pela dona da casa. Nunca uma outra lhe faz companhia. Tem pouca força de atração. Dos cinco mil réis para baixo, a transição é brusca: as demais dádivas chegam quando muito a uma pratinha de dez tostões. Da abóbada celeste, a ponta de fios tênues, descem anjinhos de louça, trombeteando louvores ao Senhor. E, reluzente, rebrilhante, magnífica, ergue–se no horizonte, engastada de cristais azuis, brancos, rubros, violetas e verdes, a Estrela Guiadora dos Magos, núncia da vinda ao mundo, em um estábulo humilde, de Jesus o redentor, Deus e o Homem Verdadeiro.

Sob a Estrela, entre um bosque de folhas diariamente renovadas, bem à frente de quem se aproxima à lapinha, o Presépio. O Menino Deus dorme em rico berço de tela de prata, sobre paninhos rendados, aquecido ao amigo resfolegar do Burrinho e do Boi, sob os olhares enlevados da Virgem e de São José. Diante do grupo, ajoelham–se pastores saboianos ou tiroleses de chapéus emplumados e jalecos curtos, pastoras de saia encarnada, corpete negro e sombreiro florido. Por trás deles, a alvura dós rebanhos de carneirinhos de algodão com olhos de contas de vidrilho preto e lacinhos de fita azul ao pescoço. No fim dos rebanhos, surge a cáfila dos camelos e dromedários dos Três Reis Magos.

D. Sabina deita sabença em História Sagrada:

– Os Três Reis ainda não podem aparecer. Vêm viajando. Somente chegaram a Belém no dia 6 de janeiro, festa da Epifania.

Do lado contrário à Santa Manjedoura, um cômoro dominado por longo edifício cortado de ameias, em cuja torre albarrã flutua ao vento a bandeira brasileira.

---

[5] Pai do maestro e violinista Henrique Jorge e avô de Paulo Sarasate, que chegou a ser Governador do Estado, e João Jacques, brilhante jornalista e escritor. – M.S.A.

– O palácio de Herodes, indica D. Sabina.

Numa das sacadas, um barbaças de cara feroz, o Tetrarca. Noutra, duas bonequinhas, as **bandidas** Salomé e Herodíades. Na larga escadaria de entrada, de fuzil ao ombro, guardando o palácio de Herodes, um zuavo francês com as suas vastas calças encarnadas...

– A famosa cidadela de Makeros, segundo uns, de Mackhaur, segundo outros, fala lentamente o padre Xisto, único padre barbado do Ceará, quando presente.

Às vezes, o velho Eustórgio, poeta aposentado, vai tocar violão e cantar coplas populares diante da lapinha. Sobretudo quando há visitas de qualidade, às quais se serve **profuso copo de água**, como diz a notícia da *A República*, no dia seguinte. Sua voz grossa ecoa sob as vetustas mongubeiras da tranqüila praça dos Voluntários:

A saudade traz mais penas
Pr'a dentro do coração,
Do que traz penas nas asas
A garça de arribação.

Este ano faço concorrência às Mississipi e a D. Sabina: organizo a minha lapinha. Sobre um grande taboleiro de carregar frutas, que encho de areia, planto arroz e obtenho um capinzal. Um pedaço de espelho no meio é o lago. O oratório de minha avô fornece os personagens do Presépio. Não arranjo um Herodes com o seu castelo eruditamente classificado pelo padre Xisto mas ponho à beira do lago a imagem do Precursor que ele degolou: o Batista brincando com seu cordeirinho. Carneiros não faltam. É só arranjar algodão e fabricá-los com perninhas de pau e olhos de caroço de jeriquiti, vermelhinhos, de pupilas negras. Mobilizo os meus brinquedos e alguns bonecos de minhas primas. Acendo velas. Enfio num arame uma estrela de papelão dourado. Está feita a minha lapinha!

Na minha infância, o Brasil não se internacionalizara, cosmopolitizara, materializara e descristianizara como agora. Ninguém fala de árvores de Natal, pinheirinhos do paganismo nórdico, nem aparece a tolíssima idéia do Vovô índio para substituir o Papai Noel envolto em pelicas de afrontar o gelo.

A nossa tradição conserva-se pura. Em lugar da estúpida árvore de Natal coberta de frocos de algodão fingindo neve nestes trópicos, a lapinha, divertindo a meninada com seus bichinhos, que em muitas casas se repartem com ela após a festa, e ensinando-lhes suavemente a primeira página do Evangelho, a Natividade. Ao invés dum Papai vindo do Setentrião europeu ou dum Vovô egresso das florestas virgens, que não podem falar às almas infantis, os meninos de meu tempo esperam alegremente a visita de outro menino como eles, Menino e Deus ao mesmo tempo, o Menino Jesus. Não deixam os sapatos à lareira, para receberem os presentes, porque não há lareiras no cálido clima em que vivem. Põem-nos, porém, ao peitoril das janelas, porque o Menino Jesus passa voando à noite e neles deixa cair brinquedos, se os meninos tiverem sido bem comportados.

Vivemos hoje numa época de tanta confusão e de tão filauciosa ignorância que se propugna um Vovô índio sem pé nem cabeça para substituir um Papai Noel sem cabeça nem pés, esquecendo a verdadeira tradição do país através da sua religião e de seus usos: O Menino Jesus!

Um problema me angustia a propósito de minha lapinha: a chegada dos Três Reis Magos no dia 6 de janeiro. Onde arranjar os elefantes e os camelos, o séquito ilustre, as três figuras coroadas que a tradição nordestina chama: o Rei Branco, o Rei Negro e o Rei Caboclo, em memória das três raças formadoras da pátria e que juntas, derramaram seu sangue nos campos de batalha dos Guararapes. Há três lindos Reis montados um num dromedário, outro num cavalo branco e outro num elefante, na vitrine da loja do sr. Areias, a "Estrela do Oriente",[6] nome profético; mas custam uma enormidade! vinte e cinco mil réis!

Resolvo pedir ao Menino Jesus que me acuda e acuda à sua modesta lapinha na noite de Natal. Ponho os meus sapatos cambaios no peitoril de madeira duma das janelas do sótão, bem visíveis para fora. Deito-me e durmo. Sonho que estou olhando para a recurva platibanda da loja do sr. Areias, onde uma estrela dourada encima o letreiro. Essa estrela brilha radiosamente e ilumina a vitrina, em que os Três Reis

[6] Loja que se abrigava no prédio nº 252 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

Magos começam a se mover. Caminham para mim. O que monta o elefante aproxima-se bem perto e, curvando-se do alto da sua montaria, diz-me:

– Eu sou Gaspar, o Rei dos Brancos.

Olho bem para a sua cara e vejo que é simplesmente o Homem-Garrafa com um turbante à cabeça. Ainda bem não volto a mim do meu espanto, deparo ali junto o do cavalo níveo. Sob o seu capacete de metal luzente, o rosto acobreado é simplesmente o do caboclo Tomás, o matador de gatos, que me declara:

– Eu sou Melechior, o Rei dos Caboclos.

Já do outro lado se acerca do dromedário, da cor do azeviche, com um manto encarnado. É o negro Gorgulho dos Congos, que me brada:

– Eu sou Baltasar, o Rei dos Negros.

Meus sapatos aparecem de repente muito grandes no peitoril duma janela imensa inundada de inefável luar. Baltasar atira às mancheias um pó negro como o seu rosto dentro dum deles, enchendo-o a transbordar e resmunga, soturnamente:

– Mirra! Mirra! Mirra! Amarguras! Amarguras! Amarguras!

Melchior entope o segundo sapato com outro pó negro, mais grosso, às vezes parecendo restos de folhas secas, de que se desprende um cheiro de igreja. E apregoa:

– Incenso! Incenso! Incenso! Glória! Glória! Glória!

Então Gaspar, voltando-se para mim, fala:

– Só tens dois sapatos e estão cheios. Como não possuis um terceiro para eu nele lançar o ouro que te trouxe, levo-o de volta.

No alto do abaulado frontispício da loja do sr. Areias, a Estrela do Oriente flameja mais e nos deslumbramentos de sua luz o sonho desaparece. Acordo e corro aos sapatos postos sobre o peitoril. Estão lamentavelmente vazios. O vento iodado e amargo do mar bate na minha cara, o perfume da manhã que desabrocha entra-me pelas narinas, o ouro do sol derrama-se gloriosamente sobre mim. Como que nos espaços misteriosos, rola em surdina a voz dos coros celestiais: GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ AOS HOMENS NA TERRA DE BOA VONTADE!